
Livro 2
A Obsessão do CEO
L. A. JOHANSON

L.A. Johanson

A Obsessão do CEO

Duologia Insaciáveis: Livro 2

Copyright © 2020 — Lily Ann Johanson

Capa: Lily Ann Johanson
Diagramação: Lily Ann Johanson
Revisão: Débora Correa

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.



Quatro anos após tomar a decisão mais difícil de sua vida, Ava vive em Nova Iorque. Ela conquistou a tão sonhada independência e finalmente conseguiu se livrar do mundo da prostituição. Trabalhar nessa selva de pedra será um desafio que ela terá que mostrar que está preparada para vencer. No entanto, a sua maior batalha será confrontar as escolhas do passado.

Dion Volkmann se tornou o homem com a maior fortuna do mundo, porém a perda da mãe e da mulher que amava o transforma em uma capa vazia de sentimentos. De dia, ele veste a sua bela máscara de empresário de sucesso e todas as noites ele afunda em recordações do pior dia de sua vida.

Ava e Dion deverão lidar com traumas do passado que nunca foram superados. Confiar ainda é difícil, mas, entre obstáculos, mentiras e um desejo incontrolável, eles terão que correr atrás do que realmente importa.

OBS: É indicada a leitura total do livro para entender o encerramento da história.



Dion

— O que posso fazer por você hoje, Dion? — Dr. Parker questionou assim que entrei em seu consultório.

— Bem — balancei as mãos nervosamente por ter que falar aquilo de novo —, eu não consegui dormir.

Já havia se tornado rotina. Eu passava diversas noites em claro contando os minutos literalmente para que o sol brilhasse e me tirasse daquela tortura silenciosa. Só uma visita ao terapeuta podia fazer a minha mente desacelerar.

Era pelo menos quatro da manhã, as ruas estavam movimentadas e alguns comércios já trabalhavam a todo vapor. Por um bom salário, convenci Leonel Parker a fazer plantões somente para me atender.

Ele se assemelhava muito ao meu pai. Cabelos no rosto, fartos e brancos, e um ar de sabedoria que só a idade poderia trazer.

— E o que não estava te deixando dormir?

— O passado — respondi de pronto.

— A morte da sua mãe?

Balancei a cabeça, sentindo instantaneamente algumas lágrimas de tristeza quererem inundar meus olhos. Ainda era difícil ter que relembrar dela e de como as coisas aconteceram bem debaixo do meu nariz sem que eu pudesse enxergar.

Naquela madrugada de natal, quando eu ainda não conseguia pensar

corretamente após a perda, eu recebi o laudo médico sobre a morte dela. O motivo do óbito foi parada cardiorrespiratória em decorrência da grande quantidade de comprimidos que ela havia ingerido. Minha mãe tinha tirado a própria vida.

O médico que “cuidava” dela estava preso, garanti que ele não tivesse sua liberdade de volta tão cedo. No momento em que consegui ficar frente a frente com ele sem querer socá-lo até a morte, eu me forcei a ouvi-lo. Ele disse que minha mãe ficou psicologicamente estável quando o tratamento contra o câncer parou de fazer efeito, ela implorou que ele forjasse os prontuários, fazendo parecer que não tinha nenhuma doença. O médico jurou que não sabia que a minha mãe planejava tirar a própria vida, mas notou a sua falta de esperança, pois ela sempre dizia que não queria que eu sofresse com o último estágio da doença.

Eu ainda não tinha certeza se acreditava no tal médico. De qualquer forma, não julguei minha mãe em nenhum momento, mesmo ficando com um enorme sentimento de culpa.

Percebendo o meu silêncio, o doutor continuou:

— Certo, vamos voltar no tempo então. Vamos voltar ao natal — Leonel percebeu que o natal era a raiz do problema. Vinte e cinco de dezembro estava chegando novamente para me fazer lembrar de tudo que eu lutava para esquecer. — Vejo que você já fez um progresso enorme quanto ao trauma causado pela morte de sua mãe e sei que esse não é o único assunto que te atormenta — ele fez uma pausa. — Tem alguma coisa a ver com *Ava*? — Perguntou com cautela, conferindo o nome em suas anotações.

Meus olhos assustados se direcionaram até o homem sentado casualmente na sua posição de doutor.

— Como você...?

Havia tocado no nome de Ava somente uma par de vezes para comentar o que eu estava prestes a fazer naquela maldita noite de natal, o dia que quase coloquei um anel de noivado em seu dedo. Lembrar daquilo me fazia pensar no quão idiota eu era.

— Você sempre menciona esse nome durante as sessões, mesmo que

não perceba. — Levantei, sentindo um desconforto no peito, e fui em direção à janela. — É uma opção sua não querer falar sobre, mas eu preciso deixá-lo ciente de que o seu estado emocional conturbado de agora não é em decorrência da morte de sua mãe. Quanto a Camille, você veio até mim, chorou e se permitiu viver o seu luto. Quanto a essa outra mulher, Ava, você não me deu nada e eu preciso entender o que se passou para que possa ajudá-lo — a voz dele estava calma, mas persuasiva.

Apreciava a forma que o doutor Parker conduzia a terapia. Havia buscado por outros profissionais antes dele, mas ele me conquistou quando fez da nossa consulta uma conversa casual entre amigos.

Ainda de costas, alisei o meu rosto, entendendo onde ele queria chegar. Eu estava um trapo. Tinha chegado a tal ponto que não me reconhecia mais ao olhar no espelho. Um corpo sem alma perambulando por aí sem nenhuma expectativa. Ele só conseguiria me ajudar se eu lhe desse um ponto de partida.

— O que você quer saber sobre ela? — Perguntei enfim.

Ele suspirou e pensou um pouco.

— Como você se sentia quando estava com ela?

Juntei as mãos com força e as levei até o rosto, apertando os meus olhos. Eu teria que fazer aquilo para me livrar daquele assunto, para me livrar dela de uma vez por todas. Puxei o ar, determinado a dar todas as informações que o doutor queria.

— Quando eu... quando eu olhava pra ela era como olhar em um espelho e ver só as coisas boas em mim. Ela era uma completa bagunça, tinha uma franja mal cortada e um cansaço que ela tentava disfarçar em vão quando a vi pela primeira vez — lembrei-me dos seus olhos assustados e curiosos ao abrir a porta pra mim. — Ava parecia tão inocente apesar da profissão que tinha. Acho que foi isso que me fez voltar no dia seguinte. Ela escondia sua fragilidade e tudo o que eu queria naquele momento e nos momentos seguintes era cuidar dela.

Olhei para o terapeuta que escrevia disfarçadamente na prancheta. O seu olhar me encorajou a continuar.

— Após alguns meses juntos, eu vivi como se nada no planeta importasse mais do que ela. Eu tinha novas concepções para o futuro e um sentimento que extrapolava qualquer limite. Me vi perdidamente apaixonado, onde nós éramos peças que se encaixavam perfeitamente.

O doutor fixou os olhos em mim sob as lentes dos seus óculos de grau.

— E como você se sente agora?

— Agora eu não vejo nenhum sentido nessa *porra* de mundo! — Suspirei. — Porque nada faz sentido sem ela...

Bufei tentando amenizar a carga emocional que eu estava carregando aquele tempo todo. Fiquei em silêncio até que Parker me pediu para contar o que houve aquele dia.

— Por que guardou esses sentimentos, Dion?

— Eu não gosto de pensar nela.

— E por que você não gosta de pensar na Ava?

— Porque, sempre que faço, isso os meus piores pensamentos vêm à tona. — Ele me fitou com preocupação.

— Você ainda está tomando os antidepressivos?

— Não, eu parei.

— Por que você parou?

Soltei o ar com um pouco de irritação.

— Porque os remédios estavam me impedindo de sentir dor e sentir isso é o único lembrete de que eu ainda estou vivo, porque eu não sinto mais nada além disso.

Desabafei sem nenhum tipo de drama na voz.

A sala ficou silenciosa por algum tempo.

— Iremos trabalhar esse aspecto. Esteja ciente de que você não vai se livrar desses sentimentos de uma hora pra outra. — Assenti, sabendo que ele queria a minha permissão. — Você chegou a conversar com Ava depois do natal?

— Não, Andrew tinha me falado que ela havia fugido.

— E você sabe onde ela está nesse momento? — Balancei a cabeça negando. Parker retirou os seus óculos e cerrou os olhos para focar em mim. — Dion, você já deve ter ouvido falar que uma história tem três pontos de vista: o seu, o meu e a verdade, correto? Já parou pra pensar que Ava pode não ter te enganado e tudo o que aconteceu pode ter uma explicação?

Fuzilei o doutor com o olhar.

— Não, não há a menor possibilidade de ter algum mal entendido nessa história — rebati com rispidez.

— E como você sabe se não conversou com ela? — Uma risada de escárnio escapou dos meus lábios.

Levantei novamente e andei um pouco pela sala. Minhas mãos suaram com toda aquela conversa. Eu não havia me preparado para digerir aquela possibilidade.

— Você ainda a ama? — Questionou com cuidado.

— Não, o que eu sinto por ela hoje se aproxima mais do ódio do que do amor.

— Existe alguma razão para você não estar sendo sincero comigo agora? Diga-me, você ainda ama essa garota?

Respirei ruidosamente, olhando pela janela.

— Talvez eu odeie amar a mulher que arruinou minha vida!

Ele balançou a cabeça, parecendo entender algo.

— Eu discordo de você, isso não é ódio. É um pouco cedo para diagnósticos, mas creio que o que você tem por Ava nesse momento é obsessão. — Olhei pra ele, aturdido. — Você está obcecado, Dion. A obsessão não se manifesta somente de forma física, mas em pensamentos também, na maioria das vezes desencadeada por medos — falou com mais firmeza. — Você está obcecado por uma mulher que você diz odiar, mas ao mesmo tempo deixa a imagem dela te perturbar exaustivamente. Se você quer resolver isso, você terá que procurá-la e tirar todas as suas dúvidas. Caso contrário, você deve deixá-la no passado e seguir em frente, conhecer outras

pessoas e deixar o trabalho de lado um pouco para viver. Pelos seus relatos, você passa vinte e quatro horas do dia trabalhando e odiando uma pessoa, que só agora eu fiquei sabendo que é a mulher que supostamente te enganou e que você *nunca* foi atrás para ter outro ponto de vista. — Não neguei nada. — E sabe por que você não consegue dormir à noite? Porque você teme ter cometido um erro, mas o seu orgulho é tão gigantesco que te impede de fazer alguma coisa sobre.

Passei algum tempo olhando pra ele com assombro. Doutor Parker tinha acabado de entrar na minha mente e expôs tudo aquilo que eu tentava desesperadamente esconder.

Permaneci em pé do outro lado do sofá sem saber como proceder diante das verdades atiradas sobre mim sem nenhuma pena.

— Na semana passada, você comentou comigo que estava de mudança. Faça essa mudança ser completa. — Virei-me para ir embora, sem mais nada a dizer. — Dion, você sabe do que eu estou falando.

Olhei pra ele e concordei com a cabeça, sabendo exatamente o que ele queria dizer.



Saí do consultório remoendo toda a consulta.

Ao chegar em meu quarto, eu conferi o celular e me deparei com inúmeras mensagens de Lauren, a nova executiva do banco. Ela parecia sofrer de insônia também. Relutei ao máximo que pude em lhe dar o meu número pessoal, mas ela descobriu mesmo assim.

O dia amanheceu enquanto eu estava na academia levantando pesos e refletindo sobre a terapia da madrugada. Doutor Parker me aconselhou a voltar ao passado e revirá-lo até que não sobrasse nenhum resquício de que eu estava cometendo um grande engano, que a mulher que dizia que me amava não me traiu com o desgraçado do meu irmão.

Pensando em Bruce, eu nunca mais o vi. Paul disse que ele estava trabalhando em Miami. Esperava que ele permanecesse por lá por muito tempo, eu definitivamente não responderia por mim na hora que o

encontrasse.

Meu pai vivia ao meu redor agora, alegando que eu precisava dele, já que não tinha mais minha mãe. Ele tentava me aconselhar tanto profissionalmente quanto socialmente, no entanto eu não conseguia pertencer em um ambiente familiar com ele de novo.

Peguei-me a pensar na consulta mais uma vez. Além de voltar ao passado, eu tinha a opção de esquecer tudo o que passou e seguir em frente. Aquela opção era a que mais me atraía. No mesmo momento, meu celular tocou em cima do banco.

“Hoje parece ser um dia legal para tomar aquele vinho que você me prometeu?”

Era Lauren. De novo. Analisei a situação. Lauren era uma havaiana de parar o trânsito e nunca escondeu o seu interesse por mim, contudo eu nunca dei abertura a ela. Talvez fosse hora de deixá-la entrar.



Após o banho, eu fiz a mesma coisa que sempre fazia desde que encontrei um bilhete feito às pressas em cima da cômoda do quarto em que Ava ficava. Abri a gaveta ao lado da minha cama e de lá tirei o pedaço de papel surrado, quase se desfazendo entre meus dedos.

“Eu pediria desculpas, mas nada disso foi minha culpa e eu vou te mostrar algum dia, de alguma forma.”

Eu li aquele bilhete tantas vezes que memorizei cada curva de cada letra. Vivi esse tempo todo com o prelúdio de um reencontro e da necessidade de que ela me dissesse o que realmente aconteceu. Era aquilo que me mantinha vivo e aquele era o motivo para que eu não fosse atrás de seus passos como um cão farejador, mas o tempo não parava e eu precisava de uma resposta.

— Vamos lá, Ava. Já faz quatro anos — falei em voz alta. — Eu te desafio a me mostrar.

Eu preciso que você me mostre.



Ava

O táxi passeou pela cidade antes de parar em frente ao prédio da Carter Inc. Eu ainda podia sentir um friozinho na barriga sempre que passava pelo império comercial da Quinta Avenida ou quando via a Estátua da Liberdade ao longe, mesmo depois de quatro anos.

No entanto, o que mais me encantava em Nova Iorque era os nova iorquinos. A primeira impressão que tive deles era de gente esnobe que vivia em uma grande bolha social chamada Manhattan. Aos poucos, comecei a perceber que pessoas de todos os países se mudavam para a cidade mais populosa do mundo em busca de um lugar ao sol. Para isso, eles lutavam como gladiadores em busca de seus objetivos.

Infelizmente, eu não tinha aprendido a ter ambição, nem sabia se brigar por um status privilegiado na cidade era o que eu realmente queria. Sentia-me bem onde eu me encontrava, estava feliz com tudo o que havia conquistado. Nem tudo se resumia a bens materiais. Eu finalmente fazia parte de algo maior, encontrando o meu lugar dentro de uma sociedade.

Saí do táxi após pagar o motorista e adentrei o hall da empresa que eu trabalhava. A palavra do dia era recomeçar. Cada manhã era um novo começo, uma nova chance de fazer tudo dar certo, apesar de saber que no final do dia estaria remoendo algumas escolhas que havia feito.

— A senhora não vai sentar nessa cadeira se não tiver trazido aquilo que jurou que ia trazer! — Exclamou Tracy de sua cadeira.

Observei suas bochechas rosadas e olhos tinindo de advertência, ela parecia falar sério.

— Isso mesmo, mostre ou volte agora para o seu apartamento e busque! — Virei a cabeça para ver Bonnie gritar do outro lado da sala.

Parei onde estava e olhei de uma para a outra, usando de todo o suspense que consegui demonstrar.

— Ok — falei com uma voz engraçada, erguendo a sacola que trazia comigo.

Ambas levantaram e vieram correndo até mim. Bonnie retirou a peça de dentro da sacola e levantou no ar, descobrindo o vestido preto, curto e apertado.

— Uau! Ava, você vai passar o rodo com essa coisa — Tracy disse totalmente animada.

— Eu nem sei se ele ainda me serve. — Aproximei o vestido ao corpo conferindo seu comprimento.

— Não sabe porque você comprou ele há dois anos, na primeira vez que combinamos de sair juntas — a acusação de Bonnie caiu em mim feito uma luva.

Elas queriam a todo custo me livrar de uma vida monótona e sem graça. Ambas eram muito bem casadas e estranhavam o fato de que eu não tivesse nenhuma diversão entre a casa e o trabalho.

— O que tem pra hoje? — Perguntei ligando o meu computador, tentando mudar de assunto.

— Vem negócio dos grandes, tenho certeza — Bonnie especulou, juntando as mãos em frente ao corpo.

— Também acho, Bonnie. A nossa diretora passou a semana inteira almoçando com uma executiva da Califórnia. Se tudo der certo amanhã, eles fecharão negócio — Tracy concordou.

— Califórnia? — perguntei.

— Sim, você já morou lá uma vez, não foi?

— Uhum — respondi com desconforto, sem tirar os olhos da tela do computador.

— Foi lá que você conheceu aquele cara, não foi?

— Sim, foi sim, Bonnie. — Elas lamentaram em voz baixa. — Está tudo bem, meninas — dei de ombros.

A sala da Carter Inc. que eu dividia com Tracy e Bonnie já foi palco de inúmeros desabafos partidos de todos os lados. Nós três éramos unha e carne. Eu havia sido contratada primeiro, porém nunca me dei bem com os demais funcionários porque eu era muito fechada a amizades desde sempre. Tracy era a mais velha de nós três e tinha um senso de humor incrível que me conquistou instantaneamente. Já Bonnie demorou um pouco mais para ser contratada, mas era tão divertida quanto Tracy, mesmo que aquele não fosse o seu objetivo. A sua imagem de dona de casa dos anos cinquenta era apenas uma fachada para a grande profissional que ela era.

Elas sabiam de toda a minha vida. Desde o acidente dos meus pais, o período que eu me prostituía para pagar um apartamento ruim no Tenderloin, até Dion sob o nome de Sr. Collins.

Eu não sabia por onde Dion andava e nem tinha interesse em saber – pelo menos era aquilo que eu dizia pra mim mesma. Às vezes tinha vontade de conversar com Camille e pedir desculpas a ela pela fuga repentina, no entanto eu tinha perdido todos os meus contatos no celular que havia deixado na casa de Dion e nenhuma vez procurei seu nome na internet, sabendo que notícias do seu filho viriam para bombardear o meu psicológico.

Fiquei imersa em reflexões por um tempo que nem percebi as meninas se aproximando. Tracy e Bonnie me abraçaram juntas. Queria desabar, mas elas nunca deixariam isso acontecer. Não importava o motivo, sempre estávamos ali uma pela outra.

— Ava, não é assim que as coisas se resolvem — a expressão de Tracy era serena e tranquilizadora. — Você precisa ficar bem. Aposto que ele está lá em São Francisco feliz da vida, sem nem se preocupar com você.

— Eu sei e é isso que me machuca — lamentei enquanto algumas lágrimas se formavam.

— Nós sabemos que é difícil, por isso que existem as amigas — Bonnie amenizou, acariciando o meu rosto.

Naquele momento, eu queria chorar e rir ao mesmo tempo, a minha ideia de recomeço tinha ido por água abaixo antes da hora do almoço. Eu era uma farsa.

— Obrigada — apertei as mãos delas depois de dissipar o choro e me recompor.

— De qualquer forma, hoje nós vamos para a balada e que Deus tenha misericórdia de todos os homens de Nova Iorque, porque Ava, Bonnie e Tracy vão incendiar a noite.

Elas comemoraram. Por mais que eu tentasse, aquela alegria nunca me contagiava. Era como se meu coração estivesse morto, e de certa forma estava. Uma parte de mim havia morrido quatro anos atrás.

— Garota, tu não sabe da maior! — Arregalei os olhos quando Tracy alardeou.

— Sente-se aí que vamos jogar uma bomba no seu colo — Bonnie falou séria e eu fiz o que ela me pediu.

— Diana foi demitida!

— E agora a nossa querida diretora precisa de uma nova secretária.

Os olhos das duas se insinuaram para o meu lado como setas gigantescas em neon.

— Não... Não! Vocês sabem que eu não tenho qualificação pra isso — comentei para minar as expectativas delas.

— Como não? Aqui do nosso setor, você é a mais experiente e é a única que tem um contato mais próximo com a diretora — os olhos verdes e assustados de Bonnie tentaram me convencer.

Fiquei com a pulga atrás da orelha quando me dei conta de que o que elas estavam falando não era nenhum absurdo.

Será?

— Bom dia, garotas. — O rosto de Vivian apareceu na porta

inesperadamente. — Chega de experimentar roupas e vamos trabalhar, está bem! — As meninas correram para seus lugares. Guardei o vestido rapidamente. — Ava, na minha sala, por favor — ela fechou a porta, deixando-me petrificada no lugar.

Minhas amigas bateram palmas audíveis como se já estivessem me parabenizando pela promoção. Eu queria estar feliz, porém estava aterrorizada.

— Vai lá, Ava, e não se esqueça das suas amigas — Bonnie disse com um risinho. Tracy me desejou boa sorte.

Levantei-me, percebendo as pernas travarem, logo me endireitei para encarar Vivian. Eu podia estar errada, mas desconfiava que as notícias que Vivian tinha pra mim não eram boas.

Foram ela e Jenna que me ajudaram a chegar em Nova Iorque e muito mais do que isso, elas me ofereceram suporte no momento que eu mais precisei. Ofereceram-me uma solução para os meus problemas deixando claro quais seriam as consequências. Nunca me prometeram um conto de fadas, apenas a realidade nua e crua.

Eu tinha uma boa vida agora, um emprego que pagava muito bem, um apartamento em um bairro legal da cidade e amigas. Pela primeira vez, eu tive amigas. Um dia, há quatro anos, Vivian me disse que a minha vida mudaria drasticamente e realmente mudou. Ela me qualificou, me recolocou no mercado de trabalho para eu ter um emprego digno e a única missão que eu tinha era mostrar a minha competência e reconstruir o meu coração peça por peça.

Encaminhei-me para a maior sala do andar, bati na porta antes de entrar, encontrando Vivian já acomodada em sua cadeira. Ela era diretora de finanças da Carter Inc., uma das grandes empresas de logística no país, e estava no maior nível organizacional, uma vez que o presidente dava as caras no prédio uma vez ou outra.

— Sente-se, por favor — ela indicou a cadeira.

Vivian passou as mãos pelo rosto evidenciando um cansaço mental. Não devia ser diferente, ela havia acabado de demitir a sua secretária que a

acompanhava antes mesmo de vir para Nova Iorque.

— Está tudo bem com você? — Eu tinha intimidade o suficiente para perguntar aquilo.

Seus cabelos negros e curtos perfeitamente penteados com uma franja sobressaindo pelo lado dava a ela um quê de impetuosidade. Ela era uma verdadeira dama de ferro.

Vivian não me respondeu, só fez um gesto dando a entender que não queria falar daquilo. Ela não tratava de assuntos pessoais com funcionários.

— Ava, acho que já está sabendo que Diana foi demitida. — Assenti. — Estamos no meio de um grande negócio e o futuro da Carter Inc. depende de uma reunião que acontecerá amanhã.

Com aquilo, a minha neura começou a tomar forma.

— Quão ruim é isso? Por favor, Vivian, seja clara comigo. Você sabe que eu não posso perder esse emprego — despejei com inquietação.

— A empresa está sendo vendida — disse olhando bem nos meus olhos, avaliando a minha reação.

— O quê?

— Calma, preciso que você guarde esse segredo por enquanto. Nos últimos meses, eu e o presidente fizemos reuniões com os demais empresários do país e até estrangeiros. A venda da empresa é real, mas estamos buscando alguém que não mudará a nossa dinâmica. Entendeu?

— Não — respondi piscando freneticamente.

— Buscamos por empresas que poderiam comprar a Carter Inc. sem que demitisse ou desfizesse tudo o que construímos nessa empresa até hoje. A empresa seria vendida, mas a única coisa que mudaria seria o dono. Consegue me entender agora?

— Sim, mas por que está me contando isso?

— Diana era uma das duas pessoas que eu confiava nessa empresa, a outra é você. — Respirei fundo, imaginando o que ela diria a seguir. — Eu estou te promovendo, Ava. Você tem a opção de não aceitar e continuar na

sua zona de conforto ou você pode ascender na sua carreira e lutar pela Carter Inc. comigo.

Ela abriu uma pasta de papel e indicou onde eu deveria assinar. Hesitei, porque eram informações demais e eu me via bem no olho do furacão. A oferta era tentadora, claro, mas não havia garantia nenhuma.

— Se não por mim ou por essa empresa, faça por eles — a voz de Vivian soou como uma súplica ao empurrar um porta-retrato para o meu campo de visão.

A foto de dois pequenos anjos foi capaz de acalentar o meu coração e a minha ansiedade em questão de segundos. Percebi que não era hora de retroceder, eu não deveria pensar somente em mim. O emprego de todos os funcionários dependeria de uma reunião da qual eu deveria participar e ajudar a persuadir o comprador a não sucatear a nossa empresa. No entanto, eu tinha uma razão maior, então, por Mason e Aiden, eu assinei.



Ava

Após uma reunião intensa com Vivian, estava na hora de ir embora e descansar física e mentalmente para o dia de amanhã. Andando para o elevador, encontrei Tracy e Bonnie animadíssimas para a minha surpresa.

Nós já havíamos comemorado a minha promoção durante o almoço e não entendi o motivo delas terem me aguardado. Porém, observando o visual de Bonnie que tinha colocado a sua roupa mais ousada e um salto alto e Tracy com um vestido solto brilhante, eu me lembrei do que havia prometido a elas. Só que infelizmente hoje não seria possível, assim como das outras vezes.

Aproximei-me delas e soltei o ar com pesar.

— Acho que não aguento encarar uma boate lotada agora, meninas — falei encolhendo o corpo, sentindo-me culpada.

Dei o meu melhor olhar “Por favor, tenham pena de mim e me deixem ir embora”. Elas se entreolharam e depois semicerraram os olhos na minha direção.

— Não. Você não tem escapatória, querida. Não hoje — Tracy me intimidou balançando o indicador no alto.

— Qual é, Ava? Você acabou de ser promovida — Bonnie complementou cruzando os braços.

Fitei o teto e concluí que aquele era um bom argumento e, apesar de nossos empregos ainda estarem em risco, eu aceitei ir em nome da nossa

amizade.

— Tudo bem. Só vou trocar de roupa — ergui a sacola, encaminhando-me para o banheiro.



Um frio gélido passou pelo meu corpo ao me dar conta de que eu já conhecia aquela boate. Era a Fênix Club.

— Pensei que esse lugar era só pra gente rica e famosa — comentei alarmada para as duas mulheres na minha frente.

— E é, mas o primo do meu primo me ofereceu algumas cortesias.

Meu semblante murchou. Eu já não estava muito animada, agora teria que ficar na mesma boate que Dion me trouxe na nossa viagem a Nova Iorque.

— O que foi, Ava? Você está branca feito papel — Bonnie me fitou, preocupada.

— Eu já estive aqui.

— Com o Sr. Collins? — Fiz que sim com a cabeça, tentando não deixar que as minhas lembranças estragassem a noite.

As duas me consolaram, mas eu lembrei o motivo de estar ali.

— Isso não importa agora. Quero deixar tudo isso pra trás.

Eu já estava cansada de trocar os meus travesseiros devido aos choros noturnos. Eu estava cansada de achar que iria reencontrá-lo e que tudo ficaria bem. Eu já estava cansada de ser *tão* tola.

Tomei a frente e fui direto para a pista de dança. Eu não sabia bem como fazer aquilo, apenas deixei a música me levar.

Safe and sound começou a tocar e por um momento soube que estava no lugar certo.

Tracy chegou do meu lado balançando o corpo em um ritmo engraçado. Levantei as mãos para o alto e dancei, colocando em prática todos os passos de dança que eu fazia durante as faxinas do meu apartamento.

Bonnie me estendeu um drinque.

— Não tem álcool, tem? — Ela balançou a cabeça negando.

Peguei a taça e diminuí o ritmo dos movimentos, bebericando. Um homem passou por nós e depois voltou, olhando-me com mais atenção.

— Acho que eu conheço você — disse.

Ele realmente me conhecia. Aquele era o dono da boate. Dion havia nos apresentado.

— Acho que não — virei-me quase lhe dando as costas para dispensá-lo.

— Conheço sim, é difícil não lembrar de olhos como os seus.

Mesmo com as luzes psicodélicas da boate, ele ainda conseguiu reparar nos meus olhos?

— Desculpa, mas não — reforcei sem fazer contato visual.

— Tá interessado? — Tracy apareceu atrás dele. O homem ficou encabulado, porém balançou a cabeça em sinal positivo. — Qual é o seu número de telefone? Vou garantir que ela te ligue.

Eu queria sumir. A temporada de “Caça a um namorado para Ava Banks” estava reinaugurada.

— Garantimos sim, talvez você mostre a nossa amiga aqui que nem todos os homens são babacas — Bonnie endossou o pedido.

— Parece uma proposta atraente. Eu sou Dylan, a propósito — ele apertou a minha mão e as da dupla dinâmica que queria nos juntar. Depois sussurrou o seu número de telefone para Bonnie. — Está aí, então. Por favor, faça ela me ligar. E se precisarem de alguma coisa, podem me procurar também, eu estou aberto a reclamações e elogios dos clientes.

Ele falou a última parte olhando diretamente pra mim. Dylan era um homem bonito, não dava pra negar. Tinha cabelo ruivo, olhos azuis escuros e pele excessivamente branca. Lembrei-me de que o achei parecido com o príncipe Harry quando o vi pela primeira vez. Parecia ser um cara legal, porém eu não conseguia seguir em frente quanto a Dion. Mesmo depois de

quatro anos, a minha vida girava em torno dele.

— Ele deve ser gerente da boate, não é? — Tracy questionou quando Dylan se afastou.

— Ele é o dono na verdade — esclareci, percebendo o impacto daquelas palavras sobre elas.

— Ah, você vai ligar pra ele, sim! — Ambas espernearam batendo palmas. Balancei a cabeça dizendo que não, fazendo birra.

As minhas pernas imploraram para que eu dançasse quando Avicii começou a tocar.

— Obrigada! — Abracei as minhas amigas que me abraçaram de volta. — Vocês são as melhores amigas do mundo! — Gritei para que elas me escutassem alto e claro.

Eu estava certa de que faria aquilo mais vezes. A minha vida tinha se tornado um mar de responsabilidades e ter um pouco de diversão não soava tão mal agora.

Não foram poucas as vezes que eu percebi Dylan me olhando e, por incrível que pareça, o meu olhar procurava por ele, dando-me momentos constrangedores, porém ele não tentou se aproximar de novo e eu fiquei grata por isso.

Dançamos até o momento que eu decidi ir embora. As meninas me imploraram para ficar, mas insisti que precisava ir e elas sabiam o porquê. Pedi que aquelas malucas tivessem juízo e me afastei.

Antes de passar pela saída, eu me atentei para um homem alto vestindo terno encostado ao balcão, ele tinha uma morena espetacular a tira colo, alta, cabelos longos e usava um vestido que mostrava seus atributos, mas ao mesmo tempo evidenciava que ela não era para qualquer um. Por incrível que possa parecer, o homem a ignorava.

Entre as luzes da boate e a zoação dos clientes, eu fitei os lábios dele. Eram metidos e arrogantes e só eu sabia que prepotência e lábios eram uma combinação perigosa. Um arrepio subiu pela minha espinha e saí da boate cambaleante. Do lado de fora me dei conta de como estava sendo estúpida.

Não era a primeira vez e nem seria a última que eu via um homem parecido com Dion.

Peguei um táxi e parti para o meu apartamento no SoHo. Eu me sentia renovada, enxergando uma luz no fim do túnel. Saí de casa esperando mais um dia monótono e voltei com uma promoção e as energias recarregadas para a minha excepcional vontade de vencer. Paguei o motorista e subi para o meu apartamento – ele não era exatamente meu, mas eu me sentia imensamente feliz por pagar por um lugar bacana. Destranquei a porta, deparando-me com a senhora Woods assistindo a sua novela mexicana que reprisava todos os anos, e todos esses mesmos anos ela assistia como se fosse a primeira vez.

— Eles estão dormindo? — Perguntei depois de cumprimentá-la.

— Na hora que eu fui ao quarto, eles não estavam. — Deixei a minha bolsa em cima do sofá e tirei os saltos. — Como foi o dia?

— Diferente. — Mônica captou o meu otimismo e sorriu. — Aiden? Mason? — Chamei, andando pelo corredor.

Parei quando dois garotinhos vieram correndo na minha direção.

— Mamãe! Mamãe! Mamãe!

Agachei para segurá-los nos meus braços ao mesmo tempo e sentir o cheirinho deles.

Acariciei o rosto de Mason e depois o de Aiden. A emoção de vê-los alimentados e seguros depois do trabalho era o meu momento preferido do dia. Meus bebês eram o meu coração e alma fora do corpo. Por eles eu faria tudo.

Ao me tornar mãe, eu encontrei uma nova filosofia de vida. E eu sempre me lembrava disso quando as responsabilidades do mundo pesassem nas minhas costas.

Faça por eles.



Ava

Gritei pela milésima vez segurando a beirada da maca. Minha garganta tinha uma ardência incômoda e eu sentia meus cabelos grudando na testa devido ao suor excessivo. Estava tudo dando errado e uma montanha de incertezas pesava na minha mente.

— Respire, Ava. Eu preciso que você respire! — O grito de Jenna me trouxe um grande alarde.

Eu já estava a ponto de desistir. Quanto mais eu tentava respirar, mais o ar me faltava e quanto mais força eu fazia, mais o meu corpo doía. Se eu soubesse que era tão doloroso dar a luz, nunca teria parado de tomar as malditas pílulas!

“Está tudo errado.”

Eu já estava a tempo demais em trabalho de parto, procedimento esse que ocorreria por cesárea quando chegasse a data certa, mas inesperadamente meus filhos quiseram vir ao mundo alguns dias mais cedo.

Jenna, que era médica obstetra e acompanhou toda a minha gravidez de perto, pediu a minha confiança. Ela poderia ter feito o aborto meses atrás, mas hoje ela seria a mão que daria a vida aos meus filhos. Bem, assim eu esperava. As coisas não estavam progredindo de maneira favorável pelo clima de preocupação dentro da sala.

Senti um aperto na mão e olhei pra cima. Quase não acreditei quando vi minha chefe pairando sobre mim.

— Vamos lá, garota. Respira! Um, dois, três... — Vivian me olhou com compaixão.

Ela parecia tão apavorada quanto eu, como um treinador à beira do campo apoiando o time que estava prestes a perder o campeonato. Aquele ambiente hospitalar não combinava com ela, mas mesmo assim Vivian optou por me dar suporte – novamente – em um momento crucial da minha vida. Tentei imitá-la, mas não pude afastar os pensamentos pessimistas da minha cabeça.

— Eu não consigo — sussurrei choramingando.

Encostei-me na cama, sentindo a exaustão me comandar.

— Ava, me escute — a voz de Jenna soou novamente. Ergui os olhos para fitá-la. — Você lembra da primeira vez que nos vimos? — Falei que sim. — E você lembra de quando eu te perguntei se você queria um emprego novo ou ser mãe aos vinte três anos, sozinha, sem dinheiro e sem a ajuda do pai? — Balancei a cabeça afirmando. — O que você me respondeu?

Desencostei da cama, apoiando meu corpo sobre os cotovelos.

— Eu respondi que não sabia como, mas eu buscaria forças para dar ao meu bebê uma vida melhor que a minha.

Não foi uma decisão fácil, mas naquele dia eu decidi que não desistiria da vidinha que crescia dentro de mim. Eu tentaria fazer tudo sozinha, sofreria primeiro antes que ele sofresse e, na pior das hipóteses, eu me rebaixaria e pediria ajuda do pai, fosse ele quem fosse.

Aquilo de alguma forma conquistou Jenna, a minha determinação. E foi aquilo que me fez agradecer a ela e a Vivian da única maneira que eu pude: trabalhando incansavelmente e sem aceitar regalias por causa da minha condição de grávida. O único dia que não cumpri a minha carga horária de trabalho foi o atual, onde as contrações ficaram insuportáveis e a minha bolsa estourou bem em frente à máquina de café, para desespero de meia dúzia de funcionários.

— É isso, Ava. Eu preciso que você me mostre essa força agora.

Respirei fundo algumas vezes, segurei mais forte na mão de Vivian e

empurrei. Não me dei por vencida até escutar o primeiro choro. Agudo e desesperado. E assim não tão de repente, eu já não estava mais sozinha no mundo.

Não foi fácil no começo. Uma mulher do interior de Massachussets na cidade mais populosa do muito, inexperiente e com duas crianças nos braços. Era para dar tudo errado, certo?

Não no meu caso.

Eu tinha o que poderia ser resumido em fada madrinha, duas, na verdade, que eram Jenna e Vivian. Jenna omitiu a minha gravidez para Vivian no começo e ela me contratou mesmo não indo muito com a minha cara, deixando claro que estava fazendo aquilo pela esposa. Elas praticamente me adotaram por saber que eu iria precisar de auxílio no começo e, quando a gravidez de gêmeos foi descoberta, eu fui convidada a morar com elas que já estavam com a vida praticamente estruturada em Nova Iorque.

Eu vivi com elas durante toda a minha gravidez e até alguns meses depois de dar a luz. Elas só me deixaram partir quando eu encontrei um lugar bacana para morar e estava recebendo o suficiente para pagar por uma babá.



Depois de vestir os gêmeos para a escola, eu fui para a cozinha, seguindo o rastro do cheiro de panquecas feitas pela Senhora Woods. Ela era viúva e os filhos a visitavam somente em épocas especiais. Monica Woods foi um achado. Babá e cozinheira de mão cheia e que ainda por cima morava no apartamento ao lado.

Mason veio correndo atrás de mim e logo depois Aiden apareceu.

— Cuidado, vocês dois! — Gritei quando eles passaram por mim feito um furacão.

Entrei na cozinha hipnotizada pelos quatro pezinhos balançando de forma distraída na cadeira. Mason e Aiden eram gêmeos idênticos. Ainda assim, eu conseguia ver que Aiden tinha o rosto um pouco mais cheio e Mason era alguns centímetros mais baixo que o irmão.

Durante a gravidez eu tentei, mas não consegui parar de pensar em

quem seria o pai deles. Um monstro ou o homem que destruiu meu coração. As opções não eram boas. Porém, antes de dar a luz, eu estava decidida que eu os amaria incondicionalmente e de forma independente. Eles eram meus e ponto.

Logo após o nascimento, eu percebi que meus filhos tinham olhos azuis, tão azuis quanto o fundo do mar. Aquela não era uma boa dica. Bruce e Dion tinham tonalidades de olhos azuis diferentes e nenhum era naturalmente escuro. As dicas começaram a ficar explícitas somente após o terceiro mês de vida dos gêmeos, onde eu percebi a textura de seus cabelos menos lisa e as orelhas um pouco mais descoladas da cabeça. Mas a prova cabal veio num domingo antes de um passeio pelo parquinho do quarteirão com Vivian e Jenna. Eu vi Aiden projetando sua boquinha pra frente de forma engraçada e Mason a imitá-lo, enxerguei ali a marca registrada do pai deles em seus pequeninos lábios prepotentes.

Naquele dia, eu soube que os meus bebês não eram filhos de um monstro.

As semelhanças deles com Dion só aumentaram com o tempo e eu não podia dizer que fiquei chateada por eles não terem nada da minha aparência. Mônica me disse que aquilo era resultado de uma gestação inteira odiando o pai das crianças e eu concordava com ela.

Às vezes, perguntava-me se Dion realmente achava que era estéril ou se ele definitivamente não queria filhos e inventou aquela história para se livrar de mim. Só sei que o meu conceito de recomeçar, que eu tentava todas as manhãs, consistia em tirar Dion da minha cabeça, mas como poderia não pensar nele ou como eu poderia seguir em frente sendo que tinha duas cópias perfeitas dele correndo pela casa?

— Já estão prontos? — Questionei quando percebi que minha duplinha havia deixado o prato de lado.

— Mamãe, posso levar meu boneco do Naruto?

— E eu do Ben 10?

Balancei a cabeça enfaticamente, dizendo que não.

— Por favor — eles disseram juntos, levantando da cadeira para vir me

adular.

Olhei para a babá de relance, ela riu da cena. Logo eles estavam escalando o assento para me alcançar. Quando conseguiram, eu os aconcheguei no meu colo.

— Olhem pra mamãe. — Eles olharam e fizeram silêncio. — Aiden, o que aconteceu com o Ben 10 da última vez que ele foi passear na escola? — Meu menino me fitou com olhinhos tristes.

— Ele voltou sem a cabeça.

— Isso mesmo, e quanto ao seu boneco do Naruto, Mason? — Abaixou os olhos envergonhado.

— Ele não voltou.

— Se vocês levarem seus bonecos hoje novamente e perderem ou voltarem com eles decapitados, eu não vou comprar outro, entenderam?

— O que é “depitacado”, mamãe?

Suprimi um riso com a tentativa dele de dizer “decapitado”.

— Esqueça isso, Maze, e podem ir lá pegar seus brinquedos.

Eles saíram correndo em direção ao quarto, então gravei na minha memória para deixar dinheiro reservado para comprar mais um boneco do Naruto e outro do Ben 10, sabendo que os atuais não passariam de hoje.



Ava

Encontrei Vivian no hall do prédio da Carter Inc. enquanto lia os arquivos sobre a venda da empresa. Eu havia estudado os documentos praticamente a noite toda, mas ainda assim queria tirar algumas dúvidas antes da reunião.

— Ava, você ainda está lendo esses papéis? — Repreendeu-me antes de pegarmos o elevador.

— Qual o problema? Eles já chegaram?

— Deus me livre, ainda não. Só chegarão às dez horas. — Senti meu corpo relaxar, ainda teríamos algum tempo até a chegada do comprador.

— E o presidente?

— Ele não vem. A única coisa que ele fará é assinar o contrato de compra e venda. — Assenti com desagrado.

Enquanto subíamos de elevador, Vivian aproveitou para me dar algumas dicas de comportamento durante uma reunião daquele porte. Ela me disse que eu deveria arrumar a sala, disponibilizar todos os documentos referentes a pauta que seria discutida e que eu só podia abrir a boca para apresentar algum dado caso necessário ou quando a minha opinião fosse solicitada.

Obviamente, ela havia me preparado para tudo aquilo. Já estava ciente das coisas que poderiam ser levadas em consideração durante a reunião, assim como as nossas estratégias.

Saímos no último andar, fui rapidamente preparar a sala de reunião. Fiz cópias dos documentos que Vivian havia me dado e ajeitei-os em cima da mesa em frente a quatro assentos: meu, de Vivian, do comprador e da executiva com quem Vivian manteve contato.

Por fim, liguei para a cozinha para assegurar que as copeiras fizessem café no horário da reunião, caso os nossos convidados pedissem. Apenas uma precaução.

Minha chefe estava fazendo anotações e lendo em voz alta tudo que nós tínhamos discutido no dia anterior. Conforme os minutos passavam, a minha ansiedade crescia. Eu não conseguia fazer minha mente sossegar, então passei a reler as minhas anotações. Foi só começar a ler que uma insegurança me tomou em cheio. Tudo o que estávamos fazendo e faríamos poderia ser em vão, além de depender muito do humor do comprador naquele dia. E eu definitivamente não podia perder aquele emprego.

Parei de ler ao ver um ponto de interrogação em cima do nome da empresa.

— Vivian, qual é o nome da empresa compradora? Aqui só aparece o número jurídico e, quando pesquisei na internet ontem, apareceu um nome estranho — indaguei após me lembrar que eu não sabia o nome da empresa com a qual iríamos nos reunir.

— São algumas letras engraçadas mesmo, acho que é VKN Incorporated. Você sabe como eu sou ruim de memória — ela conferiu e confirmou. — Sim, é isso mesmo. VKN Incorporated.

— Ok — anotei em um pedaço de folha em branco para não esquecer.

Houve um breve silêncio antes do celular de Vivian apitar e ela me olhar sombriamente.

— Eles chegaram.

Observei os papéis em meus braços e minha visão parou novamente na anotação do nome da empresa.

— VKN...

Por que aquelas letras soavam tão familiar?

— É, se eu não me engano, é a abreviação do sobrenome do dono. Aliás, ele é de São Francisco também.

— Como é? — Minha voz subiu algumas oitavas.

Vivian saiu da sala me deixando para trás. Fui correndo atrás dela para ouvir o que responderia.

— Sim, ele é de São Francisco igual você. Ainda não o vi pessoalmente, mas dizem que ele é um bilionário que não sabe mais onde enfia tanto dinheiro.

— Qual é o nome dele? — Perguntei com um imenso receio.

Parei ao lado dela a alguns metros da porta do elevador. Vivian não havia me dito que iríamos recepcionar o comprador ali. Escutei um pequeno toque e então as portas do elevador se abriram.

— Dion. Dion Volkmann — ela respondeu à medida que as portas deslizaram para revelar o que eu duvidaria se não visse.

Tudo aconteceu tão rápido, porém foi como se estivesse acontecendo em câmera lenta. Por um segundo, fiquei incapacitada de mexer um músculo, sequer conseguia respirar. No momento seguinte, os sentidos vieram todos de uma só vez, balançando-me como um barquinho frágil num maremoto.

Permaneci parada e assustada. Tudo rodopiava ao redor enquanto meus olhos e os de Dion se atraíam feito ímãs.

— Ela está bem? — A mulher ao lado dele perguntou com semblante preocupado e só assim eu senti o chão abaixo dos meus pés.

— Desculpe, eu preciso ir ao banheiro — avisei Vivian.

Saí cambaleante dali, a procura do banheiro. Era a minha primeira vez naquele andar, a minha desorientação era quase cômica. Senti uma mão envolver meu braço com cuidado e me direcionar ao banheiro mais próximo. Eu sabia que era Vivian pelo bater dos seus Louboutins no piso.

Fui direto para a pia jogar água no rosto. Fiz com cuidado, minhas mãos estavam tão trêmulas. Tinha separado a minha roupa preferida para aquela reunião, uma camisa de cetim e uma saia lápis cor salmão. Não queria arruinar tudo.

— O que está acontecendo aqui, Ava?

— Eu não sei.

— Não sabe? O nosso cliente é a cara dos seus filhos e você não sabe de nada?

— Vivian, por favor. Eu preciso respirar — falei com dificuldade, sentindo-me sufocada.

— Certo, não vou te pressionar agora porque preciso de você nessa reunião. Consegue fazer isso?

Não, eu não conseguiria, mas não tinha escolha.

Ainda segurava a borda da pia firmemente quando a porta do banheiro se abriu de novo. A disritmia do meu coração voltou por um momento, achando que poderia ser Dion, porém vi que não era ele e o ritmo normalizou. Era a mulher que estava no elevador com ele e que havia me perguntado se eu estava bem depois da loucura que tinha acabado de acontecer.

— Com licença — ela entrou sem jeito —, o senhor Volkmann pediu para conferir se está tudo bem.

— Está sim, Lauren — Vivian respondeu por mim. — Já estamos indo, não é mesmo, Ava?

Dei uma última olhada no espelho, sentindo os olhos de Lauren me analisando. Lavei e enxuguei minhas mãos e me virei para ambas.

— Sim, vamos lá.

— Depois da reunião, eu quero você na minha sala para me explicar o que diabos aconteceu agora há pouco — Vivian cochichou, com Lauren longe.

Era válida a solicitação dela, mas eu iria enfrentar problemas maiores agora. Já imaginava as conversas que teria com Dion, as explicações que teria que dar a ele sobre os gêmeos e a suposta traição.

Hesitei antes de entrar na sala de reunião. Na minha mente, ali não era um território executivo e sim um campo de batalhas. Eu odiava me sentir

vulnerável da forma que estava naquele momento, mas como deveria me sentir entrando numa guerra sem nenhuma arma? Era aquilo que eu iria descobrir.



Ava

Entrei na sala atrás de Vivian com os olhos baixos e sem olhar para os lados. Sentei no lugar reservado a mim rapidamente enquanto minha chefe cumprimentava Dion. Concentrei-me brevemente para acalmar a minha respiração. Se eu não fizesse aquilo, ficaria parecendo alguém se afogando em desespero.

Os outros integrantes da reunião deram início aos trabalhos. O meu coração dava um pequeno baque toda vez que escutava a voz de Dion, mas eu não fui capaz de olhá-lo.

Fiquei a maior parte do tempo com o antebraço apoiado na mesa com alguns papéis entre eles, olhando para a janela que se estendia à minha frente. Como eu poderia pensar em outra coisa se Dion estava ali? O homem que jurei meu amor. O homem que me salvou e depois me descartou tão facilmente como um saco de lixo. O pai dos meus filhos.

Dei um sorriso aflito, sem acreditar onde eu havia me metido.

A conversa fluía entre os três, não consegui acompanhar. Só conseguia sentir o olhar de Dion em mim, despedaçando-me vagarosamente. Ao menos era isso o que eu pensava. Dei uma olhadela para a cabeceira da mesa só para ter certeza e lá estavam aqueles olhos que não me deixavam dormir tranquila à noite em um olhar matador, não sei se no bom ou no mau sentido. Se fosse para apostar, eu apostaria na segunda opção.

Endireitei-me na mesa e comecei a prestar atenção na conversa de fato.

Não queria que Dion pensasse que eu estava afetada com a sua presença.

— Realmente entendo o seu ponto de vista, Lauren, no entanto a Carter Inc. já está solidificada como uma das melhores empresas de logística dos Estados Unidos.

— Eu sei disso, Vivian — sorriu como alguém que não iria se dar por vencida tão cedo. — A Carter Inc. é grandiosa e foi isso que nos chamou atenção. O problema é que nós não queremos manter mais uma empresa. E colocar o comando dessa em mãos desconhecidas não seria um bom negócio para o senhor Volkmann.

A mulher olhou para Dion procurando por sua aprovação, mas o encontrou olhando pra mim. Ela seguiu o rastro dos olhos dele e me encontrou também. Como num passe de mágica, a sua expressão mudou de encanto para desagrado. Eles tinham algo. Definitivamente, Lauren e Dion tinham algo.

Uma sensação ruim queimou dentro do meu peito.

— Essa empresa tem tradição, uma ótima relação com instituições internacionais e...

— Pode ser ótima em tudo, mas não é a melhor — Lauren cortou minha chefe e o que mais me irritou foi o fato de Vivian não ter rebatido.

Por que ela estava sendo tão conivente com aquilo?

Vivian era a pessoa mais sagaz que eu conhecia. Ela carregava a Carter Inc. sozinha em seus ombros há pelo menos dois anos, que foi quando o nosso presidente simplesmente resolveu nos dar as costas. Foram poucas as vezes que pude participar de uma reunião em que ela estava presente e nunca a vi baixar a guarda como estava acontecendo hoje.

Talvez fosse a presença de Lauren, a executiva era tão perspicaz quanto Vivian, mas não sabia ao certo. Ela sempre usava um tom irritante na voz como se achasse ser superior. Vivian não suportava ser tratada daquela maneira, provavelmente ela estava se segurando para não falar cobras e lagartos para nossa *querida* Lauren.

— Eu concordo com Lauren — ouvi a voz de Dion se erguer. O rosto

da executiva se iluminou e eu quis enfiar o dedo na garganta para vomitar. — A única forma que vejo de manter a empresa como está, seria construir uma projeção de lucros maior do que a VKN Incorporated ganharia com a venda dela — ele pareceu perceber a tensão entre Lauren e a minha chefe.

Segurei o meu olhar nele por um tempo, perguntando-me quando ele se tornou aquele homem que só pensava em lucros. Talvez ele não tivesse mudado, talvez sempre fora assim, afinal, Dion era banqueiro.

Vivian analisou os papéis à sua frente e lamentou. Era isso? Tínhamos perdido?

Soltei o ar, vendo que Lauren se preparava para o bote final.

— Essa é a proposta de compra aprovada pelo Sr. Volkmann. Iríamos apresentar para o presidente da empresa se ele estivesse aqui — Lauren mostrou o documento a Vivian e ela ficou exasperada.

— Vocês realmente não querem um "não" como resposta, não é mesmo?

— É isso. Alguém tem mais alguma coisa pra falar? — Lauren perguntou.

Ela olhou em torno da sala e parou seus olhos em mim como se me desafiasse.

Não me deixei intimidar. Se Vivian não queria tirar uma carta da manga, eu tiraria então. Não tínhamos mais nada a perder àquela altura do campeonato.

Mantenha suas pernas no lugar, Ava!

O alerta da parte lúcida da minha mente não surtiu efeito.

— Bem, eu tenho.

Levantei-me e olhei diretamente para Dion. Ele se mexeu na cadeira e me olhou como alguém observando um tsunami se aproximando.

— Se a VKN pensa unicamente em lucros, nós podemos dar isso a vocês — falei de uma forma natural que demonstrasse que eu fazia aquilo o tempo todo. — Nós temos um presidente que aparece na empresa a cada três

meses. — Percebi Vivian tampando a boca em choque. Eu sabia que não podia falar mal do presidente, mas ele era um babaca totalmente antiprofissional e a Carter Inc. estava indo por água abaixo por culpa dele. — E, mesmo assim, nós somos a segunda empresa de logística mais procurada em território americano. Imagine se tivéssemos um presidente comprometido com as metas da empresa?

— O senhor Volkmann já tem um banco para administrar — Lauren respondeu incomodada, levantando-se também.

— Mas eu não estou falando dele. — Olhei para Vivian que parecia não acreditar no que estava acontecendo. — Eu estou falando dela.

Vivian e Dion se levantaram e todos naquela sala ficaram se entreolhando confusos.

— O senhor disse pra fechar negócio a qualquer custo — a executiva cochichou para o chefe ao perceber que ele estava em dúvida.

Dion colocou as mãos nos bolsos da calça – ele não havia perdido aquele hábito – e continuou me encarando.

— É uma manobra bastante arriscada, senhorita Banks. — Lauren suspirou com cisma. — Isso exige confiança de ambas as partes e não estou certo disso — a forma que ele falou deu um toque pessoal demais à conversa.

Vi-me discutindo a relação na frente da minha chefe e a provável namorada do meu ex. Aquilo estava parecendo uma das cenas da novela mexicana que a Senhora Woods assistia.

— Pode haver confiança se ambas as partes forem verdadeiras perante o contrato. — Os olhos deles cresceram feito luas tingidas de azul.

Os seus lábios, lábios esses que um dia percorreram todo o meu corpo, se formaram no sorriso mais perverso que eu poderia ver um dia. Dion estava sendo instigado pela ex-namorada que o traiu com o irmão – isso na visão dele. Era o meu futuro em suas mãos e em hipótese alguma ele iria perder a chance de brincar com isso.

Dion desviou os olhos para Vivian.

— Você está disposta a assumir a presidência da Carter Inc. e me

apresentar resultados superiores ao do concorrente?

Minha chefe titubeou, havíamos considerado diversos desfechos, mas nunca passou pela nossa cabeça a possibilidade de a reunião terminar daquela forma.

— Eu assumo com todo o amor e dedicação que eu tenho por essa empresa.

Ele voltou os olhos pra mim.

— Quando fecharmos negócio com o presidente, nós entraremos em contato com maiores detalhes.

Minha chefe concordou e eles se cumprimentaram. Dion me deu um último olhar e se encaminhou para a porta com Lauren bufando às suas costas.

— Ava, o que você acabou de fazer? — Vivian olhou pra mim e vi estampado nela um tipo de preocupação que ela não deixava transparecer facilmente.

— Tentar trazer um pouco de justiça pra dentro dessa empresa? — Falei como se aquilo fosse óbvio, e era pra mim.

— Eu não estava preparada pra isso e eu simplesmente não podia dizer não.

— Eu sei que não devia ter feito isso sem a sua aprovação, mas era isso ou nada, Vivian. Nós tínhamos perdido.

— Mas você assumiu um compromisso praticamente inatingível, Ava. Eu não sei se eu sou capaz...

— O quê? Meu Deus, Vivian. Se existe alguém que pode fazer essa empresa crescer o tanto que ela merece, essa pessoa é você — eu estava ficando assustada, nunca vi Vivian insegura daquela forma. — Pode dar certo, pode ser que não dê, mas, de qualquer forma, nós vamos trabalhar duro como sempre fizemos.

Ela respirou e se acalmou aos poucos.

— Tem uma coisa que você precisa me explicar direito. Dion sabe de

Mason e Aiden?

— Não — sussurrei. — Ele sabia da minha gravidez, mas não achou que fosse dele.

— Você tentou contato com ele alguma vez depois de saber que os meninos eram dele? — Balancei a cabeça em negativa.

Minha chefe me olhou aterrorizada. Ela sabia o quão grave era aquilo, eu também.

— Devo achar que ele nos deu essa chance por sua causa?

— Como você já deve saber, nós não terminamos muito bem. — Vivian deu de ombros.

— De qualquer forma, você surpreendeu todos aqui nesta sala. Você lutou bravamente pela nossa empresa, Ava. Sabe o que isso significa, não sabe? — Assenti.

Eu era uma gladiadora agora. Pelo menos tinha um motivo para me vangloriar naquele dia.

Vivian pediu licença para ligar pra Jenna e contar sobre a reunião. Eu fui direto para a minha sala que, na verdade, era um cubículo minúsculo e mal iluminado. Ela ainda não tinha a minha personalidade.

— Então é aqui que você esteve esse tempo todo? — A voz de Dion surgiu assim que abri a porta.

Congelei no lugar, literalmente. Apenas ergui os olhos procurando de onde a voz vinha. Ele estava próximo a pequena janela com os braços cruzados. Caminhou na minha direção e parou bem diante de mim. Minhas mãos começaram a tremer só de estar a sós com ele novamente.

Com Dion mais perto, eu pude perceber que ele parecia ter envelhecido mais do que os anos que se passaram e, pior, o desgraçado estava ainda mais bonito do que eu me lembrava.

Fechei meus olhos para conter aquele momento de euforia.

— Qual o seu interesse em saber onde eu estive ou deixei de estar? Por que isso agora, Dion? — Mapeei o terreno.

Observei seu maxilar se contraindo.

— Achei melhor não começar com as perguntas que eu queria te fazer de fato.

Pensei que teria tempo para me preparar e lidar com a chegada inesperada de Dion, mas pelo visto precisaria ter aquela temida conversa ainda hoje.

— Você quer conversar? — Ele assentiu prontamente. — Certo, mas esse é um ambiente empresarial, não serve para uma troca de farpas entre uma ex-prostituta e um banqueiro.

— Me diz então o horário e lugar?

Fechei meus olhos e raciocinei rapidamente.

— Virando o quarteirão tem um bar executivo. Você pode me encontrar lá depois do expediente. — Se iríamos conversar, eu gostaria que não fosse ali e sim em um lugar neutro.

Abri a porta para que ele saísse e eu me livrasse do ambiente pesado que havia ficado. Eu não estava pronta, mas concordava que nós precisávamos conversar sobre muita coisa.

Antes de sair, Dion deu mais um pequeno passo na minha direção, cobrindo-me com a sua estatura, e roçou seus dedos levemente nos meus, o suficiente para despertar um carnaval de sentimentos em mim.

Ele amoleceu a expressão e quase vi a sombra de um sorriso ser formado em seus lábios.

— É bom te ver, Ava.

Fiquei imóvel até ele passar pela porta. Só então eu pude respirar.



Dion

— Eu vou me encontrar com ela hoje — o telefone tremia em minha mão. — Na verdade, eu já me encontrei.

Afrouxei o nó da gravata, uma vez que a senti me estrangulando. Eu estava dentro do carro voltando pra casa após a reunião. Os prédios lá fora pareciam apenas borrões e se confundiam com os meus pensamentos.

— Que ótima notícia! Você chegou a conversar com ela? — Dr. Parker perguntou do outro lado da linha.

Aquele era o primeiro contato com ele desde a minha mudança para Nova Iorque. Combinamos que durante aquela transição manteríamos contato por telefone até que eu encontrasse outro terapeuta que pudesse lidar com os meus problemas.

— Sim, ela trabalha na empresa que eu vou comprar.

Carl dirigia pelo caos que era o trânsito de Nova Iorque, tive sorte de conseguir trazê-lo comigo, pois eu estava longe de querer depositar a minha confiança em um motorista desconhecido.

— Poderia o destino ser mais conspirador, Dion?

Eu não diria conspirador, diria traumático. Quando eu poderia imaginar que encontraria a mulher que deixou o meu coração em pedaços naquele lugar, daquela forma?

Minha mente repassava a todo o momento a forma como ela se ergueu para lutar pelo seu emprego. Ava estava mudada e eu com certeza gostava

mais de sua nova versão.

O carro entrou na garagem subterrânea. Fui direto para o elevador privativo do meu novo prédio.

— Você está bem?

— Estou bem, doutor, eu só não sei o que fazer ou como reagir quando eu me encontrar com ela de novo.

— Primeiro, você precisa relaxar e organizar tudo o que você quis perguntar a ela durante esses quatro anos. Agora você tem chance de obter respostas.

Pensei no que eu perguntaria primeiro. Talvez se foi divertido brincar com meus sentimentos daquela maneira.

— Eu sei no que você está pensando agora, Dion, e vou te dizer o óbvio. Se você ficar de sentimentalismos, esse reencontro não vai terminar bem. Por isso, respire, conte até três e deixe que ela conduza a conversa. Deixe que ela conte a sua versão e só depois você aprofunda o diálogo dizendo como você se sentiu traído e humilhado e, se achar que o terreno está favorável, conte a ela que você perdeu Camille no mesmo dia que ela foi embora.

O doutor estava muito otimista, achando que uma conversa havendo morte e traição seria favorável. Subi as escadas do apartamento duplex que eu havia comprado e fiquei parado diante da minha cama.

— Faça isso e, quando terminar, entre em contato comigo para podermos analisar a situação. Precisa de mim para mais alguma coisa? — Respondi que não e desliguei.

Tirei o paletó junto com a gravata e observei ao redor. Eu não reconhecia aquele apartamento como lar ainda, tive pouco tempo pra tal. De qualquer forma, nunca seria mesmo. Nos últimos anos, eu descobri que ter um lar é muito mais do que ter um teto sobre a minha cabeça.

O prédio do Banco Volkmann e da VKN Incorporated ficaria pronto em breve, então, por enquanto, eu trabalhava em casa. Desci e fui para o escritório. Lá eu tentei de todas as formas focar na montanha de trabalho que

precisava fazer, mas os meus pensamentos sempre fugiam para um lado.

Ava.

Deitei minha cabeça sobre a mesa, pensando em como a vida foi pontual em me dar uma rasteira. Logo agora que eu tinha decidido seguir em frente e esquecer o que aconteceu.

Foi a primeira vez em anos que eu estive diante de Ava e precisei me controlar para que eu não a tocasse da forma que queria ou perguntasse que porra ela estava pensando quando deixou Bruce atrapalhar o que a gente tinha.

Liguei para Vivian, a então diretora da Carter Inc., perguntei a ela algumas bobagens antes de perguntar quando o expediente da diretoria terminava, ela respondeu que não havia horário certo, mas na teoria era às cinco horas da tarde.

Olhei para o relógio do computador, eram pouco mais de onze da manhã ainda. Coloquei as mãos atrás da nuca e deixei minha cabeça cair sobre elas. *Merda de relógio!*



Após as quatro da tarde, eu tomei banho e chamei Carl. Pedi que ele me levasse ao bar que Ava havia mencionado. Fiquei esperando no carro até que ela aparecesse. Distraí-me com as músicas da rádio local, fugindo da ansiedade que só crescia. Pouco depois das cinco, pude perceber uma figura pequena e elegante entrar no estabelecimento.

— Aquela é a Ava? — Carl perguntou alarmado.

— Sim. — Ele me deu uma boa olhada como se digitalizasse a minha expressão facial.

— Boa sorte, garoto.

Pulei pra fora do carro e fui em busca de respostas.

Dentro do bar, o ambiente era muito agradável. Estava quase cheio de marmanjos engravatados e mulheres em vestimenta empresarial. Escaneei o local para, no fim, encontrar Ava de costas em uma mesa afastada da

algazarra.

Aproximei-me dela, sentindo uma tensão estranha tomar conta dos meus músculos.

— O que você tem a dizer sobre isso? — Deslizei em cima da mesa o bilhete que ela tinha me deixado.

Ava me olhou assustada, depois puxou o pedaço de papel para si. Puxei uma cadeira e me peguei a analisar suas feições.

Estar frente a frente com ela era um turbilhão de emoções. Raiva, dor, rancor. Mas também era como se eu tivesse encontrado a peça faltante da minha vida.

— Isso foi quando eu queria desesperadamente que você acreditasse em mim.

— Agora você não quer?

— Eu finalmente entendi que as coisas acontecem por uma razão e o que aconteceu entre a gente me trouxe até aqui.

A sua voz não vacilou em nenhum momento, mas os seus olhos... os olhos não transmitiam a mesma segurança.

— Então, você não se arrependeu? É isso que está tentando me dizer? — Perguntei para tentar decifrá-la.

— Eu estou tentando dizer que não importa mais o que aconteceu porque eu consegui chegar onde eu sempre quis.

Umedeci meus lábios, incomodado com o teatrinho bem à minha frente.

— Por que você está mentindo? — O desconforto possuiu seu corpo.

Ava suspirou, jogando o cabelo para trás. O cheiro que emanou dela me fez sentir como um viciado em abstinência. Aquele pensamento era horripilante, no entanto era exatamente assim que eu me sentia, um viciado exposto a sua droga favorita. Não havia mais nada que eu pudesse comparar para expressar a minha fissura naquela mulher.

— Não importa o que eu te diga, você não vai acreditar em mim

mesmo.

Recolhi o bilhete em cima da mesa e o rasguei lentamente.

— Tente.

Ava mordeu os lábios e me olhou. Vi toda aquela aparência de mulher decidida se desfazer em ruínas e uma nova, de vulnerabilidade, ser formada.

— Primeiro de tudo, eu nunca traí você.

Eu queria rebater e dizer que sim, ao que tudo indicava ela me traiu, mas me lembrei do que Dr. Parker me disse: “respire, conte até três e deixe que ela conduza a conversa”. Permiti que ela continuasse.

— Por que eu faria isso? Eu amava você mais do que tudo que há nesse mundo. Eu nunca, nunca machucaria você, não depois de tudo que você fez por mim.

Um sorriso sem graça escapou da minha boca.

— Eu te procurei depois daquela noite, mas você não estava em lugar nenhum. Por que você fugiu então?

— Tive medo de que você não acreditasse em mim, como está acontecendo agora. E eu não podia ficar naquele apartamento mais nem um dia, eu... A minha cabeça estava uma bagunça, eu não sabia o que fazer.

Seus olhos brilharam de apreensão. Desviei para a janela para não olhar. Era difícil não acreditar nela daquela forma. No entanto, eu precisava manter meus pés no chão. Havia muitas perguntas sem resposta.

— Você disse que me amava, mas ficou grávida de outro homem. Qual é o nome disso? Aliás, o que você fez com a criança que me disse que estava esperando? — Observei o movimento de sua garganta engolindo seco. — Pelo menos havia uma criança?

Ava desviou o olhar novamente e procurou as palavras certas.

— Bem, eu... — ela fechou os olhos fortemente, entendi o que estava se passando.

— Você abortou, não foi? — Interrompi, fazendo-a arregalar os olhos. — Qual seria o propósito de dar a luz a uma criança se você não poderia

ganhar rios de dinheiro com a pensão do pai? Era esse o seu propósito o tempo todo, não era?

Ela me fitou furiosa.

— Foi pra isso que você pediu pra se encontrar comigo? Pra me mostrar o quão cruel você pode ser?

— Eu estou aqui pelas respostas que *você* disse um dia que iria me dar. E a questão em pauta é que você ficou grávida e eu não posso ter filhos!

Como era ruim admitir aquilo.

Vi nela a imagem do constrangimento.

— Como você pode ter tanta certeza disso?

— Depois daquele dia, eu saí procurando qualquer profissional que pudesse me dar uma opinião diferente, mas a cada diagnóstico igual ao anterior, a esperança se esvaía até não sobrar nada. Eu queria, por Deus, Ava, como eu queria acreditar em você.

— Você está errado. Estão todos errados — ela disse confiante, enxugando o rosto.

— Sobre o quê?

— Sobre tudo, Dion!

— Então me diz como você supõe que eu acredite em você sendo que todas as circunstâncias apontam o contrário, Ava?

— Não é algo que eu consiga te provar assim tão facilmente. Eu não esperava te ver tão cedo, muito menos hoje.

— Então me explique. — Ela abraçou o corpo em ação defensiva. — Ou confesse que você não tem nada a dizer porque é tudo verdade.

Eu estava cansado de vê-la dando voltas e mais voltas sem responder o que eu havia perguntado.

— Não posso fazer isso... — disse, querendo se levantar. Ela era a personalização da angústia naquele momento. — Não agora.

— O quê?

— Tudo o que você fez até agora foi me acusar. De que adiantaria te explicar alguma coisa? — Sua voz estava exaltada. — E não, eu não vou confessar nada, porque eu não te traí!

A minha paciência já havia se esgotado assim como a dela. Eu conseguia ver o plano do Doutor Parker indo por água abaixo.

— Traiu sim, Ava! Você era uma *prostituta,* caso não se lembre!

Minha voz subiu mais que o necessário. As palavras flutuaram pelo ambiente já que toda a algazarra se dissipou e cada rosto cansado e bêbado parou para nos observar.

Eu queria engolir cada letra de volta, mas era tarde demais.

Ava me olhou incrédula, com a decepção descendo pelo seu rosto em forma de lágrimas. Antes que eu pudesse pedir desculpas ou contornar a situação, ela saiu correndo em direção à saída. Passei as mãos pela cabeça, pensando que merda havia acabado de fazer.

Com um copo de uísque na mão, eu olhei para a tela de celular que se acendeu ao receber uma mensagem.

Mercer Street, SoHo, Edifício Philip, apart. 34

Eu pedi para Carl descobrir o endereço de Ava somente para alguma emergência e não para que eu fosse atrás dela, batesse em sua porta e me ajoelhasse pedindo perdão.

Não, de forma alguma eu faria aquilo. Bufei. Mas talvez eu devesse ir lá só verificar se ela chegou bem. *Isso mesmo. Perfeito.*

Minha mente me recriminava a cada segundo pelo que eu fiz com ela. Chamá-la de prostituta no meio de um bar lotado foi uma péssima forma de mostrar a minha impulsividade.

Levantei do sofá e senti uma pequena vertigem passar por mim. Olhei para a garrafa de uísque vazia em cima da mesinha e entendi o porquê.

A campainha tocou, fazendo minha cabeça latejar. Voltei ao sofá com a

incapacidade de permanecer em pé. Julia, a governanta, foi atender. Segundos depois, ouvi a voz de Lauren. Apertei meus olhos em descrença.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei, colocando a mão na testa como se eu pudesse deter a dor de cabeça.

— Eu vim discutir aqueles contratos com você, não está lembrado? A gente combinou isso — sentou-se ao meu lado.

— Sim, combinamos, mas não hoje e muito menos no meu apartamento.

— Por que você está bebendo?

Senti a mão de Lauren escorregar pelas minhas coxas. Segurei seu braço e o soltei em seu colo.

Era fácil explicar como o meu corpo reagia a Lauren: ele não reagia, simples. E aquilo a irritava de uma forma tão grande que ela decidiu não sair mais do meu pé até que eu cedesse a seus encantos.

— Por que você está me afastando? — Vendo que não iria obter uma resposta, ela continuou. — É ela, não é?

— Ela quem?

— A garota da reunião. — Abri meus olhos em alerta.

— Desde quando isso te diz respeito?

— Desde quando você me prometeu que iria tentar esquecê-la. Se eu bem me lembro, foi você que pediu minha ajuda pra conseguir isso.

Não podia negar aquilo. Há alguns meses tinha decidido seguir em frente, aceitei as investidas de Lauren, deixei que o tempo falasse por si só. Agora precisava admitir que falhei.

— Eu não tenho por que falar sobre essas coisas com você, Lauren.

— Sei lá, é estranho pensar nela e você juntos. Ela é tão “básica”. — Mesmo sem olhar pra ela, eu conseguia imaginar a sua expressão de tédio.

— Deve ser por isso que você não conseguiu nada de mim até hoje.

— Pode até ser, mas quem vai estar aqui quando ela te decepcionar de

novo vai ser eu.

— Se você quiser continuar a ter um emprego, saia daqui agora mesmo — ameacei.

Insatisfeita, vi Lauren se levantar e sumir atrás da porta. Cambaleei em direção ao bar e abri outra garrafa de uísque. Depois peguei o elevador e desci até o subsolo.

Carl tentou disfarçar o nervosismo quando me viu chegar na garagem.

— Pra onde, senhor?

— Aquele endereço que você me mandou mais cedo — respondi, dando um gole na garrafa que eu trazia comigo.



Ava

Deitei na cama depois de fazer os gêmeos dormirem. Sabia que não teria a mesma proeza. Um dia atrás eu estava trilhando o difícil caminho de tentar varrer Dion da minha mente e agora ele estava de volta à minha vida, em carne e osso e trazendo mais problemas do que eu conseguia lidar.

Por um breve momento, pensei que poderíamos ser civilizados e resolver nossas diferenças para oferecer o melhor para nossos filhos, porém nunca cogitei que veria o meu passado sendo trazido à tona em um ambiente cheio de pessoas de forma tão cruel.

O que foi tudo aquilo? Parecíamos duas crianças com a idade dos gêmeos.

Só houve retrocesso numa situação que já não era boa. Dion tinha guardado uma grande quantidade de rancor dentro de si, ele criou a situação “Ava traidora e exploradora” e a alimentou por quatro anos. Eu sabia exatamente o que fazer para destruir aquela minha imagem distorcida, o problema foi que eu sequer tive chance de introduzir o assunto “estupro + filhos gêmeos”. Dion não me deu abertura para tentar mostrar a ele uma visão diferente das coisas em meio a tantas acusações.

Para ser sincera, nem sabia como abordar aqueles assuntos em um bar executivo. Deveria ter me dado o tempo necessário para saber a melhor forma de contar a Dion aquilo tudo. Afinal, só contar não seria suficiente, eu teria que provar da forma mais didática possível.

Ainda imersa em pensamentos, escutei a porta do meu quarto ranger – eu nunca a deixava completamente fechada. Instantes depois, senti quatro mãozinhas envolverem cada lado do meu corpo.

— Tá dodói de novo, mamãe? — Era a voz cheia de preocupação de Aiden.

Algumas vezes era difícil esconder o meu abatimento deles. Peguei uma mão cheia de dedinhos e levei até a boca, enchendo-a de beijos.

— É, acho que a mamãe está dodói, meu amor.

— Onde que está doendo, mamãe? — Quem perguntou agora foi Maze.

— Aqui — falei, colocando a mão sobre o coração sem conseguir segurar o choro.

Aiden e Mason acariciaram o meu rosto e o meu cabelo da mesma maneira que eu fazia quando eles estavam doentes. E durante muito tempo, fiquei ali sob a administração do melhor remédio que uma mãe com o coração partido poderia querer.



O toque estridente da campainha do apartamento me fez despertar com um pulo. Após olhar no celular, vi que eram dez da noite. Desvencilhei-me com cuidado dos corpinhos que me abraçavam, olhei para o meu conjunto de moletom e não me preocupei em trocá-lo. Com certeza era a senhora Woods que devia ter esquecido algo e voltou para pegar.

Abri a porta e não vi ninguém. Dei um passo para fora e enxerguei Carl no topo da escada. Franzi a sobrancelha em confusão. Fiquei sem entender nada até que o motorista indicou o outro lado com os olhos. Quando olhei para o local, vi Dion apoiado na parede, com dificuldades de se manter em pé. Havia uma garrafa de uísque no chão, então pude entender o que estava se passando.

— O que você está fazendo aqui? — Perguntei cruzando os braços.

— Ah... — ele ficou um longo tempo pensando no que diria. O cheiro

de álcool subiu forte no ar. — Eu vim ver se você chegou bem em casa.

— Como você soube que eu moro aqui?

Será possível que ele me seguiu?

Dion esticou o pescoço para olhar para dentro do apartamento. Fechei a porta atrás de mim na mesma hora.

— Cadê ele?

— Ele quem? — Rebati com o coração em disparada.

— Seu namorado. Me deixe falar com ele. Quero saber se ele te trata bem, já que eu claramente não consigo fazer isso — sua voz arrastada assumiu um tom melancólico.

— Não tem nenhum homem na minha casa e acho melhor você voltar para a sua — pedi, sem querer prolongar aquela discussão.

Estava certa de que nunca tinha visto ele tão bêbado quanto estava agora.

— Mas por quê?

— Porque você está bêbado, Dion! — Falei como se estivesse dando um sermão em um dos meus filhos.

— Eu posso dormir no seu sofá, por favor... Eu só quero... ficar com você.

O quê?

Ele veio com toda a sua estatura me abraçar e eu fiz o mesmo, caso contrário ele iria se esborrachar no chão. Fitei a expressão engraçada do motorista.

— Por que você fez aquilo comigo, Ava? — Ele questionou no meu ouvido. — Só me diz o porquê...

Pude perceber a sua voz mudando como se ele não tivesse colocado uma gota de bebida na boca. Afastei ele, mas ainda assim consegui ver a desolação em seus olhos que me fez querer puxá-lo de volta e falar que nada era o que parecia. Como ele era cabeça dura e estava bêbado, eu me contive.

Pedi para que Carl o levasse embora, antes que os gêmeos acordassem e conhecessem o pai daquele jeito. Dion relutou e resolveu ir embora somente depois que eu prometi que conversaríamos amanhã.

Voltei para dentro. Antes de deitar, eu analisei a situação. Por que as coisas entre nós não poderiam ser menos complicadas?

Aninhei-me com meus meninos e passei a imaginar como seria se eu e Dion não tivéssemos nos separado. Durante aqueles anos, eu sonhava com diferentes versões e finais alternativos para a nossa vida. O fim era sempre feliz, possivelmente porque no fundo eu sabia que nunca conseguiríamos ser felizes juntos.



Acordei tomando cuidado para não esbarrar o cotovelo ou o joelho na minha duplinha que ainda dormia. Antes do banho, conferi meu celular. Ainda estava cedo, mas havia algumas mensagens de Vivian avisando que a compra da Carter Inc. estava sendo finalizada naquele instante e que Dion solicitava a presença de todos para que ele tivesse uma reunião com cada setor e explicasse as novas diretrizes.

Dei pulinhos de alegria por saber que a compra da empresa era uma realidade e que tínhamos chance de manter o emprego de todos. Meu humor logo foi embora quando me lembrei que durante algum tempo eu teria que encarar Dion perambulando pelo meu local de trabalho.

O homem tinha aparecido na minha porta totalmente embriagado. O que ele queria? A humilhação de me chamar de prostituta não havia sido suficiente? Um sorriso escapou do meu rosto quando imaginei a cara de ressaca dele dando palestra para os funcionários.

Liguei para a Senhora Woods pedindo que ela viesse mais cedo. Tomei banho e me arrumei. Dei um beijo em cada bochecha gorducha dos gêmeos dorminhocos e saí quando a babá chegou.

Cheguei na Carter Inc. passando na diretoria antes de subir para o andar da presidência para falar com minhas amigas.

— Oh, olha ela aqui, Tracy. — Fiz uma careta quando percebi que a

recepção não seria como imaginava.

— Olha só quem apareceu! Senhorita Ava Banks... — Tracy se aproximou cruzando os braços. — O que você vai nos explicar primeiro? A venda da empresa ou sobre os seus filhos parecerem clones do novo dono?

Meu Deus, o meu cérebro não estava dando conta de tanta encrenca que eu precisava resolver.

— Err... Ok. Eu fiquei sabendo da venda da empresa no mesmo dia em que fui promovida e, como vocês devem imaginar, eu não podia falar para ninguém.

— E?

— E sim, Aiden e Mason são filhos de Dion Volkmann que vocês conhecem como Sr. Collins. — Aguardei que elas falassem algo, mas não aconteceu devido ao choque de seus rostos. — Podemos conversar depois?

Saí ao receber um leve menear de cabeça delas.

Peguei o elevador e subi para o último andar para procurar Vivian. Ainda não sabia qual seria a minha função naquele dia caótico. Logo o elevador se abriu e meus olhos caíram na sala do presidente da empresa. Antes de abri-la, eu vi a maçaneta girar e Andrew sair lá dentro.

Meus olhos rolaram pra cima de forma automática e, como um reflexo, ele fez o mesmo. Atrás dele eu vi Vivian, Lauren, o antigo dono e o atual, Dion. Este último abriu espaço entre os demais e chegou mais perto de mim, olhando-me de uma forma indecifrável.

Eu conseguia ver os vestígios de uma ressaca intensa em seus olhos, porém ele estava disfarçando bem.

— Merda, vai começar tudo de novo — a fala coberta de insatisfação do advogado não foi o suficiente para Dion tirar os olhos de mim.

— Eu preciso falar com você — ele disse afinal.

As pessoas que estavam ali logo se dispersaram. Momentos depois, vi-me sozinha com Dion na sala da presidência.

— Você ao menos percebe como isso soa estranho para as pessoas lá

fora? — Questionei de forma não muito amigável, apontando para a porta.

Era estranho tratá-lo com indiferença, porém mais estranho seria se eu o tratasse bem depois de tudo.

— Não tenho que dar satisfações pra ninguém.

— Nem pra Lauren? — As palavras escorregaram da minha língua tão facilmente que não fui capaz de deter.

Dion me olhou com mais cuidado. Ele se ergueu diante de mim como fosse me cobrir com sua estatura, foi assustador até ele tocar a minha mão. E, de repente, assim como num passe de mágica, parecia que nada tinha mudado, nenhum segundo parecia ter se passado desde o momento que eu o tive sob a minha pele.

— O que você quis dizer com isso?

— Que você e Lauren tem algo. — Ele concordou com a cabeça.

Senti minhas pernas fraquejarem. Então era verdade?

— Você tem razão. Nós temos algo sim. Nós temos uma quase saudável relação de patrão e empregado.

— Quase?

— Sim, ela está tentando mudar isso — provocou.

— E você não?

Ele contraiu a boca.

— Depende do meu humor.

Uma imagem de Lauren entre as pernas dele dando-lhe prazer se materializou na minha mente. Ficou claro que ele a usava como válvula de escape para os seus dias mais tediosos.

Afastei a mão dele e cruzei os braços.

— O que você quer de mim?

— Eu queria te pedir desculpas — suspirou, exalando remorso.

— Hum, por ter me xingado em um bar lotado ou por ter aparecido na

porta da minha casa bêbado?

O remorso dele virou nervosismo. Eu sabia bem que ele não gostava de ser posto contra a parede.

— Eu não deveria ter feito aquilo, a culpa foi toda minha.

— Concordo.

Voltei-me para a janela dando as costas pra ele.

— Por que você não facilita as coisas pra gente, Ava? — Percebi a alteração em sua voz.

— O quê? Você quer que eu massageie o seu ego e assuma a culpa por tudo que aconteceu no passado?

— Não, eu só quero que me dê uma razão para acreditar em você.

Pensei em despejar na cara dele que ele havia me dado duas crianças maravilhosas e que o seu irmão havia me violentado da forma mais covarde possível, mas não, eu queria tocar naqueles assuntos com um terreno preparado e não durante uma discussão no meu trabalho.

— Para isso, você teria que confiar em mim e ter a capacidade de saber me ouvir.

— Eu confio, Ava. Tanto é que eu comprei essa empresa e a estou colocando nas mãos de uma pessoa que eu nunca vi na vida para salvar seu emprego.

Um sorriso incrédulo surgiu nos meus lábios.

— Para salvar meu emprego ou me manter sob seu controle? — Os olhos dele encontraram os meus, mas vi eles brilharem com ofensa.

— Entenda como quiser — ele fez uma pausa. — Então eu devo acreditar que, quando eu saía do apartamento que você morava, Bruce já estava à espreita para fazer o mesmo caminho que eu fazia pelo seu corpo? — O desgosto estava estampado em seu rosto. — É nisso que você quer que eu acredite?

Meu estômago ameaçou embrulhar com as lembranças do pesadelo invadindo a minha mente. Balancei a cabeça como se aquele gesto pudesse

desfazer as memórias.

— Então me diz, o que aconteceu? — Dion se aproximou e tocou meu queixo levemente, trazendo-o para cima. — O que está te afligindo, Ava? Me deixe saber, por favor.

— Você vai ter que ver a verdade com os seus próprios olhos. Pra ser bem sincera, você está muito longe de merecer isso, mas infelizmente esse não é um caso de merecimento. — Dion fechou o semblante, pronto para contra-argumentar. — Mas pode ficar tranquilo, quando for o momento certo, eu te aviso.

— O que é tão complicado?

— O fato de isso não ser mais sobre eu e você.

Enquanto Dion tentava achar sentido no que eu disse, a porta da sala se abriu com urgência e Lauren passou por ela. Ele se afastou de mim rapidamente e examinou a executiva com um olhar tempestuoso.

— Desculpe interromper, mas os funcionários do RH já estão te aguardando para a primeira reunião, Sr. Volkmann — a voz de Lauren assumiu um tom furioso por trás do tom profissional.

Dion me arrastou um olhar de desculpas enquanto deixava a sala. Depois que ele passou pela porta, eu me movi para sair também, porém Lauren a fechou antes, deixando apenas eu e ela no local.

Olhei em seus olhos castanhos escuros e selvagens. Analisei a sua estatura e, *droga*, ela era muito bonita. Eu não poderia culpar Dion por estar com ela. Lauren era o tipo de mulher que faria até um robô sentir tesão.

— O que você está fazendo? — Perguntei já sabendo que ela queria confusão.

Lauren saiu de perto da porta, encarando-me, e cruzou os braços após eu cruzar os meus.

— Dion e eu nos conhecemos há poucos meses e durante esse tempo eu tive que lidar com o fantasma de uma mulher de seu passado. Uma mulher que o traiu, que o humilhou de diversas formas, mas por incrível que pareça ele não consegue esquecer a *maldita* cadela.

Meus olhos se arregalaram diante da ousadia daquela mulher.

— Por que está me contando isso?

— Porque talvez você conheça essa mulher, e eu realmente espero que conheça, para dizer que a vez dela já passou. É a minha vez agora.

Lauren saiu triunfante e eu fiquei na sala querendo explodir de tanta raiva.

Como se eu já não tivesse problemas o suficiente, agora tinha que adicionar uma mulher ciumenta no meu pé.



Ava

Eu ainda preciso falar com você.

A mensagem que surgiu na minha tela de celular não estava assinada e era de um número desconhecido, mas eu suspeitava de quem era. Não respondi.

Voltei aos meus afazeres, mas a minha mente resolveu não me acompanhar. Com Vivian se tornando presidente, eu exerceria um papel ainda maior dentro da organização da empresa. Aceitei de bom grado o desafio, o meu único medo era ter menos tempo para os meus filhos.

— Com licença, será que a nova secretária da presidência pode nos receber? — A cara de Tracy espiou pela porta, atrás dela estava Bonnie.

— Claro — levantei.

Elas abriram os braços para me receber. Aquelas mulheres eram o meu ponto de referência ali dentro. O meu confessionário, minhas conselheiras.

— Já estamos sabendo que deu tudo certo na reunião, mas e quanto a você?

— Eu estou bem — respondi com um sorriso falso.

— Ava... — Bonnie me fitou com ternura. — Nós somos as suas melhores amigas, você não consegue esconder nada da gente.

— Vamos almoçar daqui a pouco e você vem junto para tirar esse peso do seu coraçãozinho, tudo bem? — Assenti para Tracy.



O restaurante mexicano próximo da Carter Inc. era um dos meus lugares favoritos em Nova Iorque. Diante de tantas opções, eu me vi descontando a ansiedade na comida.

— Ei, querida... — Bonnie me chamou de volta pra Terra. — O restaurante não vai sair do lugar. Amanhã ou mês que vem, quem sabe, você volta para terminar com o estoque de nachos.

Vi o braço roliço de Tracy retirar discretamente o prato da minha frente.

— Chega de comer e vamos conversar — decretou.

— O que vocês querem que eu diga? Eu reencontrei o pai dos meus filhos. É isso — descansei meu rosto entre as mãos.

— Pai dos seus filhos que é dono de metade dos Estados Unidos e agora é o dono da nossa empresa também.

— Sem falar que ele é o homem mais *gostoso* que eu vi na minha vida — Bonnie completou, sonhando acordada.

— Nos conte como foi?

— Ah, Tracy, depois de quatro anos, eu achava que nunca mais o veria. Foi um choque quando o vi dentro do elevador, mal consegui me manter em pé.

— E ele?

— Ele me reconheceu na hora e ficou tão perdido quanto eu.

— Ouvi dizer que ele e a executiva gostosona estão de rolo.

— Já estou sabendo disso — deixei meus ombros caírem em desânimo ao relembrar a conversa com aquela vaca.

Vaca? Estranhei meus pensamentos.

— E agora, como vai ser? — Bonnie abriu bem os olhos, esperando pela resposta.

— Eu vou tentar conversar civilizadamente com ele. A nossa primeira tentativa foi desastrosa. Na segunda, não houve diálogo porque ele estava bêbado e hoje não conseguimos falar direito porque eu não quis tocar no assunto em ambiente de trabalho. Mas vou tentar isso pelos nossos filhos. — Estiquei a mão para pegar outro nacho. — Agora que ele está aqui, eu quero que Dion conheça os gêmeos, porém não vou cobrar qualquer responsabilidade dele. Não quero prendê-lo.

— Você nem mesmo quer ele de volta?

Não podia negar que queria, mas queria somente a parte boa. O carinho, o desejo que incendiava. A falta de confiança e de empatia eu descartava.

— Eu e Dion já tivemos bons momentos juntos, mas agora parecemos dois estranhos — aquela era uma triste verdade. — Tem dois dias que eu o revi e já aconteceu tanta coisa.

Onde você está?

Podemos ao menos almoçar juntos?

Aquelas mensagens me deixaram desconfortável perante a conversa e as meninas perceberam.

— É ele?

— Por favor, Tracy. Onde está a sua bola de cristal? — Zombei por ela sempre saber de tudo.

Bonnie deu sua risada de porquinho, fazendo-me rir também.

— Olha, Ava, homens como o Dion não ficam atrás de ex como cães farejadores.

— Ele não está atrás de mim por isso que você está pensando. Dion está à procura de explicações e eu realmente devo algumas a ele.

O que aconteceu agora?

Podemos conversar no meu apartamento para que eu não fale nenhuma besteira em público se é esse seu medo.

Ignorei as duas mensagens recebidas.

— Você precisa falar com ele sobre os gêmeos, não é? Argh, queria estar lá quando você disser que a “condição de estéril” dele te deu dois principezinhos.

— Sim. Se há uma coisa que eu preciso falar com ele, é sobre os nossos filhos.

E eu ainda não sabia como fazer aquilo. Precisava conversar com meus bebês antes de tudo para preparar suas cabecinhas cheias de expectativas.

— E se ele for um pai maravilhoso, te pedir perdão, se ajoelhar e lamber seus pés?

Engasguei ao imaginar a cena de Dion lambendo meus pés.

— Meu Deus, Bonnie. Não!

— O quê? Você não iria querer ele de volta?

O meu celular tocou em cima da mesa. Encerrei a ligação quando percebi que era o mesmo número das mensagens.

Por favor, fale comigo!

— Na verdade, é o contrário. Eu só não quero dar espaço para ele entrar no meu coração novamente.

O meu querer estava condenado desde o começo. Eu nunca quis me apaixonar por ele. Eu nunca quis amá-lo. Eu nunca quis precisar dele. Ou seja, o meu querer não servia de nada.

— Então, nesse caso, eu vou apresentar uma solução para os seus problemas.

— Parece interessante — coloquei as mãos sobre o queixo, aguardando o que viria a seguir.

— D-Y-L-A-N — Tracy soletrou e Bonnie empurrou o seu aparelho celular com o número dele na tela.

Cerrei os olhos na direção daquelas doidas.

— Há quanto tempo vocês duas estão tramando isso?

— Desde o dia que conhecemos o príncipe Harry americano.

— Espere aí, não existe uma regra que diz que não devemos esquecer um macho com outro macho? — Perguntei fingindo confusão.

— Você não será a primeira e nem a última a fazer isso, querida. Agora, para de arrumar desculpa e grava esse número no seu celular.

Fiz o que Tracy me orientou, já pensando em apagar o número mais tarde.



Nunca pensei que ser secretária da presidência me daria tanto trabalho. E agora em plena sexta-feira, eu era uma das poucas pessoas no prédio. Tracy e Bonnie já deviam estar em casa, Vivian tinha acabado de ir embora. Fiquei para organizar a papelada gerada com a transição de poder. Só queria chegar em casa e ter uma boa noite de sono se aquilo fosse possível.

Disquei o número da babá depois de juntar as minhas coisas.

— Oi, Mônica, está tudo bem?

— *Está tudo ótimo.*

— E os meninos?

— *Os meninos acabaram de jantar, estão vendo desenho.*

— Que bom, daqui a pouco eu chego em casa — avisei.

Peguei minha bolsa e parti para o elevador. Ele demorou algum tempo até chegar e, quando chegou, eu me arrependi de não ter pego as escadas.



Ava

Atrás das portas estava Dion. Logo imaginei que o dia deveria ter sido pesado, pois ele parecia bastante cansado.

— Entre aí — pediu, segurando o elevador após perceber a minha hesitação. — Não vou te morder.

— Nem o seu cão de guarda? — Dei um passo, averiguando o elevador.

— E quem seria o meu cão de guarda?

— A bonitona que vive te seguindo. — Ele deu uma risadinha sem vergonha.

— Não sei, nem quero saber.

Entrei no elevador, tendo consciência de que lamentaria amargamente.

— Dia difícil? — Perguntei, tentando ser simpática.

— Não, apenas cansativo — olhou-me depois de apertar o botão no painel. — E o seu?

— Também.

Que diálogo mirabolante é esse?

Onde está o rancor?

Vamos lá, Dion. Seja um babaca!

Olhei para frente e tentei estimar até qual andar a filosofia de boa vizinhança iria durar. Como previsto, Dion apertou algum botão que fez o elevador parar e cruzou os braços, olhando pra mim.

— O que foi dessa vez?

— Eu estive a tarde inteira refletindo sobre o que eu deveria fazer pra você se abrir comigo.

— E o que concluiu? — Tentei não fazer contato visual.

— Eu percebi que quando uma coisa não está dando certo, a gente precisa voltar ao começo para tentar encontrar o erro.

— Conseguiu descobrir?

— Vamos ver — ergueu os ombros. — Você ainda me ama? Alguma vez me quis por perto nesses últimos anos?

— Não — balancei a cabeça. — Não mesmo. — Voltei-me para a frente para esconder o quão nervosa eu estava.

Dion caminhou para perto de mim e, a cada passo dele, parecia que o meu coração iria falhar e eu iria morrer ali mesmo. Que droga! Como ele vai acreditar em mim daquele jeito?

— Tem certeza, Ava?

Fui para o fundo do elevador até encontrar a parede.

— Tem certeza de que não tem saudades do meu corpo sobre o seu? Ou da forma que eu te pressionava na mesa da cozinha? — O ar faltou a cada vez que ele falava aquelas atrocidades.

A reação do meu corpo foi a melhor ou pior possível dependendo do ponto de vista. Foi como abrir uma torneira que estava travada há quatro anos entre as minhas pernas.

Dion colocou os braços na parede do elevador ao meu redor, mantendo-se muito perto. O calor que emanava do seu corpo era um teste psicológico para que eu não o agarrasse e montasse em cima dele até a minha libido vir a zero.

— Ou da minha boca trilhando as suas curvas até você gritar o meu

nome? — Ele puxou o meu rosto pra cima e aproximou os seus lábios dos meus. Fechei os olhos, aguardando aquela boca prepotente sentir o meu gosto. Segundos se passaram sem que nada acontecesse. Abri meus olhos e caí na realidade nua e crua. Ele não iria me beijar, fez aquilo de propósito. — Você pode não me amar, mas o seu corpo diz o contrário — falou, distanciando-se. Endireitei-me e cruzei os braços para não deixá-lo se aproximar de novo, sentia-me mal por ter dado abertura a ele. — Você está mentindo de novo, e foi isso que nos matou, Ava. A falta de confiança.

Sem conseguir dizer nada, fiquei imóvel aguardando os segundos pra me libertar daquela tensão.

Dion respirou fundo, esticou o braço e apertou o botão, fazendo o elevador andar novamente. Fomos até o fim calados, mas a vontade era de gritar. Eu não gostava daquele clima.

Logo que o elevador chegou no hall, esperei que Dion saísse primeiro. Ele hesitou, olhando-me brevemente por cima dos ombros. Devolvi o olhar, tentando achar a resposta para uma dúvida: o que ele queria?

Prendi o ar ao ouvir sua voz novamente.

— Houve apenas duas pessoas que eu amei incondicionalmente nesse mundo. Eu consegui perder as duas. Uma se foi pra sempre, mas a outra, eu sou capaz de tudo para tê-la de volta.

Absorvi aquelas informações observando-o ir embora. Eu precisava dizer algo pra ele. Qualquer coisa. Sentia que precisava dizer alguma coisa.

Deixei o elevador e corri atrás dele.

— Você está livre no domingo?

Foi a primeira coisa que me veio na cabeça.

— Por quê? — Ele me olhou com um ar arrogante, achando que estava por cima.

— Porque precisamos conversar — frisei o “conversar” caso ele interpretasse o convite de outra forma.

— Tenho muita coisa pra fazer no fim de semana.

— Sério? Você tem agenda para seguir até no domingo? — Ele balançou a cabeça.

Os fins de semanas dele eram melhores comigo. Ah, com certeza que eram.

— Eu gostaria que você fosse na minha casa. — Virei-me para pedir um táxi, depois olhei pra ele novamente. — É importante.



O sábado passou num piscar de olhos. Fiquei praticamente o dia todo no parque com os gêmeos. No domingo, Jenna e Vivian nos fizeram uma grata visita.

— Cadê aquele pinguinho de gente que eu tenho como afilhado? — Perguntou Vivian ao me cumprimentar.

Apontei para o quarto e ela seguiu pelo corredor procurando as crianças. Era um suprassumo ver a transformação de Vivian, minha chefe, para Vivi, minha amiga e madrinha de Mason.

— Ava, como está? — Um sorriso surgiu instantaneamente no meu rosto ao ouvir a voz de Jenna.

— Ah, meu Deus! Que saudade de você — abracei-a forte.

Jenna fazia um plantão atrás do outro e era raro ela vir nos visitar.

— Dindinha? — Aiden cutucou a perna dela esticando os braços.

— Oi, meu amor. Nossa, como você está grande! — Ela o pegou em seu colo e o mimou como sempre fazia.

Sentamos no sofá quando os meninos se distraíram com os brinquedos.

— Você já resolveu aquele assunto, Ava? Sexta-feira Dion ficou louco procurando por você na empresa. Ele disfarça muito mal — Vivian deu uma risadinha.

— Eu encontrei com ele algumas vezes, mas nossas conversas estão acontecendo de forma tão inesperada. E não, eu ainda não contei pra ele.

— Por que não? — Jenna perguntou preocupada.

— Porque eu precisava preparar os gêmeos primeiro e também porque tenho medo do que possa acontecer. Até achei bom que vocês vieram hoje para me orientar melhor.

— Com o quê, por exemplo?

— Questões jurídicas — tentei disfarçar a minha ansiedade. — Vocês acham que Dion poderia tirar os meus filhos de mim?

Elas se entreolharam.

— Só se acontecer alguma coisa muito grave que a justiça veja que você não tem condição de criá-los.

— É o que eu também penso, no entanto Dion tem dinheiro. Ele pode ter um tribunal inteiro nas mãos se quiser.

— Olha, Ava, eu não pensaria assim. Acho que a relação de vocês será saudável pensando no bem dos garotos — minha chefe tentou me tranquilizar.

— Mas e se ele não gostar da ideia de eu ter escondido os filhos dele por três anos?

— Espere aí, você não escondeu nada. Você disse a ele que estava grávida. Essa responsabilidade não é sua, ele que decidiu dar as costas para você, não o contrário — Jenna ponderou novamente.

As nuvens de incerteza que me rondavam se dissiparam completamente.

— Obrigada — apertei as mãos das duas. — Eu precisava ouvir isso.

— Você não está sozinha nessa, Ava — Vivian acrescentou.

Houve apenas duas pessoas que eu amei incondicionalmente nesse mundo. Eu consegui perder as duas. Uma se foi pra sempre, mas a outra, eu sou capaz de tudo para tê-la de volta.

Lembrei das palavras de Dion, elas ecoavam na minha cabeça. Duas mulheres, uma se foi pra sempre? Quem era essa mulher, um antigo amor?

Ela estava morta?

Peguei o celular e joguei o nome de Dion na busca, talvez eu conseguisse aquela informação sem ter que perguntar-lhe diretamente.

Os primeiros resultados eram sobre a sua transição para Nova Iorque e a compra da Carter Inc. Bufei quando apareceu sites de fofocas especulando o relacionamento com a “grande executiva” Lauren Fox.

Rolando a página, uma notícia me chamou atenção: “O natal em São Francisco nunca foi o mesmo desde que perdemos a grande socialite Camille Turner”.

As minhas mãos começaram a tremer e, com muita dificuldade, eu consegui clicar no link. Abri a notícia com medo de descobrir que era a Camille que eu conhecia.

“Há exatos quatro anos, nas primeiras horas do dia 25 de dezembro, a sociedade californiana perdeu um dos seus pilares. A ex-esposa de Paul Volkmann e mãe de Dion Volkmann, do banco que leva o seu sobrenome, era uma estimada advogada e assistente social cuja necessidade de ajudar o próximo a levou a criar projetos humanitários como a Cuidar.”

Encarei o telefone sem conseguir ler mais nenhuma linha. As letras na tela embaçaram com a minha vista se enchendo de lágrimas. Comecei a imaginar a dor de Dion ao perder a própria mãe. Eu sabia como era, dilacerava, drenava as esperanças. Meu coração partiu mais uma vez quando eu me dei conta de que a morte de Camille foi na madrugada de Natal, horas depois de eu ter fugido, deixando-o para trás acreditando que eu havia lhe traído com a pessoa que ele mais odiava no mundo.

Abracei meu corpo em cima da cama, perguntando-me como as coisas chegaram a tal ponto. Em meu coração havia uma ferida gigantesca, mas eu nunca tinha parado pra pensar que o coração de Dion poderia estar machucado também. Acima de tudo, doía saber que eu nunca mais veria Camille com uma taça de champanhe entre os dedos, chamando-me de querida e me confidenciando seus desalentos.

Eu estava na cozinha observando os gêmeos de longe. Eles ainda estavam sonolentos após o cochilo da tarde daquele domingo. Preparei um bom lanche pra eles com muito cereal e frutas. E agora eu precisava ter uma conversa séria com os meus filhos de três anos.

Fui ao quarto e peguei uma caixinha no meu guarda roupa onde guardava algumas fotos e a cópia do álbum deles.

Desliguei a televisão sob protestos e pedi para que eles se sentassem no sofá lado a lado. A minha sorte era que meus meninos eram obedientes. Retirei uma foto da caixinha e me agachei na frente deles depois de depositar um beijo em cada narizinho.

— Sabem aquela figura alta e forte que vocês tanto reclamam que não tem?

— Um papai, mamãe? — Aiden perguntou, esperto como sempre.

— Isso mesmo, um papai. — Mostrei a foto para eles. Era uma das que eu tinha tirado com Dion ali mesmo em Nova Iorque antes de descobrir que estava grávida. — Aqui está o de vocês.

Mason pegou a foto em suas mãozinhas e eu não consegui segurar as lágrimas diante da alegria inocente dos meus filhos.

Agora que estavam na pré-escola, a pergunta sobre o pai deles se tornou cada vez mais frequente. Eu tentava contornar a situação dizendo que eles tinham um pai e que não podia conhecê-los naquele momento, mas não adiantava nada. Eles continuavam achando que não tinham um pai. Matava-me ver aquela preocupação nos olhinhos deles a cada vez que estavam prestes a encarar mais um dia de aula. A única preocupação que uma criança de três anos deveria ter era em brincar o máximo de tempo possível, no entanto os meus pequeninos queriam mais, eles queriam um pai. Eu conseguia ouvi-los cochichando um para o outro na mesa de jantar que pediria um pai de presente para o Papai Noel, já que no último natal não havia dado certo.

Mesmo naquela situação desfavorável, eu agradecia aos céus por eles terem um ao outro.

— Onde que ele está, mamãe? — Maze perguntou com os olhinhos

cheios de expectativas.

— Ele está na cidade. Vocês gostariam de conhecê-lo?

— Sim! — Meus meninos gritaram e correram para os meus braços.

— Tudo bem. Já entendi que vocês querem *muito* conhecer o papai. Agora deixa a mamãe ligar pra ele e perguntar se ele pode vir hoje, tá bom?

Fui até a cozinha e peguei meu celular. Refleti um pouco antes de discar o número dele.

— *Ava?*

— Sou eu — respirei vagarosamente. — Dion, eu estou na minha casa agora, você poderia vir até aqui? — Virei para observar os gêmeos separando os brinquedos que mostrariam para o pai e rezei para que ele não me decepcionasse.

— *Claro. Aconteceu alguma coisa?*

— Não, está tudo bem. Eu só quero que você conheça duas pessoas.

Desliguei quando Dion falou que viria. Há quatro anos, eu fugi deixando apenas um bilhete dizendo que tudo seria explicado, que provaria a minha inocência. Hoje eu começaria a fazer aquilo.



Ava

Fiquei em dúvida se o meu nervosismo não permitiu ver o tempo passar ou se Dion chegou rápido demais. O fato era que minutos depois da ligação a campainha do apartamento tocou e a senhora Woods, que estava ali me ajudando, atendeu a porta. Ao acompanhar a expressão facial da babá, nem precisei perguntar quem estava à porta.

— Vocês estão prontos? — Repentinamente, a certeza fugiu do olhar dos meninos, mas agora não tinha mais volta. — Estão com medo?

Eles balançaram a cabeça dizendo que sim. Queria poder falar que eu também estava com medo. Medo do pai deles não se comportar como um pai de verdade ou simplesmente rejeitá-los. No entanto, eu era a mãe. Precisava ser o porto seguro dos meus filhos, mesmo que segurança fosse tudo o que eu não tinha naquele momento.

Levantei do sofá e fiquei olhando em direção à porta quando a senhora Woods permitiu a entrada de Dion. Segurei Mason e Aiden em cada mão.

— Tudo bem, a mamãe está aqui — sussurrei pra eles.

Ergui a cabeça quando Dion entrou. Os seus olhos caíram em mim primeiro, depois desceram rapidamente, olhando da minha esquerda para a direita. Então subiram pra mim de novo enquanto eu percebia a cor sumindo do seu rosto.

Os gêmeos soltaram a minha mão e correram para se esconder atrás de mim.

— Ava... — Tentei desesperadamente decifrar o olhar dele. — O que está acontecendo aqui? — A voz dele saiu como um sopro.

A inquietude do azul dos seus olhos era contagiante. Puxei o ar com dificuldade.

— Eu te chamei aqui pra você conhecer os seus filhos, Dion. Os filhos que eu te disse que estava esperando quatro anos atrás.

Por um momento, a única coisa que se ouviu foi a minha respiração pesada por ter tirado aquela confissão das minhas costas e os meninos cochichando um pro outro.

— Por que só agora? Por que você não me ligou antes, Ava? Por quê? Eu não consigo entender — Dion gesticulava sem parar.

— Medo, raiva. Por tudo!

Aiden pegou a minha mão, agachei quando ele disse para eu me aproximar.

— Ele é grande, mamãe — meu bebê falou com preocupação.

— Sim, a mamãe disse que ele era alto. — Percebi Mason deixando escapar um olhar curioso para Dion, mas recolhendo a cabeça atrás de mim logo depois. — Vamos lá, vocês não são tão tímidos assim.

Antes de Dion, chegar a palavra “papai” era dita 500 vezes por minuto, mas os gêmeos estavam acanhados agora.

Peguei os dois no colo, encaixando-os na minha cintura. Eles finalmente resolveram olhar para o pai, sem nenhuma preocupação agora que Dion não parecia tão alto.

— Você quer um teste de DNA? Parece não acreditar no que está vendo.

Dion arriscou um passo na nossa direção.

— Eu não sei o que dizer. Passei os últimos anos achando que era incapaz de ter um filho e agora... — sua voz falhou. — Ava, isso me assusta, mas é... maravilhoso — ele abriu um sorriso ao final.

Então, pude ver a desconstrução da máscara de ferro impenetrável que

Dion havia passado a vestir nos últimos anos. Consegui ver um homem destruído pela queda das próprias crenças e finalmente vi a sua fragilidade. Primeiro, somente como uma vermelhidão em seus olhos, mas logo após transbordando em forma de lágrimas.

Os meninos desceram do meu colo e foram correndo na direção dele, eu sabia o que eles iriam fazer. Os gêmeos não suportavam ver alguém triste ou chorando, eles queriam curar e cuidar do pai assim como fizeram comigo algumas noites atrás.

Dion apoiou um joelho no chão e ficou olhando pra eles com a adoração de alguém que tinha encontrado o mais rico dos tesouros.

— Tá doente, papai? — Aiden pegou a mão dele.

Cobri a boca ao ouvir meu bebê chamando Dion de papai, tentando em vão conter a minha emoção. Estava acontecendo. O momento que eu temia e ansiava estava acontecendo. Mason pegou a outra mão dele e afundou o rostinho nos braços de Dion como um filhote carente.

— Eu estava, mas não sabia — ele abraçou os meninos e estes se agarraram ainda mais no pai. — Agora tudo vai ficar bem.

Dion perguntou o nome de cada um e quis saber mais sobre eles. A afeição entre pai e filhos foi instantânea.

— Acho que vou deixar vocês a sós para que se conheçam melhor — enxuguei o rosto.

— Não, por favor, fique. — Dion se levantou com os meninos no colo. — Eu não tenho a menor ideia do que devo fazer agora.

Dei um meio sorriso, contente por ele ter admitido aquilo.



— E então? — Olhei para os meninos no chão. — O que acha de tudo isso?

Dion focou nos gêmeos também, ainda com o mesmo olhar incrédulo.

— Ainda não consigo acreditar. Eles são perfeitos, se parecem tanto

comigo. —Fitou-me com alguma reserva. — Fisicamente, eles são iguais a mim. Ava, como isso é possível? Como você conseguiu se eu não posso?

— Não sei como aconteceu de você achar que não podia ter filhos, mas veja bem, ali tem duas provas de que não é verdade.

— Como foi pra você criá-los? Em algum momento de dificuldade você pensou em me ligar?

— Não houve dificuldades financeiras nem nada do tipo. Vivian e Jenna foram como duas mães pra mim. E sim, muitas vezes eu quis te ligar, mas não por isso. Eu sabia que você deveria saber, eu queria muito te contar...

— Então por que não me contou antes? — Dion fechou os olhos, levando a mão à boca, medindo o rancor em sua voz.

— Eu não sei, eu... combinava um dia para te ligar, inclusive tinha um discurso pronto, mas nunca consegui levar adiante.

— Se eu não tivesse aparecido onde você trabalha, me contaria algum dia?

— Provavelmente — respondi com pouca segurança. — Os gêmeos já tem três anos, Dion, e são os únicos na sala de aula que não tem um pai. Já que você estava na cidade, eu pensei que pudesse conhecê-los e mostrar a eles o contrário. Eles queriam tanto um pai.

Dion observou mais um boneco voando para seu colo, ele já segurava dezenas deles e os gêmeos continuavam esbaforidos correndo de um lado para o outro para mostrar ao pai os seus brinquedos.

— E quanto a nós dois? — A pergunta dele me pegou desprevenida.

Apertei os olhos dolorosamente.

— O que tem a gente?

— Você sabe o que eu quero dizer.

Engoli em seco e olhei ao redor, buscando um pouco de ar.

— Nós não terminamos muito bem, você sabe disso. Você me machucou, eu machuquei você e eu aceito isso. Acontece que agora não é

mais sobre a gente. — Desviei os olhos para os dois rapazinhos brincando de lutinha com seus bonecos em mãos. — Eu consigo aguentar qualquer coisa, Dion, mas eu não suportaria se os nossos filhos saíssem machucados.

Segundos depois, mais um boneco voou para o colo de Dion.

— Maze, já chega! Aiden, você também! — Repreendi o pequeno que já estava pronto para arremessar outro brinquedo para o pai. Os meninos começaram a choramingar e ameaçaram abrir um berreiro. — Sentem no tapete e brinquem quietinhos e quem sabe mais tarde eu deixe vocês mostrarem o quarto para o papai.

Eles correram para o tapete com um sorriso no rosto de satisfação. Voltei-me para Dion e o encontrei com uma expressão engraçada.

— O que foi?

— Você parece ser uma mãe durona — um sorriso malicioso surgiu em seus lábios.

Meu rosto entrou em ebulição pelo simples elogio.

Era um elogio?

Dion apreciou os gêmeos brincarem com um sorriso afetuoso, um que eu nunca tinha visto antes. Algum tempo depois, o semblante dele fechou.

— Sei que preciso aprender muito ainda para tentar ensiná-los alguma coisa.

— Ser pai ou mãe não é algo que se aprende em livros ou na escola, Dion. Quando peguei os gêmeos pela primeira vez, eu pensei “o que eu faço agora?” e aí percebi que a resposta estava na pergunta, o agora. Eu aprendi a ser mãe a cada dia desde que eles nasceram, e continuo aprendendo. É um processo conjunto entre mim e eles.

— Quando eu vou poder vê-los? Como vamos fazer isso?

— Você vai ficar aqui em Nova Iorque em definitivo?

— Era uma questão a ser pensada, mas acabei de decidir que sim. Vou mandar Andrew entrar com a papelada de reconhecimento de paternidade o quanto antes. Quero fazer isso, Ava. Quero ser um bom pai pra eles. — Senti

a sinceridade naquelas palavras e no olhar dele.

— Você vai ser — afirmei.

Os meninos chegaram perto e puxaram cada mão de Dion e o levaram até o quarto deles. Lá, os gêmeos começaram a tagarelar, apontando para cada coisa.

— Eu mal consigo entender o que eles estão falando — Dion me falou o que eu já desconfiava, no entanto ele parecia preocupado.

Aos três anos de idade, meus meninos já falavam de tudo, porém às vezes era bem difícil decifrar a pronúncia de algumas palavras.

— Às vezes, nem eu consigo — confidenciei e ele relaxou.

O passeio pelo quarto foi rápido, não havia muito a se mostrar. O cômodo era pequeno, tinha só as duas camas, o guarda-roupa e a estante cheia de bonecos.

Os gêmeos deitaram em uma cama e insistiram que o pai lesse uma história pra eles, os pequenos lutaram contra o sono pela vontade de estar mais tempo com Dion, mas acabaram perdendo.

Enquanto eles dormiam, eu contei um pouco mais sobre a personalidade e as preferências de Mason e Aiden. Ele visivelmente ficou encantado com os filhos.

Assegurei que Dion pudesse visitá-los sempre que quisesse antes de a documentação de reconhecimento de paternidade ficar pronta. Ele não queria ficar longe dos meninos, mas eu mantinha os pés no chão, não criaria expectativas fora da realidade.

Depois de termos esclarecido algumas coisas, levei Dion até a porta. Ele ficou do lado de fora me olhando. Abaixei meus olhos para abordar um tema que doeria um pouco.

— Sabe, quando você disse que tinha perdido para sempre alguém que amava, eu não fazia ideia de quem estava falando e, quando pesquisei, descobri que era Camille. Eu não sabia, Dion. Se eu soubesse, eu teria esquecido por um instante tudo o que aconteceu entre nós só pra estar lá pra você. Sinto muito.

— Tudo bem — deu de ombros.

— Camille foi um dos motivos para que eu te chamasse aqui hoje. — Ele voltou a me olhar, curioso pelo que eu diria. — Uma vez ela me disse que você seria o melhor pai do mundo. Só queria que você tivesse a oportunidade de mostrar isso pra ela, onde quer que esteja.

— Ela disse isso? — Concordei com a cabeça.

Vi o seu semblante mudar e, percebendo que ele iria ceder à falta e à saudade da mãe, eu o abracei forte, tentando roubar a sua dor pra mim.

— Obrigado, Ava — ele relutou em soltar a minha cintura.

— Pelo quê?

Dion olhou pra cima e colocou as mãos no bolso.

— Você já mudou o rumo da minha vida uma vez e está fazendo isso de novo. Duas vezes eu me senti sendo empurrado para um precipício e nessas duas vezes você me deu uma razão pela qual lutar. — Ele cruzou os braços e olhou para o corredor do prédio, depois voltou pra mim. — Você é a minha maior contradição. A primeira vez que eu te vi, eu queria apenas uma noite de prazer para que eu pudesse me desligar da merda que era a minha vida e, meses depois, eu já queria te dar o meu sobrenome para dizer ao mundo o quanto você significava pra mim e, hoje... — ele suspirou. — Hoje, você me apresentou aos meus filhos, mesmo que eu tenha visitado vários especialistas e eles tenham me dito que isso nunca aconteceria — olhou-me de novo. — Você é especial, Ava. Eu não aceito que pense o contrário.

O que eu deveria dizer depois de ouvir aquilo? Obrigada?

Dion chegou mais perto, diminuindo a distância entre a minha boca e a dele. Ele não se contentaria com um “obrigada”. Agarrei sua jaqueta quando ele passou os lábios levemente pelo canto da minha boca. Aquilo me fez perder o controle e praticamente implorar com os olhos para que Dion me fizesse dele de novo.

Ele invadiu a minha boca com destreza, como se só ele tivesse passagem permitida para estar ali, e eu o aceitei. Suas mãos apertaram a minha cintura, fazendo cada pelo do meu corpo se arrepiar e cada pedaço da

minha pele desejar ser tocada por ele. O beijo lento e feroz do jeito que só ele conseguia fazer era uma deliciosa tortura. Praticamente dizia que eu pertencia a ele e ele a mim. E nada mudaria aquilo.

Dion parou e acariciou o meu rosto, a minha pele corada parecia perseguir a sua mão, mendigando por mais.

— Me diz que vamos tentar consertar essa bagunça que virou nossa vida? — Pediu, puxando-me para mais um selinho.

— Eu não sei, Dion. — Coloquei a palma da mão em seu peito, fazendo com que ele se afastasse. — Como eu te disse, há muita coisa em jogo. Eu machucaria a mim antes de machucar os meus filhos. Além de quê, ainda não te contei tudo o que eu tinha pra contar. Não quero definir nada antes que você saiba de toda a verdade.

— *Nossos* filhos — ele me lembrou. — E eu não estava brincando quando disse que faria tudo pra te ter de volta.

Era tão bom ouvir aquilo dele.

— Espere. — Entrei e peguei o álbum dos gêmeos. Eu tinha feito uma cópia de todas as fotos e fiz um outro álbum para o pai. — Isso é pra você — entreguei a ele.

Os olhos de Dion brilharam ao se dar conta do que se tratava.

— Nunca pensei que teria um desses — fuçou o álbum brevemente com um sorriso lindo.

— Acho melhor você ir — falei antes que a minha mente tentasse pedir que ele ficasse.

— Tudo bem, mas eu só vou embora se você tiver entendido que eu não vou desistir deles nem de você. Eu não vou desistir da nossa família, Ava.

Concordei com a cabeça e o meu coração foi novamente afagado ao escutar Dion dizer exatamente o que eu queria ouvir, mesmo que no fundo eu soubesse que seria perfeito se ele tivesse dito aquilo quatro anos atrás.



Dion

Olhei o relógio, já eram quatro horas da tarde.

Havia passado o fim de semana inteiro pensando no que Ava não queria me contar. Aquilo que ela achava que eu ainda não merecia. Na sexta, ela perguntou se eu estaria livre no domingo. E ali estava eu, de folga num domingo que dedicaria inteiramente ao trabalho.

Vislumbrei a vista do Central Park através da janela da sala. Pouco ao pouco me acostumava com aquela paisagem cinzenta.

Meia hora se passou. Dei-me conta de que Ava não ligaria. Subi, tomei banho e me arrumei. Na garagem, dispensei Carl e assumi o volante da Mercedes branca. Eu não esperaria Ava daquela vez.

Dirigi pelos bairros com uma certa ansiedade se manifestando dentro de mim. O que de tão grave ela não quis me contar até hoje? Algumas possibilidades flutuavam pela minha mente.

O toque do telefone fez meus pensamentos quebrarem. Olhando no visor, percebi que era ela. Atendi a ligação colocando no viva-voz.

— Ava?

— *Sou eu* — ouvi-a suspirar. — *Dion, eu estou na minha casa agora, você poderia vir até aqui?*

Por que ela parecia tão nervosa?

— Claro. Aconteceu alguma coisa?

— *Não, está tudo bem. Eu só quero que você conheça duas pessoas.*

Duas pessoas? Que merda...

— Daqui a pouco estou aí.

Não falei mais nada, esperei que ela desligasse.

Continuei dirigindo até parar em frente ao prédio de Ava. A ansiedade estava se tornando temor. E se ela tivesse se casado e tido um filho? Ela disse duas pessoas. E se estivesse querendo me mostrar que ela agora tinha uma família?

Poderia ter sido nós dois, Dion.

Não deixei que a negatividade se aprofundasse mais no meu subconsciente. Saí do carro e fui direto para o elevador. Seja lá o que for que Ava gostaria de me mostrar, eu encararia.

Uma mulher de meia idade abriu a porta pra mim. A expressão assustada dela me fez querer rir por um momento.

— Dion... Dion Volkmann? — Gaguejou.

— Sim, sou eu.

Ela me deu passagem. Continuei sentindo seus olhos assombrados em mim.

Vi Ava a poucos metros. Ela tinha um olhar corajoso, mas havia também alguns traços de receio. Logo percebi que ela não estava sozinha. Segurando suas mãos havia dois meninos incrivelmente parecidos. E olhar para eles era a mesma coisa que me olhar no espelho.

As crianças correram e se esconderam atrás dela. Voltei a olhar pra Ava, sentindo o sangue gelar dentro das veias, causando tremores no meu corpo.

— Ava... — busquei palavras pra tentar fazer algum questionamento coerente. Minha voz estava fraca. — O que está acontecendo aqui?

Eu era só confusão naquele momento. Havia dois meninos ali que eram exatamente iguais a mim. Sabia muito bem o que aquilo significava, contudo minha mente insistia em não querer juntar os pontos.

Fitei Ava intensamente, aguardando qualquer resposta.

— Eu te chamei aqui pra você conhecer os seus filhos, Dion. Os filhos que eu te disse que estava esperando quatro anos atrás.

Pisquei algumas vezes. Aquilo realmente era o que parecia. A bagunça na minha cabeça só aumentava. Inúmeras perguntas quiseram saltar da minha garganta.

— Por que só agora? Por que você não me ligou antes, Ava? Por quê? Eu não consigo entender...

— Medo, raiva. Por tudo!

Um dos meninos a cutucou e ambos ficaram cochichando. O outro me espiou por trás da perna da mãe e se escondeu novamente.

— Vamos lá, vocês não são tão tímidos assim.

Ava pegou os dois no colo e só então eles me olharam. Ainda pareciam um pouco envergonhados. Olhando com mais calma, peguei cada mínimo detalhe daquelas crianças e não havia dúvidas. Eles eram meus filhos.

Como isso era possível?

— Você quer um teste de DNA? Parece não acreditar no que está vendo — senti um toque de ironia.

Ignorei e dei um passo adiante. Hesitei dar o segundo passo para colocar as informações no lugar.

— Eu não sei o que dizer. Passei os últimos anos achando que era incapaz de ter um filho e agora... — queria sucumbir a emoção. — Ava, isso me assusta, mas é... maravilhoso — puxei os cantos da boca abrindo um sorriso inevitável.

Agora eu entendia o motivo de Ava não ter me contado durante a semana. Se ela tivesse apenas me contado, jamais acreditaria. Sempre deixei o pessimismo falar mais alto. Eu estava errado esse tempo todo. Devia ter acreditado nela naquele maldito natal.

Imaginei como teria sido se as coisas ocorressem de uma forma diferente. Se eu tivesse assumido a minha família e não a destruído. Imaginei

como seria sentir a barriga de Ava crescendo, carregando nossos filhos. Imaginei a sensação de segurá-los no colo quando eles eram bebês. Queria ter estado lá todas as vezes que eles choraram por ter ralado o joelho ou simplesmente por birra.

A emoção foi tomando conta, não a evitei. Perdi a habilidade de controlar meus sentimentos desde o momento que conheci Ava. Então, quando a primeira lágrima surgiu, deixei que ela rolasse.

Minha visão começou a nublar, ainda assim, vi os gêmeos descerem do colo de Ava e correrem na minha direção. Dobrei um joelho no chão, vendo-os se aproximarem.

— Tá doente, papai?

Papai. Nunca pensei que um dia seria chamado assim.

Um deles segurou a minha mão, o outro se aninhou debaixo do meu braço. Segurei os dois em um abraço bem forte. Agora eu não precisava mais imaginar como seria aquela sensação. A sensação do mais puro amor incondicional.

As lágrimas fluíam pelo meu rosto sem controle por estar realizando um sonho. Apreciei um pouco mais aquele momento e coloquei os pequenos na minha frente. Tão baixinhos, tão vulneráveis.

— Eu estava, mas não sabia. — Doente de ódio, rancor, orgulho. — Agora tudo vai ficar bem.

Conversei com os garotos por alguns instantes. Queria conhecê-los, queria que eles me conhecessem. Ava optou por não interferir no nosso momento.

Eles vieram para os meus braços novamente. Abracei o inacreditável. Dois milagres. Meus dois filhos. Aiden e Mason.

Minha vida agora teria um novo significado, com a certeza de que o vazio que eu tinha dentro do peito havia sido finalmente preenchido.



Ava

No dia seguinte, eu fui acordada pelos gêmeos caçando o pai por todo o apartamento. Eles começaram a chorar quando não encontraram Dion e só se acalmaram quando eu disse que o pai deles iria voltar depois.

Os meninos foram pra escola loucos para contar a novidade aos amiguinhos. Fui trabalhar tranquila por eles estarem felizes.

Eu ainda não defini se a conversa de ontem me dava uma nova perspectiva de vida ou família, como Dion havia dito. Sentia-me mais perdida do que nunca, apesar de saber muito bem o que queria. A questão era se eu seria capaz de assumir as consequências depois.

Ao chegar na Carter Inc., fui até a minha sala depois de cumprimentar brevemente as minhas amigas malucas.

Durante a manhã, eu e Vivian fizemos uma pequena reunião para definirmos como seria o nosso trabalho dali em diante. Ao final da reunião, vi a mensagem recém-enviada de Dion.

Almoça comigo?

Respirei fundo tentando raciocinar. Já havia combinado de almoçar com Tracy e Bonnie para contar a elas o que aconteceu.

Não posso, vou almoçar com as minhas amigas.

Ele insistiu:

Tudo bem, e depois do almoço?

Depois do almoço eu preciso trabalhar.

Sua resposta veio logo em seguida.

Avise Vivian que depois do almoço você vai trabalhar comigo.

Descarado...



— E foi isso. Dion conheceu os meninos e caiu de amores por eles e vice versa.

Tracy e Bonnie suspiraram apaixonadas.

— E agora?

— Depois daqui eu vou até ele para podermos conversar sobre tudo isso. Para solicitar novas certidões de nascimento e coisas assim.

— E vocês dois pensam em se reconciliar? — Bonnie deu uma última garfada no seu prato cheio de salada.

Balancei o canudinho nas minhas mãos para mexer o suco que estava tomando, com um turbilhão de coisas passando pela minha mente.

— Se dissesse que eu não penso nisso o tempo inteiro, estaria mentindo — respondi, sendo o mais sincera possível.

Tracy pegou as minhas mãos por cima da mesa.

— Olha só pra esse olhinho brilhando, Bonnie. — Corei ao perceber que era impossível esconder as minhas vontades delas. — Vamos combinar uma coisa, se Dion magoar você de novo, eu não estou nem aí se ele é riquíssimo ou se é o nosso patrão, nada disso me importa. Sabe o que vai acontecer se ele te machucar de novo? — Bonnie ao lado dela fez sinal de tesourinhas com os dedos e Tracy logo fez o mesmo, as duas com uma expressão engraçada e maquiavélica no rosto.

Segurei uma risada com a mão. No mesmo instante, recebi a mensagem de Carl comunicando que já tinha chegado ao restaurante.

— Bem, eu vou indo — avisei. — E não se preocupem, se Dion chegar a me magoar de novo, eu mesma dou a tesoura pra vocês.



O prédio em que Dion havia instalado a nova central do banco ainda passava por pequenas reformas, mas já estava noventa e cinco por cento pronto. Ficava a dois quarteirões da Carter Inc., bem no coração do centro comercial.

Na recepção, havia apenas uma funcionária. Eu me lembrava bem dela, o seu cabelo de um ruivo extremo e sua fala indiferente continuavam os mesmos.

— Onde a senhorita pensa que vai? — Ela perguntou.

— Ah, oi. Qual é o seu nome mesmo?

— Stacy, mas sou eu quem deveria perguntar o seu nome.

— O meu é Ava, não deve se lembrar de mim — contei reflexiva. — O senhor Volkmann está?

— Sim. Você tem hora marcada? — A voz dela ficou alta ao me ver andando em direção à porta sem lhe dar atenção.

— Não, não tenho — sorri pra ela, despreocupada.

Entrei sem bater na porta. A primeira visão que tive foi de uma mesa grandiosa com vários montinhos de papel empilhado. Dion estava atrás dela sem o paletó e a camisa com as mangas levantadas.

— Espero que não esteja pensando que vou redigir esse monte de coisa no computador — falei frustrada.

— Não, claro que não. Isso é serviço pra Lauren.

Um sentimento de satisfação se formou para afagar o meu ego.

Dion se aproximou, fazendo frente a mim com a sua parede de músculos. Passei meus olhos pela estatura dele, lembrando de como era bom tocá-lo e beijá-lo em cada limite incandescente de seu corpo.

— Achou o que procurava? — Olhei pra ele assustada, sem me dar conta do quão na cara estavam sendo os meus pensamentos.

Tomei uma lufada de ar, no fim não falei nada. A prepotência surgiu

em seus lábios e ele se encaminhou para onde estava antes, com um sorriso de êxito.

— Esqueça isso. Vem aqui, quero te mostrar uma coisa. — Dion procurou algo entre a bagunça que estava em sua mesa. Ele tirou um par de folhas grampeadas e as estendeu pra mim.

— O que é isso? — Perguntei ao não entender bulhufas do que estava lendo.

— É a solicitação de reconhecimento de paternidade. Essa é a cópia, o original já foi enviado pra justiça.

Deixei um sorriso escapar dos meus lábios, surpreendendo-me com a velocidade que ele fez aquilo.

Coloquei os papéis de volta na mesa e Dion me alcançou em frente a ela. Virei a cabeça para trás para olhá-lo. Seu olhar impiedoso era uma fonte de luxúria. Dizia muito sobre o desejo dele naquele momento.

Lambi os lábios, sentindo o seu gosto sem ao menos ser tocada. Observei Dion afrouxar a gravata como se estivesse com um calor sufocante. Por um momento, pensei em me debruçar em cima da mesa e deixar-me ser dominada por ele. Seria apenas colocar em prática o que já estava rolando no ar.

Foi quando pensei que não conseguiria mais segurar a inquietação no meio das minhas pernas que Dion soltou um pigarro seco, nos tirando daquele transe magnético.

— Eu queria te fazer um pedido. Gostaria de buscar os meninos na escola e levá-los até a minha casa hoje.

— Ok — falei me abanando.

— Na verdade, o meu pedido é que você venha com a gente porque acho que eles se sentiriam mais seguros com você por perto.

— Certo, eu vou ligar para a babá avisando que ela não precisa buscá-los na escolinha hoje. Eles saem às quatro.

— Obrigado. — Meneei a cabeça e me movi em direção à porta, mas parecia que quanto mais rápido andava, menos distância eu percorria. —

Espere, Ava! Só mais uma coisa.

Aquela aproximação foi fatal. Quando me dei conta, a língua dele já estava dentro da minha boca ajudando a persuadir os meus desejos. Suas mãos assumiram o controle do meu corpo e eu fiquei a mercê dele, sem exercer nenhuma resistência, sem resistir aos seus lábios que desceram para meu pescoço fazendo a minha estrutura ameaçar vir abaixo. Nem às suas mãos que subiram por debaixo da minha saia alcançando o tecido fino que cobria minha intimidade.

— Me diz que você sentiu falta disso tanto quanto eu? — A sua voz grave correu feito um arrepio da cabeça aos pés.

— Eu... Preciso ir embora — saí sem deixá-lo dizer qualquer coisa.



Na parte da tarde, eu tentei arquitetar algumas estratégias visando o crescimento da nossa receita bruta, uma vez que deveríamos fazer a empresa crescer de forma anormal em um mês. Estávamos sob uma vigília nem um pouco flexível.

O alarme do meu telefone tocou para me lembrar de ir buscar os meninos na escola. Avisei Vivian que estava saindo mais cedo, porém que compensaria as horas depois. Acalmei o meu coração para encarar o pai dos meus filhos depois do momento insano de mais cedo. Do hall da empresa, eu conseguia ver o carro de Dion. Ele estava do lado de fora com a ansiedade tomando a sua expressão e seus gestos.

— Você que está dirigindo? — Perguntei ao chegar perto dele.

— Sim, por quê?

— Eu esqueci de um detalhe. Geralmente a babá os busca de carro próprio e, para andar de carro, eles precisam usar cadeirinha.

Dion não parecia nem um pouco preocupado. Abriu a porta de trás do seu SUV para me mostrar o carro equipado com duas cadeirinhas apropriadas para a idade dos gêmeos.

Olhei para ele desconfiada.

— Como você sabia disso? — Perguntei.

— Tenho um amigo que foi pai recentemente, peguei algumas dicas com ele. — Levantei uma sobrancelha.

— E quem seria esse seu amigo?

— Andrew — Dion captou minha reação. — Você nem imagina quem é a mãe — atiçou mais um pouco.

— Quem?

— É uma longa história.

Dion abriu o carro pra mim, disfarçando seu semblante de vitória. Ele não quis me contar sobre Andrew e eu só queria saber quem era a coitada que teve um filho com aquele enxerido. Dion deu a partida no carro enquanto eu falava o endereço de onde os meninos estudavam.

— Eles adoraram você — confidenciei, olhando Dion ao volante.

— Sério? Eu não fiz absolutamente nada para eles gostarem de mim — respondeu com modéstia.

— Você é o pai deles, já fez muita coisa — fiz uma pausa. — No começo, eles ficaram com medo porque te acharam alto.

Dion soltou uma risada suave.

— E eu achei eles tão... pequenos, ainda mais quando vi as fotos do álbum — ele estava com falas e gestos despretensiosos. Havia muita autenticidade nele. — Eu amei tudo sobre ontem. Nunca imaginei um momento como aquele.

Martirizei-me por ter tirado aquela alegria dele por tanto tempo. Se eu tivesse sido menos orgulhosa, eu poderia ter promovido aquele encontro bem antes.

— É ali — apontei logo mais à frente, onde algumas pessoas estavam aglomeradas.

— A escola é particular?

— Sim, as municipais são boas também, mas acabei optando por essa.

Descemos do carro e fomos para mais perto da entrada.

— Você quer entrar e fazer uma surpresa? — Propus.

— Acha que eles ficarão felizes em me ver?

— Eu tenho toda certeza. Vai lá. — Imaginei a carinha de felicidade dos meus bebês. Eles mereciam aquilo.

Dion abriu passagem entre as mães que estavam ali para buscar os seus filhos e vi cada rosto se virar para observá-lo.

Distraí-me mexendo no celular, algum tempo depois, me dei conta de que Dion estava demorando lá dentro. A multidão na porta estava se dispersando e muitas mães já saíam com os seus filhos.

Guardei meu celular e fui verificar o que tinha acontecido, provavelmente a professora não liberou os gêmeos para irem com Dion. No entanto, quando subi a rampa, pude vê-lo com os meninos no colo e meia dúzias de mães ao redor dele. Ele estava tentando ser simpático, porém as outras senhoras claramente queriam tirar não uma casquinha, mas um pedaço gigantesco dele.

Aproximei-me com o cenho franzido, observando a cena. Mason pulou para o meu colo ao me ver. Fitei Dion, ele parecia feliz de eu livrá-lo daquelas mães sedentas.

— Vamos lá, então? — Disse pra ele se apressar.

— Vamos.

— Nossa, elas não vão parar de falar de você até os gêmeos entraram no colegial — comentei quando nos afastamos.

— O quê, não! Elas só estavam tentando ser solidárias com um pai inexperiente feito eu, Ava.

— Ah tá — ele riu e eu também ri daquele absurdo.

Dion colocou os gêmeos nas cadeirinhas com uma habilidade incomum para um pai iniciante.

Não queria dar o braço a torcer tão cedo, mas parecia que ele tinha feito um curso intensivo de como ser pai de gêmeos de ontem pra hoje.

— Tudo bem, eu precisei ver alguns vídeos na internet para não passar vergonha — confessou.

O que eu estava vendo naquele dia era completamente diferente do que já havia vivenciado. Dion estava mais compassivo, mais humano. Não parecia mais aquele homem inatingível.

Fomos para a área mais nobre de Nova Iorque para conhecer o apartamento de Dion. Ele fez o caminho todo dividindo a sua atenção entre a nossa duplinha no banco de trás e mim. Ele tinha muito jeito com crianças, parecia ter nascido para ser pai.

No momento em que Dion entrou na garagem subterrânea, eu estranhei por não ser o mesmo apartamento que ele tinha e eu conhecia. Deixei o carro e fui atrás dele segurando Aiden no colo, ele levava Mason. No elevador, os meninos falaram sem parar sobre a reação dos coleguinhas ao contarem que eles também tinham um pai. Então Dion nos encaminhou para a única porta do seu andar.

A governanta veio nos receber, ela tinha um sorriso simpático e ficou boquiaberta quando viu as crianças.

— Júlia, esses são os meus filhos. Esse é o Mason e esse é o Aiden — falou apontando para cada um, porém com um pouco de receio. Até eu confundia quem era quem às vezes.

— Que crianças adoráveis, eles são iguaizinhos a você. — Dion olhou orgulhoso para os meninos.

— E essa é a Ava. Você deve se lembrar dela. — Ofereci um sorriso gentil. Nós já nos conhecíamos de São Francisco.

Dei uma olhadela pelo apartamento conforme os gêmeos começaram a explorar o local.

— Gostou? — Dion sussurrou ao meu ouvido, achei que iria desabar como um castelo de cartas.

— É o lugar perfeito para um homem solteiro e sem filhos.

— A gente pode sair agora mesmo e procurar um lugar que seja perfeito para nós quatro.

Olhei na direção dele, percebendo sua persuasão.

Os meninos passaram correndo por nós. Chamei-os e, com muito custo, eles vieram até mim.

— Era isso que você queria mostrar? — Perguntei.

— Não. Na verdade, eu não queria mostrar e sim contar o que eu estou pensando em fazer — ele começou a subir as escadas com as crianças atrás. Não pude fazer nada senão seguir.

No segundo andar, se estendia um corredor enorme com diversas portas, Dion abriu uma delas. Era um cômodo vazio, somente com algumas caixas no canto.

— Essa é uma das suítes. Eu queria fazer um quarto para os gêmeos aqui.

Adentrei o cômodo para ter noção do quanto ele era grande. Os meninos entraram e ficaram pulando próximo a janela, pedindo pelo quarto.

— Você ainda não me falou o que acha — Dion chamou a minha atenção, o ignorei.

Voltei para a porta e encostei a cabeça na soleira, percebendo a alegria dos meus pequenos. Pensei no que seria melhor pra eles, mesmo que o meu coração de mãe não quisesse dividi-los com mais ninguém.

— Eles nunca dormiram longe de mim — confessei desanimada.

Dion percebeu a minha apreensão e fez a sua mão encontrar a minha, fazendo-me sentir o calor e a maciez do seu toque.

— Você não precisa dormir longe deles, Ava.

A minha mente vagava longe. Eu só pensava nos aspectos bons de tudo aquilo que ele falava e, quando os ruins começaram a chegar, eu soltei a mão dele e me afastei. Dion parecia achar que era só colocar um band-aid por cima do nosso passado que tudo seria curado, agora eu precisava mostrar-lhe que as coisas não se resolviam fácil da forma que ele estava pensando.

— Eu já percebi que você está tentando, Dion. Mas você vai ter que se esforçar mais.

Chamei os meninos de volta e o deixei lá.



Ava

Dezenas de ligações não atendidas, mensagens sem respostas e vários “nãos” para as tentativas de me chamar pra sair. Na última semana, tive Dion em minhas mãos e, pior, eu estava gostando daquele joguinho do desprezo.

Quanto mais negativas ele recebia de mim, mais louco ficava. Encarei tudo como uma vingancinha. Se Dion quisesse ficar comigo, deveria me mostrar que não desistiria na primeira oportunidade.

Nos últimos dois dias, ele teve contato com os gêmeos e a babá, mas há três expedientes não me mandava mensagens e nem inventava desculpas pra eu aparecer na empresa dele.

Meus pensamentos dispersaram quando recebi uma mensagem de Dion avisando que precisava falar comigo e Carl já estava a minha espera lá embaixo.

Peguei minha bolsa e desci para encontrar o motorista. Nem sei por qual motivo Dion o mandou, dali até o banco eram cinco minutos a pé e não precisávamos encarar o trânsito.

O prédio do banco Volkmann se encontrava pronto e perfeito, estava tão movimentado quanto a sua antiga central. Entrei na sala onde Dion parecia já estar a minha espera, sentado na beirada da mesa com os braços cruzados.

— E então? — Perguntei, mantendo uma determinada distância.

— Está tudo acertado. Mason e Aiden são oficialmente meus filhos.

— Você só precisa ver e assinar o acordo de pensão e os dias de visita do meu cliente — Andrew apareceu no meu campo de visão segurando um copo de uísque.

— Ah claro — bufei, percebendo o pequeno complô.

Segurei o documento e li brevemente. Nele falava sobre a mudança no sobrenome dos meninos e que no domingo era obrigatório que Dion ficasse com eles, mas poderíamos discutir sobre aumentar os dias de guarda. A única coisa que me chamou atenção foi o valor exorbitante da pensão alimentícia.

— Lembra da conta que eu abri pra você alguns anos atrás? — Mexi a cabeça respondendo que sim. — Eu a transferi pra cá. O valor combinado da pensão será depositado nela.

— Eu não tenho mais o cartão. Ficou em São Francisco.

Dion pegou o acordo e me deu um envelope, senti pelo conteúdo que era um cartão. Poderia ele ser mais eficiente?

— Tomei a iniciativa de fazer uma conta poupança pra eles. Ela também constará em seu nome e eles poderão movimentá-la quando atingirem a maioridade.

Imergi minha visão em Dion. Toda aquela conversa sobre dinheiro me dava repulsa, mas não podia culpá-lo por querer oferecer o melhor para os filhos. Ele me devolveu um olhar flamejante de impetuosidade, perguntei-me onde estava o homem acessível que eu tinha conhecido dias atrás.

— Nos dê licença, Andrew — Dion pediu com cuidado.

O amigo dele nos deixou, sem esquecer o olhar arbitrário pra mim.

Apesar de não gostar da ideia, eu cogitei conversar com Andrew depois. Ele tinha as gravações do prédio e talvez pudesse me ajudar a provar o que aconteceu nas madrugadas em que Bruce invadia o apartamento em São Francisco.

Um momento de silencio claustrofóbico tomou o ambiente. Precisei cortá-lo.

— O que aconteceu, Dion?

— Eu resolvi te dar um tempo. Não era isso que você queria? — Soltei o ar pesadamente.

— Eu queria que você parasse e pensasse em tudo o que estava fazendo. Você achou mesmo que me seduzir e arranjar um quarto na sua casa para os meninos faria tudo se resolver como num passe de mágica? — Os olhos dele se desviaram para o chão enquanto cruzava os braços.

Ah meu Deus, ele realmente achou.

— Na verdade, eu achei que em algum momento você pararia de me culpar. Já passou pela sua cabeça que essa situação poderia ter sido evitada se você tivesse me procurado antes? Mason e Aiden têm três anos, Ava! *Três* anos! — Sua voz aumentava o tom gradativamente. — Não é como esconder uma carta ou um segredo. São crianças! Eu não acho justo que você tenha escondido eles de mim. Não, muito longe disso, mas nem por isso eu estou pedindo que você rasteje aos meus pés para, quem sabe talvez, eu possa perdoá-la.

Pisquei algumas vezes.

— Você só se esqueceu que eu nunca escondi a minha gravidez. A única coisa que faltou foi você acreditar em mim em vez de me expulsar da sua vida daquela forma — respondi, segurando as lágrimas como podia.

Percebi Dion abaixar a cabeça em penitência. Ele caminhou um pouco pela sala.

— Passado algum tempo da morte da minha mãe, eu procurei por você para ouvir uma explicação ou o que fosse e, quando não te encontrei, eu passei a acreditar que toda aquela história era o que parecia. É fácil demais apontar o dedo e colocar a culpa em alguém, não é? Eu pelo menos assumo os meus erros. Eu estava errado o tempo todo — suspirou. — Errado por não acreditar em você, por não ter te procurado até o fim do mundo, por ter aceitado a derrota tão facilmente para no final amargurar os anos sem ter acompanhado o crescimento dos meus filhos.

Desviei os olhos para a janela, fechando-os em seguida. Sabia que esconder os gêmeos dele não fez justiça nem aos meninos e nem ao pai. Foram anos perdidos que poderiam ter sido aproveitados se eu não tivesse

sido tão medrosa e egoísta.

— Eu só queria que você se colocasse no meu lugar ao menos uma vez, Ava. As coisas foram ruins pra você nesses quatros anos, pra mim também não foi às mil maravilhas — falou suavemente. — O que você faria se descobrisse que a mulher que você ama está grávida, mas a possibilidade de você ter um filho é inexistente? Não, melhor, o que você faria se a mulher que você ama diz estar grávida, mas você não pode ter filhos e um tempo depois assiste uma gravação mostrando uma possível traição dela?

— Eu não sei, mas com certeza não faria o que você fez — olhei pra ele, falhando em não deixar que as lágrimas rolassem.

Sem mais nada a dizer, fui embora após assinar o acordo de pensão. Eu estava em pânico por ter que lidar com tanta coisa de uma só vez. E a culpa era toda minha. Devia saber que nada naquele mundo ficava encoberto, sempre tinha uma ponta solta que, se puxada, podia causar uma grande catástrofe. Hoje eu estava aprendendo isso e, sim, a mensagem foi compreendida com sucesso.



Duas semanas depois, o quarto dos gêmeos na casa de Dion ficou pronto e aquela seria a primeira noite que eles iriam dormir fora de casa. Eu e ele combinamos que, quando estivéssemos com os meninos, o centro das atenções deveria ser eles e nunca nós mesmos e funcionou.

— Quem é que vai dormir na casa do papai? — Perguntei ao ouvir a campainha.

— Eu! — Os bracinhos deles balançaram no ar.

A Senhora Woods abriu a porta para Dion. Os meninos saíram correndo para a sala com a mochila nas costas.

Cumprimentei-o, segurando os ursinhos dos gêmeos.

— Vamos então? — Todos concordaram.

Partimos para o apartamento de Dion. Havíamos planejado que eu ficaria lá até verificar que os gêmeos se sentiriam confortáveis para dormir

longe de casa. Se não desse certo, ele nos traria de volta.

— Você está bem? — Dion me olhou preocupado quando chegamos.

Tudo aquilo estava sendo novo pra mim. Não queria nem pensar na sensação que teria ao chegar em casa sabendo que os meus bebês foram deixados em outro lugar, mas precisava admitir que daquela forma era melhor. Os gêmeos haviam conhecido o pai e este estava sendo maravilhoso para eles. Eu tinha que reconhecer que os meus filhos não eram só meus, ainda assim eu não podia controlar o que o meu coração sentia ou deixava de sentir.

— Acho que tudo será uma questão de costume — tranquilizei.

Aiden e Mason já estavam descobrindo o quarto novo que tinha tudo o que eles precisavam e um pouco mais. A decoração era perfeita e baseada nos personagens que eles amavam. Foi impossível não se contagiar com a alegria deles.

Júlia fez um jantar delicioso e logo chegou a hora dos meninos irem para a cama. Certifiquei-me de que eles escovassem os dentes antes de dormir e orientei Dion a conferir quando terminassem porque eles não gostavam nem um pouco de escovar os dentes.

Fiquei na beira do colchão, os pequenos decidiram dormir juntos na mesma cama. Meus olhos se encheram de ternura ao observar Dion lendo um livro de histórias fantásticas pra eles, fazendo teatro e tudo o que tinha direito. Pensei que seria difícil, mas eles logo dormiram abraçando um ao outro.

Levantei-me para ir embora depois de ficar um bom tempo olhando pra eles, conferindo se estava tudo bem.

— Deixe a porta do seu quarto e a do deles entreaberta — pedi.

Dion me parou quando eu estava indo rumo à escada.

— Durma aqui. — Olhei pra ele levantando as sobrancelhas. — Tem um quarto de hóspede preparado caso queira. Pelo que percebi, você não vai conseguir dormir longe deles.

— Hum...

— Não tem segundas intenções. Eu juro.

Não? Meu subconsciente reclamou.

— Hum... É, talvez seja melhor — fingi que não tinha cogitado aquela possibilidade.

Ele me vigiou até eu entrar no quarto ao lado. Tirei o casaco e entrei no banheiro procurando minha escova de dente dentro da bolsa. Fiz a higiene bucal e pulei para debaixo do edredom, depois de tirar o restante da roupa. Virei de um lado para o outro na cama como se estivesse em uma chapa quente.

Dion estava dormindo a duas portas dali e entre nós havia os dois pequenos anjos que tínhamos feito. Imaginei como ele estava se sentindo comigo e com os filhos dormindo sob o mesmo teto. Aquele fato colocou um sorriso no meu rosto. Há um mês eu não acreditaria que aquilo poderia acontecer.



O frio nos meus pés me fez despertar. Levantei para procurar outro cobertor e ouvi a voz dos meus meninos bem baixinho. Peguei um roupão no banheiro e saí para ver o que tinha acontecido. Cheguei até o quarto ao lado, seguindo as vozes.

Os gêmeos estavam chorando e Dion tentava acalmá-los. Eles balbuciavam coisas impossíveis de entender. Fiquei parada na porta, observando Dion tentar lidar com eles. Estava ajoelhado próximo a cama e os gêmeos sentados na beirada abraçando-o. O pai sussurrava pra eles que iria ficar tudo bem.

Provavelmente Mason ou Aiden teve um pesadelo, daí, ao acordar em um lugar desconhecido, ficaram aterrorizados.

— Papai, *quer* mamãe — Aiden pediu chorando. Mason soluçava do lado.

Dion olhava os dois com pena, sem saber o que fazer.

Com o coração em frangalhos, eu me aproximei da cama para que os

meus filhos vissem que eu estava lá.

— Eu estava tentando contornar a situação sem ter que te acordar — ele explicou.

Julia apareceu à porta trazendo duas tigelas de mingau. Dion devia ter interrompido o sono dela. Os meninos se acalmaram depois de se deliciar com o lanche da noite e eu assegurar-lhes que estava tudo bem.

Após isso, coloquei os gêmeos na cama de novo e velei o sono deles por um tempo, beijando as suas bochechinhas angelicais.

Parei para assistir Dion no outro lado da cama se segurando para não roer as unhas de tanta ansiedade. Era a primeira noite dele com os filhos, eu podia ver a sua preocupação em tentar fazer tudo certo.

— Vai ser melhor das outras vezes. Essas coisas levam tempo, Dion. Você vai errar e vai acertar. Não existe receita a ser seguida — senti a necessidade de dizer aquilo.

— É por isso que preciso de você. A única coisa que eu sei sobre paternidade foi o que aprendi com o meu pai e não quero ser igual a ele.

— Você não é como ele e não vai ser um pai como ele.

Dion respirou com alívio e se levantou, fiz o mesmo. Despedimo-nos no corredor. Antes de entrar no quarto de hóspedes, eu quis levantar uma bandeira branca e colocar um pouco de paz nas nossas vidas.

— Eu admito que estava errada.

— O quê? — Ele parou de supetão e me olhou, franzindo os olhos.

— Eu estava errada por não ter falado sobre os meninos antes e também estava errada por não fazer isso por ter medo de você rejeitá-los ou não ser o pai incrível que você está sendo.

— Por que está dizendo isso?

Dion se aproximou até ficar a um passo de mim.

— Porque eu me preocupo de a gente tentar reparar os nossos erros com mais erros.

Ele concordou.

— O que você sugere então?

— Acho que precisamos determinar o que será de nós daqui pra frente.

Dion tocou o meu rosto, olhei-o sem reservas, talvez aquela fosse a primeira vez que me afundei no azul dos seus olhos sem medo do que encontraria.

— A minha resposta você já tem, basta agora saber o que você quer.

— Resposta sobre o quê?

— Desistir ou tentar de novo — esclareceu.

Vi seus olhos beirando o limite do desespero, esperando por uma resposta.

— Você acha que vale a pena voltar e começar de novo? — A agonia também se fez perceber na minha voz.

— Eu acho que se nos encontramos aqui depois de tanto tempo é porque alguém lá em cima acha que *nós* valemos a pena.

Suspirei, fechando os olhos. Dion segurou as minhas mãos e deixou um beijo suave no topo da minha cabeça. Ele falou as palavras que eu queria ouvir novamente.

Quando Dion reapareceu na minha vida, eu vivia em uma constante batalha entre o sim e o não, entre a dor e o desejo, entre o certo e o errado. E, naquele momento, o meu lado otimista falou mais alto.



Ava

Qual roupa você usaria em um jantar romântico com o seu ex?

Mandei a mesma pergunta para as minhas amigas.

Espere aí. Vamos conversar mais sobre isso, mocinha. É quem eu estou pensando que é? — Tracy respondeu primeiro.

Depende, qual é a imagem que você quer passar? "Estou desesperada para ter o seu corpo nu novamente" ou "Sabe esse salto? É com ele que eu vou pisar em você." — A mensagem de Bonnie chegou logo depois.

Quem você pensa que é? — Mandei pra Tracy.

Talvez os dois? — Respondi pra Bonnie.

Analisei o meu guarda-roupa para ver as opções que eu tinha. A grande maioria era roupas de trabalho, consegui achar somente dois vestidos que poderia usar naquele encontro. O azul *royal* e um preto que eu tinha usado na boate. Acabei escolhendo o azul.

"Eu usaria o azul então, acho que é o único vestido sexy e requintado que você tem mesmo." — Bonnie respondeu, debochada como sempre.

"Começa com D e termina com N, Dylan." — A mensagem de Tracy me arrancou algumas risadas. Ela sabia que não era a Dylan que eu estava me referindo.

"Dylan e eu nunca namoramos, sua louca!" — Respondi esclarecendo.

Lembrei-me do porquê tinha mandado mensagem pra elas. O vestido era o de menos, eu estava muito ansiosa para aquele encontro. Eu e Dion concordamos em recomeçar a nossa história. Não havia para onde correr, já havíamos chegado ao fim e agora voltaríamos para o começo.

Os gêmeos estavam distraídos na casa da babá e optei por Dion não subir até o apartamento para não os tirar do foco. Despedi-me das meninas depois de ter anotado mentalmente todas as dicas delas. Olhei no espelho após colocar o vestido que elas me orientaram. Escovei a raiz do meu cabelo e mantive as pontas onduladas.

Eu tinha saído com alguns caras desde Dion, mas não levei nenhum para os finalmente. Trazer homem na minha casa estava fora de questão, também ficava insegura de sair para algum lugar mais privado. Eu sempre tive sérios problemas de confiança e com o tempo aquilo só piorou.

Minutos depois, recebi a mensagem de Dion avisando que já tinha chegado. Fui até o apartamento ao lado e dei um beijo nos meus filhos, jurando que não demoraria.

Ao chegar no hall do meu prédio, vi Dion parado próximo a recepção. Ele usava um sobretudo preto por cima de um terno também preto. Soltei uma lufada de ar para transpirar o calor que eu senti instantaneamente ao vê-lo.

Dion se virou para me observar me aproximando. Parei os passos no mesmo instante que ele subiu os olhos pelo meu corpo e fixou no meu rosto. Sua expressão fechou em um furor indomável e seus pés vieram apressados para o meu lado.

O furor de antes se transformou em suavidade quando a boca dele tocou a minha e as suas mãos reivindicaram a minha cintura. Os lábios de Dion assumiram o controle dos meus e sequer pensei em reagir. A única coisa que pensei foi que eu precisava de uma calcinha seca.

— Você é a segunda coisa mais linda nesse mundo — disse, abaixando seus olhos e focando no meu decote.

— Segunda? — Perguntei intrigada.

— Sim — sorriu. — O primeiro lugar está empatado.

Meu bom humor me permitiu rir ao me dar conta de quem estava no topo.

Dion pegou a minha mão e me levou até o carro. O ronco do motor me deixou um pouco assustada. O carro esportivo parecia muito potente e perigoso, assim como o dono.

— Os gêmeos já estão dormindo? — Perguntou.

— Não, estão com a babá vendo filme.

— Me lembre de levá-los ao cinema ou assistir algo lá no meu apartamento.

— Claro. — Fitei-o por um instante. Não precisava de um espelho para saber que os meus olhos estavam brilhando de encanto.

A viagem de carro foi rápida enquanto conversamos trivialidades do dia a dia.

Dion me levou a um restaurante no bairro em que morava. A fachada enganava um pouco, mas por dentro havia uma estrutura que dizia muito sobre o charme da cidade. Havia gente rica por toda parte, mas o ambiente era bem humilde e acolhedor.

Uma mulher nos encaminhou para a mesa do canto, ao lado da janela.

Olhei curiosa quando Dion puxou a cadeira pra mim. Nós nunca tivemos um encontro oficial. Estávamos fazendo aquilo pela primeira vez depois de termos nos apaixonado, nos separado e tido dois filhos. Era estranho, mas achei um bom recomeço.

— Gostou? — Dion perguntou depois de observar a minha expressão.

— Esse lugar é incrível!

Ele cobriu as minhas mãos com as dele.

— Bom saber que eu ainda sei um pouco sobre os seus gostos.

O *maitre* se aproximou de nossa mesa e fizemos nossos pedidos.

— E então, me deixe conhecê-la melhor, senhorita Banks — Dion perguntou de forma engraçada.

— O que quer saber? — Decidi entrar na jogada dele.

— Me conte como é ser uma mulher linda, de negócios e mãe de dois. — Um sorriso de canto de boca surgiu no meu rosto.

— Longa história...

Ele pegou a taça que o garçom havia acabado de encher e saboreou o vinho que tinha escolhido.

— A noite está apenas começando. — Dion me olhou por cima da taça com seus olhos libertinos e a última coisa que eu queria fazer com ele naquele momento era conversar.



Após uma agradável conversa sem tocar em questões delicadas para ambos os lados, Dion encerrou a conta e me levou de volta pra casa.

— Você já contou pra alguém sobre os gêmeos?

— Só para Andrew — Dion observou a minha reação —, porque, além de meu amigo, ele é meu advogado e me ajudou com a parte jurídica — justificou.

— E para o seu pai?

— Não. — Meneei a cabeça.

— Olha, pra mim tudo bem se contar — esclareci. — Ele deve ficar feliz em saber que tem dois netos.

— É, talvez — deu de ombros.

Cheguei à conclusão de que ele não queria que Mason e Aiden tivessem contato com o avô.

Na porta do meu apartamento, Dion pediu para ver os gêmeos. A babá estava na sala quase adormecendo e deu um pulo quando nos viu. Ela foi embora após me confirmar que os meninos haviam se comportado bem.

Tirei o meu sobretudo, peguei o de Dion e coloquei no cabideiro perto da porta. Antes de chegar ao quarto dos meninos, ele me agarrou por trás e distribuiu beijos pelos meus ombros e pescoço. Lutei para não me entregar a

ele naquele instante, mas, se Dion esqueceu que tinha dois garotinhos no quarto mais próximo, eu me lembrava.

Empurrei-o suavemente e peguei em sua mão.

— Vem aqui.

Abri lentamente a porta semiaberta dos nossos filhos e puxei Dion atrás de mim. Ele se pôs às minhas costas e me abraçou, fazendo o mesmo que eu: admirando a perfeição dos nossos meninos.

— Eu amo esses momentos — disse no meu ouvido, parecia realmente orgulhoso pelo simples fato de observar nossos pequenos anjos dormirem.

Fui até a beira da cama de cada um e beijei o rostinho deles, desejando que tivessem bons sonhos. Fechei a porta ao sair, deixando apenas uma fresta.

Momentos depois, Dion me prensou na parede, segurando os meus braços no alto e pressionando a sua ereção em mim.

— O que você está fazendo? — Perguntei procurando o fôlego.

— Tem certeza que não sabe o que estou fazendo?

— Somos pais agora, não dá para fazer sexo em qualquer canto da casa — expliquei.

— Tudo bem — ele me pegou no colo e empurrou a porta do meu quarto.

Dion me deixou na cama e arrancou o paletó, depois me prendeu debaixo dele, logo senti uma das mãos subir pela minha perna até se enfiar no meio das minhas coxas.

— Você cuidou bem disso pra mim? — Perguntou, acariciando-me por cima da calcinha.

Arfei com a tensão tomando o meu corpo. Agilizei o processo ao tirar a camisa dele com aflição.

— Há quanto tempo você não faz isso? — Questionei sem timidez.

— Não há menos tempo que você — replicou abrindo um sorriso

sacana.

Não contive uma risada. Ele não poderia estar falando sério.

— Não minta pra mim. Está tudo bem se você tiver passado o rodo em São Francisco.

— Eu não estou mentindo.

Franzi as sobrancelhas.

— E quanto a Lauren?

Ele saiu de cima de mim e se deitou, frustrado. Fiquei no mesmo lugar, olhando para o teto com as paranoias rondando a minha mente.

— Não quero falar sobre os meus funcionários agora.

— Quer dizer que você e a Lauren nunca...?

— Não. Por que é tão difícil acreditar que não? — Questionou chateado.

— Porque você é solteiro, ela dá em cima de você o tempo todo e...

— E? — Interrompeu-me.

— E é só juntar dois mais dois.

— Confesso que já pensei nessa possibilidade, mas ele não quis — Dion apontou para o meio de suas pernas sem jeito.

Sentei na cama e olhei para onde ele havia apontado.

— Oh, pobre garoto — estendi a mão para tocá-lo.

Passei a mão superficialmente por cima, a reação dele foi imediata, ficando duro feito pedra.

— Olha a felicidade desse bastardo — disse com descontentamento apesar de eu ter percebido o humor em sua voz. — Você escravizou ele!

Suprimi uma risadinha.

— Sorte sua que pretendo resolver isso agora — pisquei.

Fiquei por cima dele e trilhei o seu peito com beijos molhados

enquanto Dion puxava o meu vestido para cima. Desabotoei a calça e acariciei o seu pau abaixo de mim, absorvendo os seus gemidos que aumentavam ainda mais o meu apetite.

Vi-me ansiar por ele dentro de mim logo, não queria perder tempo com preliminares.

— Ainda não — ele solicitou antes de eu consumar o nosso desejo. — Deixa eu ver você. — Fitei-o sem entender nada. — Tira a roupa, quero ver você.

Desci da cama com relutância por ter que me afastar da sua pele quente e puxei o fecho lateral do vestido, empurrando-o pra baixo. Tive um pouco de ansiedade, pois dei a luz a duas crianças e o meu corpo não era mais como antes, porém não me envergonhei – sei que não foi pelo meu corpo que Dion se apaixonou por mim.

Desabotoei o sutiã e tirei a calcinha. Fiz tudo com Dion na minha frente sem ao menos piscar. Seus olhos passearam por cada parte do meu corpo, o olhar dele era tão intenso que momentos depois eu já queria me cobrir com algo para desviar a atenção dele.

— Sei que não é como antes... — comecei, referindo-me ao meu corpo.

— Realmente não é. — Minhas mãos partiram imediatamente para cobrir as partes essenciais. — Você está ainda mais gostosa. — Soltei o ar que estava prendendo e dei um sorriso aliviado. — Agora, vem pra mim.

Conforme eu voltava para a cama, ele tirava o restante das roupas. O seu membro totalmente ereto apontando para a barriga fez a minha boca salivar.

Dion trouxe as suas mãos até os meus seios e os acariciou sem pressa, tomando os meus lábios com beijos cheios de volúpia. As minhas mãos também brincaram com ele, percorri o seu rosto, costas e braços, apreciando a sua musculatura que tiraria qualquer mulher do sério.

Quando o atrito entre a minha abertura e o pau dele já não estava mais sendo suficiente, eu quis dar fim àquela espera. Endireitei o seu delicioso membro bem abaixo de mim. Com a ponta, rocei ele pra cima e pra baixo algumas vezes, pegando Dion de surpresa e fazendo ele me agarrar ainda

mais forte, percebi que aquilo era uma ordem para que eu fosse além.

Comecei a deslizar sobre o seu pau e me agarrei ao seu pescoço, sem tirar os meus olhos dos dele. Eu senti uma pontada de dor à medida que ia mais fundo, mas era totalmente suportável. Reuni todo o meu autocontrole para não acabar com a nossa festinha rápido demais.

Fechei os olhos e, por um momento, fiquei com medo de abri-los novamente e descobrir que o que estava acontecendo era fruto da minha imaginação, como havia acontecido várias vezes antes.

Dion apoiou as suas mãos para trás, dando-me mais espaço para poder me movimentar. Fui me mexendo conforme o meu desejo aumentava. Eu trazia o meu corpo junto ao dele como uma dança sensual.

— Puta que pariu, Ava — rosnou. — Você é tão boa nisso.

Mordi os ombros de Dion sempre que meus gemidos ameaçavam sair altos demais e abafava as súplicas dele com meus beijos.

O controle escorregava das minhas mãos, a vontade de chegar logo ao clímax me sufocava, mal percebi quando os movimentos aumentaram e Dion forçava o quadril pra cima para aumentar a nossa conexão.

Aquele orgasmo se formando em mim era violento, mas viria para libertar o meu corpo da agonia de não ter o homem que eu amava por quatro anos.

Dion pegou minhas coxas e as puxou, obrigando que eu aumentasse o ritmo dos movimentos. Toda a delicadeza evaporou e eu me permiti perder o controle. Eu me esqueci de como era ter compostura na hora do sexo – se é que já tive algum dia – e fiz somente o que o meu corpo mandou. A partir daí, já não havia mais pudor, eu me mexia desengonçadamente com o único objetivo de sentir o orgasmo me possuir. Dion amassava o meu bumbum, ouvi cada vez que ele puxou o ar entre os dentes. Ele também estava quase lá.

Quis gritar quando a onda de prazer veio, fazendo eu me contrair em torno dele. Com o corpo em espasmos, eu abracei Dion, arranhando suas costas e aproveitando cada incomparável segundo daquela sensação deliciosa. Senti o seu gozo subir quente por entre minhas pernas e então ele me abraçou de uma forma que poderia cobrir o meu corpo com o dele.

O entusiasmo foi diminuindo, beijei-o no rosto ternamente até chegar nos seus lábios prepotentes. Beijamo-nos sem pressa a medida que o suor do nosso corpo secava.

Olhei brevemente pra ele e uma risada surgiu de forma espontânea. Passei o indicador pelo nariz dele e desci para a boca, então Dion beijou o meu dedo e ficou me observando.

— Eu te amo — falei, como quem diz “oi” ou “olá”. — Mas você precisa ir.

— Ah não! — Ele se enroscou a mim como uma criança fazendo pirraça. — Por quê?

— Porque não quero que os gêmeos acordem e criem expectativas com você aqui.

Dion respirou fundo, entendendo que aquilo também não era a minha vontade. Ele concordou com a cabeça ainda que com hesitação e me beijou.

— Eu te amo também — seus dedos percorreram o canto da minha boca. — Amo tanto que às vezes dizer “eu te amo” parece não ser suficiente. — Abri um sorriso enorme com algumas lágrimas pretendendo cair.

Levei Dion até a porta depois de ele se vestir. Ele me deu um último e apaixonado beijo antes de sair. Quando foi embora, fiquei me questionando tudo o que eu ainda precisava esclarecer sobre o passado. Havia pequenas coisas, mas o que mais me incomodava era tudo sobre Bruce.

O maldito Bruce!

Dion não reagiria bem quando soubesse o que ele fez comigo, aquilo era um fato. No entanto, eu buscaria todas as maneiras de diminuir o impacto daquela revelação. E era por isso que eu precisava falar com Andrew.



Ava

Coloquei o telefone da minha sala no gancho após ligar para o Banco Volkmann e marcar um horário com Andrew. Eu o veria mais tarde para tentar encontrar uma melhor forma de me abrir com Dion e tirar o último segredo de nossas vidas.

— Ava? — Vivian apareceu na porta segurando um bufante buquê de flores vermelhas. Pedi que ela entrasse. — Os números dos últimos dias chegaram, nós estamos quase lá — disse com a alegria de uma criança, chacoalhando o ramalhete em suas mãos.

A felicidade dela logo me contagiou.

— Então vamos bater a meta?

Vivian deixou o buquê em cima da pequena mesa que eu usava para guardar arquivos antigos e deu dois passos na minha direção.

— Não só vamos bater a meta como também vamos bater antes do prazo — finalizou com um grande e genuíno sorriso.

Demos as mãos e pulamos feito colegiais.

Dion havia nos dado um prazo de trinta dias para fazer a empresa crescer com uma projeção de lucro maior do que a empresa que concorria com a Carter Inc. pelo topo. Não importava se o nosso momento como casal estava bom, nem que eu era mãe de seus filhos. Eu queria que ele visse que nós conseguiríamos levar a nossa empresa adiante.

— Está vendo? Nós conseguimos. Eu disse que você iria conseguir. — Minha chefe estapeou o ar como se dissesse “deixa disso!”.

— Você fala como se não tivesse nada a ver com isso. Somos uma equipe, Ava. O sucesso dessa empresa reflete o esforço de todos os funcionários, não só o meu — piscou. — Agora eu preciso entrar em contato com o seu namorado para avisar que ele não vai tirar essa empresa das nossas mãos — falou com bom humor. Concordei com um sorriso.

— Ei, espere. — Peguei o ramalhete para entregar a Vivian. — Está se esquecendo — estendi o buquê na direção dela.

Ela olhou do buquê pra mim ainda com um sorriso no rosto.

— Jenna tem cara de quem me envia rosas vermelhas? — Balancei a cabeça dizendo que não, sufocando um risinho. — Isso é pra você, mandaram para o meu escritório por engano.

Vivian saiu. Fiquei com aquele ramalhete enorme em minhas mãos, já sabendo quem havia enviado.

“Para a mãe dos meus filhos e a única mulher em minha vida.”

Li o pequeno bilhete com o coração palpitando. Nunca recebi flores de Dion ou de qualquer outro homem, mas entendia que ele queria me fazer lembrar dele após a noite maravilhosa e quente que compartilhamos. Eu desejei agradecê-lo e faria aquilo pessoalmente, mas antes precisaria conversar com o seu amigo petulante.



— Permita-me dizer que estou surpreso — Andrew disse após eu entrar em sua sala.

O ambiente era muito elegante, mas modesto se comparado ao escritório de Dion. Aliás, ele estava em uma reunião no andar de cima e não sairia de lá pela próxima hora. Mesmo assim, eu me sentia alguém fugindo da polícia ao entrar em uma delegacia.

Olhei para os lados tentando focar em algo. Eu precisava ter paciência para não bater boca com ele.

— Vamos lá, me diz a que devo a honra de sua humilde presença? — O tom dele era irônico, não imaginei que seria diferente.

Eu já estava me sentindo acuada e ele se aproveitaria da situação. Parei meus olhos nos seus sapatos com um questionamento pairando minha cabeça. Não se ele me ajudaria e sim se eu seria capaz de pedir ajuda a alguém que nunca se mostrou inclinado a pelo menos me tratar bem.

Andrew subiu as sobrancelhas, esperando que eu dissesse algo.

— Eu preciso de sua ajuda — falei logo.

Bom, se não desse certo, eu seguiria em frente. Não tinha nada a perder além de um pouquinho da minha dignidade.

— O quê? — Ele inclinou o ouvido para o meu lado. — Acho que não entendi.

— Eu disse que preciso da sua ajuda.

Andrew abriu os braços, procurando algum sentido no que eu disse.

— E pra quê você precisa da minha ajuda?

Tomei uma grande quantidade de ar e olhei em seus olhos de um verde sem graça.

— Sei que você nunca gostou de mim e, olha, a reciproca é verdadeira. O que eu gostaria de conversar com você é um assunto muito sério. Eu preciso de verdade que você me escute.

— Pode mandar, nenhum assunto é sério demais se tratando de você — finalizou com uma risada sem humor.

Meu Deus! O que eu fiz pra esse homem?!

Suprimi um palavrão e continuei:

— Há quatro anos você me contou sobre uma gravação do prédio em que Dion me colocou. — Ele cruzou os braços e me ouviu. — Eu queria saber se você ainda a tem?

Andrew pareceu insatisfeito, provavelmente ele esperava uma revelação mais dramática.

— Posso dar uma olhada se ficou salvo no meu e-mail — deu de ombros. — Por que você precisa delas?

— Porque eu queria analisar a situação, eu preciso delas para tentar entender o que me aconteceu.

Senti todas as lembranças ruins virem à tona e as lágrimas tomando forma.

— O que você pensa que está fazendo? — A voz de Andrew trovejou pela sala, assustando-me. — Qual é a desse teatro, Ava?

Meus olhos rolaram para cima, dando-me conta de que nunca conseguiria um diálogo produtivo com aquele homem.

— Esquece. — Peguei o rumo da porta, mas Andrew se apressou e se pôs a minha frente.

— Agora que está aqui, eu quero saber! — Fechou os braços em frente ao corpo.

— Não, você não vai ao menos tentar entender o meu lado — minha voz saiu irritantemente embargada.

— Eu posso tentar, mas não por você e sim por Dion. O cara está um pé no saco de tão feliz depois que descobriu que é pai de dois filhos. Hum, ele deu sorte de não pegar a fase das fraldas — completou sem muita empolgação. — Me diz o que aconteceu?

Acalmei-me para conseguir manter o tom da minha voz.

— No dia que você falou das gravações, eu sequer sabia que Bruce entrava no apartamento de madrugada.

— Você tá querendo me dizer que ele invadia o apartamento? — Concordei com a cabeça, assumindo que ele entendia o que eu queria dizer. — Mas...

— Espere, me deixe terminar. Bruce apareceu no apartamento somente uma vez que eu tenha visto. Eu nem sei como ele me achou, o fato é que ele foi até mim para me perturbar. Ele sabia o que eu era, o que eu e Dion éramos, sendo que eu tinha visto ele duas vezes apenas — percebendo a abertura que ele estava me dando, eu continuei. — Me arrependo até hoje de

não ter contado para Dion sobre a primeira vez que ele apareceu no apartamento, talvez nada disso tivesse acontecido.

Se arrependimento matasse...

Hoje eu via o resultado de uma informação omitida. Na época, eu achei que seria exagero contar a Dion a façanha do irmão bastardo. Achei que era coisa boba, no entanto eu percebi que, se eu tivesse contado, as coisas não terminariam como terminaram.

— O que não teria acontecido? — Ele encaixou a mão abaixo do queixo e aguardou que eu lhe desse maiores detalhes. — Talvez você não tivesse caído nas garras de Bruce, é isso? Talvez você não tivesse que escolher entre o banqueiro e o irmão vagabundo dele? — Andrew soltou um suspiro de desgosto. — Por que caralhos você acha que eu vou te ajudar?

— Porque ele me estuprou! — Rebati como um corte de navalha.

A explosão veio e nem pensei em contê-la. Estava psicologicamente cansada para deixar Andrew me provocar ainda mais. Fitei-o a tempo de encarar a sua face de horror. Ele ficou parado na minha frente, sem piscar ou mexer um músculo.

— O que você acabou de falar? — Perguntou com cautela.

— Ele abusou de mim todas as noites que ele apareceu entrando no apartamento naquela gravação — respondi, ainda sentindo o impacto do que eu havia falado anteriormente.

Vi Andrew andar de um lado para outro tentando raciocinar algo. A sua risada esganiçada apareceu um tempo depois.

— Você é uma ótima mentirosa — falou com tamanha calma. — Eu quase caí nessa.

— Por que eu mentiria sobre uma coisa assim?

— Para fazer Dion acreditar que você não o traiu — a resposta de Andrew já estava na ponta da língua. — Se Bruce realmente fez o que fez, por que não reagiu? Por que não pediu ajuda a alguém? Como você pode ter sido violentada sem ao menos saber? Eu sou advogado, caso não se lembre — ponderou.

— É isso que eu quero tentar entender! Se você não tivesse mencionado a gravação, eu jamais saberia o que aconteceu.

Andrew parou por um tempo, coçou a cabeça tentando pegar todas as nuances da minha declaração.

— Vamos lá, me dê mais — gesticulou com as mãos pedindo para que eu continuasse.

— Após o dia em que Bruce apareceu no apartamento pela primeira vez, eu comecei a ter pesadelos. Pesadelos muito realistas. No dia seguinte, a minha cabeça ficava pesada e eu me sentia dolorida como se tivesse lutado a noite inteira e, no meio desses pesadelos, eu via olhos azuis bem grandes. De início pensei que era Dion indo me ver de madrugada, porém nada mais condizia com o jeito que ele me tratava.

— Isso é muita fantasia para a minha cabeça. Você diz que foi estuprada, mas não tem certeza. É isso mesmo?

Eu precisava reconhecer que a minha história era bizarra, ainda mais sendo contestada por um advogado. Porém eu tinha que ver as gravações para ter certeza de que elas existiam e que o lugar que Bruce entrava era de fato o meu apartamento.

— É — admiti sem resistência.

Andrew xingou baixinho várias vezes.

— Não tinha outra pessoa pra você procurar, não? Agora eu vou ter que lidar com essa merda!

— Apenas me dê a gravação e eu cuido do resto. Juro que serei grata pelo resto da vida.

Ele me analisou e levantou os ombros brevemente.

— Eu vou arranjar pra você — finalizou e me deu as costas, entendi o recado e saí o quanto antes de sua sala.

Estava me sentindo destruída por ter que revelar os meus segredos mais sombrios para alguém que me odiava, mas aquela ação me fez ter um pouco de esperança para o que ainda estava por vir.

Recompus-me e subi até o andar da presidência. Eu esperaria até Dion finalizar a sua reunião e talvez ficasse para almoçar com ele. Ao sair do elevador, vi Lauren conversando com alguém em frente a uma porta, quando ela me viu, dispensou o homem e se aproximou rebolando os quadris de forma pouco casual.

— Se perdeu na cidade, querida? — Questionou, colocando as mãos na cintura.

— Ah não, eu só vim ver o *seu* patrão — dei um sorriso mascarado de ódio.

Era só o que me faltava.

— Veio ver se Dion não estava me comendo em cima da mesa dele, não é? — Fechei meus olhos e mordi o meu lábio inferior ao ouvi-la dizer o nome de Dion de forma tão íntima. — Eu sabia! — Comemorou ao assistir minha reação.

— Olha aqui, *querida.* Você não quer mexer comigo hoje — falei cada palavra como uma ameaça iminente.

Não queria saber de suas paixões platônicas. Virei-me para tomar o rumo da sala de Dion, contudo Lauren ainda não se deu por vencida.

— Sabe, eu poderia facilmente acabar com esse romancezinho de vocês, mas eu não vou fazer isso porque é você quem vai acabar com tudo.

Parei de andar, respirei fundo e contei até três. Foi difícil me segurar para não ir lá arrancar os cabelos dela com as mãos.

Depois da conversa com Andrew, eu estava muito perto de perder a razão, então, para evitar que eu e Lauren rolássemos no piso, contive meus instintos.

A sala de reunião ficava ao lado da sala da presidência. Na recepção, havia os mesmos funcionários de São Francisco. Eles fofocavam tanto que nem perceberam minha presença. Entrei na sala de Dion sem ser interrompida. Sentei no sofá de couro e aguardei.

Esperei quase meia hora até que escutei a maçaneta girar. Dion apareceu à porta e sorriu quando me viu.

— Oi, meu amor — falei, sentindo-me com quinze anos.

Levantei e cheguei mais perto dele. Era impressionante como tudo ficava bem quando eu estava com ele. Como a bonança após a tempestade.

— Está tudo bem? — Perguntou depois de capturar os meus lábios com um intenso e demorado beijo.

Suas mãos desceram pelo meu quadril arrancando-me arrepios a cada curva.

— Está sim — menti.

— Tem certeza? — Concordei com a cabeça. — E os meninos?

— Estão na escola.

— Antes que eu me esqueça, posso pedir a babá para levá-los para o meu apartamento depois da aula? — Ele olhou para cima tramando alguma coisa. — Não, melhor. Eu saio um pouco mais cedo do escritório, busco eles e, quando você encerrar o seu expediente, você vai pra lá também.

— Eu vou adorar.

— Ótimo, só não se esqueça de avisar a babá.

Permaneci olhando pra ele, sentindo-me hipnotizada, e o trouxe para mais um beijo.

— Vivian já te disse que conseguiremos bater a meta?

— Sim, eu estou tão orgulhoso de você. Eu me lembro como se fosse hoje quando me falou que o seu sonho era conseguir suas coisas com esforço próprio, — Apreciei a sensação de ter alguém sentindo orgulho de mim. — Você está conseguindo isso, mesmo com o fator filhos gêmeos e pai babaca no caminho.

— Não fale isso novamente. Nós dois erramos e você sabe.

— Eu sei, mas você ainda não falou se me perdoa...

— E eu gostaria de te fazer a mesma pergunta, no entanto ainda não é a hora.

Pelo seu semblante que se fechou como uma porta na minha cara, ele

sabia muito bem do que eu estava falando. E como não era surpresa, o clima ficou tenso, mesmo que nem eu e nem ele quisesse que ficasse daquela forma.

Já que não faríamos votos de perdão naquele dia, decidi fazer outro tipo de voto, mas foi ele quem falou primeiro.

— Eu te amo. — Sorri e percebi toda aquela nuvem negra sumir de cima das nossas cabeças.

— Eu também te amo — respondi entre a maciez de seus lábios. — Aliás, eu amei as rosas vermelhas que você me enviou.

Dion me olhou com um sorriso enigmático.

— Ah, você amou? — Beijou o meu pescoço maliciosamente. — Só tem algo de errado nisso. Eu não te enviei rosas nenhuma. — Afastei-me um pouco para analisar a sua expressão, eu achava que ele estava brincando, mas não estava.

— Como não? Se eu me lembro, estava escrito “para a mãe dos meus filhos e única mulher em minha vida” — falei como se fizesse uma serenata.

Dion deu um risinho tosco.

— Deve ter sido engano. Eu nunca te mandei flores porque lembro que me disse uma vez que não gostava dessas coisas.

Concordei com o olhar, mas entristeci um pouco. O bilhete parecia perfeito, as rosas também.

— Já que agora eu percebi que você *ama* flores, vou dar um jeito de fazer dos seus dias mais... floridos?

— Dion, você já faz isso sem precisar me enviar flores.

Rimos feito dois idiotas com aquela minha declaração de amor barata e melosa. Absorvi nosso momento de felicidade. Eu realmente não queria ter que perder Dion de novo. Se a falta de confiança nos separou uma vez, a verdade que viria à tona poderia ser muito pior.



Ava

Carl já estava a minha espera quando saí da Carter Inc.

Escutei uma algazarra na cobertura antes mesmo de Júlia abrir a porta pra mim. Uma hora atrás, Dion havia me ligado informando que tinha buscado os gêmeos na escola e estava a caminho de seu apartamento e que ele e as crianças já estavam loucos para me ver.

Cumprimentei a governanta ao entrar, os gritinhos e um grito grave ficaram mais altos conforme eu adentrava o apartamento. Subi as escadas depois que Julia disse que Dion e os meninos estavam no andar de cima.

Parei os passos ao ver meus dois pinguinhos de gente correndo como baratas tontas e o pai atrás com a gravata amarrada na testa, fingindo ser um monstro ou algo assim, totalmente envolvido naquela diversão. Fiquei alguns segundos admirando a brincadeira, aquele era o meu sonho de família se tornando realidade.

— Mamãe! — Mason me notou primeiro.

Ele veio até mim, Aiden logo fez o mesmo. Dion ficou no mesmo lugar, parecia envergonhado de eu ter flagrado o seu lado pai brincalhão.

— Vocês estão se divertindo com o papai? — Agachei para abraçar e beijar as suas bochechinhas gorduchas.

As cabeças deles balançaram pra cima e pra baixo freneticamente. O brilho em seus olhos era perceptível.

— E o papai está se divertindo com os pequenos? — Perguntei enquanto Dion se aproximava de nós, tirando a gravata do topo da testa.

— O que eu posso dizer... eu sou o pai mais babão que existe — respondeu ele apontando para si mesmo.

Dion chegou mais perto e segurou o meu rosto, arrancando de mim um beijo afetuoso, quase fraternal.

— Chega de brincar por hoje, agora eu quero ver os meus dois bebês bem cheirosinhos — peguei os meus filhos pela mão e os levei para o quarto.

Eles reclamaram, afinal queriam brincar com o pai até capotarem de cansaço. Dion logo apareceu para incentivá-los a tomar banho, prometendo que eles veriam um filme mais tarde.

Depois de tomar o meu próprio banho e pegar uma camisa de Dion emprestada, eu fui para o quarto dele, onde os meninos já estavam acomodados na enorme cama forrada com um lindo jogo de lençol cinza chumbo. O próprio apareceu logo atrás de mim com dois baldes de pipoca que cheiravam longe. Ele deu um sorriso malicioso quando me viu usando as suas roupas.

— Os meninos costumam dormir durante os filmes? — Perguntou despretensiosamente, mas os olhos estavam cheios de expectativas.

Neguei e vi os seus ombros caírem.

Com o filme rolando, os gêmeos comentavam a cada cena e se divertiam para valer com a aventura de um leãozinho no meio da selva. Mason e Aiden estavam no centro da cama, comendo pipoca sem parar. Eu e Dion ficamos na beirada. Por diversas vezes, os meus olhos e os dele se encontraram.

— Obrigado — sussurrou para mim pouco tempo após os meninos terem adormecido.

— Pelo quê?

— Por tornar isso possível — havia emoção em seus olhos, tão sutis quanto fogos de artifício numa noite escura.

Observei-o de longe algum tempo. Como eu queria assegurar-lhe de

que não havia mais nenhuma tormenta para enfrentarmos. Gostaria de abraçá-lo e garantir que não tinha nada capaz de tirar a nossa paz, mas eu estaria errada se fizesse isso. Eu já havia bolado um plano para tirar o último empecilho de sermos plenamente felizes.

Aplaquei as minhas próprias emoções para pegar Aiden no colo e levá-lo para o quarto. Dion fez o mesmo com Mason. Esperamos um pouco para nos certificar de que eles não acordariam.

— O que tem de errado? — Dion questionou, percebendo a minha estranheza.

A sua habilidade de mapear as minhas emoções nunca falhava.

— Nada.

— Sei que te disse que seria paciente, mas não consigo ficar calado quando vejo o quanto esse segredo te faz mal. — Ele cruzou os braços na minha frente, dando um sorriso incompreendido. — Espere aqui.

Dion entrou no quarto e voltou com duas peças de roupa. Primeiro, ele me deu uma calça de moletom e depois uma blusa de frio. Vesti as duas e então ele me puxou para a escada, onde subimos até a cobertura.

O local era magnífico. À direita havia uma academia protegida com paredes de vidro, no centro tinha uma piscina com proteção, afinal ainda estávamos no inverno. Algumas cadeiras de praia próximas ao limite do prédio e uma estrutura parecida com mesas e alguns bancos altos.

Aquele seria o lugar perfeito para eu fazer um convite – não tão especial – para Dion.

— Sabe o que eu queria? — Comecei, aproximando-me do parapeito que batia pouco abaixo do meu ombro. — Um fim de semana em família.

— É uma ideia ótima. Me conte mais para eu poder planejar o nosso fim de semana perfeito.

Aquilo nocauteou o meu coração. A minha intenção era realmente aquela, um fim de semana perfeito para eu poder dar um golpe duro logo depois. Eu não queria ter que revelar aquelas coisas pra ele de qualquer jeito. Eu queria reduzir os danos o máximo possível, mas, se as coisas fugissem do

controle, eu não ficaria surpresa.

— Pensei em um lugar privado. Um chalé talvez. — Dion se aproximou e encostou o seu corpo no meu, fazendo-me transpirar por baixo de todo aquele moletom.

— Lugar calmo, longe da civilização, com muito verde e ar fresco. Gosto disso — comentou.

Dion afastou o meu cabelo e distribuiu beijos quentes e demorados ali, espremendo o seu corpo no meu, deixando-me ciente da animação incontida dentro de suas calças. Segurei na barra de ferro do parapeito para sustentar aquelas investidas.

Uma mão dele desceu pelo lado de dentro do meu moletom largo, apenas acariciando a minha pele com suavidade, me elevando nas alturas.

— Agora eu entendo o motivo de ter me arrastado pra cá.

— Eu não iria correr o risco dos gêmeos acordarem e se perguntarem por que a mãe deles está gritando — falou da forma mais natural possível.

Virei o rosto para fitá-lo todo cheio de si.

— Se a sua intenção é essa, o que está esperando? — Desafiei.

— Tudo bem pra você se alguém por um acaso nos ver fazendo... coisas impróprias para uma cobertura de prédio?

Olhei brevemente para os lados, constatando as inúmeras janelas com a luz acesa tanto na frente quanto ao lado, mas nas redondezas todos os prédios eram menores que o prédio dele.

Fiquei na dúvida, mas as carícias de Dion se intensificaram e logo suas mãos descobriram as partes mais interessantes. Ele puxou o meu pescoço para tomar os meus lábios. Eu não sabia como, mas os beijos dele pareciam ainda mais cheios de desejo. E o fato de eu ser a única mulher que conseguia fazer aquilo com ele brincava com os meus pensamentos indecentes. A partir daquele momento, soube que não conseguiria dar nem mais um passo sem senti-lo dentro de mim.

Enfiei a minha mão dentro da calça de Dion, ele se assustou com a minha ganância, no entanto os seus lábios sugeriram que ele gostou da ideia.

Segurei o pau dele, subindo e descendo levemente, com uma pressão controlada.

Suas mãos espertas aumentaram o ritmo dos movimentos na minha intimidade úmida e consequentemente meus gemidos ficaram mais altos.

— *Ava*, eu queria muito continuar assim, mas eu preciso estar dentro de você agora.

Meus olhos captaram os apartamentos ao redor, contudo o que me fez retesar foi o fato de que nós precisávamos de proteção. Havia séculos que eu não tomava pílula e alguns dias atrás tive que recorrer a esse método que não gostava muito.

— Dion, nós vamos precisar de preservativo. Não posso tomar pílula do dia seguinte de novo — resmunguei.

— Acho que os nossos pensamentos então sincronizados, porque eu tenho tudo o que você precisa — ele afundou a mão livre no bolso, retirando algumas embalagens de camisinha.

Um sorriso bobo ficou escancarado no meu rosto até que Dion colocasse a proteção. Após isso, ele abaixou as minhas calças junto com a cueca dele e me orientou a deixar as pernas retas e segurar na barra de proteção.

Dion traçou os seus dedos por entre a minha abertura. Sem conseguir me controlar, eu mexi os quadris conforme os seus movimentos até o ponto de não aguentar mais. Puxei a perna de Dion para que ele acabasse com a minha tortura e assim ele fez, me penetrando vagarosamente até o ponto que dava e logo tentou de novo e foi até o fim.

— Você está incrivelmente molhada — falou no meio do movimento lento e agonizante dos nossos corpos deslizando um sobre o outro, as mãos foram ágeis ao encontrar os meus seios por dentro do moletom pesado. — Esse é um dos motivos por eu te amar tanto.

Eu estava me perdendo e levando a minha sanidade junto com aquela pressão agonizante. Por diversas vezes me questionei se encontraria um homem selvagem e carinhoso na cama como Dion era e sempre chegava à conclusão de que era errado fazer tal comparação, uma vez que nenhum outro

homem chegaria aos pés dele.

Dion resolveu que o momento de apreciar os nossos corpos havia chegado ao fim e, com um pedido dele, eu apoiei um joelho na barra do meio do parapeito, dando mais possibilidade para ele trabalhar o meu corpo. Ele passou a estocar mais rápido e mais forte. Segurei o seu rosto perto de mim para que eu dissesse o quanto estava excitada e como o seu pau era delicioso.

— É assim que você gosta?

O som dos nossos corpos se perdia diante da movimentação constante da cidade mais populosa do mundo.

— Sim... sim — gemi.

Dion alcançou o meu cabelo, o puxou sem usar muita força e continuou exercendo a sua pressão viril contra mim de uma forma que parecesse que ele estava domando um animal selvagem que nunca se dava por vencido, me preenchendo cada vez mais. E foi ali, entre a confusão de prédios, luzes e frio, que o prazer me arrebatou pela primeira vez naquela noite, com uma explosão insaciável.

Não me movi para me manter envolvida pelos braços dele, absorvendo todo o calor que ele emanava.

— Eu sei exatamente onde iremos passar o nosso fim de semana perfeito — Dion se adiantou, ainda ofegante.

A minha expressão de incômodo foi indisfarçável, após aquele momento prazeroso ser jogada num deserto de tribulação que era o nosso passado – não foi fácil.

— Ótimo — falei fria. — É lá que vamos conversar.



Ava

Trabalhei nos dias seguintes com a preocupação de contar a Dion a história dos pesadelos no fim de semana sem ter nada de concreto, até uma visita inesperada naquela tarde de quinta-feira me trazer um turbilhão de problemas e inacreditavelmente uma luz no fim do túnel.

Um minuto atrás, Andrew havia sido anunciado na recepção. Autorizei a sua entrada na minha sala e naquele momento ele estava na minha frente. Era o mesmo de sempre: o jeito que me olhava me reduzindo à pior das criaturas e o semblante desgostoso, mas havia algo mais. Havia um conflito refletido em seus olhos.

— Deu um pouco de trabalho, mas eu consegui resgatar as gravações. — Levantei-me com um imenso medo do que encontraria naquelas filmagens.

Andrew colocou um pequeno envelope laranja em cima da minha mesa. Ele parecia ter o tamanho perfeito para caber um *pen drive*. O advogado permaneceu com a mesma expressão indecifrável enquanto abria o envelope para mostrar que as minhas suspeitas estavam certas.

Encaixei o dispositivo no meu computador e aguardei a gravação ser iniciada. Sentei em frente a tela, percebendo pela minha visão periférica que Andrew sequer se mexia. Comecei a abrir os vídeos um por um, aumentando a velocidade até aparecer algo. Conforme os minutos foram passando, eu me sentia desconfortável com a presença do advogado.

O que ele queria? Um troféu por ter me dado aquelas gravações?

— São mais de trezentas horas de filmagens. Deixe que eu facilite as coisas para você. — Ergui meus olhos acima da tela de computador para tentar entender o que Andrew queria dizer com aquilo.

Ele girou uma pasta em suas mãos, que até então eu não tinha percebido que carregava, e tirou de lá alguns papéis. Voltei a ficar de pé para encará-lo melhor.

— Sabe qual é a melhor forma de pegar um estuprador? Você segue o rastro de vítimas que ele deixa e uma coisa que aprendi no meu estágio na delegacia de crimes hediondos é que um estuprador *sempre* irá agir de novo.

— Você está me dizendo que...

— Que Bruce já fez isso outras vezes? Bem... — Ele manuseou alguns documentos. — Temos a Brianna e a Samantha em Los Angeles. Lucy, Miranda e Louisa em San Carlos. Eu tenho aqui o processo da Regina, Alice, Emma e Katie. — Olhei para Andrew, me perguntando quando os nomes cessariam. — Estas foram em Santa Mônica. Depois, eu comecei a pesquisar casos semelhantes em todas as cidades que Bruce já havia visitado ou morado, mapeei todos processos e ainda não abri sequer a metade.

Engoli seco, mas parecia que o ar havia parado na minha garganta, impedindo-me de respirar adequadamente. As lágrimas não vieram, não valia a pena derramá-las por aquele ser miserável chamado Bruce.

— Com todos esses casos, como ele ainda permanece solto? — O meu tom de voz deveria ter saído severo, no entanto foi reduzido a um sopro.

— Escassez de provas, principalmente. Esses casos são bastante delicados e somente o trio de San Carlos foi tratado por uma equipe da divisão de crimes hediondos que é onde existe pessoal qualificado para dar prosseguimento a processos como esse.

— O que aconteceu com elas?

Andrew me estendeu as folhas que continham os dados.

— Você vai ver algumas partes grifadas, são exatamente essas partes que me fizeram ligá-las ao seu caso.

Virando a folha eu pude ver algumas tarjas marcadas em verde neon.

“Eu não conseguia lutar, meu corpo parecia ter tido as forças drenadas.”

“No início, eu pensei ser uma sombra, mas uma sombra não é palpável.”

“Me senti vulnerável na minha própria casa.”

“Nos primeiros dias, eu me perguntei se aquilo tinha sido real, até os primeiros sinais de gravidez aparecer. Acontece que eu não tinha relações sexuais há quase um ano.”

— Uma das vítimas ficou grávida dele? — Perguntei horrorizada.

— Sim, a polícia fez um retrato falado com as poucas informações extraídas da vítima, juntamente com algumas imagens de câmeras de vigilância. Foi assim que chegaram até Bruce. Como resultado, um processo triplo foi instaurado contra ele.

— Isso tem quanto tempo?

— Quase dez anos.

Tentei calcular a quantidade de vítimas que Bruce poderia ter feito dentro daquele prazo de tempo.

— Então o processo não foi pra frente?

— Não. Alegaram provas insuficientes. De fato, não conseguiram achar provas sobre como ele imobilizava as vítimas. Corpo dolorido, confusão mental foram relatados por todas elas no dia seguinte do ato consumado. No entanto, nada explicava aquilo. Miranda, a vítima que ficou grávida, efetuou um aborto e os legistas confirmaram o parentesco do feto com Bruce. E nas outras vítimas os peritos também encontraram vestígios de sêmen na cama e roupa íntima.

— Como isso não foi o suficiente para colocá-lo na cadeia?!

— O caso foi extremamente estudado. Algumas substâncias que são componentes de anestésicos foram encontradas nos exames de urina das vítimas, mas foram consideradas evidências fracas, além de que Bruce reagiu

afirmando que o sexo havia sido consentido.

— Meu Deus... — sussurrei frustrada, eu não tinha mais palavras para expressar tamanha monstruosidade.

— Esses casos em específico tiveram uma boa base e grandes chances de levar para o júri popular, só que algo inesperado aconteceu e todas as vítimas retiraram a acusação contra Bruce em um único dia.

— Sério? — Minhas sobrancelhas se arquearam. — Isso me parece...

— Que alguém pagou para elas “calarem a boca”? — Andrew fechou os olhos, concordando com a cabeça.

Parei por um instante para digerir aquelas informações. Como eu poderia imaginar que o que Bruce fez – e ainda fazia aquelas atrocidades – sem nunca ter sido punido? Não era justo nem comigo nem com as demais vítimas.

Andrew continuava me olhando, dei-me conta de que as revelações ainda não haviam acabado.

— Por que está fazendo isso? Por que está me ajudando? — Tentei chegar ao “x” da questão.

Ele trocou o peso de uma perna pra perna e colocou as mãos na cintura, olhando agora para um ponto fixo perto da janela. Puxou o ar fortemente e me encarou.

— Dion já deve ter mencionado com você que eu agora sou um homem casado e pai. —Eu sabia que ele era pai, mas não que era casado.

— Sim. Aliás, como Amber está? — Aquela foi a minha definição de jogar verde.

Quando vi um sorriso bobo deslanchar nos lábios do homem, eu soube que tinha colhido maduro.

Amber? Ora, ora...

— Ela está bem, apenas se adaptando a nova rotina. — Ofereci um sorriso gentil para que ele continuasse. — Sabe, eu tenho uma esposa e uma garotinha rechonchuda de sete meses, só isso já seria suficiente para ter medo

de ver os meus bens mais preciosos vivendo em um mundo que tenha um homem que estupra mulheres desacordadas à solta. Só que aí eu me lembrei de algo que aconteceu muitos anos atrás.

Ele me fitou desconfiado, sem muita certeza se queria compartilhar aquilo comigo, mas continuou.

— No dia do noivado de Amber e Dion, eu a encontrei quietinha em um canto. A aparência dela estava perfeita, mas havia um terror em seus olhos — já imaginei o rumo que aquela história tomaria. — Perguntei o que havia acontecido, mas ela não quis me dizer. Naquela noite, eu decidi que conseguiria a sua confiança para fazê-la se abrir comigo. Dion na época ainda estava se adaptando ao mercado, todos diziam que ele era jovem demais para conduzir uma instituição financeira, a desconfiança econômica com ele era grande e injusta e eu entendo o porquê de ele não ter percebido o que tinha acontecido.

— O que aconteceu?

— O pai e o irmão de Dion estavam na festa. Bruce parecia um carrapato grudado a Amber. Pensei que ali cresceria uma grande amizade. Acho que ela também pensou, antes de Bruce tentar agarrá-la a força em um dos quartos de sua própria casa. — Fechei os olhos e os apertei, sentindo o meu sangue ferver.

— O que você fez?

— Eu não fiz nada, sequer contei isso para Dion. Amber expôs a situação para o, até então, futuro sogro sobre o que Bruce havia feito, mas ele não deu importância e enfatizou que Amber não deveria dizer nada a ninguém para evitar “dor de cabeça desnecessária”. Eu ainda me lembro da voz desapontada dela ao me falar essa parte.

— Devo imaginar que foi aí que vocês se aproximaram — incentivei-o a dizer mais.

— É uma história um pouco complicada — Andrew coçou o queixo.

— Mais que a minha e do seu amigo?

— Hum — ele pensou. — É, talvez não.

— Como Dion reagiu a isso? Esse negócio entre você e Amber?

Nem me dei conta de como a nossa conversa havia mudado de rumo drasticamente. Eu nunca pensei que um dia teria interesse em ter um papo menos superficial com Andrew.

— Ele já desconfiava. Quando decidi assumir o meu relacionamento com Amber, eu assinei a minha carta de demissão e a entreguei a ele para evitar uma pequena guerra de egos, mas ele me surpreendeu. Dion disse que já sabia o que rolava nas entrelinhas, ele achava exagerado demais a forma que eu o incentivava a continuar casado e sabia de alguma forma que aquele seria o caminho que eu tomaria com o divórcio dele e de Amber. Ainda estou à espera de uma alfinetada ou uma discussão séria, mas ele nunca sequer me olhou diferente depois de tudo isso que te falei.

Amber parecia de fato responsiva aos “encantos” do advogado na festa beneficente do banco alguns anos atrás, porém a mulher disse que amava Dion e eu realmente achei que amava.

— Eu e Dion somos amigos desde que éramos dois garotos franzinos no colegial. Nós aprendemos juntos a compartilhar as responsabilidades. Apesar de ele ser alguns anos mais novo que eu, ele sempre foi muito adulto, muito pé no chão, mesmo com tanto dinheiro e um mundo de possibilidades a sua volta. Sei que ele trocaria aquilo para ter o que sempre sonhou, uma família. Você e os seus filhos desafiaram a ciência e agora ele tem isso — Andrew fez uma pausa, rezei baixinho para que ele não percebesse a enxurrada de informações que estava me dando e parasse de falar. — Droga, como ele merece isso! De uns tempos pra cá, eu tenho pensado que estava errado achando que você faria dele um fantoche que agiria conforme as suas vontades, mas não. Hoje eu admito que você, Ava, foi a melhor coisa que aconteceu na vida dele — o advogado me analisou percebendo a minha a emoção. — Só para registro, fui eu quem deu seu número para ele.

Uma leve insinuação da minha cabeça de que possivelmente Andrew era quem contrataria os meus serviços de prostituta fez o meu estômago embrulhar. Olhei para os papeis em minha mão, sentindo-me envergonhada com os meus próprios pensamentos e pedi para ficar com os processos.

— O que você pretende fazer com essas informações?

— Eu ainda não sei, eu só... não quero que nenhuma outra mulher passe por isso que nós passamos. — Andrew concordou com a cabeça.

— Quando irá contar para Dion?

— Neste fim de semana.

Andrew me lançou um olhar de compreensão e se aprumou para deixar a minha sala. Quando abriu a porta, ele se voltou para mim com um brilho de arrependimento em seus olhos.

— Ava, eu sinto muito. Por tudo — esclareceu antes de deixar a sala.

Permaneci no mesmo lugar e suspeitei que talvez, só talvez, eu o odiasse menos agora.



Ava

— O que foi? — perguntei ao perceber Dion se remexendo ao meu lado na cama.

Ele abraçou minha cintura, cheirando suavemente o meu pescoço.

— São oito da manhã e eu estou com muita preguiça de levantar. — Reagi com um risinho à sua voz rouca e desanimada.

Dion era do tipo que acordava junto com as galinhas para ter uma produção máxima durante o dia, mas eu sabia também que ficar deitado do jeito que estávamos era um convite indecente para não nos levantarmos tão cedo.

— Acho que é para isso mesmo que estamos aqui — ponderei. — Aliás, há quanto tempo você não tirava um fim de semana só para, você sabe, não fazer nada?

— Não me lembro agora — disfarçou.

No fundo, eu sabia que Dion não tirava folga com frequência e até os fins de semana ele dedicava ao trabalho constantemente.

Senti a mão de Dion entrando sorrateiramente na minha calça de dormir, acariciando-me com seu toque flamejante. O pouco de frio que eu estava sentindo desapareceu completa e instantaneamente. Logo concentrei a minha energia em seguir os movimentos de seus dedos explorando a minha intimidade de um jeito que só ele sabia.

Deitei de barriga para cima e coloquei a mão esquerda debaixo do edredom até alcançar o meio das pernas de Dion, e lá estava ele em todo o seu poder masculino. Passei a língua pelos lábios, esperando que Dion os tomasse. Ele suspirou longamente sem deixar de me tocar.

Seus olhos cerraram para o meu lado e uma ponta de divertimento me pegou em meio ao prazer que ele proporcionava ao meu corpo.

— Obrigado, Deus! — Murmurou com a voz grave. — Você continua sendo a mulher mais safada que eu conheço — disse, com um sorriso de orelha a orelha.

Comecei a rir e ele me calou com um beijo, tirando o meu fôlego. O frio já havia se transformado em suor e a preguiça em uma fonte inesgotável de energia.

Dion tirou o edredom de cima de nós e puxou a minha calça para baixo. Ele me observou exposta, completamente nua a partir da minha cintura. Puxei-o pelos braços até que a minha boca encontrasse os seus benditos lábios prepotentes.

Esfreguei-me nele, procurando pela extensão do seu grosso e ereto membro, mas Dion se esquivava sempre que eu chegava mais perto.

— Eu quero agora — pedi chorosa.

Murchei quando percebi que ele me faria esperar.

— Eu não quero fazer nada depressa. — As mãos dele subiram em direção aos meus seios, demonstrando a sua posse, e meu joelho foi suavemente em direção a parte avantajada da calça dele, fazendo-o se contorcer. — Droga, *Ava*, desse jeito nem eu vou conseguir esperar.

Deitei a minha cabeça no travesseiro, deixando Dion tomar controle da situação. Ele acariciou os meus seios, pegando os mamilos entre os dedos e puxando-os inesperadamente. Soltei um gritinho de surpresa e prazer, levantando a cabeça para observá-lo fazer o meu corpo flutuar.

— Eu amo o seu corpo, a sua pele. — Dion abocanhou com vontade um dos meus seios sensíveis, sua mão direita deslizou para o meio das minhas pernas, invadindo a minha carne escorregadia.

Gemi à medida que Dion investia nos pontos mais saborosos do meu corpo. A língua dele pincelava os meus mamilos endurecidos num equilíbrio perfeito de ferocidade e ternura. Aquilo me tirava do sério, mas não era nem de longe suficiente.

Os lábios macios dele trilharam por entre os meus seios. Quando atingiu a metade da minha barriga, eu já havia perdido a briga pelo controle do meu corpo.

— Dion, por favor... — Ele me ignorou totalmente.

As mãos dele abriram as minhas pernas suavemente. Ele retirou o suéter que estava vestindo, depois me puxou para mais perto. Vi Dion lamber os lábios de uma forma que agiu diretamente sobre a minha libido. Ele estava prestes a me devorar.

Nem tive tempo de racionar alguma coisa antes que a língua dele tivesse acariciando o meu centro de prazer. Agarrei os lençóis com o máximo de força ao passo que Dion continuava me atormentando com a boca.

Quando ele ameaçou parar, eu o segurei pela nuca e obtive um vislumbre de sua face mais pecaminosa. Aquele olhar sombrio, quente. Um olhar que dizia que ninguém nunca faria eu me sentir daquela maneira.

Mexi-me, harmonizando nossos movimentos e preparando o meu corpo para o clímax. Meus gemidos saíam sem o mínimo de sentido. Eu só queria chegar lá.

— Consegue esperar? — Dion saiu da cama e abriu o criado mudo mais próximo, me deixando em modo de espera. Ele voltou rapidamente e mais rapidamente ainda colocou um preservativo. — Eu quero ver você gozar quando eu estiver dentro de você.

Abri as pernas o máximo que pude e Dion as segurou no ar enquanto me penetrava de uma vez só. Ofereci a ele um sorriso tonto, entorpecida de desejo, segurando os braços dele e orientando-o a não parar. Dion capturou os meus lábios durante o vai e vem de nossos corpos.

Ele puxou o ar entre os dentes quando experimentou ir mais fundo, o nosso encaixe não era difícil já que cada parte da minha anatomia parecia ter sido moldada especialmente para ele.

A cama de madeira de lei estralava a cada estocada dele e eu estava muito próxima de um orgasmo explosivo. Dion apoiou as mãos acima dos meus ombros para conseguir olhar nos meus olhos e me ver me desfazendo de êxtase por sua causa.

Colei cada parte da minha pele nele, sentindo o seu calor impiedoso bombeando para dentro de mim. Então Dion se ergueu e começou a fazer movimentos mais intensos, o fio que me separava da minha libertação foi rompido e eu pude enfim apreciar a eletricidade daquele momento magnífico. Os movimentos de Dion não pararam até eu sentir um orgasmo fazê-lo esmorecer.

Demos um beijo cenográfico mesmo que nos faltasse fôlego. Disse que o amava enquanto ele envolvia meu corpo de forma carinhosa e reconfortante. Após o frenesi do momento, ficamos nos entreolhando com adoração como sempre fazíamos. Pensei que aquela foi uma ótima forma de começar o nosso fim de semana.

Dion desviou os olhos para um canto, pensando em algo. Antes que ele pudesse se distanciar ainda mais, eu o trouxe de volta.

— Te dou um beijo pelos seus pensamentos. — Ele retornou a sua atenção para mim. Antes de falar qualquer coisa, segurou o meu queixo e me deu um beijo molhado e terno.

— Eu só estou pensando em quando você me dará a honra de dormir e acordar ao seu lado todos os dias.

Dion abaixou os olhos e depois me olhou com determinação. Pude ver um brilho de humildade por trás do infinito azul dos seus olhos. Um sorriso tímido cruzou o seu rosto impecável logo depois.

Pus a mão no queixo e suspirei fundo, com as lágrimas querendo saltar dos meus olhos, porém me lembrei do porquê de estarmos longe de casa em um fim de semana em família. As lágrimas vieram, mas estas não eram mais de felicidade.

— Eu sei que nós precisamos conversar sobre aquela gravação — Dion continuou, percebendo a confusão da minha mente. — Mas, Ava, seja lá o que for o que você precisa me falar, eu não vou fazer a mesma coisa que fiz

quatro anos atrás. Eu só quero ficar com você e os nossos filhos — ele espalhou as lágrimas nos meus olhos com o dedo.

Em minha boca se formou um sorriso angustiado, pois eu queria realmente acreditar que ele não se afastaria.



Onde nós estávamos era conhecido como Hudson Valley, uma região que incluía várias cidades em torno do Rio Hudson. Eu já tinha ouvido falar daquela região, porém pouco imaginava que um lugar como aquele poderia ser encontrado perto da cidade de aço chamada Nova Iorque.

Dion havia dirigido durante todo o trajeto e, quando chegamos ao chalé de uma propriedade particular, os gêmeos ficaram encantados com a estrutura, dizendo que parecia uma casa na árvore, sonho de consumo de qualquer criança com menos de dez anos.

No sábado, fomos agraciados com bastante neve, o suficiente para ficarmos presos dentro do chalé. O filme dos Smurfs não foi o bastante para entreter os pequenos durante a tarde, obrigando os pais a elaborarem brincadeiras que todos pudessem interagir.

Entre pique e esconde, jogos de cartas e eu e Dion fazendo um teatro fajuto de fantoches para os nossos filhos, o sábado foi embora rápido e levou em sua bagagem a neve.

Um sol fraco refletia na janela enquanto eu vestia os gêmeos para tomarmos café da manhã fora naquele domingo preguiçoso. A refeição matinal foi um momento muito agradável, mas eu não consegui estar cem por cento imersa naquele instante. Sentia-me uma estranha observando de fora a minha própria vida. Eu sabia muito bem que a chance de aquilo nunca mais ocorrer era gigantesca.

De volta ao chalé, eu assistia de longe a diversão de pai e filhos quando Dion os levou para perto do pequeno lago. O cachorro do caseiro também estava presente para aumentar a alegria de Mason e Aiden. Eu nunca tinha visto os meus filhos tão felizes daquela forma. O ar fresco e o terreno grande para desenvolverem algumas distrações era melhor que festa pra eles.

Levantei do banco em que eu estava na varanda e me aproximei da escada de dois degraus. O frio continuava e continuaria mais algum tempo até o inverno findar. Olhando do outro lado do lago, tentei achar a resposta para as questões que invadiam a minha mente.

Como relatar um estupro? Um do qual eu não me lembrava?

Por onde eu poderia começar? Como poderia fazer Dion entender que aquilo tudo foi real e não um pesadelo criado pela minha mente como eu achava que era?

Ele vai me odiar? Ele vai ter nojo de mim?

Eu precisava que Dion entendesse que jamais houve traição. Acima de tudo, eu precisava desesperadamente que ele ficasse quando não houvesse mais segredos entre nós.

As duas figurinhas continuavam pulando e correndo atrás do cachorro, mas o pai deles sentiu a minha presença e começou a caminhar na minha direção.

Respirei fundo, sabendo que o momento certo havia chegado.



Ava

— Eu estou começando a ficar preocupado com você. — Dion beijou o topo da minha cabeça.

Segurei bem forte em suas mãos, juntei meu corpo ao dele e o abracei afetuosamente.

— Preciso te falar algo importante. — Então me afastei, pensando em como começaria a esmiuçar a história dos pesadelos.

— Estou bem aqui.

Dion pegou as minhas mãos novamente, depositou um beijo carinhoso nelas e me olhou com seriedade. Respirei fundo para deixar o meu lado racional equilibrado. Eu estava machucada e machucaria o homem que amava. Eu tinha que ser racional naquele momento.

— Primeiro de tudo, queria que você soubesse que nunca me senti tão segura tendo você ao meu lado, tanto antes como agora.

Ele ficou desconcertado.

— Dion, eu menti naquele dia que você apareceu no apartamento todo suado após subir as escadas correndo. Se lembra? — Balançou a cabeça em sinal positivo.

— Mentiu sobre o quê? — Ele juntou as sobrancelhas ainda mais.

— Você ficou preocupado por Bruce ter ido até lá para me atormentar, me perguntou se ele tinha aparecido e eu respondi que não.

— Então ele apareceu — Dion concluiu o raciocínio. — E você gostaria de me dizer por que ele apareceu lá? — Sua voz permanecia calma, mas os olhos dele demonstravam o contrário.

— Ele queria fazer intrigas com o seu nome. Insinuou algumas coisas sobre você, sobre a gente.

— Como o quê, por exemplo?

— Ele disse que você me faria ter um filho e depois me descartaria — eu me lembrava muito bem daquela parte.

"O que você precisa saber é que Dion está te enganando, te usando para atingir seus objetivos. E, quando conseguir, ele vai te devolver para a sarjeta de onde te tirou".

— Isso é um grande absurdo! — Dion me mostrou seu sorriso mais cético. — Mas você não caiu nessa, não é?

— Eu tive minhas dúvidas — confessei. — Só que, no fim, achei que você não faria algo desse tipo e também porque não fazia o menor sentido. Eu tomava anticoncepcional religiosamente, seria difícil ficar grávida sem querer.

— O que mais ele falou? — Cerrei os dentes ao me lembrar do jeito que ele me empurrou na parede e me fez sentir o pior ser humano da face da Terra. — Ele fez alguma coisa contra você? Ava, ele te machucou de alguma forma?

Havia urgência em sua voz, no entanto eu precisava voltar à cronologia dos fatos.

— Nas noites antes do seu aniversário e até depois, eu tive alguns pesadelos. Eu sonhava com um homem no quarto. De primeira, achei que era você, mas você nunca tinha me forçado a nada. No dia seguinte, eu ficava estressada e com o corpo dolorido por não ter tido uma boa noite de sono.

Olhei para Dion e não vi nada além de confusão, mesmo assim continuei.

— Os episódios de pesadelos aconteceram de forma regular, pelo menos três vezes durante a semana. Só não aconteceu no dia em que

dormimos na casa da sua mãe, mas continuou acontecendo depois daquela noite.

— Eu queria entender, mas não consigo. Me desculpe... — ele alisou a minha bochecha, me olhando com angústia.

— Eu também não entendia até ficar grávida e você dizer que aquilo não poderia ser verdade. Andrew me levou para casa naquele Natal. Ele viu o meu estado e juntou uma coisa com a outra para descobrir que eu estava grávida. Ele me disse que o filho não poderia ser seu porque você era estéril. Insisti que aquela criança não poderia ser de outra pessoa e o seu amigo me falou sobre uma gravação mostrando Bruce entrando no apartamento de madrugada quando você ia embora. Acontece que eu não sabia — mordi meus lábios para enganar o nó na garganta.

Naquele momento, percebi Dion se afastando, mas não fisicamente. Ele continuava olhando pra mim, mas sua mente não estava mais ali. Deveria estar imaginando a cena do irmão me tocando sem o meu consentimento e aquilo doeu mais do que eu esperava.

— Então... — Dion olhou para um ponto no chão ao meu lado, suas mãos tremulando subiam para a cabeça e desciam nervosamente para a cintura. — Bruce... ele...

— Ele me estuprou, Dion — falei baixo, porém com a voz firme.

Durante algum tempo, o que foi ouvido foi somente o som dos meninos brincando e do vento frio e sorrateiro. Quando ele voltou a olhar para cima, eu fiz o mesmo e não consegui enxergar nele a esperança que eu tinha tentado construir antes de fazer aquela revelação.

— Por que você escondeu isso de mim, Ava?

— Porque eu não tinha certeza. E foi por isso que fugi de São Francisco. Não sabia como te encarar sabendo que poderia estar grávida do seu irmão. Não podia continuar naquele apartamento sabendo de tudo que ele fez comigo.

Todas as lágrimas que eu pensei que derrubaria ao por aquelas atrocidades para fora não vieram, desconfiava que já tinha chorado o suficiente sobre aquele assunto. Eu não me sentia melhor por apenas sentir as

lágrimas rolando pelo meu rosto. Agora, mais do nunca, eu sabia que chorar não adiantava nada, sequer aliviava uma dor que eu mantinha enterrada no meu peito sem saber se um dia iria sarar.

O silêncio dele trazia calafrios gélidos para o meu corpo. Eu não sabia o que ele poderia falar diante das informações que eu lhe dei, mas eu precisava que ele dissesse algo.

Dion continuou me olhando como se eu tivesse instigado algo dentro dele. Ele respirou de tal forma que esperei que ele explodisse em fúria, mas nada aconteceu.

— Nós precisamos ir embora — sua voz estava perigosamente calma.

Observei Dion caminhar para longe de mim e ir em direção aos gêmeos. Perto dos garotos, ele pediu a eles que entrassem. Dion não deu margem para reclamação. Com a carinha emburrada, Aiden e Mason entraram no chalé.

Resolvi não o pressionar. Não iria exigir qualquer tipo de resposta ou reação sem que ele tivesse tempo o suficiente para absorver tudo o que aquilo implicava. O que o irmão dele fez foi algo assustador que havia tomado proporções gigantescas e, pior, não tinha começado comigo. Tinham muitas vítimas de Bruce por aí procurando justiça ou uma explicação para tudo o que ocorreu com elas.

A nossa volta a cidade foi pura angústia, longe de ser o ambiente harmônico que construímos na ida. A viagem acabou sem que eu e ele trocássemos uma única palavra. Por mais que eu tivesse tentado, a conversa foi totalmente unilateral, comigo na minha versão mais tola questionando e comentando coisas banais.

Quando ele estacionou em frente ao prédio, eu fechei os olhos dolorosamente por saber que não conseguiria encerrar aquele assunto como eu gostaria. Subimos para o apartamento ainda em silêncio, apesar de os gêmeos continuarem agitados.

— Vocês se divertiram? — Dion se agachou ao lado dos meninos após ele deixar as nossas coisas em cima do sofá. Os garotos esticaram os bracinhos ao redor dele.

— Quando vamos voltar lá, papai? — Aiden perguntou primeiro.

— Papai, eu quero um cachorro — Maze pediu depois.

— Olha, prometo que eu e a mamãe conversaremos sobre isso. — O sorriso nos rostinhos deles surgiu instantaneamente. — E, Aiden, nós conversaremos também sobre uma próxima ida ao chalé, tudo bem? Agora eu quero um abraço bem apertado — ele conseguiu o abraço e deixou um beijo em cada narizinho arrebitado antes de se levantar.

— Filhos, vão para o quarto tirar a roupa que daqui a pouco eu vou lá dar banho em vocês, tá bom? — Avisei.

Os pequenos se despediram do pai e saíram correndo para o quarto deles. Dion cruzou os braços e me fitou com olhos perturbados.

— Ava, eu...

— Não. Deixa que eu faço isso. — Entrelacei as minhas mãos. — Eu não tinha o menor direito de acabar com o nosso momento familiar daquela forma, mas eu tinha que fazer. Quero que entenda que eu não poderia continuar com aquela bomba relógio entre nós. E não me sinto no poder de exigir qualquer coisa de você agora. Apesar de tudo que o seu irmão me fez, eu estou bem. Não posso dizer que já superei, mas já estive bem pior. — Joguei uma mecha rebelde de cabelo pra trás da orelha, sentindo uma grande tristeza me aplacar sem me dar chance de defesa. — Dion, eu só espero que você saiba que ficar remoendo essa história não me fará bem.

Engoli o choro uma vez, porém naquele momento deixei as lágrimas rolarem.

— Não.... Não faça isso consigo mesma, Ava. — Ele se aproximou. Quando me dei conta, o meu rosto estava em suas mãos. — Eu amo você e nada nem ninguém vai mudar isso, mas agora eu só penso em conseguir justiça.

Segurei os seus braços enquanto ele me olhava da maneira mais intensa possível.

— Não foi somente eu, Dion. Existem dezenas de vítimas de Bruce.

— Eu sei — percebi a expressão dele mudar para algo mais obscuro.

— Sabe sobre o quê?

— Sobre as vítimas, Ava — engoli em seco, tentando encaixar aquela informação na história.

— Como assim? Eu não estou entendendo.

Ele soltou o meu rosto junto com um suspiro longo.

— Eu sabia que Bruce já tinha feito isso antes. Por isso que naquele dia no apartamento eu subi as escadas desesperado pensando no que ele poderia fazer a você.

— Ele te contou o que fazia? Ou você descobriu sozinho?

— Meu pai me pediu dinheiro emprestado alguns anos atrás. Uma quantia bem alta. Eu emprestei por ele dizer que aquilo era para uma urgência, um caso de vida ou morte. Algum tempo depois, descobri que o dinheiro era para comprar as vítimas de Bruce e encerrar um processo contra ele.

— Ah não... — tapei minha boca, consternada.

A recordação de Andrew contando sobre o caso das vítimas de San Carlos em que ele desconfiava que elas foram pagas para “calarem a boca” fez mais sentido agora.

— Então foi você que pagou aquelas mulheres para voltarem atrás no depoimento? — Minha voz saiu furiosa. Encarei Dion se encolhendo com o meu tom.

— Não, não. Você entendeu errado. Foi o meu dinheiro, mas não fui eu que fiz aquilo. Eu nem sabia pra que serviria aquele empréstimo.

— Mas isso não faz sentido. Você emprestou dinheiro para o seu pai sem saber o que ele faria? Meu Deus, se você não tivesse emprestado ou se ao menos soubesse para que o dinheiro serviria...

— Nada disso teria acontecido — completou por mim, porque eu não teria coragem de dizê-lo.

Agora eu entendia o motivo de Dion ter reagido de forma tão estranha após a revelação que eu lhe fiz. Ele sabia do que Bruce era capaz, só não

sabia que ele exerceria aquele crime doentio comigo.

— Qual foi a atitude que você tomou depois de descobrir o que Bruce fez? Ou você não fez nada?

Dion fechou o semblante e cruzou os braços na minha frente.

— Por que você está falando como se eu tivesse sido conivente com essa história?

— Fez ou não fez? — Insisti.

— Eu tentei. Eu entrei em contato com as vítimas depois que soube, mas não adiantava mais. Elas tiveram medo de serem desacreditadas. Meu pai havia deixado claro para elas que isso ocorreria se elas reabrissem o processo.

— O que faremos agora? Você tem alguma ideia de como resolveremos isso?

— Deixe isso comigo — respondeu decidido. — Eu errei em deixar passar essa história, mas não vou fazer isso de novo. Agora preciso ir.

Observei Dion sair pela porta. Se eu tivesse que fazer um ranking dos piores dias da minha vida – que já não foram poucos –, esse domingo estaria lutando pelo topo. Eu esperaria qualquer coisa, menos que Dion soubesse do que Bruce fazia. E mesmo que ele tivesse tentado consertar as coisas, eu ainda não achava suficiente. Querendo ou não, a ação dele me prejudicou diretamente, era para o irmão dele estar preso e sem cometer nenhum crime, muito menos comigo.

Dei banho nos meninos. A senhora Woods apareceu logo depois para eu fazer a janta e trazer um pouco de normalidade para o meu dia. Eu queria deitar e chorar até me sentir desidratada.

Os meninos comeram e não demorou nada para que eles tivessem sono, coloquei-os na cama assim que dormiram e voltei para o sofá. A babá tagarelava junto com a TV e eu só queria aquilo, alguém tendo um dia normal.

Conversamos um pouco até Mônica decidir ir embora.

Levantei junto com ela para pegar meu celular que começou a tocar.

Tive um mau presságio quando vi o nome de Carl na tela.

— Alô?

— *Senhorita Banks, desculpe incomodar a essa hora, mas eu preciso de você* — a voz dele não melhorou o meu sentimento de que algo muito ruim tinha acontecido.

— O que aconteceu, Carl? Você está me assustando.

— *Dion, ele...*

— Ele o quê? — Questionei afobada.

— *Por favor, senhorita. Eu estou na porta do seu prédio, poderia me acompanhar?*

— Sim. Só me dê um minuto.

Desliguei o telefone e corri para pegar um casaco, deixando a babá desnorteada.

— Mônica, você poderia...

— Claro — ela não me deixou terminar. — Vá resolver suas coisas.

Desci as escadas com urgência para me encontrar com Carl no hall do prédio. Ele estava andando de um lado para o outro, nunca o vi tão nervoso desde o dia na praia quando Camille passou mal.

— Graças a Deus você veio — o motorista disse assim que eu cheguei perto.

No caminho até o carro, perguntei o que houve de diversas formas diferentes, no entanto só consegui o seu silêncio. Já com o carro em movimento, comecei a chorar ao pensar a infinidade de tragédias que poderia ter acontecido.

— Ele está bem?

— Eu não sei. Eu não o vi. A empregada disse que ele se trancou no quarto e um tempo depois ela ouviu algo se chocando contra a parede diversas vezes.

— Ah não, Dion...

Tive a impressão de que eu tinha pegado pesado nas acusações, sugerindo que ele ajudou Bruce de bom grado.

— A governanta tem uma cópia da chave do quarto, mas...

— Mas o quê? Por que não abriram logo para ver se ele está bem? — Não sabia mais se eu estava gritando ou falando no meu tom normal.

— Porque eles estão com medo. Pensei que só a senhorita poderia tentar conversar com ele e deixá-lo mais calmo.

A velocidade do carro diminui para entrar na garagem e uma incerteza me tomou. Como faria Dion se acalmar se o motivo dele ter enlouquecido era eu? Aquilo não deveria importar agora, só queria vê-lo e deixá-lo bem.

Desci do carro e corri para acompanhar o ritmo do motorista. Carl não tinha família e Dion era alguém muito próximo dele, eu entendia a sua apreensão.

Um falatório foi interrompido assim que entramos no apartamento. Os empregados estavam reunidos e comentando o ocorrido.

— Onde está a chave? — Perguntei, sem tempo para cumprimentos.

— A senhora tem certeza? — Júlia perguntou levantando uma sobrancelha.

— Mas é claro que sim — respondi irritada.

Ela me entregou a chave timidamente. Pedi que todos eles fossem dormir ou embora. Apenas Carl ficou.

Sem hesitar, subi as escadas com certa pressa, mesmo sem ter a mínima ideia do que encontraria. O motorista veio atrás. Quando cheguei em frente ao quarto de Dion, eu não escutei nada e aquilo me deu medo. Coloquei a chave na maçaneta, girando-a rapidamente. Carl me deu um olhar questionador. Antes que ele dissesse qualquer coisa, entrei no quarto e tranquei a porta novamente.

Ao me virar para observar o quarto, me faltou força nas pernas. Eu estava diante de uma cena de terror. Nada ali estava no seu devido lugar e as paredes brancas estavam pinceladas de vermelho. Meu estômago se revirou quando me dei conta de que aquilo era sangue. Outras partes da parede

estavam afundadas como se tivessem sido socadas incessantemente.

— Dion? — Chamei com a minha voz em apenas um sopro, meu corpo todo tremia ao me questionar se ele estaria muito machucado. — Eu estou aqui, por favor, me deixe te ver.

A cada segundo que ficava sem resposta o medo me abraçava mais fortemente. Caminhei pelo quarto até chegar do outro lado da cama. No chão, os lençóis se misturavam com cacos de vidro.

— Dion, vai ficar tudo bem — disse com mais firmeza daquela vez.

Demorei para localizá-lo e aquilo não me deixou mais tranquila. Ele estava no chão, no pequeno vão entre a porta de vidro e uma cômoda. Sentado com o cotovelo apoiado no joelho. Os olhos abertos sem perceber nada ao redor. As juntas das mãos estavam em carne viva, ainda escorrendo sangue. Peguei o pano mais próximo e as cobri, ajoelhando-me a seu lado.

Aquele homem estava muito longe de ser o Dion que eu amava. Aquele homem havia lutado. Não sabia qual a batalha ele estava lutando, mas, olhando na incerteza refletida em seus olhos, estava claro que ele estava perdendo.

No momento eu tive apenas uma certeza: eu realmente havia pegado pesado “culpando” Dion pelo que Bruce fez comigo, mesmo que eu não tivesse dito em claro e em bom tom. Pensando por aquele lado, não era difícil saber o que ele estava fazendo. Ele tinha assumido a culpa.



Dion

— Dion, olha pra mim. Você está machucado em algum outro lugar?

Aquela foi a primeira vez que consegui focar na voz de Ava e os meus olhos finalmente captaram a sua expressão preocupada. As mãos dela estavam em torno do meu rosto e logo desceram para percorrer o meu corpo, procurando por alguma coisa.

— Não, eu estou bem — respondi, levantando-me sem levar em conta a dor nos dedos. — Onde estão os garotos? Você trouxe eles?

— Os meninos ficaram com a babá. O que aconteceu? Você não está bem — falou em voz baixa.

Suspirei, sentindo-me um pouco mais tranquilo, pelo menos não tinha perigo dos meus filhos me verem naquele estado. Ava foi em direção à cama e se sentou na beirada, esperando uma explicação pela catástrofe no quarto.

— Eu só preciso de um banho — desconversei.

Retirei a roupa sob o olhar dela e me encaminhei para o banheiro. Ava veio atrás.

— Vou pegar o kit de primeiros socorros — fitou-me como se tivesse sido pega fazendo algo errado.

Enquanto eu estava embaixo do chuveiro, Ava tentou achar a caixinha do kit de primeiros socorros em praticamente todos os lugares do banheiro. Eu sabia bem que o kit estava no armário debaixo da pia, onde todos os kits de primeiros socorros costumavam ficar, lugar que inclusive ela já tinha

olhado. Ficou claro para mim que ela estava ali me vigiando para que eu não fizesse nada estúpido.

Merda! Olhar pra ela e ver a preocupação estampada em cada parte do seu rosto era mais um aviso de que o que eu fiz não ajudou em nada naquela história.

Eu escolhi deixá-la em seu apartamento com os gêmeos e vir embora para a minha casa e enlouquecer sozinho. Queria estar longe da minha família para não demonstrar o quanto aquela revelação me quebrou por dentro e desfez a ilusão protecionista que eu tinha com Ava. Eu jurei que iria protegê-la, infelizmente não fui capaz daquilo e a minha incompetência teve uma dura consequência.

A dor fina feito agulhada nas juntas dos meus dedos não eram nada, o estrago maior já tinha acontecido e eu não poderia fazer nada para consertar agora. Apesar de tudo, ela ainda estava comigo, demonstrando preocupação com alguém que poderia ter impedido que toda aquela merda acontecesse.

— Oh, achei! — Ouvi a voz dela segundos depois de eu desligar o chuveiro. Então, retirou a caixinha branca com uma cruz vermelha do centro do armário debaixo da pia, exatamente onde eu sabia que estava e onde ela já tinha procurado.

Saímos do banheiro e rapidamente coloquei uma camisa preta sem me importar com os hematomas na mão.

— Onde você vai? — Ava perguntou, observando-me colocar um sapato. — Já são dez da noite.

— Eu vou ficar aqui, mas tenho muitas coisas para resolver.

— Você precisa dormir. Seja lá o que você tem pra resolver, tenho certeza de que pode fazer isso amanhã — cruzou os braços.

— Acha mesmo que vou conseguir dormir?

Ava abaixou a cabeça, mordendo os lábios.

— Vem aqui. Pelo menos me deixa cuidar de você — seus olhinhos misericordiosos brilharam, não pude dizer não.

Sentei ao seu lado na cama e contemplei sua imagem mais de perto.

Segurei a vontade de colar a minha boca em seus lábios macios, pois algo dentro de mim me dizia que eu não deveria.

Ava pegou a minha mão com cuidado e a colocou sobre seu colo. Primeiro, ela desinfetou os ferimentos, depois escolheu algumas gazes menores e cobriu os machucados, selando-os com esparadrapo.

— Você quer conversar? — Sondou ela.

Aquela pergunta interrompeu os meus pensamentos sobre o que eu faria com Bruce quando o encontrasse. A única razão de eu ainda estar em Nova Iorque era por eu não saber o paradeiro dele. O filho de uma puta vivia em Miami, porém, de uma hora para a outra, ele sumiu do mapa. Eu desconfiava que o meu pai sabia onde ele estava, porém ele nunca iria me dizer.

Eu não queria conversar sobre aquilo para não deixar extrapolar quais eram os meus planos com Bruce. Se aquilo acontecesse, Ava teria que chamar a polícia se fosse sensata. Aquele bastardo estava com os dias contados.

— Quando você vai entender que te ver sofrer me faz sofrer também? — Falou com um pouco menos de paciência.

Levantei a cabeça e observei o teto, um suspiro insatisfeito saiu de mim.

— É o mesmo com você — respondi de forma óbvia. — Eu não acho que você entenderia o que eu estou sentindo agora.

Ava se levantou quando o último esparadrapo foi colocado. Ela não gostava de se sentir fragilizada e frágil era tudo o que ela não era.

— Dion, não se afaste de mim de novo. — Fechei os olhos com a agonia ascendendo no meu interior, imaginando o quão difícil foi para ela aquele dia. Aquelas revelações. O estupro. O que só alimentava a minha ânsia de pegar aquele maldito. — Se eu dei a entender que você tinha culpa no que aconteceu, me desculpe. Eu não queria dizer aquilo.

Levantei de supetão, fazendo frente a ela. Peguei seu queixo e o trouxe para cima.

— Ava, chega de se culpar! — Minha voz subiu algumas oitavas por não aguentar mais ela tentando achar alguma brecha para colocar a culpa em si mesma. — Você está certa, eu não estou bem porque não consigo lidar com essa situação. Eu não sabia na hora e ainda não sei as palavras certas que você precisa ouvir de mim. Não sei o que fazer e obviamente não vou saber me expressar para tentar te mostrar o quanto me tortura saber o que Bruce te fez. É meio óbvio, mas estou desesperado pra fazer alguma coisa. Tudo o que eu queria agora era estar lúcido para tomar as decisões de forma racional, mas não consigo — o cansaço mental queria tomar conta. — Essa história está me deixando louco por saber que eu não estava lá para impedir aquele filho da puta colocasse as mãos em você. Me deixa louco saber que eu deixei essa *porra* chegar nesse ponto. Me deixa louco saber que eu não posso voltar no tempo e mudar as coisas por você!

Alguma coisa coçava no meu rosto, passei a mão e percebi que eram lágrimas, lágrimas que também surgiram no rosto dela, mas por motivos diferentes. Ação e consequência.

Recuei até sentar na ponta da cama de novo, desejando arrancar aquele sentimento tomando conta do meu coração feito erva daninha. Poucos segundos depois, as mãos de Ava estavam nas minhas e ela forçou os meus braços a ficarem apoiados nos ombros dela, aproximando nossos rostos. Encostei a testa na dela e tentei encarar os seus olhos amedrontados. O cheiro dela já impregnava na minha pele, entorpecendo meus sentidos. Vagarosamente, Ava foi acariciando a pele do meu rosto com os lábios. A minha língua ficou inquieta para ir de encontro a tudo nela.

— Obrigada — ela disse após encostar nossos lábios delicadamente. — Você está sendo exatamente o que eu preciso nesse momento.

A vontade de desabar veio com força, mas tentei me manter firme. Cobri o seu corpo com meus braços e a puxei para cima até ela ficar sentada na minha perna direita. Não falamos mais nada. Apenas ficamos compartilhando carinho e calculando silenciosamente o quanto aquele dia nos mudaria dali em diante.

Ela se levantou do meu colo e imediatamente senti falta do seu calor.

— Já que você não vai dormir, eu vou embora ficar com os meninos.

Promete que vai ficar bem?

Suas mãos vieram carinhosamente para o meu rosto.

— Prometo que vou resolver isso.

Ava deixou os ombros caírem, insatisfeita com a resposta.

— Se eu não te ver amanhã, venho atrás de você — eu não duvidava.

Tudo o que eu mais queria era curá-la, livrá-la daquele redemoinho de dor, como eu não poderia fazer aquilo, eu focaria em diminuir os efeitos colaterais.

— Ava, você e os nossos filhos são tudo pra mim. Nunca se esqueça disso — minhas palavras trouxeram um sorriso para o seu rosto, levando um pouco de luz para a escuridão que tinha se tornado a minha mente.

— Eu te amo, Dion — sussurrou. — E, por favor, não faça nada com Bruce que possa te prejudicar.

— Eu também amo você — beijei os lábios dela suavemente. — Não quero que se preocupe comigo, mas eu vou fazer o que for preciso pra pegar Bruce.

Não queria preocupá-la, entretanto não queria esconder as minhas intenções.



— Andrew está aqui — Júlia avisou.

Desci as escadas, indo direto para a sala de estar. Ava só foi embora depois de escrever um roteiro que a governanta e os empregados deveriam seguir na manhã seguinte para reduzir o caos no meu quarto.

A porta se abriu e um Andrew sério pronto para derrubar qualquer ameaça surgiu na minha frente. Eu o levaria a sério se não fosse pela bolsa rosa equipada com mamadeira e fraldas, o bebê conforto em sua mão e Grace em seu colo estapeando a orelha dele.

Andrew passou por mim, jogando toda aquela parafernália em cima do meu sofá.

— O que houve com a sua mão? — Questionou contraindo as sobrancelhas.

— Acidente de trabalho.

— Você não voltou com aquela sua mania estranha de socar paredes, não, né? — Insinuou, dando um de seus olhares cirúrgicos.

— Isso não é da sua conta. — Observei-o retirando o notebook de dentro da bolsa rosa cheirando a morangos enquanto Grace captava cada coisa colorida e chamativa perto dela. — Você conseguiu alguma coisa?

— Aqueles contatos que Carl me passou são incrivelmente competentes — respondeu totalmente animado.

Antes de chegar em casa, pedi que ele entrasse em contato com os antigos colegas de trabalho de Carl. Meu motorista nem sempre teve como ofício dirigir um carro. Carl já fez parte do exército americano e a quantidade de patentes que ele tinha encheria um quarto. Exatamente por isso que pedi que ele levasse Ava para casa e não tirasse os olhos da porta dela. Eu não sabia onde Bruce estava e não daria mole para que ele aparecesse e a violentasse de novo.

Andrew esticou os braços para me entregar a filhinha e abriu o computador na mesa ali perto. Grace me olhou com seus olhinhos brilhantes e enormes, um sorriso banguela apareceu em seu rosto logo depois. Ela tinha os cabelos dourados da mãe e os olhos do pai.

Andrew ligava o notebook e tagarelava sobre os seus dias sem dormir e que aquele seria outro já que era a vez dele de cuidar de Grace.

— E aí, vai me contar que porra é essa na sua mão?

— Você sempre fala palavrão na frente da sua filha de sete meses? — Rebati, olhando para ele horrorizado e mudando o foco da conversa.

— Falo sim, ela não entende nada mesmo. Não é, bolinho de arroz do papai? — Ele esticou as mãos para fazer cócegas na barriga da menina.

Fiquei pensando em quão demente ele deveria ser para chamar Grace de bolinho de arroz. Aquilo não parecia importar pra ela, o meu ouvido já zumbia com as gaitadas que a bebê soltava.

— Quando a primeira palavra dela for um palavrão, você não se surpreenda — avisei em tom de brincadeira, mas a minha preocupação era real.

— Ok, vamos ao que interessa. — Coloquei Grace no bebê conforto e fiquei balançando. — Este é um relatório de tudo sobre Bruce nos últimos anos. O que você quer ver primeiro?

— O óbvio. Quero saber onde aquele desgraçado está! — Tapei a boca no mesmo instante e dei uma olhadela para o lado. Grace estava lá ouvindo tudo. — Desculpe, docinho.

— Bem, olhando os registros de passagens aéreas, ele viajou para São Francisco todos os fins de ano e datas especiais. E desembarcou em Miami há quinze dias. — Andrew colocou a mão no queixo matutando alguma coisa. — Foi nesse período que isso aqui veio à tona. Bruce chegou a Miami de avião, porém não tem registros de outros voos, provavelmente fugiu de ônibus ou de carro — ele mudou a tela do computador e apontou para a notícia de um portal jornalístico.

“Mulher de vinte e cinco anos relata ter sido estuprada enquanto dormia.”

Levantei do sofá quando imagens perturbadoras surgiram na minha cabeça. Que espécie débil de pessoa fazia uma coisa daquelas? Como aquele homem poderia ser meu irmão?

— Ela contou pra você, não foi? — Andrew questionou, percebendo a minha inquietude. Apenas concordei. — Imaginei. Ava pediu minha ajuda para esclarecer esse caso, queria ter certeza se realmente aconteceu com ela antes de dizer a você. Saber o que Bruce fez com ela te fez conseguir esses machucados aí?

Olhei para baixo e fitei as minhas mãos. A dor latejante ainda não havia me deixado.

— Eu só extravasei — falei baixo.

— Acho que qualquer um na sua situação faria isso.

— Não, é difícil imaginar outra pessoa na mesma situação — fiz uma

pausa e olhei para ele. — Eu sabia de tudo, cara.

— O quê? Você já sabia o que ele fazia com a Ava?

— Não! — Rosnei. — Não com ela! Bruce já tinha feito isso antes.

— Bem, nesse caso eu também sabia — falou devagar, elucidando algo maior.

— Você o quê?

Eu estava aterrorizado em cavar mais fundo naquela história, a cada hora ficava mais macabra.

— Amber — Andrew disse e captei um horror escapando de sua face.

— Não — respondi incrédulo.

— Eu não sei a que ponto ele chegou com ela, mas Bruce já tentou algo com Amber também.

— E quando foi isso? Ela nunca me contou algo do tipo.

— Foi no noivado de vocês. Seu pai a convenceu de não contar para ninguém, apenas eu fiquei sabendo.

— Deus... Qual é o problema daquele filho da puta?!

Tapei o rosto, tentando evitar uma nova explosão.

— Ele é um estuprador do caralho! — Andrew reforçou.

Olhamos na mesma hora o conteúdo do bebê conforto. Minha afilhada dormia feito a mais sapeca dos anjinhos.

— Acho que afinal de contas você me entende um pouco — continuei.

Entendia o meu momento, mas seria impossível entender os meus sentimentos. Eu já tinha uma mãe morta debaixo do meu nariz e agora eu poderia adicionar o estupro de Ava e o quase estupro de Amber. Não era possível que alguém poderia entender o que se passava na minha cabeça.

— O que você vai fazer quando encontrá-lo?

— O que você faria? — Rebati como se minha resposta já estivesse explícita.

— Matá-lo só vai trazer mais problemas e mais sofrimento, principalmente para Ava e seus filhos.

— Mas talvez seja a solução de nossos problemas.

— Você resolve um problema e ganha outro com a justiça. Você se tornaria um assassino — Andrew disse em forma de bronca.

— Não me importo com isso desde que aquele desgraçado pague pelo que fez.

— Nós o faremos pagar, Dion, porém faremos isso de forma limpa, usando os meios legais. Agora pare de pensar nisso e vamos focar em encontrar Bruce primeiro.

Após outro momento que eu tive que respirar fundo para não enlouquecer de vez, tentei me manter tranquilo, porém a cada batida do meu coração, a cada suspiro, parecia uma chance perdida de envolver minhas mãos em torno do pescoço de Bruce até tirar-lhe a vida.

— Existem mais depoimentos sobre estupros causados por uma sombra enquanto a vítima estava supostamente sedada. Há relatórios e vídeos de segurança. Meu Deus, como ele é burro.

Um vulto de triunfo passou pelo rosto de Andrew, mas ele logo desanimou.

— Droga! Bruce está cobrindo o rosto — ele abriu os vídeos um por um. — Ele está se escondendo em todas, só não se escondeu... — fechou a boca e analisou a minha expressão.

— Quando fez com Ava. E você ainda não quer que eu mate esse miserável? Foi tudo planejado e calculado para eu ficar sabendo. — Joguei meu rosto entre as minhas mãos e cerrei os dentes, sentindo-me o ser mais impotente da galáxia.

O computador de Andrew fez um barulho engraçado. Olhei para ele a tempo de ver um e-mail subindo na tela.

— Merda, eles me responderam. E uma hora depois... — o tom dele era de comemoração.

— Do que você está falando?

— Sigilo telefônico. O contato de Carl acabou de me enviar os números que Bruce utilizava para se comunicar. Dion, onde Carl trabalhava? Eu estou começando a ficar com medo, cara. Espero que nunca me cobrem por isso — dei de ombros. A última coisa que eu queria falar no momento era do currículo do meu motorista.

— Vai ficar tudo bem. Não precisa ter medo.

Andrew abriu um arquivo com centenas de números. Olhamos um por um procurando por algo suspeito ou um número diferente que indicasse onde ele estaria. Percebi que a maioria dos números que ele entrava em contato era o do meu pai.

— Espere aí, sobe um pouco — Andrew acatou o meu pedido. — Acho que conheço esse número. — Andrew continuou descendo e mais números como aquele foram surgindo no prazo das últimas semanas. — Consulta este aqui, por favor.

— Certo — ele o fez, a sua resposta só confirmou a minha suspeita. — Puta que pariu!

Boquiaberto, Andrew apontou o nome na tela. Senti a temperatura do meu corpo se elevando incessantemente de fúria ao ver o nome de Lauren.

— O que você vai fazer sobre isso?

— Eu vou fazê-la me dizer onde Bruce está — percebi o olhar de temor do meu amigo ao ouvir a minha voz tão calma.

— Espera... Se você for atrás dela e exigir a informação, provavelmente ela falará com Bruce e nunca mais o encontraremos. Como você vai fazer isso?

— Jogando como eles — respondi sem nenhuma sombra de dúvidas. Conseguir aquela informação era o menor dos meus problemas.



Ava

Já eram duas da tarde e nada de notícias de Dion. Nem mensagem ou ligação. Nada.

Eu trabalhava em um dos projetos de Vivian, porém a minha mente sempre divagava para ele. Liguei para a secretária do seu escritório e a informação que tive era que Dion não foi para o banco hoje e provavelmente estava criando um plano maligno para pôr em prática quando encontrasse Bruce. Era aquilo que me preocupava.

Ao sair de casa pela manhã, percebi duas figuras estranhas rondando o meu andar e logo depois o prédio. Desconfiava que uma dupla de “seguranças” também acompanhou a babá com os gêmeos, obrigando-me a entrar em contato com Carl. Ele me assegurou que eu não deveria me preocupar.

Por isso eu precisava que Dion me dissesse o que ele andava pensando, não queria de jeito nenhum que ele caísse na tentação de uma vingança entre irmãos. Não havia ninguém que quisesse que Bruce pagasse por seus crimes mais do que eu, mas também queria que aquela justiça fosse feita dentro da lei.

O telefone em minha mesa tocou. Atendi rapidamente, criando expectativa que fosse Dion.

— Ei, Vivian, do que você precisa? — Tentei esconder o descontentamento na voz.

— Você está ocupada?

Oh, sim! Ocupada pensando se o pai dos meus filhos está planejando matar o irmão.

— Não, estou tranquila agora — respondi.

— Ótimo, então venha até a minha sala, preciso discutir algumas coisas com você.

Desliguei o telefone, encaminhando-me para a sala dela. Ao abrir a porta, Vivian me olhou de cima abaixo e tirou os óculos, fazendo aquela cara de sabe tudo.

— Você e Dion estão bem?

— Sei tanto quanto você — ironizei, ela riu disfarçadamente.

Sentei na cadeira em frente a ela e cruzei os braços, pedindo aos céus que a minha chefe não insistisse naquele assunto.

— Já escolheu sua fantasia para a festa? — Perguntou, separando alguns papéis.

Minhas amigas malucas já tinham me alertado que a festa da empresa se aproximava e eu nem dei bola. Não tinha cabeça ou clima para festejar.

— Não, creio que eu não vou poder ir.

— Hum, que pena. Eu tenho olhado na internet e tem fantasias incríveis para a idade dos meninos.

Sorri ao lembrar da fantasia dos gêmeos na festa do ano passado.

— Você e Jenna são madrinhas dele. Se não for incomodar, podem levá-los para a festa sem nenhum problema.

Vivian torceu o nariz.

— Eu não sei — ela ficou séria por um instante para logo depois um sorriso tímido iluminar a sua face. — Apesar de que eu e Jenna estamos pensando em uma temporada de testes — confessou.

Sabia exatamente do que ela estava falando e fiquei feliz por ter sido agraciada com aquela informação.

— Olha, sem querer me intrometer, mas eu acho que já está na hora. — Vivian me olhou e o brilho genuíno em seus olhos demonstrou que ela concordava comigo.

— Sim, talvez. Voltando ao assunto, quero que pense com carinho na festa. Nós representamos essa empresa agora e devemos passar o máximo de confiança para os funcionários.

Balancei a cabeça positivamente.

— Prometo que vou pensar, mas no momento a minha resposta é não.

— Certo. Bem, o outro assunto que eu queria tratar com você é sobre a sua posição aqui na empresa. Atualmente, você é minha secretária. Sei que você não tem diploma de faculdade, mas acho que está na hora de você alçar novos voos, Ava. Eu tenho conversado com vários setores da Carter Inc. e em todos eles você deixou uma ótima impressão. Vamos relembrar a sua trajetória. Qual foi a sua primeira função aqui?

— Servir café e tirar cópias — respondi de pronto.

Uma ponta de nostalgia encheu o meu coração de saudades. Eu cheguei à Nova Iorque com poucas oportunidades e consegui aproveitar cada uma ao máximo.

— E agora você está aqui e me ajudou a chegar na presidência quando eu nem sequer me atrevia a imaginar essa possibilidade.

— Isso tudo graças a você e a Jenna. Eu nunca vou esquecer o que fizeram por mim.

Nem em cinco reencarnações eu poderia expressar a minha gratidão por elas.

— Ava, você tem demonstrado um grande amor por essa empresa e não foi só naquele dia que você confrontou Lauren na frente de Dion, mas é por esse e outros motivos que eu acho que você está pronta. Eu estou apostando em você porque sei da sua capacidade e aposto minhas fichas que você vai conseguir.

— Meu Deus, Vivian. Espero que esse discurso não seja para me demitir — comentei num tom engraçado.

— Não. Eu quero que você seja minha assistente. — Vivian me olhou a tempo de ver o meu queixo caindo. — Você assumiria uma responsabilidade ainda maior, representando-me em lugares e encontros que eu não poderia estar presente. Discutiria e debateria sobre os interesses da nossa empresa. Não só isso, eu quero que você aprenda mais sobre negócios e sobre o nosso mundo em geral.

Meus olhos brilharam, imaginando cada coisa que ela falava.

— Seria importante continuar estudando, fazer *workshops*, ir ao máximo de palestras que conseguir, já que a sua agenda se tornará mais flexível.

— Ah... — gaguejei, procurando algo para falar. — Isso parece ser bem legal, mas — olhei de um lado para o outro — não faço ideia do que dizer — admiti de vez.

— Sim. Não. Talvez?

— Uau!

— "Uau" também serve — Vivian riu.

— Obrigada! Eu... fico lisonjeada com a oferta.

— Fique tranquila, eu não vou fazer como a sua última subida de cargo. Vou te dar um tempo para pensar, ok?

— Ok, mas me diz com sinceridade, teve algum dedo de Dion nisso?

Minha chefe cruzou as mãos embaixo do queixo e me deu o seu melhor olhar de desgosto. Só aquilo já respondia a minha questão.

— Dion pode ser o dono, mas quem manda nesse prédio sou eu.



Cheguei em casa percebendo os mesmos caras rondando cada ponto do meu prédio. Abri a porta e vi meus bebês pulando em frente à televisão. Era hora do desenho favorito deles. Enquanto os gêmeos ficaram entretidos, eu fui direto para o banho e dispensei a babá, mas avisei que talvez a chamasse de volta caso Dion não desse sinal de vida até determinado horário.

Fui para a cozinha preparar a janta enquanto mandava a milésima mensagem para Dion. Não tinha jeito, eu teria que ir até ele como prometido. Fiz os meninos jantarem, porém não consegui comer nada. Quando as minhas esperanças já estavam indo por água abaixo, eu escutei uma batida na porta. Olhei para os gêmeos e, antes que pudesse pensar em algo, eles correram para abrir a porta.

Senti uma apreensão ao ver que eles já davam altura para rodar a maçaneta.

— Mamãe, é o papai!

Aprumei-me e fui na direção deles.

— Ah, oi, papai — falei.

Os meninos saltitaram em torno dele, que logo os puxou para um abraço.

— Oi, Ava — Dion me cumprimentou com um tom de voz monótono.

Observei-o aconchegar os meninos em cada lado dele e perguntar coisas triviais do dia a dia de uma criança. Os gêmeos também o encheram de perguntas atropeladas.

— Aiden, deixa o papai respirar — pedi.

— Vem, papai, a mamãe fez macarrão — Mason pegou a mão dele e saiu puxando-o em direção à mesa.

Os meninos olharam curiosos para as bandagens nos dedos do pai, achando a coisa mais legal do momento.

— Maze, para com isso, ele está machucado e seu pai provavelmente já jantou — intervi quando vi o garoto cutucando os dedos do pai.

— O cheiro está bom — ele deixou um sorrisinho escapar. Era o primeiro desde ontem, aquele domingo amaldiçoado.

Senti meu corpo relaxar minimamente. Fui até o armário, retirei um prato e alguns talheres, entregando para Dion.

— Ainda dói? — Perguntei descontraída.

— Dói menos agora.

— Papai tá cheio de machucados, igual os super-heróis — os meninos comentavam entre si.

— Como foi seu dia? — Perguntei de novo.

— Cheio — respondeu de forma tão calorosa quanto um cubo de gelo, colocando uma quantidade generosa de macarrão na boca.

Eu torci incessantemente para que ele e os meninos terminassem logo a refeição. Precisava saber por que tinha homens rondando o meu apartamento e o que Dion pretendia fazer.

Pai e filhos passaram algum tempo juntos, brincaram e conversaram. Na primeira brecha que encontrei, eu mandei os meninos para o quarto com os brinquedos que eles tanto gostavam.

Quando voltei, Dion já estava sentado no sofá transmitindo os seus trejeitos de nervosismo. Cheguei mais perto e sentei perto dele, peguei suas mãos para analisar os curativos que eu havia feito.

O silêncio reinou por alguns minutos.

— Tudo bem, eu já entendi — havia uma mágoa mascarada na minha voz. — Não deveria ter contato nada pra você ontem.

Dion passou as mãos pelo rosto, respirando alto e fundo.

— Você precisa de ajuda, Ava — ele disse com firmeza e uma ponta de irritação. — Você não vê outra solução a não ser colocar a culpa em si mesma. Seria muito interessante você desabafar, contar a alguém como se sente. Alguém que possa fazer algo útil com isso.

— Você não veio aqui para me dar sermão — queria tirar o foco da conversa de mim.

— Você está certa. Eu vim aqui para te ver e ver nossos filhos.

— Espero que para me contar também quem são os brutamontes rondando o meu apartamento.

— Seguranças especializados.

— Isso tem haver com...

— Tem!

Ele me cortou como se tivéssemos feito um pacto de não proferir o nome de Bruce. Olhei para baixo para observar os pelos dos meus braços se eriçarem.

— Então ele está na cidade? — O nó na garganta deixou a minha voz baixa e temerosa.

— Eu ainda não sei, mas queria garantir que vocês ficassem seguros. Creio que não vai querer se mudar para meu apartamento agora. — Concordei.

Eu estava de um lado do sofá e ele de outro. Entre nós havia um abismo de segredos. O que ele não estava me contando?

A mão de Dion pousou na minha e eu a apertei. Logo ele me puxou para perto dele. Sentei em suas pernas e o abracei, percebendo o seu coração bater forte. Dion acariciou meu cabelo por incansáveis minutos. Levantei a minha cabeça e roubei um selinho. Com os olhos fechados, Dion percorreu com seus lábios o meu rosto até chegar na minha boca. Ele a tomou sem reversas. Naquele instante, voltamos a ser nós mesmos e não dois estranhos.

Com nossa respiração ofegante, passei as mãos pelas coxas dele, percebendo em sua pele o desejo por mim. Alcancei a barra da camisa e puxei pra cima. Como se saísse de um transe, Dion me afastou e se levantou transtornado. Nem ele pareceu entender por que fez aquilo. Contudo, a resposta era um tanto óbvia.

Não poderia imaginar como seria para ele me tocar tendo em mente o que o irmão dele fez.

— Eu preciso ir agora.

Ele foi embora sem nem olhar para trás.

Quando me deitei, o nó na garganta e a pressão das lágrimas ficaram insuportáveis. Eu refleti se conseguiríamos superar tudo aquilo. Talvez não houvesse cura para um casal com os nossos problemas.



Ava

O meu dia de serviço foi cheio de reflexões. Desabafei com as minhas amigas sobre a situação e recebi alguns conselhos. Na parte da tarde, Vivian apareceu na minha sala buscando uma resposta.

— E aí? Já pensou sobre a sua promoção?

Vivian entrou, logo percebi uma caixa que ela deixou em cima da mesa.

— Você não está tentando me comprar, está? — Perguntei, sentindo o meu humor ser restaurado.

— Eu não, mas creio que alguém está. — Vivian passeou pela sala com as mãos nas costas. — Talvez um homem apaixonado e arrependido.

Minhas mãos correram em desespero para a caixa branca com uma fita vermelha.

— A propósito, eu aceito o cargo de sua assistente. — O sorriso da minha chefe demonstrou toda a sua inquietação por uma resposta.

— Perfeito. Vai se preparando que brevemente te darei novos desafios.

Senti um friozinho na barriga por antecipação. Eu queria aprender, trabalhar e gastar a minha mente e o meu tempo pensando em qualquer coisa que não fosse o pai dos meus filhos.

Desembrulhei o papel de seda que cobria o conteúdo da caixa. Bem abaixo havia um bilhete.

“Sei que sou um filho da puta quando quero, mas eu não consigo ser sensato quando o assunto é você. Tudo o que eu quero é te ter, PRA SEMPRE.”

Deixei o bilhete de lado e peguei uma peça de tecido tão delicado que parecia ter sido costurado todo a mão, a cor era vermelho e bem vivo. Puxei mais pra cima e descobri a camisola mais vulgar que já tinha visto na vida. *Argh!* Aquilo era algo que eu não usaria nem nos meus tempos de prostituta.

— Ah... nossa, tem alguém *realmente* arrependido — Vivian falou antes de deixar a minha sala com um pouco de pressa e uma expressão engraçada.

Fiquei confusa com a atitude dele. Se ontem ele não conseguia nem me tocar, como me mandou uma lingerie como aquela?

Ao chegar em casa, guardei a caixa de presente. Havia me convencido no caminho que, assim como as rosas, aquele presente foi um engano. A babá estava dando banho nos meninos, com isso fiz o mesmo. Saí do banho vendo que tinha uma mensagem de Dion avisando que logo chegaria. Minutos depois, assisti do sofá a animação dos meus pequenos ao receber o pai.

Ao longo daquele tempo, pude perceber algumas coisas bem sutis. Apesar de estarmos perto um do outro, a distância entre nós dois nunca foi tão grande. Dion de certa forma se esquivava de mim mesmo tentando demonstrar que estava tudo bem. No fundo, eu sabia que nós nunca mais seríamos os mesmos, mas ver a confirmação enchia meu coração de dor.

Logo os meninos dormiram e acompanhei Dion até a porta. Não falamos sobre o que aconteceu ontem, mas queria esclarecer algumas coisas antes de ele ir embora de novo.

— Olha, não tem um manual de instruções informando como devemos agir nessa situação, mas eu sei que isso te machuca mesmo que você não fale, e está tudo bem.

— Sobre ontem, eu sinto muito. Eu... não consigo tirar toda essa história da minha cabeça, só fico pensando em como ele te machucou... Me perdoe, Ava.

Ele virou a cabeça para o corredor. Será que nem me olhar mais ele

estava conseguindo?

— Dion, você está sendo tão incrível, mas provavelmente pensa em fazer o que é melhor pra mim quando na verdade devemos fazer o que é melhor pra gente. E eu acho que ficar perto de mim parece tortura pra você. Não quero nada disso — puxei o ar, sentindo meu coração ser esmagado por fazer algo que eu não queria. — Acho que devemos deixar o tempo fluir e só depois definir alguma coisa entre nós.

A incerteza possuía o seu olhar. Queria que ele tivesse batido o pé, falado que eu estava louca e que nunca se afastaria de mim. Um par de segundos depois, vi-o concordar com a cabeça. Então soube que aquilo era realmente o melhor a se fazer, embora aparentemente nenhum de nós dois quisesse.

Permaneci parada na porta enquanto ele resolvia se ia embora. Sem demora, ele se despediu, partindo para pegar o elevador. Após alguns passos, ele parou e me olhou.

— Nós vamos superar isso.

Será mesmo?



A quarta feira chegou. Com tantas coisas em mente, decidi colocar o foco em mim. Meu dia foi logo melhorando quando recebi a notícia que eu teria folga até a próxima semana para começar a me adaptar à nova função. Minha mente já estava a mil por hora, planejando tudo o que eu tinha que fazer para aproveitar ao máximo os meus dias.

Consultei-me com Jenna na quinta-feira e ela me indicou um novo anticoncepcional. Com Dion me colocando pra escanteio, eu previ a minha vida sexual desmoronando. Ainda assim, decidi começar a tomar, porque, bem, nunca se sabe.

Na sexta, estudei alguns possíveis clientes para a Carter Inc. que Vivian tinha me passado. Busquei os meninos na escola mais cedo. Depois do almoço, passei ótimas horas com eles. Noventa por cento do assunto era: “Dion”, “papai”, “nosso super-herói”. O último sempre me arrancava um

sorriso. Os meus filhos estavam bem. Aquilo me fazia bem.

Enquanto preparava um lanche na cozinha, o telefone fixo do apartamento tocou. Procurei brevemente na minha memória quem tinha aquele número. Lembrei que estava na lista telefônica e quem entrava em contato comigo naquele número geralmente eram pessoas que não me conheciam pessoalmente.

— Alô?

— Boa tarde, nesse telefone eu consigo falar com a senhora Ava Christine Banks?

— Sim, quem fala?

— Meu nome é Rose. Eu sou assistente social na penitenciária feminina de São Francisco. — Minha cabeça levou um tempo para me situar, mas logo me levou a pensar em Olga.

Eu não sabia o que aquela filha da mãe queria. Esperava que não me dissessem que iriam soltá-la.

— Pois não.

— Estamos te ligando porque o seu nome consta na lista de contato de uma das detentas, Olga Weber.

A moça do outro lado da linha fez uma pausa dramática.

— Senhora Banks, a sua mãe estava na nossa unidade hospitalar com um quadro de pneumonia — Rose novamente fez uma pausa. *— Lamento informar que ela não resistiu, veio a falecer essa madrugada* — a mulher aguardou a minha reação. Tudo o que ela conseguiu de mim foi um suspiro. *— Tentamos contato o dia todo até achar o seu número correto.*

— Tudo bem, obrigada por informar — respondi me despedindo.

— Espera, senhora. A responsabilidade dos procedimentos do funeral e enterro é do familiar.

— Desculpe, Rose, você ligou no número errado.

Desta vez, eu desliguei o telefone mesmo que a assistente social ainda estivesse gaguejando do outro lado da linha tentando argumentar. Retirei o

telefone do gancho, sabendo que muito provavelmente ela ligaria de novo.

Apoiei as mãos na mesinha, fechando os olhos, e estiquei o corpo. Respirei uma vez, depois de novo.

Deus, o que está acontecendo na minha vida?

— Mamãe? — Uma vozinha preocupada surgiu na minha mente.

Olhei para as duas criaturinhas que eram a razão de eu ainda conseguir sorrir.

— E então, quem quer ir até a confeitaria da tia Jessy? — Pensei rápido.

Precisava respirar um ar fresco.

Recebi a resposta com festa. Eles nunca negavam uma ida ao lugar onde eles se empanturravam de *cupcakes*. Peguei o casaco dos dois e o meu, depois partimos para a rua. Nosso destino não estava longe de casa, por isso optei por ir a pé.

A mulher com quem eu tinha vivido boa parte da minha vida estava morta. Era a minha mãe – adotiva, mas era.

Eu deveria chorar? Não por ela ter morrido, e sim de alívio por saber que ela nunca mais apareceria na minha frente para me pedir dinheiro ou trazer um dos seus amigos bêbados pela mão para abusar de mim?

Fechei os olhos com força. O vento frio me ajudou a manter uma expressão impassível.

Segurando na mão de cada gêmeo, atravessamos a avenida principal do bairro. Eles avistaram a entrada da confeitaria e saíram correndo até chegar à porta.

— Esperem a mamãe! — Gritei a pleno pulmões. Eles pararam imediatamente e consegui alcançá-los. — Lá dentro é para os mocinhos se comportarem, senão, da próxima vez, eu vou comprar só um cupcake pra cada um, entenderam? — Falei revezando o olhar para cada carinha.

Meus meninos balançaram a cabeça concordando.

— Ok, então podem entrar.

Deixei os nossos casacos na entrada, sem tirar os olhos de Mason e Aiden que saíram em disparada para atacar a tia Jessy com abraços e beijos. Eu e Aiden fomos olhar os novos sabores que estava à disposição e Mason foi guardar nosso lugar. Mantive os olhos nele e nos cupcakes ao mesmo tempo.

— Qual você vai querer, meu amor?

— Aquele ali — Aiden esticou o corpinho para apontar para o cupcake com cobertura branca. Baunilha era o seu favorito.

— MAMÃE!? — Senti que meu coração iria explodir no peito quando ouvi o grito de Mason.

— O que foi, filho? — Questionei assustada, vendo-o correr até mim com seu rostinho irritado.

— Tem gente no nosso lugar!

Ele pegou o meu braço, puxei Aiden pelo outro e fomos todos verificar.

Na mesa havia um homem e três crianças. Olhei primeiro para os dois meninos e a menina que estavam na minha frente, constatando que eram todos parecidos, provavelmente irmãos. Eram ruivos e tinham pintinhas por todo o rosto.

— Ava?

Olhei para o outro lado para dar de cara com Dylan.

— Ah, oi! — Respondi assustada.

— Esse é o nosso lugar! — Mason bateu o pé.

— Querido, você está errado. Essa mesa não é nossa, qualquer um pode sentar nela — falei com calma.

— Mas eu queria essa, mamãe — Aiden engrossou o discurso.

Dylan se levantou e tentou dar uma amenizada na situação. Quando os gêmeos concordavam em alguma coisa, era difícil reverter.

— Podemos resolver isso. Essa mesa é grande o bastante para todos

nós.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, os meninos soltaram a minha mão e sentaram na mesa, que tinha estilo das sorveterias antigas, uma grande roda acolchoada de cor vibrante.

— Você também está convidada — Dylan falou em voz baixa, aumentando o meu constrangimento.

— Obrigada.

Sentei na borda e me deparei com as três crianças me olhando do lado oposto.

— Permita-me. Ava, estes são Anthony, Liam e Olivia — ele falou apontando para cada um.

O menor, Liam, parecia ter a idade dos gêmeos e Olivia, a mais velha, tinha no mínimo oito anos.

Acenei para eles e os meninos acenaram de volta, menos Olivia.

— Eles são seus...

— São meus sobrinhos. Liv e Liam são da minha irmã Marge e Anthony do meu irmão mais velho.

— Eles são lindos — ofereci um sorriso encantado.

Jessy apareceu na nossa mesa e tomou nossos pedidos. Depois disso, eu me peguei a olhar a janela atrás dos meninos, desanimada em iniciar uma conversa com tantas coisas que eu tinha em mente. Mas Dylan começou, para o meu desgosto.

— É difícil não saber de quem eles são filhos.

— Ah, me desculpe. Este é Aiden e este aqui — apontei para o garotinho do meu lado — é o Mason.

— Uau, nomes legais!

— Pois é, algumas pessoas dizem que soa como nomes de estrelas de rock.

— Foi exatamente isso que pensei — ele concordou. — Dion que deve

ter escolhidos os nomes, não é? Eu nem fiquei sabendo que ele tinha filhos.

— Er... — fechei os olhos e respirei. — É complicado.

Os cupcakes chegaram e sem demora os meninos se lambuzaram com seus sabores favoritos. Comi apenas um e a contra gosto, empurrando os pedaços sem a menor vontade de comer.

Notei que os rapazes se entrosavam cada vez mais enquanto Olivia passou a me olhar com mais atenção. Eu não iria falar nada. A menina era mais arisca.

— Você é namorada do meu tio?

Olhei para ela tentando entender como tinha chegado àquela conclusão.

— Não, eu não sou. — A menina sorriu aliviada.

— Mas você tem namorado? — Balancei a cabeça em negativa, Olívia voltou a fechar a cara.

— Ah, eu pensei que você e Dion estavam juntos — Dylan quis saber.

— Não, é...

— Complicado?

Meneei a cabeça e fiz cara de quem não queria continuar naquele assunto.

— Ok, nós podemos falar de coisas boas. Tipo futebol, Fórmula 1, poker... — fez graça.

Olivia revirou os olhos e eu fiz o mesmo, só então a menina abriu um sorriso pra mim.

Os gêmeos se deram bem com os sobrinhos de Dylan, eu e Liv nos demos uma abertura e, ao contrário do que eu pensava, a menina era um doce, um doce bruto para ser mais exata. Apesar da pouca idade, ela sabia muito bem o que gostaria de ser quando tivesse idade para trilhar o próprio caminho.

Lembrei de quando eu também era pequena. Só pensava em brincar, achando que ficaria sob a asa dos meus pais pra sempre. Engraçado como as

coisas poderiam mudar de uma hora para outra. Um caminhão que fez uma curva mal feita e tirou a minha segurança quando eu era uma garotinha, mudou a minha vida toda para sempre. O que teria acontecido comigo se não tivesse perdido meus pais tão cedo?

Eu não tinha uma vocação, habilidades, nem sonhos para seguir. A única coisa de que tinha certeza era que, se meus pais ainda estivessem vivos, eu não teria sido explorada por Olga, nem conhecido Dion. Consequentemente, não teria tido os gêmeos. Suspirei com aquele paradoxo e me deparei com os olhos preocupados de Dylan em mim.

— Você está bem?

Olhei para os meninos ao meu lado e respondi que sim. As pessoas me faziam aquela pergunta com mais recorrência agora. Era estranho e me preocupava.

— Já está na hora de voltarmos. — Os meninos pediram para ficar mais. — Outro dia. —Levantei a mão para chamar Jessy, ela veio atender. — Fecha pra mim, por favor.

— Claro.

— Acho que essas crianças merecem brincar mais vezes — Dylan comentou.

— Sim. Outro dia talvez — respondi sendo simpática.

A situação estava realmente bizarra. Minha vida estava desmoronando e o que eu estava fazendo? Comendo cupcakes com o amigo de Dion depois de receber a notícia de que minha mãe adotiva tinha morrido.

Só conseguia pensar em voltar para casa, para a minha cama e ficar lá até que as coisas voltassem ao normal.

Meu celular começou a tocar no bolso da minha calça. Vi o nome de Dion no meio de dois coraçõezinhos na tela. Fiz uma anotação mental para editar aquela tolice depois.

Desliguei a chamada e coloquei no silencioso.

— Aqui está, Ava — Jessy me entregou a comanda.

Eu abriria a minha carteira para pagá-la se eu soubesse onde a bendita estava. Olhei em todos os cantos da mesa e da cadeira e nada achei. Era uma carteira de mão, não era difícil localizá-la. Pensei no meu casaco, porém não caberia nos bolsos da peça.

— Nós também já terminamos aqui. Se puder juntar tudo em uma só... — Dylan falou, percebendo meu embaraço.

Tapei a cara, admitindo para mim mesma que a minha cabeça estava no mundo da lua.

— Obrigada. Se você puder passar no meu apartamento, eu posso te pagar hoje mesmo.

— Não será necessário, veja como uma cortesia.

— Não, eu prefiro pagar — insisti sem dar-lhe chances de dizer o contrário.

Minutos depois, deixamos a confeitaria. Dylan me convenceu a pegar uma carona, mesmo eu tendo falado mil vezes que morava perto dali. Ele me garantiu que havia espaço para todos e realmente tinha em seu luxuoso carro familiar. No caminho, perguntei como estava indo a boate e ele respondeu que iria levar os sobrinhos em casa antes de ir conferir seus negócios.

— Filhos, se despeçam dos sobrinhos do Dylan.

Assim eles fizeram quando consegui enxergar o meu prédio de longe.

— Liv, você poderia olhá-los pra...

— Uhum — a menina respondeu antes do tio terminar.

Despedi-me dos que ficaram no carro e conduzi Dylan até o meu apartamento.

— Tem certeza de que está tudo bem? — Ele me perguntou no elevador.

— Eu achava que sim, mas agora eu já não sei — confessei pensativa.

Os meninos seguravam a minha mão, sentia-os me olhando com ternura.

— Tem alguma coisa a ver com Dion? Eu posso ajudar de alguma forma?

— Não, mas obrigada.

— Sabe... eu não estava brincando quando falei que nós poderíamos sair mais vezes. Nós e eles também... ou só nós dois mesmo.

— Eu agradeço por isso Dylan, mas não.

— Está tudo bem, foi só um convite — ele ficou um pouco decepcionado.

— Talvez a gente consiga nos encontrar por acaso de novo — amenizei.

Chegamos no meu andar e os meninos correram na frente como sempre. Parei os passos quando eles começaram a gritar “papai” incessantemente. Continuei andando e vi os dois meninos montados nele como se fossem macaquinhos.

O sorriso de pai babão de Dion se desfez em um piscar de olhos a partir do momento que ele viu Dylan ao meu lado. O olhar dele se voltou para mim e eu sabia exatamente no que ele estava pensando.



Ava

Os meninos desceram do colo do pai. Aproximei-me da porta, pegando as chaves.

— Dylan, se você puder esperar aqui fora, eu vou pegar seu dinheiro.

Dion permaneceu no lugar, sentindo-se à parte da história. Um objeto inanimado, só observando.

— Espero, não se preocupe — a voz de Dylan continuava simpática como sempre, mas tinha uma tensão ali.

Não deixei que os meninos entrassem, Dion não faria um circo na frente dos filhos. Entrei no apartamento correndo, tentando me lembrar onde estava a minha carteira. Achei-a em cima do braço do sofá. Tirei vinte dólares e voltei para fora com pressa.

— Então, Dylan, como estão os negócios? — Ouvi Dion dizer.

— Estão indo muito bem, e os seus?

— Também. Muito, muito bem.

Uma espiadela atrás da porta me fez perceber o quanto Dion poderia ser assustador às vezes, apenas com os braços cruzados e as sobrancelhas tão contraídas que poderiam fundir uma na outra. Eu não queria ser Dylan naquele momento.

— Aqui está — interrompi, entregando o dinheiro para Dylan.

Ele balançou a nota no ar e bufou, disfarçando com uma risada. Estava na cara que ele gostaria de receber de mim bem mais do que vinte dólares.

— Não precisava, mas já que você fez questão.

Os dois homens se entreolharam, temi o que poderia acontecer. Dion encostou o polegar no queixo e ficou nos analisando por um tempo. Ele estava captando algo que nunca aconteceu. Além do mais, ele não tinha nenhum direito de fazer aquilo.

— Tchau, meninos, foi uma grande tarde. — Os gêmeos acenaram de trás da perna do pai. — Tchau, Ava. Espero te ver de novo.

O quê? Não! O que você está fazendo, Dylan?

Dion soltou o ar de forma brusca. Um som que poderia ser ouvido do térreo. Pensei que tudo estava perdido e meus filhos presenciariam um banho de sangue.

— Obrigada, Dylan — respondi rapidamente, sem dar um tom pessoal como ele tinha feito. — Por tudo.

Agora dê o fora daqui!

Dylan nos deu as costas e pegou o caminho do elevador. Dion não tirou os olhos dele até ver as portas se fechando e levando o até então amigo para bem longe de mim.

— O que ele estava fazendo aqui? — Sua voz estava mais alta do que o habitual. A expressão fria e autoritária.

— O que *você* está fazendo aqui? — Perguntei mais alto ainda.

— Você está saindo com um amigo meu, é isso?

— O que *você* está fazendo aqui? — Repeti.

— Eu tentei te ligar e mandei um monte de mensagens avisando que viria.

Olhei bem pra ele. Estava menos formal, mas ainda não era tarde o suficiente para o seu expediente no banco ter terminado.

— Andrew me avisou de uma ligação que recebeu de um presídio da

Califórnia.

— Eu já sei sobre Olga.

— Sabe? — Ficou pasmo. — E mesmo assim saiu não sei para onde para se encontrar com Dylan?

— Eu não saí para encontrá-lo. Foi por acaso. — Ele continuava com um pé atrás. — E outra, eu não te devo nenhuma explicação.

— Certo. Vamos deixar essa discussão para outro dia. — Dion respirou e amenizou um pouco o estresse no ar. — Eu vim aqui pra saber se você está bem e se precisa de algo.

— Eu estou bem e não preciso de nada — cruzei os braços.

Bastou o vizinho da frente abrir a porta e nos espiar para eu lembrar que ainda estávamos no corredor do prédio. Entrei em casa, Dion veio atrás. Os gêmeos corriam pela casa, brincando.

— Ava, você já achou alguém com quem conversar e te orientar? Há milhões de coisas acontecendo na... — ele iria dizer “sua”, mas se corrigiu — nas nossas vidas e você parece nem tentar lidar com elas.

— Não sei o que você veio fazer aqui, mas não está ajudando.

— Ei, não! Olha pra mim — eu não o fiz. Um par de segundos depois, ele estava na minha frente. — Eu sei que ela te machucou de maneiras que não posso sequer imaginar. Se você está se sentindo feliz ou triste, não é sua culpa.

Dion segurou o meu rosto em suas mãos e me forçou a olhá-lo. Era ali que eu conseguia vê-lo claramente, sua alma pura e cristalina nunca escondia a verdade. Seus olhos me mostravam que ele queria pegar todas as minhas dores e colocar em suas costas, porque estava com medo de eu não conseguir suportá-las.

Dei-me conta de que eu estava em ruínas, meu coração e minha mente estavam caindo um por um. Eu tentava demostrar que eu era forte, mas na verdade eu não era tão forte assim.

Dion me conduziu para o quarto. Quando senti a maciez do colchão segundos depois, eu quis chorar. As lágrimas não vieram, porém a angústia e

o nó na garganta se fizeram presentes. Dion se deitou ao meu lado.

— Sei que estamos dando um tempo, mas nada vai me impedir de cuidar de você — absorvi tudo o que ele dizia.

Revezei olhando para o teto e para Dion. Sentia-me letárgica, sem forças para nada. No tempo oportuno, ele percebeu que eu queria falar algo e me incentivou com os olhos, pegando minhas mãos. Respirei algumas vezes e foi como se o meu coração doesse a cada vez que o ar deixava meus pulmões.

— Eu não sei o que estou sentindo — falei baixo. — Eu não sei...

Aquilo não seria pior? Não saber interpretar as próprias emoções?

Fragmentos do meu passado me assombravam sem uma janela de trégua. Estava me afogando, enlouquecendo aos poucos na minha própria vida, porque eu não conseguia controlá-la.

Vai ficar tudo bem.

Uma voz surgiu no meio do turbilhão de informações negativas que a minha mente gerava.

— Vai ficar tudo bem — Dion repetiu. — Logo ela será uma figura do seu passado e, quando pensar nela, talvez você sinta ódio, mas vai se lembrar que ela nunca mais vai poder te fazer mal.

Coloquei meus braços em torno dele e empurrei meu corpo para onde ele pertencia antes de afundar meu rosto em seu casaco. O seu perfume e palavras de carinho me ajudaram a dar vazão aos sentimentos, chorando e pensando que talvez eu realmente precisasse de ajuda. Mas naquele momento tudo o que eu precisava era me sentir cuidada por alguém.



Abri os olhos, ouvindo alguém me chamando. Era Dion perguntando se eu queria jantar. Neguei, mesmo com a insistência dele. Aceitei apenas um chá quando Mônica foi mais tarde no meu quarto oferecer.

Meus filhos me olhavam como se eu estivesse doente, Dion a mesma coisa. Comecei a achar que poderia estar mesmo, no entanto sabia que não era uma doença física.

Consegui dormir depois que Dion colocou os meninos comigo na cama e disse que dormiria no sofá.



— Papai, a mamãe odeia café.

— Eu sei, Maze. Só espero que ela ainda goste de pretzels.

— "Pre" o que, papai?

— Pre-t-zel.

— Mas o que a mamãe vai beber então? — Eu conhecia aquela voz curiosa.

— Sabe aquela garrafa na geladeira? É leite. Eu vou esquentar e jogar chocolate em pó dentro.

— Mas o leite é pra gente. A mamãe não é mais bebê. — Também conhecia aquela outra vozinha atrevida.

— Nem vocês — debochou. *— Olha, vocês podem parar de falar e me ajudar aqui? O papai está em apuros.*

Houve algumas risadinhas de criança.

— Eu já posso acordar a mamãe?

— Ainda não, Aiden. Lembrem-se que a mamãe está cansada, então, quando ela acordar, vocês vão dar um abraço bem forte nela e dizer o quanto a amam, certo?

— Mas, papai... a gente já faz isso todo dia.

— Que bom saber disso. Hoje o abraço será mais forte.

A discussão continuou enquanto eu levantava da cama. Fui até o banheiro, evitando me olhar no espelho, e lavei meu rosto. Tomei um banho breve, o que me deu um pouco mais de força de vontade.

Depois de colocar uma roupa, saí do quarto para ver se a conversa que eu estava ouvindo tinha realmente acontecido ou era apenas um sonho. Quando surgi na sala, Aiden e Mason correram até mim.

— Mamãe, eu te amo! — Eles disseram juntos, me entregando uma florzinha de cada cor.

Segurei os dois nos meus braços, apertando-os enquanto eles me apertavam de volta em um abraço forte e carinhoso.

— Obrigada, a mamãe também ama os dois — distribuí beijos em seus rostos. — Agora me fala, como vocês conseguiram essas flores tão bonitas?

Os dois olharam para trás onde estava Dion encostado na pia.

— Ahn, nós pegamos em uma propriedade particular com autorização do dono — eles responderam juntos como se tivessem decorado aquilo.

Aquele discurso era algo que os meus filhos não diriam espontaneamente. Cerrei meus olhos para dentro da cozinha, bem onde Dion estava, e me voltei para os gêmeos.

— Vocês roubaram do jardim daquela casa na esquina, não foi? — Perguntei, já sabendo o que tinha acontecido.

Os meninos ficaram calados, mas percebi que eles estavam se segurando para não rir.

— Peça a mãe de vocês pra esquecer isso. Está na hora do café da manhã.

Dion parecia ter o total controle da situação.

Um pano de prato estava pousado em um de seus ombros. Ele estava com a mesma roupa de ontem, mas parecia novo em folha. Fui para a cozinha, carregando os meus garotinhos, e fiquei frente a frente com uma mesa de café da manhã bem farta e decorada.

— Olha só, parece que alguém andou comprando as padarias do bairro.

Sim, eu estava vislumbrada.

— Esses carinhas aqui não entraram em um consenso quando perguntei o que você gostava de comer no café da manhã, então eu tive que improvisar. — Meneei a cabeça, sorrindo de forma propositalmente convencida.

— A mamãe vai sentar aqui e o papai aqui do lado — Aiden informou a logística da nossa mesa de café.

Levantei os braços me rendendo.

Sentei e servi os meninos. O ambiente estava calmo e feliz. A própria família de comercial de margarina que nós não éramos. Não pude suprimir a sensação de um desejo sendo realizado. Estar ali daquela forma, em família, era tudo o que eu queria.

Observei os gêmeos cochichando. Dion e eu nos entreolhamos com diversão enquanto os nossos pequenos tramavam algo bombástico.

— Mamãe, deixa o papai morar aqui? — A pergunta de Mason me pegou de surpresa.

— É, mamãe, deixa.

Comecei a rir do nada, percebendo os olhinhos azuis e esperançosos dos gêmeos. Eles achavam que aquilo resolveria tudo, como se fosse algo simples de se fazer.

— Meus príncipes, o papai não pode morar aqui e nós já conversamos sobre isso.

A chateação nos rostos deles não durou nada porque eles tinham um plano b.

— Papai, deixa a gente morar na sua casa, por favor? — Aiden pediu.

— Claro que pode, só precisam convencer a mamãe primeiro — Dion respondeu, deixando claro que ele concordava com os filhos.

Os nossos olhos se cruzavam rapidamente, desviei logo depois.

O resto da refeição ocorreu com os gêmeos fazendo planos para conseguir de alguma forma juntar eu e Dion em uma única casa pra sempre.

— Se você quiser um dia de privacidade, eu levo os gêmeos comigo.

— Hum, poderia ser amanhã? Hoje as madrinhas deles vão vir trazer a fantasia para a festa da Carter Inc. para eles experimentarem.

— Ah, eu recebi convite para comparecer nessa festa, mas, quando vi que era a fantasia, eu desisti no mesmo instante. De qualquer forma, não é um período que eu conseguiria me divertir.

— É, eu também não vou — contraí o canto da boca.

— Não vai?

— Não, eu já conversei com Vivian. Não tenho cabeça para festas ultimamente. Os meninos vão com ela.

— Entendi.

Ele pegou o restante de suas coisas em cima do sofá depois de se despedir dos filhos.

— Dion, muito obrigada pelo o que você fez ontem e hoje — queria que ele soubesse que eu era grata. — Foi muito gentil de sua parte.

— Não tem que me agradecer. Eu só queria que você buscasse ajuda profissional. São problemas demais e você é uma só.

Balancei a cabeça para demonstrar que captei a mensagem. Dion foi embora e eu me senti mais leve, capaz.



E a semana começou novamente. Vivian me levava para todas as reuniões e me fazia participar de todas as decisões cruciais para o funcionamento da empresa. Por um momento, achei que eram muitas responsabilidades pra eu carregar, contudo agora achava que estava pegando o jeito da coisa.

Eu e Dion assumimos uma posição de amizade. Odiava como aquela palavra soava. Porém estávamos indo bem.

Desde domingo eu andava recebendo ligações de um terapeuta de São Francisco, doutor Leonel Parker. Ele disse que conhecia Dion e que de alguma forma me conhecia um pouco também, a ligação havia sido orientação do pai dos meus filhos.

Doutor Parker tinha uma forma muito eficaz de fazer as pessoas falarem sobre qualquer coisa. Desabafar com ele ajudou um pouco a amenizar a bagunça na minha cabeça. Ainda não havia tido tempo de conversar sobre toda a minha vida, mas falei sobre a morte de uma pessoa que tinha me feito muito mal e que após aquela notícia foi como se uma

camada invisível tivesse surgido sobre mim, me impedindo de sentir qualquer coisa. O terapeuta me fez entender que provavelmente eu estava reprimindo um sentimento de alívio, porque algum dia em algum lugar o meu raciocínio moral decretou que aquele gesto era errado, e também um pouco de remorso por não ter dado a mulher, a quem minha mãe confiou o meu cuidado, um funeral decente.



Já era quinta-feira, todos e qualquer andar do prédio só falavam da festa da Carter Inc., então evitei rodas de conversa para não contagiar ninguém com o meu desânimo. Minhas amigas cochichavam constantemente e, quando eu chegava perto elas, mudavam de assunto. O que Bonnie e Tracy escondiam não me intrigava o bastante para perguntar-lhes sobre.

E assim o resto da semana se passou.

— Olá — falei assim que Jenna abriu a porta.

Era tarde de sábado e eu tinha combinado de levar os gêmeos para se arrumarem na casa das madrinhas. Entreguei a pequena mala de viagem para a empregada, eles dormiriam ali aquela noite também.

Aiden abraçou Jenna e foi atrás de Mason que saiu correndo pelo apartamento procurando Vivian. Eles já conheciam aquele lugar, foi a primeira casa deles mesmo que não se lembrassem porque eram recém-nascidos.

— E então, onde está a sua fantasia? — Jenna perguntou.

— Em lugar nenhum. Eu não vou — respondi.

— Não, eu não acredito. Você está brincando, não está? — O tom humorado dela logo se transformou em revolta.

— Vivian deve ter te contado. Eu avisei a ela.

— Ouvi o meu nome? — Vivian apareceu na sala, com os meninos brincando atrás dela.

— Sim, estava falando com Jenna que avisei você que não iria à festa.

— Avisou mesmo, mas pensei que estava apenas indecisa.

Jenna me puxou para o sofá.

— Querida, nós sabemos que o momento não é o mais propício para festas, porém eu acho que você merece uma trégua. Você merece festejar algo que você ajudou a construir — Vivian começou.

— Uma coisa que me ensinaram na teoria, porém eu aprendi apenas quando pratiquei, é que, se algo não está indo bem na nossa vida, é uma ótima chance de aproveitar as coisas boas nela. Consegue me acompanhar?

Ouvir Jenna era algo valioso. Ela, assim como eu, já passou por maus bocados. Lembrei da vez em que ela me contou sobre a dificuldade de falar abertamente sobre sua orientação sexual com a família, ninguém ficou do lado dela e até hoje era renegada. Antes de terminar a residência médica, Jenna saiu de casa e começou a trabalhar na antiga empresa que Vivian dirigia, foi assim que elas se conheceram. Era sempre um aprendizado escutar o que ela tinha a dizer.

— É, Ava. A fase de tormenta vai passar uma hora ou outra, mas será mais fácil se você se apegar às coisas que podem te dar um pouco de alegria — Vivian continuou. — O que você vai fazer esta noite? Beber chá e assistir novela com a babá dos gêmeos?

Pra ser honesta, era exatamente aquilo que eu iria fazer, mas neguei.

Mais tarde, minha chefe mostrou a fantasia dos gêmeos, que era dos personagens favoritos deles, deixando meus meninos num frenesi contagiante. Ajudei a aprontá-los e, depois de algum tempo, o Ben 10 e o Naruto estavam correndo pelo apartamento.

— Ava, pode vir aqui, por favor?

Fui atender o pedido de Jenna. Cheguei ao quarto principal, vendo uma roupa estendida na cama, porém ambas já estavam fantasiadas. Jenna parecia uma rainha medieval, já Vivian, uma espécie de feiticeira ou maga.

— Nossa última tentativa — Vivian se apressou para dizer. — Na última festa da empresa, você disse que se fantasiaria da próxima vez com algo que remetesse ao seu passado. Lembro até que o filme “Uma Linda

Mulher” veio na sua mente naquele instante. Porém, momentos depois, você voltou atrás dizendo que não, você não queria se fantasiar como prostituta porque os vestidos do filme ou eram muito bregas ou vermelhos, cor que você diz que não te dá sorte.

— Daí lembramos do filme “Bonequinha de Luxo” — Jenna retomou. Meus olhos marejaram só de imaginá-las maquinando aquilo tudo para me fazer ter uma noite de comemoração e boas risadas. — Bem, se você achar a Audrey Hepburn brega, nós desistimos aqui e agora de te levar para a festa.

Vivian pegou o vestido e me mostrou. Era uma versão idêntica ao original, inclusive o decote nas costas.

— É lindo! — Comentei sorrindo.

Vivian e Jenna comemoraram satisfeitas quando avisei que iria. Tomei um rápido banho e coloquei todas as peças da fantasia. O par de luvas, o colar e depois Vivian amarrou o meu cabelo em um coque para colocar a tiara. Em menos de uma hora, fiquei pronta e fomos todos para o hotel onde aconteceria a festa da Carter Inc.



Ava

— Ava! Não sabia que você viria — Bonnie me abraçou quase emocionada ao me ver. Minha amiga já parecia um pouco alta.

— Pois é, nem eu.

Vivian e Jenna foram para o lado contrário cumprimentar outros funcionários.

— Vem, a Tracy tá bem ali — ela pegou a minha mão enquanto os meninos caminhavam na nossa frente. — James está aqui também, bom que eles brincam juntos — comentou apertando as bochechas dos gêmeos.

— Ah, sua safada! Passou esse tempo todo falando que não viria — Tracy reclamou um pouco brava, mas no fim me puxou para um abraço. — Você está linda!

— Obrigada. Vocês estão maravilhosas!

Não pude deixar de notar que, no meio da alegria de me encontrar ali, havia uma tensão entre elas. Preferi acreditar que se fosse algo grave elas me falariam.

— Vamos beber!

Tracy parou um garçom que estava passando e pegou três taças de champanhe. Reparei na fantasia de deusa grega dela. Combinava muito com a sua autoestima e ousadia.

— Vocês bebem. Eu só olho — lembrei.

— E então, como anda o coraçãozinho, Ava?

— Está batendo, Tracy. Agradeço a preocupação — respondi gozando da cara dela. Sua expressão mudou completamente e eu sabia que ela iria me dar uma resposta daquelas, para a minha sorte Bonnie interviu.

— Não é isso, bobinha. Ela quer saber se já podemos amolar a tesoura.

— Tesoura? Que tesoura?

— Aquela que falamos que íamos usar em Dion caso ele te machucasse de novo.

— Não se preocupem com isso — dei de ombros.

Nós três passeamos pelo salão, cumprimentando e entrando em rodinhas de conversa. Aquilo foi importante para eu saber que as pessoas estavam satisfeitas com a nova gestão. Após isso, pegamos um lugar fixo perto da bancada de onde aconteceria o sorteio de alguns brindes, sempre mantendo o olhar nos gêmeos.

— Ei, Ava? — Uma voz me chamou e eu fiquei um pouco receosa de me virar.

— Oi, Amber?

A mulher estava reluzente vestida de Alice do filme “Alice no país das maravilhas” e a bebê em seu colo vestia uma roupa idêntica.

— Que bom te ver.

Mordi minha boca, contrariada.

— Não sei se posso dizer o mesmo. A última vez que te vi, você me deu um tapa no rosto — respondi baixo.

— Porque você tinha acabado de transar com meu ex-marido. — Olhei para ela com horror porque as coisas não tinham acontecido daquela forma.

— Tracy, vamos no banheiro comigo? A minha asa está saindo do lugar — Bonnie falou, ajeitando a sua fantasia de fada, e as duas saíram de perto para nos dar um pouco de privacidade.

Tracy foi, mesmo a contragosto. Se alguém gostava de um barraco,

com certeza era ela.

— Nós nunca tivemos oportunidade de falar sobre isso depois do que aconteceu — comecei.

— Tivemos sim, mas você preferiu negar.

— Eu neguei porque aquilo não era assunto meu.

— Tudo bem, nem ligava mais pra isso até você me lembrar. — A garotinha no colo dela fixou os olhos no meu colar. — Andrew me mostrou os seus filhos na entrada. Meu Deus, eles são tão parecidos com o pai.

— É, eu sei — comentei sorrindo. — E essa garotinha? Ela é tão linda.

Amber concordou sorrindo também.

— Está gostando de Nova Iorque? — Sondei.

— Ah, eu não queria sair de São Francisco, mas, você sabe, Andrew e Dion são unha e carne.

— Você vai se acostumar. — Ela meneou a cabeça olhando ao redor.

O assunto ficou escasso, porém Andrew apareceu entre nós fantasiado de Arqueiro Verde. A fantasia era bem realista e bem feita, seria perfeita se não fosse o Andrew dentro dela.

— Ava? Pensei que não viria.

A forma que ele falou sugeriu que teria sido melhor se eu realmente não tivesse vindo.

— Quem te falou isso? — Perguntei curiosa enquanto ele abaixava os olhos embaraçado.

— Deixa pra lá — disfarçou. — Creio que já conheceu a minha pequena Grace.

— Conheci sim, aliás, parabéns! É a garotinha mais doce que eu já vi.

Andrew levou Amber e a filha para longe depois do meu elogio, permitindo que as minhas amigas voltassem.

— O que foi aquilo? — Tracy exigiu com expectativas.

— Uma pequena discussão entre esposa e amante?

— Não! — Elas reagiram boquiabertas.

— Não mesmo. Eu não fui amante de Dion, só falta a ex-esposa dele entender isso.

As meninas riram e eu também. A noite estava melhor do que eu pensava.

Vivian deu um breve discurso assegurando a todos que o ano na Carter Inc. seria o mais próspero possível e incentivou todos nós a trabalharmos juntos para atingirmos os nossos objetivos.

Ao fundo, a banda começou a tocar músicas mais agitadas. Fui obrigada a trazer meus filhos até a pista para poder dançar com eles. Rodopiei e fiz eles rodopiarem, elaborando passos e pedindo que eles me imitassem. Eles dançavam muito mal, aquilo me divertiu muito.

— Ava, vem aqui — ouvi Tracy me chamar. — Bonnie não está se sentindo bem.

— O quê?

— Ela está no banheiro, deve ter bebido demais.

Levei os meninos até as madrinhas e corri para o banheiro. Chegando mais perto, encontrei minha amiga encolhida perto da pia.

— Se sente bem para continuar ou quer ir embora? — Perguntei, analisando seu rosto.

— Eu quero ir embora, já avisei James.

— Você pode acompanhá-la, Ava? — Tracy questionou.

Suspeitei daquela pergunta, mas respondi que sim.

— Certo, eu preciso avisar Vivian que estou indo embora para ela poder ficar de olho nos gêmeos, eles vão dormir na casa dela hoje.

— O quê? — Bonnie arregalou os olhos. — Não, err... Tracy avisa ela pra você.

— Sim, mas eu preciso falar com os meus filhos antes de ir embora —

expliquei calmamente.

— Tracy avisa eles também — Bonnie insistiu, mesmo sabendo que não havia lógica no que estava dizendo.

Aquilo parecia o velho jogo de distração, a conversa estava bizarra.

— O que vocês não estão querendo me contar?

— Nada. O que você acha que esconderíamos de você?

Elas balançaram a cabeça enquanto eu saía do banheiro para tentar achar alguma resposta.

— Não, Ava, volte! — Tracy gritou.

Virei-me para olhar as duas.

— Vão me dizer o que está acontecendo?

Minhas amigas se entreolharam. Tracy respirou fundo.

— Durante a semana inteira, ouvimos boatos de que Dion e Lauren estão... você sabe... — gesticulou.

— Eles estão vindo pra festa juntos, já devem estar chegando. Nós não queríamos que você visse.

— Desculpa, querida — as duas me abraçaram.

A inércia tomou conta dos meus movimentos, mas a minha cabeça continuou a mil por hora. Eu não queria me deixar abalar por aquela informação. Então, eu só podia encará-la.

— Está tudo bem — falei fria.

— Nós vamos ir embora com você se quiser — Bonnie disse.

— Mas eu não vou embora — respondi decidida. — Eu quero ver.

Provavelmente aquela seria a pior decisão da minha vida, mas eu iria pagar pra ver. Estava disposta a quebrar de vez a ilusão na minha cabeça de que eu e Dion ficaríamos juntos apesar de tudo.

— Se você prefere assim... — Bonnie concordou, um pouco abalada.

A minha decisão surpreendeu as duas. Há algumas semanas, eu não

pensaria assim, porém, se Dion quisesse me mostrar que estávamos acabados, eu assistiria de camarote.

De volta para o salão, dei uma boa olhada em cada canto do local, só não esperava que a pessoa que eu procurava estava a dois metros de distância me observando. Seus olhos estáticos focados em mim, examinando cada centímetro da minha estatura, onde o encanto e o espanto tomavam controle no mesmo momento como se não pudesse descrever o que estava vendo.

Mas, espere, ele está sozinho?

Não, não estava.

Não demorou nem um minuto para que Lauren aparecesse, engomando a sua gravata e forçando contato. Dion continuou me olhando sem reação, passivo às investidas.

Eu havia pensado em ficar na festa e encarar tudo o que viesse, mas definitivamente não conseguiria ficar ali nem mais um segundo. Os gêmeos já haviam corrido para Dion e a minha chefe estava bem ao lado dele. Precisava dizer a meus filhos que eu estava indo embora e amanhã pela manhã buscaria eles.

O problema era que, antes de chegar neles, precisaria passar pelo casal. Eu iria ser vista por Lauren. Pedi a Deus para tranquilizar o meu coração. Uma canção da Cindy Lauper começou a ser cantada, acalmei-me quase instantaneamente, então me pus a sair do lugar para chegar onde Vivian e meus filhos estavam.

— Olha só, se não é a mais nova assistente da presidência da Carter Inc. — a voz de Lauren saiu em um misto de deboche e cinismo.

Precisei respirar fundo antes de me virar para eles.

— Oi, Ava — Dion falou em voz baixa. — Pensei que não viria...

— Pensei o mesmo de você — respondi, sentindo o rancor controlando minha fala.

Ao perceber que estava sendo deixada de lado, Lauren grudou no corpo de Dion feito um carrapato sanguessuga e peçonhento. Tive repulsa e ódio.

Ainda não era crível pra mim ver Dion com outra mulher depois de

tudo o que vivemos, ainda mais aquela rampeira com embalagem elegante.

— Bom, não precisa mais se preocupar com a minha presença. Eu estou indo embora. Tenham uma boa noite — finalizei com um sorriso miserável.

— Ah, que gracinha. Tenho certeza de que você também terá uma *ótima* noite — Lauren respondeu por fim.

Fugi deles quando Dion passou a olhá-la de forma misteriosa.

Peguei os meninos e fui até Jenna. Avisei que estava indo embora, perguntei uma última vez se os gêmeos queriam mesmo dormir na casa das madrinhas e eles foram enfáticos ao responderem que sim. Ainda tive que ignorá-los perguntando quem era a mulher bonita com o pai deles.

Aconselhei e orientei Jenna e Vivian sobre algumas coisas e pedi para que me ligassem caso os gêmeos não se comportassem. Passei para me despedir das minhas amigas, elas viram a minha dificuldade em manter um sorriso no rosto apesar da situação ter partido meu coração.

Saí das dependências do salão com um enorme nó na garganta, praticamente correndo do local. Atingi o corredor com as lágrimas já caindo pesadas feito âncoras. Eu não pude evitá-las rápido o suficiente.

Firmei uma mão na parede para tirar os sapatos ao chegar numa parte deserta. Minhas pernas tremiam de uma forma que eu não entendia como ainda estava de pé. Encostei as costas na parede e deixei meu corpo deslizar pra baixo, escondendo o meu rosto e concentrando toda a minha angústia ali.

Alguns minutos se passaram até eu começar a ouvir passos apressados, não tive tempo nem de disfarçar a minha derrota, então permaneci do jeito que estava.

— Ava? — Aquela voz não! Por Deus, ele não.

Ao sentir um toque suave no meu braço, eu tive certeza.

— Você está bem?

— Já pode se afastar — pedi prontamente, ele fez o que eu pedi.

— Vem comigo, eu te levo pra casa.

Observei a mão dele estendida como oferta de ajuda.

— Não precisa, eu não vou estragar a sua noite com a Lauren — foi um comentário provocativo. Ele não respondeu, dando praticamente um atestado de culpa. Balancei a cabeça, sentindo a bile atingir a minha garganta. — Por que você está fazendo isso comigo, Dion? — Implorei enquanto meus olhos explodiam em lágrimas.

Revolta. De todos os sentimentos espremidos em meu coração, aquele foi o que mais sobressaiu. Eu não estaria tão abalada de ver Dion com outra mulher se ao menos ele tivesse demonstrado que queria seguir em frente.

Ainda não sabia no que acreditar, se em seus olhos que demonstravam tons de desespero ao me ver sangrando com tantas feridas abertas ou em suas palavras e ações que queriam dizer que tudo aquilo estava sendo feito deliberadamente para me fazer sofrer.

O que quer que fosse, eu decidi que a lógica de morde e assopra não se aplicava naquele caso. Não importava mais o que acontecesse, eu nunca esqueceria aquele dia. Coloquei meus sapatos de volta e dei as costas pra ele, buscando a saída logo mais à frente.

Antes de virar no corredor que dava acesso à entrada principal do hotel, eu identifiquei a letra da banda Roxette que vinha da festa. Dali pra frente, aquela música teria um significado simbólico. Aquele foi o dia que eu descobri que o amor que eu sentia por Dion não era indestrutível.

Deve ter sido amor,

Mas acabou agora



Dion

Que porra eu estou fazendo?

Observei Ava cambalear para longe, sem conseguir pensar em nada além de que eu era um grande canalha. Passei algum tempo paralisado, olhando para frente, dividido entre o que eu queria desesperadamente fazer e o que eu havia planejado fazer.

— Não está pensando em ir embora sem mim, está? — Fechei os olhos para desfazer a minha frustação ao ouvir a voz nauseante de Lauren nas minhas costas.

Virei-me prontamente e me pus a assumir o personagem do homem perfeito, na visão dela. Aquele papel que eu estava fazendo era o culpado de eu estar ali, quando Lauren decidiu do nada que queria me exibir na festa da Carter Inc. como um troféu, onde ela provavelmente sabia que Ava estaria.

Eu devia saber que Lauren não cairia na minha rede apenas com lábias e promessas que eu nunca cumpriria. Ela era esperta, sabia muito bem o que queria obter. Não tive outra opção senão entrar em seu jogo.

Por diversas vezes, perguntei-me quem controlava quem, mas a certeza era de que ela era uma mulher ardilosa, usando de meios sujos para conseguir o que queria. Pensando por este lado, éramos muito parecidos. Por isso, em nenhum momento duvidei de que ela tinha se envolvido com Bruce para ferrar com a minha vida. Contudo, eu ainda precisava saber onde ele estava e o que estaria aprontando. Eu tinha o dever de pegá-lo antes que ele fizesse mais alguma merda.

— Não se preocupe, nós já estamos indo — controlei meu tom de voz.

Voltamos para a festa.

No momento oportuno, afastei-me de Lauren e fui até Andrew, que conversava com alguns colegas advogados. Pedi licença para os outros homens da rodinha e empurrei meu amigo para um canto.

— Tem que ser agora! Eu não aguento mais mentir pra ela!

Tentei tirar da minha cabeça o olhar de reprovação de Ava ao me ver ao lado de Lauren como se fossemos um casal de verdade. Eu só aceitei vir naquela festa porque Ava havia avisado que não viria.

Cocei a nuca, sabendo que aquela história estava indo longe demais.

— Tudo bem. Eu vou levar Amber e Grace pra casa e te encontro no seu apartamento, certo?

— Não se atrase — respondi.

— Relaxa, vai dar tudo certo — comentou, percebendo a minha apreensão. — Acredito que você quer ir correndo atrás dela, não é?

— Eu sinto que estou perdendo ela — falei, sentindo o ambiente ao redor abafado. — Porém eu preciso terminar o que comecei. Vou ter tempo de correr atrás dela depois.

Lembrei de mandar uma mensagem para Carl para acompanhá-la até o prédio, eu não queria que Ava ficasse sozinha na rua esperando por um táxi.

— Então, — Lauren disse, chegando ao meu lado. — Vamos lá?

Tratei de abrir um sorriso forçado antes de respondê-la.

— Vamos.

Passei na mesa de Vivian pra me despedir dos gêmeos. Durante o trajeto de volta, eu inventei diversas maneiras de afastar Lauren sem parecer grosseiro e o meu plano não ir por água abaixo.

Entramos em meu apartamento. Fiquei por entender de onde estava tirando estômago para atuar daquele jeito. Estava cruzando alguns limites que não deveria. Foquei em lembrar que tudo aquilo estava sendo feito para

mostrar um interesse integral em Lauren, que eu não tinha nem nunca tive, para um propósito maior.

— Finalmente. — Foquei em Lauren para tentar decifrar o que ela estava pensando. — Finalmente você quis se livrar do passado e dar uma chance para quem realmente se importa com você.

Observei as feições da mulher esperançosa a minha frente. Ela caminhava pelo apartamento como se o meu convite para estar ali a tornasse proprietária do lugar. Ou ela era muita ingênua ou eu era realmente um bom ator.

— Fique à vontade — disse.

Assegurei-me de que não tivesse ninguém na casa que pudesse questionar os meus métodos. Primeiro pensei em alugar um quarto de hotel, mas não conseguiria privacidade o bastante no caso de as coisas ficarem, digamos, complicadas.

— Vamos subir? — Ela pediu, segurando no meu paletó e insistindo para que eu ficasse mais perto.

Os lábios dela vieram em direção aos meus. Precisei fazer um malabarismo para não parecer que eu estava sendo rude. Só Deus sabia o quanto eu queria ser rude com ela.

— Sim, mas quero deixar uma coisa bem claro antes — segurei os braços dela e a afastei. — Beijar não é uma coisa que costumo fazer com as mulheres que trago para o meu apartamento.

O sorriso não saiu do seu rosto, ela apenas se sentiu desafiada.

— Certo. Farei você mudar de ideia ainda hoje. — Meneei a cabeça enquanto Lauren me puxava pela escada a fora. — Onde é o seu quarto?

Caminhei até o quarto de hóspedes que ainda não havia sido usado.

— Meu quarto está em reforma.

Seus olhos se voltaram para mim intrigados e, com uma ponta de desconfiança, ela abriu a porta em frente à escada e conferiu. O quarto não tinha móveis, contudo havia escadas e folhas de jornais para todo lado, evitando que a tinta branca, quase seca, entrasse nos lugares errados. Aquele

era realmente o meu quarto, eu tinha destruído ele algumas semanas antes, portanto estava em reforma. O que eu havia dito não era mentira. Ao menos aquilo não era.

Apontei para o quarto mais escondido no fim do corredor e acompanhei Lauren até lá. Ela abriu a porta e entrou, olhando cada canto do local.

— Este vai servir — concluiu.

Entrei e fechei a porta em minhas costas. Botei as mãos no bolso, pensando se Andrew ainda demoraria muito.

— Onde é o banheiro?

— À sua esquerda — apontei para a porta de madeira branca.

Lauren deixou uma bolsinha em cima da cama e, balançando o quadril, foi até lá.

Meus olhos observaram a pequena bolsa quadriculada que ela tinha levado para a festa. O celular dela devia estar lá dentro. Pensei por um instante nas informações que aquele aparelho escondia.

Aproximei-me da cama, mas, quando percebi os passos de Lauren voltando, eu me afastei rapidamente. Afundei minhas mãos no bolso e a observei pegar a bolsa e tirar o celular de dentro. O que ela faria com o celular no banheiro?

— Eu preciso disso — falou, levantando o telefone no ar e piscando para mim. — Só um minuto, querido.

Enquanto Lauren esteve no banheiro, eu aproveitei para mandar uma mensagem para Carl. O motorista disse que havia avistado Ava saindo de um táxi em frente ao seu prédio e entrado. Pedi que ele voltasse, pois talvez precisasse dele.

— Então... — olhei para o lado e me deparei com Lauren parada na porta.

Ela havia se despido do vestido longo que estava, suas curvas se tornavam evidentes através da lingerie ousada. Nada nela me interessava, mesmo antes de eu saber que ela tinha conexão com Bruce, quando eu achava

que ela era apenas ambiciosa.

— Venha aqui — pedi.

Os passos dela vieram quentes para o meu lado. Ela me tocou, segurei os seus braços novamente e a encarei irritado.

— Já te falei que as coisas serão diferentes entre a gente. — Olhou-me desorientada.

— E como serão?

Sorri de forma enigmática e fui até o criado mudo, abrindo a gaveta para retirar de lá duas cordas finas enroladas.

— Será do meu jeito ou nada feito.

Ela olhou preocupada para as cordas na minha mão.

— Não era assim que eu pensei que seria...

— Você quer um momento para pensar?

— Na verdade, eu queria saber o que você vai fazer com essa corda.

— Cordas são feitas para amarrar, Lauren. Raciocine direito — disse sem nenhum resquício de humor.

Aquele personagem que eu havia criado era cruel e tinha fetiche em prender mulheres na cama.

— Olha, não sei... Na cama, eu costumo querer ter um pouco mais de autonomia.

— Você pode ter isso com qualquer outro homem. Não comigo.

Abri a gaveta atrás de mim para recolocar as cordas.

— Espere! Eu não disse que não — falou apressada.

— O que é, então? Você precisa de um motivo? — Aticei.

— Ela... Aquela garota, mãe dos seus filhos... Ela fazia isso?

Fechei o semblante e a encarei, sorrindo por dentro.

— Ava? Sim, ela fazia.

Aquela mentira era justamente o que Lauren precisava. Depois de ela concordar com todas as letras, eu a amarrei na cama e deu para perceber que ela estava achando aquela prática bem excitante.

— Você vai vendar meus olhos também?

— Não, quero que veja o que eu tenho pra te mostrar. — Sua língua desenhou os seus lábios provocando um efeito contrário em mim.

Desabotoei o paletó do Smoking e retirei também a gravata borboleta. Fiquei de pé na beira da cama, com Lauren sem conseguir tirar os olhos de mim. Permaneci no mesmo lugar, imaginando as coisas que ela e Bruce podiam ter conversado. Pouco a pouco, a fúria foi tomando conta de mim e o desejo de Lauren foi se transformando em receio.

— Está se sentindo vulnerável? — Minha voz estava rouca e baixa. Fiz uma pausa para que ela absorvesse a frase. — E se eu tivesse feito isso sem o seu consentimento? E se eu resolvesse me aproveitar de você no momento que estivesse mais indefesa?

— Do que você está falando? — Questionou com um nó na garganta. — Dion, você está me assustando.

— Não precisa ter medo, Lauren. Eu nunca faria algo desse tipo — respondi com a voz firme, indo até a mesinha em que ela havia deixado seu celular.

Peguei o aparelho e desbloqueei a tela. Ele era protegido com senha. Droga!

— Por que está mexendo no meu celular? Me solte agora! — Gritou, puxando as laterais da cama.

— Vou soltar. É só você me dizer onde Bruce está!

Lauren fez um gesto de cabeça e me olhou, fazendo-se de desentendida.

— Eu não faço a menor ideia de quem você está falando! — Ela tentou esconder nas feições, mas a sua voz estava muito dissimulada.

— Não sabe mesmo? Você tem mantido contato com ele nos últimos meses. Lauren, ele é um estuprador maldito que abusa das vítimas enquanto

elas dormem e você tem passado informações da minha vida e de meus filhos pra ele! Você tem noção da merda em que se meteu?

Lauren tinha seus olhos amedrontados em mim.

— Você está mentindo! — Cuspiu.

— Escutou o que acabei de dizer? — Insisti, percebendo nela um acobertamento cego. — Que parte você não entendeu que Bruce é um criminoso covarde?

Ela tentou esconder o jogo até o ponto que não deu mais.

— Não, ele não é nada disso! — Respondeu revoltada. — Você está completamente enganado.

— Estou? — Perguntei de forma irônica.

— Ele é a vítima. Todas as acusações contra ele foram infundadas. Aquelas mulheres mentiram para conseguir dinheiro.

— Como você sabe dessas coisas? — Olhei pra ela intrigado, abaixando o tom de voz. Assumi uma postura menos ofensiva. — Lauren, eu não quero te punir, mas você precisa me contar tudo o que sabe.

Vi-a engolir seco. Lauren já sabia que os seus planos seriam descobertos uma hora ou outra.

— O meu pai foi um dos advogados de defesa dele.

— Foi assim que vocês se conheceram?

Eu precisava entender aquilo.

— Sim, mas não mantivemos muito contato.

— Daí, depois de conspirar com o seu pai e Bruce, você decretou que ele era inocente sem entender a outra parte? Uma vez me disseram que isso é de uma ignorância...

— Aquilo não foi importante na época porque foi ele que me ajudou a chegar até você.

— Então você está pagando uma dívida a ele — raciocinei em voz alta. — Mas o que ele quer em troca?

— Ele me ajudou a estar perto do homem que eu amo, então eu o ajudei a estar perto da mulher que ele ama.

Que droga era aquela?

Até onde a mente doentia daquele merda era capaz de ir?

Os meus pensamentos foram interrompidos quando Andrew abriu a porta. Ele parou diante de mim enquanto Lauren pedia para soltá-la.

— E aí? Fez ela abrir a boca?

— Estou tentando juntar os pontos. Há muita fantasia no que ela fala, para pouca realidade — comentei, olhando para Lauren esperneando para fugir das cordas.

Eu não gostava nem um pouco daquela situação. Amarrar uma mulher para tirar-lhe informações era totalmente antiético, mas me propus a fazer aquilo pensando no bem de Ava. Só Deus sabia por onde Bruce andava e o que ele estaria tramando.

— Você é advogado, Andrew. Isso vai pegar muito mal para você — a fala de Lauren saiu como um esguicho de veneno.

— Não tão mal comparado a uma mulher acobertando um estuprador — rebateu sem muita paciência.

— Você viu Carl por aí? — Questionei meu amigo, com o celular em mãos.

— Vi sim, ele está na garagem.

Havia uma sensação no ar da qual eu não gostava.

Orientei Andrew a pegar o aparelho de Lauren e tirar o chip, ao mesmo tempo em que eu discava o número de Carl.

— Preciso que entre em contato com os seguranças que estão no prédio da Ava esta noite. Quero saber se está tudo bem — solicitei.

— Vou fazer isso agora mesmo — respondeu.

Desliguei a chamada e liguei para Ava, aguardei o telefone chamar até cair na caixa postal. Iria tentar outra vez, mas a ligação de Carl veio antes.

Supliquei mentalmente que ele me tranquilizasse, mas a resposta fez soar um alarme de perigo na minha cabeça.

— Eu não consigo contato com nenhum deles, senhor — a voz dele estava um tanto preocupada.

Desliguei a chamada depois de pedir que Carl subisse. Sentia meu coração pulsar descontroladamente.

— O que foi, cara? — Andrew perguntou preocupado.

Olhei para a cama, onde Lauren me recepcionou com um sorriso satisfeito. Ela sabia o tempo todo. Saí do quarto em disparada, com a ideia de que Bruce mais uma vez estava um passo na minha frente.



Bruce

Através da persiana, eu conseguia ver a grande movimentação de segurança no prédio à frente. Eram quatro no total, dois em escala de doze horas. Dois do lado de fora e dois dentro do prédio.

Já no primeiro dia, eu consegui decorar os hábitos de cada um. Considerando alternativas, descartando outras, tomando cuidado para que ninguém me notasse. E deu certo. Acumulei alguns dias em que estive no andar de Ava trocando ideia com sua vizinha. O que me permitiu estudar os seguranças que ficavam naquele local.

Aprendi que dois deles tinha um trabalho impecável, mas o restante tinha pontos fracos que eu saberia usar a meu favor. Dion continuava sem enxergar um palmo abaixo do nariz como sempre, deixando tudo mais fácil pra mim. Um incompetente que não sabia cuidar da própria mulher, quem dirá daquelas criancinhas mirradas dele.

Talvez eu fizesse Dion se sentir mal pelos três. A pobre mulher violentada e os filhos sequestrados. A ideia surgiu na minha mente como se eu fosse o diretor de um filme *trash*. Refleti um pouco mais e cheguei à conclusão de que não, aquele não era o meu estilo. Mas eu queria tanto que ele sofresse. Amargasse em culpa para nunca se esquecer de mim. Senti um entusiasmo no meu peito. Se o amor doía, o ódio machucava. Eu já tinha escolhido o meu lado.

Em Miami, as minhas ações criminosas estavam sendo descobertas. Sabia muito bem que não teria como me esconder por muito tempo, por isso

idealizei um plano. Se eu iria me ferrar, eu levaria algumas cabeças comigo.

Planejei um leque de opções e uma lista interminável de atividades a serem feitas antes de me entregar para a polícia. Todas elas envolviam aplicar dor. Como sangue espirrando para todos os lados, incapaz de deixar alguém limpo.

De volta ao momento presente, eu vi um táxi se aproximar e parar do outro lado da rua. Observei Ava sair do prédio carregando em cada mão um dos meus sobrinhos. Duas crianças inquietas e travessas. Eu odiava qualquer coisa que tivesse menos de um metro, mas às vezes eu pensava “Droga, aqueles dois poderiam ser meus filhos!”. Seria a minha última e derradeira vitória contra Dion.

Dois dos seguranças saíram atrás do táxi onde Ava estava, o que significava que haveria apenas dois seguranças. Um do lado de fora do prédio e outro no andar do apartamento. Saí do quarto onde estava, torcendo para que Perez, o segurança mais propenso a ser comprado, estivesse guardando o andar de Ava. O cara era um verdadeiro mercenário.

Deixei o prédio no qual eu estava hospedado há uns dias e fui em direção ao prédio da frente. As pessoas ali já me conheciam. A síndica do lugar era uma grande fã e passou a me apoiar quando eu inventei que o meu avô morava no mesmo andar da Ava e que eu era tudo o que ele tinha. Obviamente já tinha investigado com antecedência os moradores do piso.

Achava até que tinha escolhido a vida errada. Deveria ter escolhido ser investigador.

Havia uma mochila pendurada em meus ombros, mas nada chamou a atenção do segurança plantado em frente à porta que dava na recepção do prédio. Ele parecia o mais inexperiente de todos. Estava mais perdido que filho de puta no dia dos pais.

Peguei a viela logo ao lado onde ficava a entrada de serviço do prédio. Quando avistei a porta, vi Perez sentado em um banco na entrada.

A mão dele se estendeu, impedindo a minha passagem.

— Não tão rápido assim — disse ele, com um rosto entediado.

— Você não deveria estar lá em cima? — Indaguei.

— Por quê? Não tem ninguém em casa agora — explicou. — Trouxe o que eu pedi?

O homem se levantou para evidenciar a nossa diferença de massa corporal. Ele era enorme, maior até do que Dion.

— Chame o seu colega que está na frente do prédio e vamos negociar — respondi calmo.

Ele ergueu seu rádio comunicador na altura da boca, me vigiando com os olhos.

— Scott, preciso de você aqui na entrada dos fundos agora — o homem não deu oportunidade do outro segurança argumentar. Ele guardou o rádio comunicador e se pôs a me olhar como um pitbull analisando um filhote de vira-lata. — Por que você quer limpar a área?

— Isso não é da sua conta — retruquei.

— Apenas me diga que não fará nada com as crianças.

— Não, com as crianças não — olhei de forma a tranquilizá-lo, não sabia qual era a preocupação dele com os meus sobrinhos.

— Ótimo! — Deu de ombros.

O outro segurança apareceu logo em seguida com as mãos pousadas na arma escondida no coldre.

— Quem é esse aí? — Perguntou diretamente a Perez, fazendo referência a mim.

Era impressionante como ele parecia ter me visto pela primeira vez agora, sendo que eu sempre estava rondando o prédio.

— Ele quer conversar com a gente.

Os dois passaram a me olhar atentamente.

— Eu tenho dinheiro aqui — pus a mão na bolsa. — Esse é o pagamento para vocês darem o fora do prédio.

— Quanto você tem aí? — Perez perguntou.

— Primeiro, eu quero saber se vocês estão dispostos a aceitar.

— E nós queremos saber de quanto você está falando — rebateu, irredutível.

— Olha, cara, eu não faço esse tipo de coisa, ok. Eu preciso desse emprego — Scott disse se afastando, mas Perez o segurou pelo braço.

— Vamos só ouvir a proposta que ele tem pra nós.

O rapaz ficou a contragosto.

— Eu preciso que vocês deixem o prédio e, claro, que não comuniquem isso a ninguém. Quantos seguranças estão para chegar?

— Dois seguranças saíram com a mãe e as crianças.

— Bem, dentro dessa bolsa tem cinquenta mil dólares — percebi as feições daqueles homens sendo tomadas por ambição, soube naquele momento que eles fariam qualquer coisa pelo dinheiro. Eu imaginava que precisaria de muita grana para convencê-los e não poupei esforços para arrancar cada centavo do meu pai. — Vocês têm duas opções: convencer seus outros dois colegas e dividir o dinheiro em quatro partes ou dividir meio a meio e “dar um jeito” nos seguranças que estão para chegar.

Pelo brilho em seus olhos, a escolha deles já estava feita.



Subi as escadas do prédio, sabendo que não seria incomodado. Ali não havia câmeras, muito menos nos corredores do prédio.

Ao sair no andar de Ava, eu percebi a movimentação de sua vizinha.

— Olá, senhora Woods — cumprimentei, dando o meu sorriso mais simpático.

Havíamos trombado algumas vezes por ali. Uns dias atrás, eu a induzi a me convidar para tomar café enquanto os filhos de Ava estavam na escola e eu aceitei com o objetivo de tirar o máximo de informações dela sem que a mesma percebesse. A mulher jurava que já me conhecia e aquilo me ajudou no disfarce para caso ela resolvesse tagarelar que havia um estranho

rondando o prédio.

Assim como em São Francisco, as pessoas não desconfiavam de gente bem intencionada demais. Mas, ao contrário de São Francisco, eu tive que desembolsar muita grana para conseguir chegar até Ava, sabia que daquela vez minha lábia não seria suficiente.

— Olá, querido! Veio visitar seu avô?

— Sim, sim. Ele está lúcido esses dias — disse a ela, segurando a narrativa de que o meu avô doente e solitário morava a duas portas dali.

— Você é um ótimo neto, Calvin. Dê um oi para o senhor Mitchell por mim, por favor. — Concordei com a cabeça e esperei ela ir embora.

Calvin. Um nome falso foi preciso, apesar de que eu não tinha certeza que Ava abriria o jogo sobre mim para a babá dos filhos.

Esperei o elevador dela descer, então retirei a cópia da chave do apartamento de Ava que eu havia feito há apenas alguns dias através da chave da babá. Entrei no apartamento sem a menor preocupação.

Meus olhos observaram o local e só aquilo me fez perceber o quanto Ava havia ascendido financeiramente. Alguns anos atrás, ela era prostituta no pior bairro da cidade e agora ela trabalhava na presidência de uma grande empresa enquanto eu vivia de emprego em emprego procurando uma posição que me agradasse, que me fizesse sentir valorizado, e tudo o que consegui foi migalhas de homens feito Dion. Aquilo não estava certo.

Andei ao redor da sala e o corredor se abriu a minha frente. Tomei o caminho dele. Abri porta por porta. A última dava em uma espécie de área de serviço, a do meio em um quarto com decoração infantil em azul e laranja. Entrei por um momento, pegando o porta-retrato em cima da cômoda. Mãe e filhos no hospital, provavelmente a primeira foto deles juntos. Deixei o porta-retrato no lugar e saí para abrir a outra porta e lá eu encontrei o que queria.

Joguei minha bolsa em cima da cama e fui direto na caixa que me chamou atenção. Eu me lembrava dela. No final da estante, retirei-a e coloquei em cima da penteadeira. Abri a caixa e me deparei com o presente sujo que eu havia enviado a Ava alguns dias antes.

Um suspiro saiu longamente dos meus pulmões.

— Por que você ainda guarda essa camisola, Ava?

Só a possibilidade de que ela ainda guardava aquilo, mesmo tendo certeza de que Dion não lhe enviaria algo assim, fez transbordar uma excitação típica em minhas veias. Eu saberia me aproveitar daquela descoberta.

Abri minha mochila e notei que havia trazido o frasco em spray da droga que eu havia apelidado carinhosamente de “sossega vadias”. Eu não queria usar em Ava. Hoje eu a queria bem consciente do que eu faria. Trouxe apenas por precaução, caso ela não se comportasse. Afinal, apenas uma borrifada no ar daquela porcaria dava para sedar qualquer pessoa. Conferi se tinha trazido minha máscara pra não me anestesiar com aquilo também.

Deitei minhas costas na cama, retirando meu celular do bolso. Fiquei encarando a última mensagem que havia recebido.

“Aviso você quando estiver com ele.”

Na primeira vez que vi Lauren, percebi como era fácil manipulá-la. Ela acreditou em cada mentira que depositei naquela cabecinha de vento e se dispôs a me ajudar caso eu fizesse o mesmo por ela depois. O dia havia chegado e estávamos ambos nos ajudando. O problema era que Lauren era muito emocional, poderia ser levada facilmente na conversa.

Era um inferno, porém naquele momento eu só podia contar com ela.

— Ok, Lauren — suspirei. — Me mostre que você não é uma cadelinha incompetente como eu acho que é — falei sozinho, examinando a tela do telefone.

Alguns minutos depois, o aparelho se iluminou para mostrar a mensagem recém-recebida.

“Estou no apartamento dele. Ava foi embora sozinha, então os filhos não serão problema.”

Sorri satisfeito.

Aquelas eram ótimas notícias. Meu plano estava correndo perfeitamente como o esperado. Escondi minhas coisas e entrei debaixo da

cama. Ava estava para chegar, e junto com ela uma noite inesquecível.

Quanto à Dion, eu iria ensinar uma lição pra ele: o pastor que não cuidava direito do seu rebanho estava propenso a deixa-lo à mercê do lobo.



Ava

Destranquei o apartamento e fui direto para o quarto. As lágrimas enchiam os meus olhos pela minha incapacidade de entender que as coisas comigo e com Dion nunca acabariam bem. Não importava o que fizéssemos, nunca seríamos felizes juntos.

Joguei as luvas em cima da cama e me sentei para tirar o salto. Peguei as joias de Jenna e as coloquei em uma caixinha na penteadeira para devolver-lhe depois. Meus olhos imediatamente foram atraídos para uma caixa de presente maior ali. Era a caixa que chegou com a lingerie mais sem pudor que eu já havia visto e não fazia a menor ideia de como tinha parado lá.

Aquilo me deixou com uma pulguinha incômoda atrás da orelha, porém eu estava com problemas maiores e não iria me preocupar com uma caixa fora do lugar, que muito provavelmente eu mesma tinha pego e não me lembrava. Devolvi-a para o seu lugar e tirei o resto da minha roupa. Peguei um pijama no armário e entrei no banho.

Enquanto a água caía sobre mim, pensei no quão decepcionante foi ver Dion e Lauren juntos, além de previsível. As informações estavam na minha frente o tempo todo, só não fui capaz de enxergá-las.

Fiquei durante alguns minutos remoendo a maldita cena do homem que eu amava com uma mulher desprezível. Quando me dei conta, estava encolhida no chão do box, completamente desolada.

Reconstruí minha autoestima para perceber que Dion não merecia que

eu chorasse daquela forma por ele. Ele sequer era o homem que eu havia conhecido. Não iria ouvir mais as suas desculpas. Ele havia me machucado profundamente daquela vez e não importava o que dissesse ou fizesse, eu não estava disposta a ter uma relação minimamente educada com ele. Se Dion não se preocupava com os meus sentimentos, eu deveria mostrar reciprocidade.

Ainda dentro do banheiro, eu enxuguei o meu cabelo, depois coloquei uma toalha na cabeça e pus a roupa de dormir, o que com certeza não aconteceria tão cedo.

Um barulho vindo do quarto me deixou em alerta e, pensando que talvez fosse Dion, saí do banheiro furiosa. No entanto, quem eu vi me fez desejar que Dion realmente estivesse ali.

Meu coração começou a bater forte no momento que percebi os olhos grandes de Bruce me olhando com agressividade. E em meio a tantos problemas, eu havia encontrado o maior deles. Tentei me acalmar e prever os passos que ele daria, mas aquele era um momento em que a racionalidade não funcionava bem.

Ele tombou a cabeça para o lado, talvez pensando no porquê de eu ainda não ter corrido, gritado ou feito qualquer outra coisa que não fosse ficar parada feito uma múmia. Queria ter coragem para perguntar o que ele estava fazendo no meu apartamento. A resposta era meio óbvia e me arrancava calafrios.

Entre mim e ele, havia no máximo cinco passos. Seria o suficiente para voltar ao banheiro e me trancar?

Hora de descobrir.

No primeiro movimento, ele chegou em mim tão rápido que eu me perguntei se não teria sido melhor ficar parada. Um grito de horror escapou da minha garganta enquanto Bruce me dominava sem muito esforço e cobria a minha boca com uma força anormal.

Ele trazia algo na outra mão, pois senti uma ponta arranhando minhas costas. Eu estava apavorada. Bruce devia ter percebido o meu pânico e pediu que eu me acalmasse, depois libertou a minha boca.

— Bruce, não! — Supliquei com a voz entrecortada de desespero.

— Promete que não vai gritar?

Segurei um soluço, pensando no que eu faria naquela situação. Como demorei a dar alguma resposta, ele me segurou novamente, revelando uma pequena faca.

A sensação gélida da lâmina passando em meu pescoço me fez entender que aquela era uma situação de vida ou morte. Só em saber que os meus meninos não estavam ali para presenciar algo assim, senti uma ponta de alívio.

Balancei a cabeça avisando que não gritaria, mesmo assim ele não aliviou a lâmina na minha pele.

— O que pretende fazer com essa faca? — Questionei temerosa.

— Nada, desde que você coopere. Você pretende cooperar? — Ele pressionou a lâmina um pouco mais forte, fazendo-me engasgar um “sim”.

Bruce retirou a faca quando ouviu a minha resposta.

— Se você for inteligente, você vai embora antes dos seguranças perceberem que tem algo suspeito e virem aqui, se não as coisas vão ficar bem ruins para você.

O homem fechou os olhos e balançou a cabeça, deixando sobressair um sorriso debochado de seus lábios.

— Não há nenhum segurança essa noite, Ava — afirmou com muita certeza.

— Tem sim, eles estão por toda a parte — falei mantendo a confiança, mas não me lembrava de ver nenhum segurança no prédio quando subi.

— Não, não há. Ficaria impressionada em como as pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro — afastou-se um pouco. — Na verdade, acho que você entende isso perfeitamente.

A fala dele me fez fitar o chão por ter entendido aquela indireta.

— A minha vizinha passa aqui todas as noites — lembrei com um lampejo de felicidade. — Ela vai ver que tem algo errado!

— A babá daqueles franguinhos? Não, hoje é dia de vigília na igreja dela. Ela até chegou a te avisar, caso não se lembre.

As informações dele eram precisas. Tão precisas que me deu medo de descobrir as conexões que ele tinha feito aquele tempo todo até conseguir me encurralar na minha própria casa.

Pensei em outra possibilidade, mas preferi não externar.

— Mas tem Dion, certo? Ele poderia muito bem vir aqui te salvar em cima de um cavalo branco. Poderia? Poderia. Mas ele não vem — a expressão dele se transformou em algo perturbador. — Ele está ocupado demais derrapando nas curvas de Lauren nesse exato momento. Isso significa que hoje somos só você e eu, Ava. Aqui e agora, eu vou poder fazer qualquer coisa que me dê vontade e ninguém vai se importar.

Abracei meu corpo a cada vez que ele explicava a situação.

— Por que você está fazendo isso se eu não tenho nada a ver com a briga entre você e Dion?

Eu o faria desabafar, precisava ganhar tempo para pensar no que fazer.

— Vamos lá, Bruce. Eu mereço saber.

Ele me fitou por um instante, analisando a expressão no meu rosto. Ele andou de costas até sentar em cima de um pufe perto da penteadeira.

— Você quer mesmo saber? — Concordei com a cabeça. Bruce manuseou a faca nas mãos. — Sempre houve muita competividade entre nós. Dion nunca aceitou ter outro irmão para dividir a atenção do nosso pai. O desgraçado é estudado, mais inteligente e sempre conseguiu o que queria. Eu já não tive a mesma sorte. Enquanto ele ficava com o bolo, eu ficava só com as migalhas. Porém a gota d’água foi quando ele me fez perder muita grana, comprou a minha parte do banco a preço de banana, se aproveitando da minha ignorância — olhou-me de forma obscura. — Você foi a forma que encontrei de me vingar.

— Desculpa, o quê? — Perguntei depois de perder o raciocínio.

— Exatamente isso que você ouviu. Eu havia tentado de diversas formas ser uma pedra no sapato dele. Tentei fazer com que ele perdesse

dinheiro, status, moral, mas de nada adiantou, ele sempre saía mais forte. Só que, quando eu vi a reação dele ao ver você entrar naquela salinha da festa da Cuidar para defendê-lo, eu finalmente tinha encontrado o ponto fraco dele.

— Você quer fazê-lo sofrer usando a mim? — Ele balançou a cabeça concordando. — Mas isso não vai acontecer. Dion está com outra agora.

— É você quem ele ama — Bruce rolou os olhos, fez uma pausa, depois soltou uma risada estranha. — Você consegue ver que é tudo culpa dele? As coisas que aconteceram com você. Primeiro ele me sacaneou, depois eu fui obrigado a sacaneá-lo através de você.

Senti-me enojada depois de ter um breve vislumbre de como funcionava a mente insana daquele homem.

— Então tudo isso foi de caso pensado?

— Absolutamente. Mas você e Dion tiveram participações muito especiais.

Como se não fosse possível eu ter mais raiva, eu tive.

— O que você quer dizer com isso?

— Vocês eram tão previsíveis... Eu segui você depois daquela festa.

— Isso é impossível, você tinha ido embora e estava banhado em sangue.

— A curiosidade falou mais alto — ele abriu os braços, se justificando. — Depois de você, veio Dion e, aí, me lembro que vocês saíram juntos e voltaram feito dois pombinhos apaixonados. Como eu disse: tão previsíveis. Mas não é só isso, quando eu apareci pra você naquele apartamento praticamente te ameaçando, por que você não contou pra ele?

— Porque eu não sabia do que você era capaz.

— Mas Dion sabia!

— Sim, ele sabia. E tentou me alertar, me fazendo prometer que nunca deixaria você se aproximar de mim — lembrei com pesar.

— Então por que não contou pra Dion que eu sabia de vocês? Ele tinha ciência das coisas que eu era capaz e ele nunca me deixaria nem respirar o

mesmo ar que você se você tivesse me dedurado. Então, naquele dia, eu vi a abertura que vocês dois me deram.

Apertei os olhos, o arrependimento queimava meu coração.

— E então eu percebi que poderia fazer o que fiz com você — continuou. — Manipular as coisas para conseguir o que queria. Eu soube cada detalhe da sua vida através de Olga, manipulei as pessoas naquele prédio, manipulei Amber... Seu erro e o erro de Dion foi ter me subestimado.

Lágrimas surgiram, banhando todo o meu rosto. Bruce estava me culpando por ter me violentado e parte da minha mente estava começando a aceitar. Mas a outra parte só pensava em vingança.

Dei corda e ele passou a falar sobre como gostava de manter as mulheres sob seu poder, mesmo que desacordadas. Eu sentia o ácido flutuando na minha garganta a cada vez que ele entrava nos detalhes. Aos poucos, fui perdendo o foco na voz dele e tentei procurar ao redor algo com que eu pudesse atacá-lo.

Meu semblante se iluminou quando me lembrei da toalha em minha cabeça. Eu poderia jogar no rosto dele para desorientá-lo e conseguir fugir. Mas como eu faria? Quando? Bruce estava mais perto da porta que eu. Era arriscado fazer aquilo agora, precisaria encontrar o momento certo.

— Você está procurando algo para me bater, não está? — A voz debochada dele voltou em foco. Disfarcei e o fitei. — Acha que não percebi seu joguinho? — Aguardou uma resposta e o meu sangue congelou. — Sabe de uma coisa, Ava, eu não quero mais brincar.

Ele se levantou e andou de costas até pegar a caixa que estava em cima da penteadeira antes de eu guardá-la novamente.

— Quero que você coloque isso — falou jogando a camisola em cima da cama.

Vislumbrei o pedaço indecente de tecido pousar em meus lençóis, tendo uma breve ideia.

— Tudo bem. Eu vou colocar no banheiro.

Aceitei rápido, achando que o convenceria a me deixar sozinha por

algum tempo, me dando margem para conseguir achar uma arma para empunhar ou coisa assim.

— Não, você vai colocar aqui, diante dos meus olhos. — A faca balançou viciosamente em sua mão.

Com hesitação, tirei a toalha da minha cabeça e larguei em cima da cama, lembrando que precisaria dela mais tarde. Coloquei a camisola por cima do pijama, depois o retirei com cuidado.

— Qual o motivo disso? Não há nada aí que eu já não tenha visto — Bruce tentou achar um pouco de humor no meu rosto.

— Acontece que eu não sou sua mulher e muito menos estou fazendo isso por vontade própria. Caso não tenha percebido.

— Aí está! A gata selvagem voltou — comemorou. — Tem razão, não é minha mulher, mas hoje vai ser *de novo*, você querendo ou não, Ava. — A consternação chegou ao meu semblante, me fazendo questionar se algum dia eu me veria livre daquele homem, isso se ele me deixasse sair viva hoje. — Agora, eu preciso que você pegue a minha bolsa debaixo da cama.

Com ele apontando a faca para mim, não era difícil acatar as suas ordens. Conforme ele mandou, eu retirei um aparelho de dentro dela e o entreguei a ele. Quando Bruce manuseou o pequeno aparelho, dei-me conta de que aquilo era uma câmera.

— Por que você trouxe uma câmera? — O horror saltava na minha voz.

— Você já vai descobrir.

Ele abriu a câmera e a apontou para mim. Engoli em seco, arregalando os olhos em descrença.

— Não! Não aponta essa coisa pra mim — pedi com a voz firme, porém as lágrimas me denunciaram. — Por favor, eu não tenho nada a ver com isso — falei de novo, amedrontada com a história que ia se desenhando ali.

— Venha até aqui, Ava — ele estendeu a mão para me puxar e me forçou a sentar em sua perna. O ar entrava e saía dos meus pulmões de forma

desregulada. — Eu quero que você finja que eu sou ele. Caso contrário, eu furo esse seu lindo pescocinho — sussurrou. A partir dali, ele introduziu uma história nojenta como se fosse um filme pornográfico amador. — Agora vá para a cama.

Hesitei, mas fui empurrada pelo frio gelado da faca. Um lembrete de que a minha vida estava por um fio.

— Pode não parecer, mas eu sou um homem cheio de arrependimentos, Ava. E o maior deles foi fazer o que eu fiz com você sem que Dion ficasse sabendo dos detalhes. Mas nunca é tarde demais, certo?

Deus, o que eu faria para parar aquele homem sem escrúpulos?

Deitei na cama, sentindo-me desprotegida. Não sabia o que fazer. Não sabia, até sentir uma umidade em um lado do corpo. A toalha!

Matar ou morrer, Ava.

Deixá-lo me violentar novamente com uma câmera enfiada na minha cara não era uma opção. E pensar para quem ele enviaria aquela filmagem me fez querer picá-lo em pedacinhos.

Antes que Bruce ficasse sobre mim segurando a câmera, num momento mínimo de distração, eu o empurrei para o lado, peguei a toalha que eu havia deixado no canto da cama e joguei em cima dele, tirando-me de seu campo de visão. Levantei e corri em direção ao corredor.

Eu ouvia Bruce atrás de mim como um louco, sua presença era como uma ameaça de morte iminente.

— Socor...!

Toquei a maçaneta da porta. Bruce conseguiu me alcançar e me puxou de volta, tapando minha boca, abafando o meu grito.

Mordi a mão dele, me libertando, mas ele continuava me segurando pela cintura. Logo eu fui novamente dominada, porém eu ainda não havia me dado por vencida. Debati-me ferozmente, tentando soltar meus braços, até conseguir acertar a minha cabeça na boca dele. A dor aguda que eu tive por ter dado aquele golpe não foi nada comparada ao que ele pretendia fazer comigo.

Bruce levou a mão à boca como reflexo para conferir se era realmente sangue o que estava escorrendo por seus lábios. Com o movimento, ele deixou a faca cair no chão. Vi ali minha chance de liberdade. Joguei-me no piso, esticando o braço para pegar a faca antes dele e consegui.

Tentei me levantar, mas Bruce me empurrou para baixo, enrolando suas mãos em torno do meu pescoço.

— Eu vou te matar, sua vadia maldita!

Foi o tempo de eu acertá-lo pela primeira vez. Uma ferida superficial, pois eu não havia colocado muita força. O meu ato serviu apenas para ele ficar mais zangado e me estrangular ainda mais.

O ar fugiu do meu corpo, a dor era dilacerante. Eu sentia a minha mente querer apagar. Fechei os olhos com força para poder resistir, percebendo que morrer não era uma opção.

Reuni forças para acertar Bruce pela segunda vez, daquela vez um corte mais certeiro, com mais convicção. Ele colocou as mãos sobre a ferida e fitou com horror o sangue fluindo de sua barriga.

Bruce saiu de cima de mim e cambaleou do meu lado.

Fiquei alguns segundos deitada para recuperar o fôlego e dissipar a tontura. Até me dar conta de que Bruce estava ofegando, já jogado no chão.

Levantei, sentindo o piso escorregadio.

— Eu vou te matar, seu estuprador maldito! — Imitei o mesmo tom de voz dele enquanto me erguia em sua frente.

Depois daquilo, eu já não me lembrava exatamente o que aconteceu.



Ava

— Ava?

Ouvi uma voz. Sabia que era de Dion, só não tinha certeza se ele estava realmente ali.

— Ava?

Após aquele segundo chamado, eu percebi as coisas ao meu redor. Eu estava em cima de Bruce e minha mão direita segurava firmemente um objeto afiado. Olhei para as minhas mãos banhadas em sangue assim como uma parte do chão da minha sala. Meus sentidos estavam funcionando perfeitamente, porém a minha mente parecia ter se perdido.

— Me dê isso. — Olhei para cima. Dion estava realmente ali, com o braço estendido na minha direção. — Vamos resolver isso. Não se preocupe.

A mão dele cobriu a minha para retirar o objeto do meu poder. Eu escutava uma voz ao fundo. Eu a conhecia, mas mesmo assim não fui capaz de relacioná-la a alguém no momento.

— Está sentindo dor em algum lugar? — O toque dele veio até meu rosto para conseguir uma resposta. Balancei a cabeça dizendo que não. — Vem comigo. — Dion me apoiou para eu ficar de pé. Escutei-o descarregar um repertório de palavrões ao me ver melhor. — Andrew, eu preciso do seu paletó.

Os olhos dele percorrendo a minha estatura tinha tons de pesar e desespero, mesmo assim tentou se manter no controle. Ele queria

enlouquecer, eu estava certa disso, porém ele sabia que tinha que ser a mente sã no meio daquela bagunça.

— Ele chegou a concluir alguma coisa contra você? — Questionou ao cobrir o meu corpo com o paletó do amigo.

O temor dele pela resposta era óbvio.

— Nós precisamos chamar a polícia, cara — Andrew demonstrou total preocupação diante daquela cena de horror.

— Sim, por favor, faça isso. Eu vou assumir a responsabilidade.

Captei o olhar de Dion com todas as incertezas estampadas ali.

— Eu o matei, não foi? — Perguntei calma.

Imagens do ocorrido vieram na minha mente em flashes. Eu tinha afundado a pequena faca na carne de Bruce até que meus braços ficassem fadigados. No entanto, eu não me convencia de ter alguma culpa naquele ato. Eu não sentia arrependimento, pelo contrário, eu faria tudo de novo.

Dion me puxou pela sala e me sentou no sofá.

— Fique aqui — ele não havia respondido minha pergunta. — Os meninos estão com Vivian, não estão? — Concordei com a cabeça. — Ótimo, vamos mantê-los lá.

Andrew estava ao telefone.

— A polícia logo estará aqui. Preciso que me diga o plano — pediu a Dion.

— Pretendo contar a verdade, mas não quero que a culpa dessa merda caia nas costas dela, está me entendendo?

— Eu estou, o problema é que vai ser difícil convencer os peritos disso.

Do sofá, eu vi Dion se agachar perto de Bruce e tocá-lo como se conferisse os seus sinais vitais. Ouvi-o cuspir alguns palavrões novamente.

— O desgraçado ainda está vivo! — Revoltou-se.

Dion começou a amaldiçoar meio mundo. Levantei do meu lugar e fui para perto dele.

— Isso não é possível, eu o matei! — Falei exaltada.

— Não matou, ele ainda tem pulsação.

O homem no chão soltou um engasgo de sangue e começou a respirar violentamente. Afastei-me, horrorizada pela cena.

— Podemos resolver isso agora mesmo, Ava. Antes que a polícia chegue com uma ambulância para salvar a vida dele.

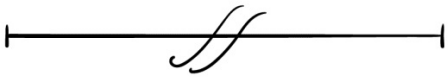
Meus olhos encontraram os de Dion e, pelo seu semblante vingativo, a sua intenção estava escancarada.

— O quê? Vocês querem matá-lo de vez, é isso? — O questionamento de Andrew me trouxe um desconforto maior.

Em situações normais, eu não desejaria a morte de ninguém e aquela estava longe de ser uma situação normal. Bruce era um ser desprezível, carregava em si os piores tipos de sentimentos. Eu não seria capaz de mensurar o quanto ele ferrou a minha vida. Bruce tirou coisas de mim que talvez eu nunca conseguisse recuperar. Apesar de tudo, a minha parte sensata gritava na minha cabeça ao me dizer que eu não tinha direito sobre o destino daquele homem, mesmo que ele me tivesse feito muito mal. De qualquer modo, aquelas eram as circunstâncias. Eu tinha em mãos a vida do meu algoz, eu iria decidir o futuro dele.

E decidi que aquele não seria o seu fim. Eu ainda o veria em um tribunal depois que todos os seus crimes fossem revelados e compartilharia a vitória pela sua condenação junto com as outras vítimas.

— Não — respondi sob os olhares inquietos de Dion e Andrew. — Eu quero que ele viva.



— A senhorita tem todo o direito de resguardar a sua imagem ao não querer contar o que houve — o delegado afirmou, praticamente levantando uma bandeira branca depois de não escutar um sopro da minha voz. — Mas...

— Como você bem explicitou, a minha cliente tem todo o direito de permanecer calada — Andrew, ao meu lado, exercia o papel de me advogar.

Ele saiu do apartamento antes da polícia chegar, Dion sabia que precisaríamos dele.

Eu não iria abrir a boca até me sentir confortável. Não queria correr o risco de que tudo o que eu dissesse fosse distorcido de forma a me culpar depois. Eu via nos olhos daquele delegado que ele não tinha a menor pretensão de me entender.

Uma ideia brilhou no meu cérebro e pedi que Andrew chegasse mais perto. Cochichei no ouvido dele, pedindo que ele repassasse a informação para o delegado. O advogado limpou a voz.

— A minha cliente solicita falar com... uma delegada.

O homem na nossa frente levantou uma sobrancelha, intrigado.

— A delegada Wintour está na sala ao lado, interrogando o seu amigo, doutor Jones.

Imaginei que se tratava de Dion.

— Nesse caso, creio que a troca não será muito complexa. A minha cliente deixou bem claro que só vai falar com uma mulher.

O delegado se retirou depois de me olhar e olhar para Andrew como se dissesse “isso é sério?”. O humor dele desceu ladeira abaixo quando percebeu que não estávamos brincando.

Andrew se voltou para mim apreensivo.

— Nós temos uma versão a manter. E essa versão diz que Dion esfaqueou Bruce. Então, não assuma a culpa. Está me ouvindo?

— Você vai deixar seu melhor amigo responder por algo que ele não fez?

Olhei bem para ele, dando-me conta de que Andrew também não havia gostado do plano de Dion.

— E o que você vai dizer? — Perguntou.

— Eu vou dizer a verdade.

Antes que o advogado contrariasse a minha decisão, a porta se abriu,

dando passagem a delegada que eu havia pedido.

— Senhorita Banks, meu nome é Michelle Wintour — ela apertou a minha mão, depois deixou uma pasta em cima da mesa antes de se sentar na minha frente. — Soube que a senhorita solicitou uma pessoa do sexo feminino para contar a sua versão da história.

— Você está certa — olhei para Andrew para demonstrar que eu faria as coisas do meu próprio jeito.

— Ótimo. Só recapitulando o ocorrido, às 23:03 recebemos uma ligação anônima sobre um ataque com vítima em um apartamento no SoHo. Correto?

— Sim...

— A senhorita consegue me dizer passo a passo tudo o que aconteceu? — Concordei com a cabeça.

Ainda vestia a maldita camisola só com o paletó de Andrew por cima. Eu permanecia com o sangue daquele homem na minha pele. O odor metálico e nauseante enchia a sala de interrogatório. Minhas mãos ainda não haviam sido lavadas apesar de eu ter passado por um hospital para fazer exame de corpo de delito.

Wintour disse que Bruce tinha sido levado para o mesmo hospital que eu fui, que por sinal era o mesmo em que eu havia dado a luz aos gêmeos e o mesmo em que Jenna trabalhava. Rezei por um banho e continuei a falar e responder as perguntas da delegada.

O cansaço e o sono fluíam pelo meu corpo. A vontade de estar com os meus filhos era um sentimento desolador, mesmo assim eu queria que a verdade fosse revelada. Não queria que Dion assumisse a culpa por algo que eu fiz.

À medida que fui me sentindo mais confortável, eu fui contando para a delegada o que tinha acontecido naquela noite e também o que Bruce havia me feito anos antes. Não poupei nenhum detalhe e alguns deles deixaram Andrew boquiaberto.

— Se a sua versão é a correta, por que o homem na sala ao lado contou

uma história diferente? Ele disse que esfaqueou a vítima e você não teve nenhuma participação no ato.

A delegada parecia ter comprado a versão de Dion.

Abaixei os olhos ao me dar conta de que eu não sabia como Dion e Andrew haviam chegado ao meu apartamento. Dion deveria estar com Lauren, não entendi o que fez ele ir até mim como se já soubesse que eu seria atacada.

— Eu e Dion temos um passado, ele só está tentando me proteger. Porém eu afirmo com toda certeza que, quando ele chegou no apartamento, eu já tinha esfaqueado Bruce.

— Você não precisa falar o nome dele o tempo todo, pode dizer apenas "meu agressor".

— Aproveitando a deixa, delegada Wintour, Bruce tem uma longa lista de vítimas. Não é de hoje que ele vem atuando — Andrew comentou.

— É uma colocação bem pertinente, doutor Jones. Eu puxei a ficha criminal do agressor e fiquei impressionada em como ele ainda estava à solta. Inclusive já estava sendo considerado foragido em alguns estados.

— A questão que fica é: a minha cliente poderá voltar tranquila para a sua casa? Uma vez que tudo o que ela fez foi lutar pela sua vida em legítima defesa?

Fiquei calada para ver Andrew fazer o seu trabalho.

— O homem está sendo monitorado e a situação clínica dele é muito ruim. Fiquem cientes de que, se ele vier a óbito, a acusação se agravará — ela disse muito séria. — Mas, Ava, quero que confie em mim. Em hipótese alguma, eu vou deixar que você pague por isso. Jamais ficarei contra uma mulher que tentou se defender de uma agressão sexual.

Quando pedi para falar com uma mulher, eu não queria me aproveitar da cumplicidade feminina, eu só queria que a pessoa que estivesse me ouvindo tivesse a capacidade de se colocar no meu lugar.

Mesmo assim, o meu coração ficou tranquilo com a delegada Wintour. Soube ali que o meu caso não sairia impune. Senti-me amparada pelas

palavras dela, coisa que eu não teria se permanecesse com o outro delegado a me interrogar.

Após darmos os nossos depoimentos, eu e Dion fomos liberados. As nossas versões eram totalmente divergentes, mas aquilo não impediu que o processo fosse resumido. Obviamente, sabia que estava rolando muito dinheiro nos bastidores. Caso contrário, eu já teria sido jogada em uma cela suja por ter confessado esfaquear uma pessoa a sangue frio.

Ao passar pelo corredor da delegacia, vi, através de uma janela de vidro, Lauren sendo interrogada. Precisei olhar mais de uma vez, porque aquilo não fazia o menor sentido.

— O que Lauren faz aqui? — Perguntei a Andrew.

— Ao que tudo indica, ela era cúmplice de Bruce.

Aquela informação me acertou em cheio. Por mais que eu a achasse descarada, nunca pensei que ela fosse aquele tipo de mulher.

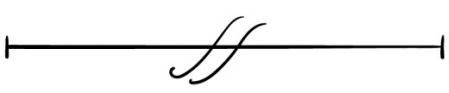
Encontramos Dion no estacionamento conversando com Carl e o que eu acreditava que fosse um outro advogado dele. A camisa branca tinha alguns traços de sangue. O motorista me deu um olhar de compaixão e me abraçou, só quando senti o abraço de uma pessoa querida que percebi o tanto precisava daquilo.

— Carl vai nos levar pra casa — Dion disse depois de um tempo.

— Eu não quero ir para a sua casa — as palavras correram da minha boca e eu me achei totalmente estúpida. Afinal o meu apartamento tinha virado cena de crime.

— Creio que não tem muitas opções — concluiu ele.

O outro advogado se despediu, depois foi Andrew. Nem tive oportunidade de agradecer por tê-lo comigo no interrogatório.



No quarto de hóspedes, o mesmo que eu já tinha ficado antes, Dion se afastou, alegando que iria buscar um conjunto de roupas pra eu vestir. Sentei na cama brevemente e percebi que o cansaço e o estresse cobrariam o seu

preço em breve. Levantei e fui para o banheiro. Vi Dion na porta depois de alguns minutos, à espreita para ver se estava tudo bem.

Durante o banho, evitei desabar em lágrimas. À medida que o sangue foi lavado do meu corpo, fui me sentindo eu mesma, porém as feridas ficavam cada vez mais expostas. Quando eu achava que não aguentaria mais, ele veio para me manter de pé. Dion moveu-se às minhas costas e encostou o seu corpo no meu. Permaneci de costas, incapaz de encará-lo, e deixei que ele me ensaboasse até não sobrar mais nada do ocorrido daquela noite.

De forma inevitável, acabei chorando até soluçar. Com a certeza de que eu havia descarregado toda a minha angústia, ele me tirou do banho e me vestiu, após isso me deitou na cama e puxou um edredom sobre mim. Eu sabia que estava parecendo uma doente terminal, mas e daí? Eu não precisava esconder a minha fragilidade dele.

Aquilo tinha que acabar. Eu não sabia se conseguiria sobreviver a outra noite como aquela. Senti uma carícia suave no meu cabelo algumas vezes. Pedi que Dion deitasse comigo, ele o fez.

Dion havia ficado irritado por eu não ter seguido o plano dele e jogado a culpa do quase homicídio de Bruce em suas costas, mas eu não queria falar. Deixei bem claro no carro quando viemos que eu não queria conversar, só queria esquecer.

Pouco a pouco, o sono foi se apegando a mim, mas a minha mente não queria se dar por vencida. A cada vez que eu fechava os olhos, era como se ainda não tivesse acordado daquele pesadelo.



Abri os olhos horas depois, sentindo-me exausta e notando o outro lado da cama vazio. Uma rápida olhada para a janela e notei o dia amanhecendo. Procurei pelo apartamento desde o térreo até a cobertura. Dion não estava em casa.

Sentei no sofá da sala, o lugar estava deserto. O relógio chique na parede dizia que faltavam cinco minutos para as seis da manhã. O tempo passou, fiquei na dúvida se ligava para ele ou não. Logo depois, o meu

celular tocou. Abrindo a tela, vi que era uma ligação de Jenna.

Meu coração se apertou com o medo de que fosse algo com os meus meninos.

— Ava?

— Jenna, está tudo bem? — Havia um falatório em torno dela.

— Não sei, me diz você.

Fiquei apreensiva, pensando que as informações do ocorrido daquela noite havia vazado e se aquele era o motivo de Dion ter saído.

Passei a mão pelo pescoço onde ainda estava dolorido.

— Como assim?

— Bem, vi Dion há algum tempo atrás entrando aqui no hospital. Creio que era ele, não se confunde um homem como ele, certo?

— Dion, no hospital?

— Sim, por isso pensei que, sei lá, tivesse acontecido algo com você.

— Conversamos com mais calma depois sobre essa noite, Jenna. Mas hoje não seria a sua folga?

— Ah, sim. Seria, mas eu tive que vir cobrir um plantão de última hora. Vivian está com os meninos, não se preocupe. Só liguei para saber se não aconteceu nada. Que bom que não aconteceu. Então, agora eu preciso ir.

Jenna desligou, deixando-me com mais pulgas na orelha do que já estava. Passou-se mais meia hora sem que eu entendesse o que diabos estava acontecendo e por que Dion não estava em casa. Tudo ficou evidente quando recebi a ligação da delegada Wintour dizendo que Bruce havia falecido durante a madrugada.



Ava

Assisti Dion passar pela porta. Já tinha as palavras prontas na minha boca.

— Onde você estava? — Comecei.

— Eu estava resolvendo algumas questões sobre o nosso processo. Por quê?

Ele parecia impressionado em me ver de pé já nas primeiras horas do dia.

— Onde?

Dion largou a chave do apartamento em cima de uma mesinha e tirou o casaco sem nenhuma pressa.

— Por que isso importa?

— A delegada acabou de me ligar — fiz uma pausa e cruzei os braços. — Bruce está morto.

Analisei qual seria a reação dele. Não houve reação.

— Qual o motivo de você me olhar desse jeito? — Perguntou intrigado.

— Você tem alguma coisa a ver com isso? — Escutei-o bufar e o vi colocar as mãos na cintura, desesperado para fugir do assunto. — Seja sincero.

— Não, eu não tenho.

O que seria motivo de alívio se tornou um precipício de desconfiança. Dion tomou o caminho das escadas, fui atrás dele antes que começasse a subir.

— Por que você está mentindo? — Questionei furiosa ao perceber que ele iria escapar.

— Do que você está falando, Ava?

— Jenna me ligou mais cedo falando que te viu no hospital, o mesmo em que Bruce estava internado.

— Então, você está insinuando que eu...? — Ele buscou em meus olhos a resposta que queria.

Eu realmente tinha noventa e nove por cento de certeza que Dion tinha articulado a morte do irmão.

— Precisa me dizer a verdade — minha voz foi sumindo a cada palavra pronunciada.

Dion voltou para a sala e se sentou no sofá gigantesco de couro. Seu corpo curvado para frente e as mãos envolvendo o seu rosto já eram grandes indícios.

— Você está certa — falou baixo como se só agora entendesse a gravidade de sua ação.

Deixei meus ombros caírem e me arrastei para perto dele.

— Por que você fez isso?

— *Sério?* — Havia muita ansiedade no ar.

— Dion, você não tinha que ter feito isso! E se alguém descobre? Você não pode ir preso por causa do Bruce. Pelo amor de Deus! — Gritei para dar voz a minha aflição.

— Eu não vou ser preso se é essa a sua preocupação — sentenciou.

A culpa já tinha fugido de sua face, o homem incontestável estava de volta.

— Como pode ter tanta certeza?

— Porque eu não deixei rastros.

— Mas...

Não queria nem imaginar como ele fez para matar Bruce em um hospital que provavelmente tinha policiais por perto.

— O médico me disse que havia uma chance real dele sobreviver. A maioria dos cortes foram superficiais e os órgãos atingidos foram reparados na mesa de cirurgia — ele tornou a me olhar, eu ainda conseguia ver resquícios de um homem vingativo. — Se serve de consolo, ele morreu como merecia. Só queria ter a certeza de que ele não sobrevivesse. Além do mais, não queria que você passasse o resto da sua vida com o fantasma da morte daquele crápula na sua conta caso acontecesse.

— Isso não diminui o fato de isso ser errado.

— Você pode ficar brava, pode gritar comigo, mas acabou, Ava. A gente nunca mais vai precisar se preocupar com ele. Eu o subestimei demais. Havia um esquema de segurança e não sei como ele conseguiu passar e chegar até você. Esteve esse tempo todo um passo na minha frente, o cara era manipulador como o diabo. Eu tive medo dele conseguir se safar, nunca iria conseguir dormir tranquilo de novo sabendo que ele estava vivo. A prisão não era pra ele. Bruce tinha que ser exterminado como a praga que era!

Ele se exaltou, demonstrando que realmente estava com medo que noites como aquela se repetissem. Eu consegui ver uma pequena parcela das coisas mirabolantes que Bruce era capaz de fazer. Nada o faria parar.

— Não era assim que eu queria que as coisas acontecessem, mas você está certo. Acabou — respondi de forma gélida e saí de perto dele.

No quarto, eu mandei uma mensagem para Carl pedindo para ele ver a situação do meu apartamento e pegar uma mala de roupa para mim. Menos de uma hora depois, eu estava dentro de algo que não era masculino ou estava coberto de sangue.

Liguei para Vivian avisando que chegaria no apartamento dela em breve. Eu precisava ver os meus meninos. Precisava ter certeza de que eles

estavam bem.

Desci as escadas, preparando-me psicologicamente para desistir da melhor coisa que já havia me acontecido. Eu já havia me decidido antes, aquela noite só deixou as coisas mais claras. Encontrei Dion no mesmo lugar de antes, com o celular colado na orelha.

— Espere, aonde você vai? — Perguntou ao me ver com a mala.

— Eu vou ver os gêmeos.

— Você não vai voltar pra cá?

— Não.

Continuei o meu caminho até a porta da sala.

— Ava? O que foi agora?

Dion chegou perto de mim com poucos passos. Antes de me virar para ele, eu fechei os olhos fortemente. Aquilo seria difícil.

— Tudo? — Ironizei.

— Acabamos de resolver o que estava pendente, você não precisa fugir de mim.

— Sei que não, mas nem por isso eu vou ficar aqui.

— O quê? — Questionou confuso, olhando com pesar para a marca roxa que se formava no meu pescoço. — Tudo o que eu quero agora é ficar em paz com você e nossos filhos. É pedir demais?

Subi meu olhar para observar sua expressão apreensiva.

— Isso é tudo o que eu quero também, mas paz? Desde que você voltou pra minha vida, paz foi a última coisa que eu tive.

Dion juntou as sobrancelhas e me fitou confuso.

— Não me diz uma coisa dessas, Ava.

— Então para e pensa. Olha pra trás e veja tudo o que a gente já teve que passar pelo simples fato de estarmos juntos. Você pode mais uma vez me dizer que tudo vai ficar bem, pode dizer que somos fortes e podemos superar qualquer coisa, mas diga isso por você, porque eu já não aguento mais!

Permiti que as lágrimas saltassem dos meus olhos.

— Não faz isso. Por favor, não faz isso. As coisas ainda estão muito recentes, Ava. Você não tem que tomar decisão nenhuma agora.

— Mas eu já tomei — engoli em seco.

— O quê?

— Eu não posso mais viver desse jeito, Dion. Eu não posso...

— Ava, olha pra mim e me escuta — segurou o meu queixo para olhá-lo. — Isso é algo que podemos dar a volta por cima, eu não tenho a menor dúvida. É a nossa chance de ter uma vida normal. Eu, você e os meninos.

— Eu seria uma tola em acreditar que teremos uma vida normal — captei o olhar dele. — Nós dois, como um casal... nunca deveria ter acontecido. De todos os nossos erros, esse foi o maior deles. Eu nunca deveria ter desejado ser mais do que uma prostituta para você.

Eu tinha a minha visão embaçada pelas lágrimas. Meu coração doía tanto.

— Não acredito que isso é por eu ter matado o cara que te violentou!

A única coisa que eu sabia era que a minha vida com Dion era uma tremenda tragédia. Éramos um chamariz para coisas ruins. Eu o amava mais do que era humanamente possível, porém infelizmente tudo à nossa volta se resumia em mentiras e dor.

— Não é por isso. Eu só não quero descobrir qual preço a mais nós vamos ter que pagar pra conseguir a paz que queremos.

Eu não queria que as coisas terminassem daquela forma, mas precisava de um pouco de paz, precisava respirar e eu não conseguiria isso enquanto estivéssemos juntos. O olhar perdido de Dion me afligia. Contudo, após aquela noite, sentia-me a um passo da loucura. Mergulhando em uma escuridão sem volta, eu necessitava de espaço para saber o que ia sobrar daquilo tudo.

— Eu vou embora — anunciei de forma fria. — Não quero que me procure, apenas siga com a sua vida que eu vou tentar seguir com a minha.

Dion me fitou como se fosse inacreditável tudo o que estava acontecendo ali.

— Está me pedindo para desistir de você?

Discordei com a cabeça, o nó na minha garganta machucava.

— Um dia você me disse que nunca desistiria de mim ou da nossa família e eu acredito. Sendo assim, sou eu quem está desistindo de você.

Enquanto Dion processava as informações, peguei a mala e parti, não sem a sensação de ter deixado o meu coração para trás.



Ava

Após dois meses, a fase de luto havia passado. O amor que eu tinha por Dion foi sufocado dentro de uma caixa imaginária e enterrada dentro das minhas memórias. Eu estava longe de ser curada, mas as viagens pelas quais Vivian me deixara responsável não davam muito espaço para que eu sentisse tanto.

Há um mês, foi Dubai, na semana passada, Paris. Desconfiava de que aquelas viagens eram uma cortesia da minha chefe para que eu trabalhasse como uma condenada longe de Nova Iorque. A única parte ruim era ficar alguns dias longe dos meus meninos, fazendo-me perceber que o aprendizado nem sempre era fácil.

A delegada que acompanhava o meu caso me disse algumas semanas atrás que o processo contra Bruce era muito conciso. Através das filmagens da câmera que usou naquele dia, dava para vê-lo me ameaçando com uma faca. Sendo assim, os investigadores entenderam que a minha vida de fato corria perigo, configurando legítima defesa.

O fato era que, apesar de tudo, eu conseguia dormir tranquila à noite. Talvez não conseguisse se soubesse que Bruce ainda estava vivo, podendo me achar a qualquer momento. Eu não poderia confiar na justiça e, até que ele fosse condenado, eu ainda podia passar por maus lençóis. Aquilo não queria dizer que concordava com a forma que Dion fez as coisas, porém o que ele fez deixou a minha vida após aquela noite imensamente mais sossegada.

Para o bem de todos, Dion não se afastou dos nossos filhos. Ele não tomou o caminho mais fácil, apesar de acatar a minha vontade quando pedi que ele não me procurasse. A nossa relação era praticamente inexistente desde a nossa última conversa no apartamento dele, o que causou certa confusão na cabecinha dos nossos filhos. O que causou maior estranhamento ainda foi a mudança de prédio. Permanecemos no mesmo bairro, no entanto eu não poderia mais conviver com as lembranças impregnadas nas paredes do meu antigo apartamento.

— Mônica, eu vou descer até a recepção para ver o que anda acontecendo com as minhas correspondências. Já atualizei meu endereço, mas não recebi nada aqui até hoje — disse um pouco irritada. Voltei meus olhos para os gêmeos que brincavam cabisbaixos em frente à televisão. — Meus amores, prometo que quando eu voltar nós vamos fazer algo bem legal, tá bom? — Vi suas cabecinhas concordarem sem muito entusiasmo.

Saí do apartamento direto para o elevador. Dion havia viajado a negócios aquele fim de semana e claramente os gêmeos estavam sentindo falta do pai. Fiquei pensando em algo para divertir os meus pequenos até chegar na recepção.

— Bom dia, meu nome é Ava, do 614.

— Pois não, Ava. Como eu posso ajudá-la? — O recepcionista me olhou com um sorriso simpático.

— Bem, eu moro aqui há quase dois meses e ainda não recebi nenhuma correspondência.

— A senhora já atualizou o endereço?

— Atualizei no mesmo dia que mudei.

— Ok, me deixe dar uma olhada.

O homem digitou em seu computador e foi investigar o que estava ocorrendo.

— Ah, sim — suspirou. — Agora sei o que está acontecendo. O dono do seu apartamento pediu para enviar as correspondências para ele quando o apartamento estivesse vazio.

— Como assim?

— Provavelmente as suas correspondências estão com o seu locador. Ele mora aqui no prédio. 802. Eu posso ir até lá, mas a senhora terá que aguardar um pouco.

— Não, está tudo bem. Eu vou até lá — falei, percebendo que seria melhor resolver aquilo logo.

— Certo. Procure pelo senhor Harris.

— Obrigada.

Subi para o oitavo andar, procurando pelo apartamento do tal senhor Harris. Bati na porta onde indicava ser o 802 e aguardei.

Dei um último passo e aproximei o ouvido da porta, escutando uma confusão fora do comum ali dentro. Pareciam ser crianças. Afastei-me ao ver a maçaneta ser girada.

— Oi, eu sou... — comecei antes de ver a pessoa.

— Ava?

Fitei o homem de rosto pálido e cabelo vermelho a minha frente.

— Não me diga que você é o senhor Harris? — Perguntei a Dylan enquanto o mesmo me observava com curiosidade.

— Steve Harris?

— Não sei, acho que sim.

— Ele é o meu cunhado.

A porta foi escancarada e uma cabecinha ruiva surgiu ao lado de Dylan.

— É a garota da confeitaria, tio?

— Oi, Olivia — cumprimentei sem graça.

— Oi. Você veio atrás do meu tio?

— Não, eu vim atrás do meu locador — falei em tom esclarecedor.

Olivia não conseguia esconder os ciúmes de Dylan.

— Você mora aqui agora? — Dylan perguntou.

— Sim, eu me mudei há dois meses. Você também mora aqui?

— Não. — Comemorei internamente.

— Eu estou aqui porque me disseram na recepção que as minhas correspondências vieram pra cá.

— Ah, claro. Liv, vá chamar seu pai. Você quer entrar? — Dirigiu-se a mim.

— Não. Na verdade, eu estou com um pouco de pressa.

Ficamos em silêncio enquanto, dentro do apartamento, se ouviam vozes de todos os tipos. Parecia ter três famílias ali dentro e mais uma dezena de crianças.

— É a sua família? — Perguntei a Dylan, que ficou aguardando comigo.

— Sim. Família grande, sabe como é...

Não, eu não sabia como era.

— Legal — murmurei.

Senti um aperto no peito por constatar que eu nunca teria uma família tão grande como aquela. Meus pais eram filhos únicos, meus avós tinham morrido há muito tempo. A família Banks era praticamente uma árvore sem frutos.

— Senhorita Banks, não é? — Um homem careca me cumprimentou com algumas cartas na mão. Eu lembrava dele do dia que assinei o contrato de locação. — Desculpe pelo transtorno.

Ele me entregou as correspondências, depois olhou para Dylan, captando algo, e então riu.

— Está gostando do apartamento?

— Sim, obrigada por perguntar. Agora eu preciso ir — ofereci um sorriso fraco para os homens na minha frente antes de me virar.

— Ahn... Ava, o que vai fazer essa tarde? — Minhas sobrancelhas

subiram.

— Eu ainda não sei, Dylan. Provavelmente vou sair com os gêmeos.

— Você já tem filhos? — Harris perguntou curioso. Respondi que sim.

— Vamos todos para o Central Park mais tarde. Seria legal você ir comigo, quer dizer, com a gente.

O locador e eu suprimimos um risinho divertido diante da proposta de Dylan.

— Sim, Ava. Você será muito bem vinda — o homem, que deduzi ser o pai de Olivia, reforçou o pedido.

— Junto com os gêmeos, é claro — esclareceu Dylan.

— É, talvez — falei, batendo os envelopes na mão, me afastando.

Não seria nada mal que os meus filhos se divertissem com os sobrinhos de Dylan.



— Então você foi e conheceu a família do príncipe? — Tracy perguntou, colocando uma alface na boca.

Era horário de almoço e estávamos comendo na minha sala.

— Sim, os meninos estavam tristinhos por não ver o pai no fim de semana. Eles ficaram loucos quando souberam que os sobrinhos de Dylan moravam no mesmo prédio que o nosso.

— Agora vamos ao que interessa, Dylan tentou algo com você?

— Ele é muito discreto, Bonnie. Mas sim.

As meninas largaram o garfo de lado e ficaram esperando-me contar os detalhes.

— Diga logo! — Gargalhei com a apreensão de Tracy.

— Ele me chamou para sair. — Elas chacoalharam as mãos quase deixando o almoço cair no chão.

— E...?

Fiz suspense. Elas quase me esganaram.

— Essa é a parte mais estranha da história, porque eu aceitei.

Bonnie e Tracy comemoraram brevemente, depois se entreolharam, ficando sérias.

— E quanto a Dion?

— Você ainda o ama, não é?

— Nunca vou deixar de amar, Tracy. Só que eu preciso tentar.

— Sim, você tem toda razão.

O silencio tomou conta da sala por alguns minutos e voltamos a comer tranquilas. Bonnie foi quem quebrou o gelo.

— Você não acha estranho esse negócio de mudar e encontrar Dylan em um dos apartamentos?

— Olha, eu achei bem estranho, sim. Os nossos encontros são bem inesperados.

— Isso não quer te dizer nada?

— Não. Deveria?

— Bem, talvez seja o destino dando uma forcinha para você amiga.

Rolei os olhos. Nunca vi amigas tão supersticiosas.



Dylan parecia ter uma missão a cumprir comigo. Ele precisou e ainda precisa ter muita paciência para acompanhar meu ritmo. Foram semanas até conseguir me dar um selinho, quanto as outras coisas, nós permanecíamos no zero a zero.

Eu era grata por ele permitir que as coisas acontecessem no meu tempo.

Estávamos indo muito bem como um quase casal. A família dele era

enorme e eu já conhecia até os seus avós, porém minha única família que ele conhecia era os meus filhos. Aquilo o intrigava, já que eu havia dito que não tinha nenhum parente vivo e era difícil para ele acreditar que eu já não tinha mais familiares no mundo.

A chateação dele com aquilo era genuína, ele queria saber cada vez mais sobre mim. Eu sempre contava algumas partes importantes, mas deixava sempre de fora qualquer assunto que envolvia Olga, Bruce e principalmente Dion.

Não ver o pai dos meus filhos ajudava, e muito, que eu não enlouquecesse com aquele plano de tirá-lo da minha cabeça. Pra ser honesta, estava funcionando bem. O máximo que Dion chegava era na recepção para esperar a babá chegar até ele com os gêmeos.

Esbarramos uma ou duas vezes na Carter Inc., mas felizmente não houve um grande alarde. Aquela frase “O que os olhos não veem o coração não sente”, fazia total sentido pra mim agora.

Trabalhei aquele dia normalmente, contudo percebi que Dylan não me enviou mensagem de bom dia e nem me desejou coisas maravilhosas como sempre fazia. Um alarme soou dentro de mim. Ele estava fazendo comigo a mesma coisa que eu fazia com ele. Não estava se esforçando para aquilo dar certo. Meio precipitado eu chegar àquela conclusão, mas ao meu ver estava na cara.

Como era sexta-feira e Dylan me deixou praticamente no vácuo, eu resolvi agir. Conversei com as minhas amigas e elas também acharam que era a hora de eu dar um pouco de alegria para o meu príncipe ruivo.

Deixei os gêmeos na casa de Vivian, eu não pretendia voltar para casa naquela noite. O contato de Tracy me conseguiu um ingresso para a boate de Dylan que sempre lotava no fim de semana.

Entrei na bagunça de fumaça, corpos jovens e música eletrônica. Tentei passar despercebida pelos marmanjos solteiros loucos por um rabo de saia. Tive que afastar os mais agressivos. Subi alguns degraus da escada de acesso. Flashes do dia em que eu estive ali com Dion bombardearem a minha mente, respirei algumas vezes e olhei em torno da boate. Não estava fácil discernir os rostos, mas encontrei quem estava procurando.

Voltei para o meio da pista e fui em direção ao balcão onde vi Dylan conversando com um cara e duas mulheres. O olhar dele se perdeu em mim quando me viu me aproximar com muita pretensão. Eu estava com um vestido recém-comprado, curto e brilhante. Sentia-me maravilhosa nele e bastante confiante.

Enrosquei meu braço em torno do pescoço de Dylan e o beijei de uma forma que nunca havia beijado antes. Subi as mãos pela sua nuca, depois desci para as suas costas. Ele correspondia perfeitamente, queria me engolir no beijo.

— Você não me enviou mensagem de bom dia — falei séria, depois sorri. — Por quê?

Dylan permanecia um pouco zonzo apesar de um sorriso decorar seu rosto.

— Não me lembro agora, mas estou feliz de não ter enviado.

Ele me puxou para mais um beijo. Segundos depois, alguém o cutucou.

— Chefe, estamos tendo problema com um cliente VIP.

— Eu vou subir lá agora mesmo — olhou-me. — Quer vir comigo?

Disse que sim. Dylan me levou para o andar de cima e me deixou em seu escritório enquanto resolvia o tal problema. Quando ele voltou, colocou seus olhos cheios de vontade em mim.

— Vai demorar muito para fechar a boate? — Perguntei, pensando em algumas coisas.

— Bom, isso vai depender dos clientes. Por quê? — Levantou uma sobrancelha, demonstrando interesse. — Você tem algo melhor em mente para essa noite de sexta-feira?

— Talvez...

— Eu não sei o que está se passando por esses olhos lindos, mas não me importo. Qualquer coisa é melhor quando estou com você. — Fiquei sem palavras. — Só preciso dizer aos gerentes que eu vou sair mais cedo.

Depois que Dylan se despediu dos empregados, pedi que ele nos

levasse para um lugar com mais privacidade.



Dion

Dois meses haviam se passado e eu permanecia paciente com a escolha de Ava. Ela tinha deixado claro que não havia mais nada a ser feito e o melhor seria deixar o tempo agir e nos trazer uma resposta.

Eu só conseguiria comparar aquele período com tortura. A incerteza da espera era angustiante. Ava bloqueou qualquer tentativa minha de aproximação, deixando-me totalmente no escuro.

Ela estava apavorada da última vez que brigamos. No fundo, eu sabia que ela estava certa em ter medo do que mais poderia acontecer. Ava já tinha aguentado demais e, se ela achasse que teria paz longe de mim, longe dela eu ficaria até o momento que resolvesse voltar pra mim.

Pensar que eu poderia ter feito tudo diferente e mantê-la ao meu lado trouxe a insônia de volta para as minhas noites. Desde então, tudo o que eu tinha feito era trabalhar e esperar, porém naquela sexta-feira eu havia me esgotado.

— Sabe aquela multinacional árabe, Dion? — Um dos meus sócios questionou.

— Sei, o dono é meu amigo.

— Estamos ultrapassando-a novamente nos lucros.

Olhei para o homem ao meu lado com ar de desdém.

— Se vocês me trouxeram aqui para beber, por que ainda estamos falando de negócios? — Perguntei irritado.

Dei mais um gole no meu uísque, percebendo os demais naquela rodinha se calarem. Eu não aguentava mais ter o trabalho como centro da minha vida, mesmo nos momentos em que eu não estivesse trabalhando.

— Olá, boa noite — Dylan parou do meu lado. — Está tudo bem por aqui? Vocês precisam de alguma coisa?

Fitei-o por cima dos meus ombros, depois voltei a olhar para o meu copo.

Eu sabia que não deveria ter raiva de Dylan, mas não conseguia evitar. Depois do dia em que o vi no prédio de Ava, uma sirene tocou na minha cabeça e desde então eu venho escutando que os dois andavam saindo.

— Posso falar com você?

Virei-me para ele quando me dei conta de que a pergunta foi pra mim.

— Sobre o que você quer conversar?

— Acho que você sabe...

Soltei o ar de uma vez e me levantei, seguindo os passos de Dylan. De alguma forma, eu sabia que uma hora ou outra ele se aproximaria. Havia chegado até a boate dele para uma espécie de *Happy Hour* da empresa, porém de *happy* só tinha o nome.

Dylan se encostou no balcão do barman em uma parte que não tinha muitas pessoas, o som estava mais baixo.

— E então? — Fechei os braços e ergui uma sobrancelha.

— Eu te chamei para conversar porque eu sinto que deveria te dizer algo.

— Dizer algo sobre o quê?

— Bem... é como se eu estivesse quebrando aquele protocolo em que amigos não podem ficar com a ex-namorada do outro.

Fechei minhas mãos de forma involuntária e cerrei meus olhos para Dylan.

— O quê? — Não sabia ao certo se a minha voz saiu ameaçadora da

forma que eu queria.

Dylan piscou algumas vezes, depois contraiu os lábios.

— Eu e Ava estamos saindo — falou aquilo da forma mais natural possível. — Bom, pelo menos é o que eu acho...

— Ah — concordei com a cabeça, mas, àquela altura, não fazia nem ideia de como reagir.

Então era mesmo verdade?

Ava e Dylan estavam juntos.

Meu Deus!

— O que você quer que eu diga? Que estou feliz por vocês?

— Não, eu só... achei que você deveria saber. Se tudo der certo, nós vamos coexistir, já que você é o pai dos filhos dela.

— O quão sério é isso? — Cuspi as palavras, quase perdendo a sensatez.

Dylan engoliu em seco.

— Nós estamos apenas nos conhecendo. É algo bem recente.

— Você estava de olho nela desde a primeira vez, não é? A vez em que eu a trouxe aqui e te apresentei.

— Não, cara... olha... Ava é uma mulher muito bonita, mas eu jamais desejaria a namorada de um amigo.

— Você está fazendo pior! Está saindo com a mãe dos meus filhos!

— Ok! Mas ainda não vejo problema se vocês não estão mais juntos.

Respirei fundo, mesmo querendo gritar, pegar Dylan pela lapela e exigir que ele tirasse as mãos de Ava.

— Qual é o propósito disso? Você quer apenas levá-la pra cama e esquecer no dia seguinte? — Bloqueei as imagens geradas pela minha mente. — Não me responde essa porra. Eu não quero saber.

— Se serve de consolo, eu não sinto que ela está muito interessada em

mim. Aquela mulher é um poço de mistérios.

Lembrei que eu costumava pensar a mesma coisa.

Ava era a mulher mais destemida que eu conhecia. Diante de tantas coisas ruins, ela soube se sobressair em todos os obstáculos. Hoje eu entendia que manter seus segredos salvos era uma forma de autopreservação.

— Então termine com ela — falei calmo.

— Como é?

— Termine com ela! — Repeti.

Encarei Dylan por alguns instantes para ver se ele tinha alguma objeção. Resolvi me afastar quando achei que ele não diria mais nada.

Parei em frente a um barman e pedi mais uma dose de uísque, ainda via Dylan pela visão periférica. Enquanto aguardava a bebida, eu comecei a sentir um cheiro familiar. Uma fragrância adocicada e meiga pairava no ar.

Fechei os olhos, sendo quase elevado a um estado de graça. Dei uma olhada em torno da boate, procurando o motivo da minha obsessão. Parei meus olhos a poucos metros de mim, onde Dylan estava. O que meus olhos viram a minha mente custou associar.

Ava havia tomado a iniciativa de um beijo obsceno bem na minha frente.

Por um momento, pensei estar dentro de um pesadelo. Meus olhos piscavam freneticamente enquanto eu via Ava beijá-lo da forma que costumava *me* beijar. Balancei a cabeça negando aquela nova informação e, quando Dylan a puxou escada acima, eu quis protestar e arrancar ele de perto dela a base de espancamento. Naquele exato momento, eu queria quebrar todos os ossos de Dylan para que ele nunca a tocasse novamente.

No entanto, aquela era uma reação violenta para uma difícil descoberta: estava tudo perdido e agora só me restava aceitar. Finalmente, eu poderia reconhecer que não a merecia, nunca mereci, e até Ava parecia ter entendido aquilo.



Ava

— Eu não acredito que você está aqui — Dylan disse, puxando-me para dentro do seu apartamento.

— Nem eu.

— Quando você apareceu na boate, eu só pensei “espero que ela venha para o meu lado”. Não suportaria perder uma mulher como você, Ava.

Não entendi o motivo de me dizer aquilo. Ele tinha dúvidas de que eu fosse para o lado dele? Para qual lado mais iria?

Deixei aquela dúvida de lado ao notar o sorriso dele, que era como o de um menino, contagiante.

Tirei o paletó de Dylan primeiro. Ele me pegou em seus braços e me levou pelo apartamento adentro, deixando-me em cima da cama. Permiti que ele me tocasse em lugares que eu não havia permitido antes.

— Tem certeza de que você quer fazer isso? Eu posso esperar mais um pouco — ele notou que eu estava retida.

Olhei disfarçadamente a ereção em seu jeans e, não, ele não aguentaria esperar.

— Eu tive dúvidas quanto isso, mas agora eu sei. Eu quero isso, Dylan — talvez tenha exagerado nas minhas convicções, mas ver o sorriso dele não tinha preço.

Beijamo-nos mais uma vez. Pouco depois, vi-o tirando o suéter, fiz o

mesmo com o meu vestido.

Eu conseguia sentir a urgência em seu toque e na forma com que ele me olhava. A mão dele passeou do meu rosto até o meu tornozelo antes de ele ficar entre as minhas pernas. Depois que ele tirou a calça, ouvi o barulho da embalagem de um preservativo. Momentos após, ele captou o meu olhar e eu permiti que ele fosse além.

Dylan foi extremamente carinhoso, ele devia me achar o tipo de garota que só teve um homem na vida. Depois da vez dele, eu deixei as coisas mais quentes. Agi e fiz coisas que a Ava – Tayla – de anos atrás faria até deixá-lo exausto ao meu lado.

— Nossa, nunca nos meus sonhos mais pervertidos eu achei que você iria me dar uma canseira dessa — disparou ele, ofegante.

Dylan respirou fundo e me trouxe para perto dele. Aconcheguei-me em seu peito suado e fiquei olhando para a luz refletida na parede que vinha de fora.

Depois de um tempo, dei-me conta de que o sono não viria tão fácil. Dei uma olhada em Dylan, que dormia profundamente, e fui ao banheiro. Ele tinha muito dinheiro, não chegava a ser um Dion da vida, mas ele tinha muitos lucros com a boate aparentemente. E o apartamento dele condizia com o seu status.

Observei a minha imagem no espelho. Meu cabelo estava uma bagunça e a minha pele suada. Olhei fixamente para o meu reflexo, tentando achar um motivo para o vazio que havia dentro de mim.

Não fazia ideia do porquê aquele turbilhão de emoções me veio à tona.

Eu estava no apartamento de Dylan porque eu queria. Eu havia transado com ele porque eu queria. Não conseguia me entender naquele momento.

As lágrimas vieram ao meu rosto quando percebi que não havia feito aquilo por mim. Eu apenas fiquei com medo que Dylan desistisse de tentar me conhecer melhor e fui para a cama com ele para mantê-lo comigo, porque temi que ele me virasse as costas.

Eu me sentia uma prostituta novamente. Era isso, mas, ao invés de dinheiro, eu tinha feito sexo com um homem em troca de afeto.

Sentei na tampa do vaso e tapei a boca, sem conseguir parar de chorar. O nó na minha garganta era angustiante, mas eu não queria em hipótese alguma acordar Dylan por causa da minha crise existencial.

Cogitei ir embora, mas ao mesmo tempo sabia que precisava me desapegar de Dion de alguma forma. Não seria fácil, não foi fácil. E hoje eu havia dado um passo importante para esquecê-lo de vez.



No dia seguinte, Dylan acordou cheio de amor para dar, porém insisti que tinha que ir embora. Ele me liberou depois de fazer um café da manhã incrível especialmente para mim. Aquele homem maravilhoso não tinha culpa das minhas inseguranças.

O carro dele parou em frente ao meu prédio. Ficamos mais ou menos cinco minutos sem falar nada. Torci para que Dylan não tivesse constatado a minha mudança de humor, mas infelizmente ele notou.

— Olha, eu não sei o que mudou para você de ontem pra hoje, também não sei o que significou a noite passada para você. Só sei que... — olhou-me. — Eu estou apaixonado, Ava. E isso não é de agora.

— Dylan, você não precisa se preocupar — assegurei.

— Eu só não quero que você me entenda de forma errada. Eu não sou o tipo de homem que conquista uma mulher para ficar com ela só uma noite.

— Não, está tudo bem. Eu sei que eu posso ser complicada às vezes.

— Não, Ava. Por favor, não quero que pense que tem algo errado com você. A missão de conquistar sua confiança é minha e, acredite, eu sou bem persistente — ele encostou no banco do carro e suspirou. — Ainda mais depois de ontem na boate. Se eu achei que você ainda estava presa no seu relacionamento anterior, ontem você me mostrou que não. E eu te digo que fiquei com muito medo que você fosse na direção dele e...

— Eu não estou entendendo — interrompi.

— Sim, ontem quando eu te vi andando pela boate enfeitiçando todos ao redor, pensei que você o escolheria, mas você veio até mim.

— Ele quem, Dylan?

— Dion! Ele estava há uns dois metros de mim.

Levou alguns segundos para que eu conseguisse entender o que estava acontecendo. Dion estava na boate ontem e provavelmente viu o beijo que dei em Dylan.

Ah, meu Deus...

— Você não tinha visto ele? — Questionou preocupado.

— Bem, é... eu vi. Vi ele, sim. — Dylan respirou aliviado sem saber que eu estava mentindo.

Eu tinha dado uma olhada na boate antes de ver Dylan e não vi Dion. Era impossível eu não ter visto ele. No entanto, para Dylan foi como que se eu tivesse feito uma clara escolha. Passado e presente. E ele tinha sido o felizardo.

Senti a mão dele envolver a minha.

— Agora eu não tenho outra alternativa a não ser te mostrar o quanto eu posso ser um cara legal, companheiro, cúmplice, amante — a mão dele subiu para acariciar o meu cabelo. — Eu quero ser qualquer coisa que você queira, Ava.

Precisava ter os pés no chão. A notícia de que Dion esteve na boate me abalou, mas eu mantinha o meu plano de seguir em frente. Talvez não conseguisse viver sem Dion, talvez conseguisse. Eu precisava tentar algo novo e Dylan não me deu outra escolha a não ser aceitá-lo.

Três meses depois...

Era nítido como a minha vida tomou um rumo de normalidade. Sem psicopatas, sem mortes, sem dor. Aquilo era tudo o que eu precisava.

Antes de ir para a reunião na sala de Vivian, recebi uma mensagem de

Dylan avisando que tinha conseguido uma reserva no Daniel’s, restaurante tradicional da cidade. Ele buscava um lugar para termos uma noite especial, parecia ter encontrado.

Fui para o escritório da minha chefe pensando se eu teria alguma roupa adequada para aquele restaurante. Entrei na sala de Vivian, deixando a minha pasta e o celular em cima da mesa.

— O que é isso no seu rosto?

— ...

— Você está sorrindo, Ava? Onde você viu o tal do passarinho verde?

— Eu não vi nada. Só estava conversando com Dylan por mensagem.

— Ah, sim, ele conseguiu a reserva no Daniel’s?

— Conseguiu — olhei para ela desconfiada. — Como você sabe?

— Ele me pediu dicas e eu sugeri.

— Meu Deus, o quê? Eu nem sabia que vocês conversavam — comentei impressionada.

— E aí? Já sabe com que roupa você vai?

Estreitei meus olhos na direção dela. O interesse de Vivian era no mínimo suspeito. Ainda mais conversando sobre roupas, que era um assunto pouco recorrente entre nós.

— Eu tenho algumas ideias, mas não sei se alguma está na altura do restaurante.

— Se precisar de ajuda, Jenna talvez possa te ajudar.

— Não, tudo bem. Eu me viro — sentei em frente à mesa.

— Você não tem a mínima ideia do que vai acontecer, não é?

— Como assim? Você está muito misteriosa para o meu gosto, Vivian.

— Sério? — Olhou-me como se eu fosse uma tola. — Ele falou se vão fazer algo especial essa noite? — Concordei com a cabeça. — Bem, reserva em um restaurante caríssimo, noite especial...

Tentei pensar em algo, mas não me veio nada na cabeça.

— Nossa, Ava... Como você é ingênua. Pensando bem, isso é até bom que não estraga a surpresa.

— Eu hein — medi minha chefe antes de ela se enfiar atrás da mesa.

Iniciamos a nossa reunião e, ao término dela, Vivian me avisou que eu teria que comparecer a um evento em Londres e representar a nossa empresa. Eu deveria ir até lá e mostrar para os investidores o grande momento que a Carter Inc. vivia e angariar o máximo de contratos possíveis.

— Você já fez isso um tempo atrás em Chicago, vai conseguir fazer com os britânicos. Disso não tenho dúvidas — Vivian falou com a voz tranquila.

— Obrigada pela confiança, eu vou sim.

— Que ótima notícia. Eu poderia ir, mas Jenna está de férias e ficamos de tentar a primeira inseminação.

— Ah! — Levantei para abraçá-la. — Isso, sim, é uma ótima notícia.



Chequei o celular quando chegamos ao restaurante. Mason estava com uma tosse chata e não havia melhorado depois de eu dar-lhe um xarope. Só saí de casa quando a babá me jurou que me ligaria caso o meu bebê tivesse febre.

Um homem beirando os cinquenta anos se aproximou de nós e pegou os nossos casacos. Já era primavera em Nova Iorque, mesmo assim o tempo instável nos obrigava a carregar um agasalho para todo lugar.

Outro homem nos encaminhou para a nossa mesa. Notei o local já lotado e me deparei com algumas pessoas me olhando. Eu optei por um vestido preto simples, mas a fenda dele era um grande atrativo. Dylan desceu seus olhos para as minhas pernas e deu uma piscadela satisfeita.

Aguardei ele escolher seu prato, eu já sabia o meu. Se os nomes no cardápio já eram estranhos, não queria nem imaginar o resto, por isso eu sempre pedia bife com uma combinação de legumes.

Meus olhos captaram os de Dylan. Eu era grata por tê-lo ao meu lado. Dar uma chance para nós foi um acerto inegável. Ele era a segurança que eu buscava, a calmaria que eu estava precisando.

— Está me deixando envergonhado — disse com aquele sorriso enorme que me encantava cada dia mais.

— Eu só estava pensando no quanto você é maravilhoso.

— Ah é, me diz mais — pediu descontraído.

— Gentil, carinhoso...

Ele pegou a minha mão por debaixo da mesa e só soltou quando os nossos pratos chegaram. Durante a refeição, eu o analisei melhor e cheguei à conclusão de que Dylan estava apreensivo com alguma coisa.

— Dy, está tudo bem? — Perguntei um pouco preocupada. — Você parece um pouco nervoso.

— Não, estou bem — respondeu, dando alguns goles no vinho. Aquele gesto só provava que as minhas suspeitas eram verdadeiras. — Eu não sei se os gêmeos te contaram, mas alguns dias atrás eu conversei um assunto sério com eles.

— É mesmo? — Perguntei com diversão.

— É. São duas crianças ótimas, muito inteligentes.

— E qual o assunto sério que você e meus filhos falaram?

— Coisas de meninos.

— Ok, Dylan Marsh. Agora você me deixou curiosa.

— Não é nada demais, eu só comentei com eles que, quando nós, homens, encontramos uma pessoa que valha a pena, nós precisamos aproveitar a oportunidade.

— Ah... Isso foi tocante.

— Talvez você não tenha se questionado o motivo de eu te trazer aqui hoje, mas há um motivo — ele fez uma pausa e continuou no mesmo tom misterioso. — Ava, eu estou aos seus pés e isso não é novidade para

ninguém. Dois dias atrás, eu perguntei para Aiden e Mason se eles aceitariam que eu pedisse a mãe deles em casamento. — *Ah. Meu. Deus!* — Com muito custo, recebi uma resposta positiva. Agora preciso saber a resposta da mãe. — Tapei a boca quando Dylan se ajoelhou ao meu lado, estendendo um anel de brilhantes com uma pedra rosa no meio. — Ava Christina Banks, você quer se casar comigo?

Ah. Meu. Deus!



Ava

Casamento – Parte 1

Quando despertei, sabia que aquele seria um dos dias mais felizes da minha vida. Fui acordada pelos meus anjinhos, que pareciam mais nervosos que eu. A mãe deles iria se casar.

Os gêmeos me balançaram de um lado para o outro, tentando me fazer levantar.

— Mamãe, a titia Tracy tá muito brava.

— Vem... Ela pediu pra gente acordar você.

Gemi sonolenta, rolando para abraçá-los. Eu mal podia me aguentar para vê-los vestidos de pajem. Passei a mão pelo meu rosto para tirar o restante de sono que ainda tinha.

— Vocês estão bem com isso? — Perguntei depois de fazê-los sentar na cama.

Eles me olharam receosos. Peguei a mãozinha de cada um.

— Eu entendo vocês. Tudo será diferente a partir de hoje, não é? Nós vamos mudar para um lugar maior e vai haver uma presença masculina constante em casa. Mas quero que vocês saibam que a mamãe está se casando, mas os homenzinhos mais importantes na minha vida sempre serão vocês.

Meus filhos me abraçaram fortemente, enchi aqueles dois de beijos

antes de eles irem brincar em outro lugar. Deitei de costas na cama e refleti sobre o dia que estava por vir até escutar um rosnado.

— Bonnie, a noiva está na cama até agora! Como faremos um casamento decente desse jeito? — Levantei os olhos para ver Tracy reclamando em seu *walkie talkie*. — Vamos lá, amiga. O dia mais feliz da sua vida já começou. O seu café da manhã está lá embaixo. Depois vamos todas para o *spa*.

— Nossa... Espero que o *spa* dê jeito nessa sua irritação, senão vou ter que chamar o nosso querido Jerry aqui em cima para te dar um trato — falei, me referindo ao marido dela, e saí correndo para o banheiro, deixando Tracy furiosa.

Quando desci pela casa, fui direto para a cozinha me alimentar, os gêmeos já haviam se lambuzado com o cereal matinal preferido deles.

— Bom dia, noiva.

— Bom dia, Bonnie.

— Amiga, não come muito, não. Vai que o vestido não fecha depois.

O conselho de Bonnie me fez parar uma garfada de ovos mexidos no ar ao mesmo tempo em que a fitei violentamente.

— Faça o que quiser, foi só uma dica — desdenhou logo depois.

— Bonnie, o seu marido está aqui, não está?

— Está, por que pergunta?

— Talvez precisaremos dele também — avisei com bom humor e terminei o meu prato.

Se até depois do almoço Bonnie e Tracy ainda estivessem estressadas daquele jeito, eu teria que fazer os maridos entrarem em ação.

Após o café, eu e minhas madrinhas fomos para o *spa* passar um dia de noiva. Quem diria que o meu dia iria chegar.

O céu estava límpido, sem nenhum sinal de chuva. O sol brilhava alegremente sobre as nossas cabeças, indicando que aquele era um dia perfeito para um casamento ao ar livre.

— O noivo já foi para o salão? — Bonnie questionou Tracy assim que voltamos para casa.

— Segundo os padrinhos dele, sim — respondeu vagamente.

— Por favor, avisem aos padrinhos que não é para deixar o noivo tirar a barba — pedi em súplicas divertidas.

Meu coração acelerou só de imaginar aquele homão me esperando no altar.

Ah, Deus! Isso é bom demais pra ser verdade.

Antes de subir para começar a me arrumar, dei uma olhada no lugar em que aconteceria a festa pós cerimônia. Aquela seria uma festa única. Não só por estarmos na praia, mas porque eu queria fazer aquilo somente uma vez. Casaria desejando que fosse para sempre.

A decoração já estava quase pronta. Cada mesa continha uma quantidade considerável de elementos praianos. A cor azul turquesa destoava das demais em meio a estrelas do mar e conchas de mentirinha.

Sentada em uma cadeira perto dali, eu vi Jenna cercada por Vivian e os gêmeos. Aproximei-me para ver o que estava acontecendo e, pela palidez da madrinha de Aiden, eu sabia o que era.

— Está enjoada, não é? — Questionei ao chegar perto.

— Sim. Eu estava bem, mas, quando senti o cheiro do mar, o meu estômago embrulhou na hora — respondeu com a mão na testa e suando frio.

Aquele era o efeito de sua gravidez. Nem os melhores especialistas deram chance para a primeira inseminação dar certo. E lá estava Jenna aguardando a chegada do pequeno Matthew.

— Bem, eu, como mãe, poderia te dar dicas para acabar com enjoo, mas você é médica obstetra, então... — não havia ninguém melhor para conduzir uma gravidez do que ela.

Vivian e Jenna resolveram sair para dar uma volta e respirar ar puro. Peguei os gêmeos e subi, já estava na hora de eu começar a virar uma noiva.



Algumas horas depois, eu me deparava com o meu reflexo em frente ao espelho. Meu vestido era simples, na cor palha. O decote ombro a ombro dava um toque sensual, a tiara com alguns detalhes florais trazia o clima praiano para o meu look.

— E aí, está pronta?

Virei ao ouvir a voz de Bonnie. Respirei fundo e balancei a cabeça dizendo que sim.

— Ava, vem cá. — Tracy se aproximou e pegou as minhas mãos. — Você tem certeza do que está fazendo?

— Tenho certeza até demais — disse sem um pingo de dúvida.

— Olha, eu não me importaria se você fugisse na hora do sim e fôssemos nós três para um tour na Europa, aproveitando o espécime masculino de cada país.

— Deus, Tracy — tentei segurar uma risada em vão.

— A nossa amiga está apaixonada, só um cego não veria.

— Obrigada, Bonnie. Até que enfim alguém me entende.

— Certo, os gêmeos já estão lá embaixo. Eu e Bonnie vamos descer com você.

Fizemos isso até chegar no local da cerimônia. Os meninos grudaram na minha mão. Um de cada lado.

— Mamãe, você parece uma princesa.

Um sorriso instantâneo se formou na minha boca.

Alguns preferem os contos de fada, outros, a realidade. Já eu me permiti viver um pouco dos dois.

Caminhei, segurando as mãozinhas dos meus filhos, pela estradinha que foi montada sobre a areia. Senti os olhares dos convidados, alguns deles contribuíram para que aquele dia ocorresse e fiquei alegre de ter um dos momentos mais felizes da minha vida sendo preenchido com pessoas que

queriam o meu bem.

Parei diante do altar montado e decorado com flores dos mais variados tons. Tive que segurar meus filhos para eles não saírem correndo. Forcei-me a levantar os olhos para dar de cara com o meu “felizes para sempre”. E era lá que estava o meu verdadeiro príncipe.



Dion

Alguns meses antes...

— Aqui está! — Andrew jogou uma revista na minha frente.

Levantei meus olhos para olhá-lo, sem entender nada.

— O que é isso?

— A revista Times dessa edição. Parabéns, você é o homem mais rico do mundo pelo terceiro ano consecutivo.

— Não era isso que eu queria que me mostrasse quando te chamei aqui.

— E o que mais eu poderia te mostrar?

— Preciso saber como está o andamento do processo — respondi com tom de obviedade.

— Ah tá! Eu pensei que era sobre sua fortuna. Você anda tão estranho ultimamente... — cruzei os braços e encostei na cadeira, tentando decifrar o que ele queria dizer. — Lauren recebeu Habeas Corpus, daqui um dia ou dois será liberada. Ela é ré primária e a justiça não a vê como uma ameaça à sociedade.

— E a promotoria deixou por isso mesmo?

— Nesse caso não há muito o que fazer, Dion.

— Não acredito que deixaram as coisas por isso mesmo!

— O pai dela é advogado, um dos melhores do país. O cara faria até o diabo parecer um pobre coitado.

A porta do escritório foi aberta com um baque. Vi os gêmeos entrarem correndo por ela. Levantei da cadeira para eles se jogarem no meu colo como sempre faziam.

— Como estão os meus carinhas preferidos? — Perguntei, distribuindo vários beijos e apertando-os em meu braço.

Apreciei os abraços e as risadinhas deles por um instante até perceber Andrew com um olhar misterioso para o meu lado. Deixei os gêmeos voltarem para o chão.

— O que foi dessa vez? — Questionei.

— Cara, eu sei que o seu momento é horrível e seria muito insensível da minha parte não entender isso, mas você precisa reagir!

— Reagir? Por quê?

— Eu não sei. Você precisa quebrar esse ciclo de trabalhar todos os momentos que você tiver disponível.

— E daí, Andrew? Eu sempre trabalhei muito desde sempre, você sabe disso — meus olhos caírem nos dois pequenos pulando em cima do sofá. — Meninos, aí em cima não! — repreendi, mas não com a autoridade que gostaria.

Eles desceram do sofá e foram traquinar em outro lugar.

— E daí, Dion, que hoje é domingo! Eu mal acreditei quando você me ligou para aparecer na sua sala.

Ah, merda... Passei as mãos pelo rosto.

— Você anda tão fora de órbita que perdeu até a noção do tempo — continuou.

— Ei, Mason, não pode brincar com esses papéis — falei quando vi o garoto pegar alguns papeis em cima da minha mesa e correr para onde o irmão estava.

— Ah, não, papai... — os dois falaram juntos e um bico enorme se

formou em suas bocas.

— Vá para casa ficar com os seus filhos. Divirtam-se juntos. Brinque até deixá-los cansados, apenas aproveite o domingo. Isso é algo que pessoas normais fazem durante a folga, caso não saiba.

As palavras de Andrew fizeram impacto. Eu realmente vivia para trabalhar naquele momento da vida. Pensei um pouco mais antes de acatar o conselho do meu amigo.

— Tudo bem — disse para depois dispensá-lo.



Enquanto os gêmeos ficaram brincando na sala, eu subi para tomar banho. A única coisa que gostava mais do que trabalhar era estar com os meus filhos. Filhos que um dia sonhei e jamais pensaria que fosse ter.

— Não, Mason! Você tá fazendo errado.

Cheguei no pé da escada a tempo de ouvir uma pequena discussão se instalando. A governanta perto deles só observava.

Os gêmeos estavam no tapete com uma aquarela de giz e lápis de cor em volta deles. Ambos debruçados em cima de uma folha branca onde depositavam suas obras de arte.

— O que seu irmão está fazendo de errado, Aiden? — Perguntei curioso, pairando sobre eles.

Dois pares de olhinhos azuis como os meus me olharam e os dois meninos se levantaram e tagarelaram durante algum tempo.

— Ainda não entendi o que está acontecendo — os dois se calaram enquanto eu falava, depois começaram tudo de novo. — Um de cada vez. Quem vai ser o primeiro?

Mason levantou o seu papel antes do irmão. Balancei a cabeça para que ele falasse.

— Eu fiz um desenho. Aqui é a mamãe, você, eu e o Aiden.

Sentei perto deles para conseguir ver melhor o desenho. Se o garoto

não tivesse informado, eu nunca acharia que aqueles círculos esquisitos eram pessoas.

— Certo, Maze.

— Mas tá errado, papai! — Aiden bateu o pé.

— Está errado por quê, filho? — Questionei com calma, tentando entendê-lo.

— Eu e Maze vamos ter dois papais agora — a menção a “dois papais” fez o meu coração palpitar. — Agora é assim: você, a mamãe, o Dylan, Mason e eu.

Como assim? Dylan vai ser pai dos meus filhos?

— Ah, é. Papai, o Dylan perguntou pra gente se ele podia casar com a mamãe e a gente deixou — o pequeno abriu os bracinhos de forma inocente.

Eu não podia culpá-los. Eles não faziam ideia do que estava acontecendo.

— Então a mãe de vocês vai se casar com Dylan? — Perguntei, ainda sem crer nas palavras que saíam da minha boca.

— Vai. Você não quis casar com ela...

Passei mais um tempo ali com os meus filhos. Eles estavam muito felizes, era inegável. Diziam que não tinham nenhum pai, agora teriam dois.

Primeiro, fiquei sabendo que Ava e Dylan estavam se encontrando. Não levei a sério. Porém, no dia que a vi na boate desfilando até chegar nele, depois darem um beijo cenográfico, eu fiquei mal por perceber que a mulher que eu amei e continuaria amando até o fim dos meus dias estava beijando outra boca. Não queria nem imaginar a minha Ava transando com outro homem. Ainda mais o Dylan, que era um puta cara perfeitinho.

Merda! Mil vezes, merda!

Joguei minha cabeça entre as mãos.

— Que foi, papai?

— Nada, filho — passei a mão na cabeça deles. — Voltem a brincar.

Levantei e dei alguns passos até sentar no sofá. Eu não estava preparado para um choque como o que acabei de receber. Aquilo definitivamente não podia estar acontecendo. Entendi muito bem quando Ava me pediu espaço, queria que ela reavaliasse a situação e, na minha arrogante concepção, ela voltaria pra mim depois de algum tempo e agora ela iria se casar com outro cara.

— Senhor Volkmann? — Julia me chamou. — É a senhorita Stacy no telefone.

Peguei o telefone, desejando que não fosse o que eu achava que era.

— Pois não, Stacy.

— Boa tarde, senhor. Eu estou ligando para avisar que o senhor realmente vai ter que comparecer àquele evento em Londres. — Descansei na cabeceira do sofá. — Os diretores já têm compromissos agendados para essa semana e o novo executivo do banco está afastado por motivos de saúde.

— Ok, já entendi. Obrigado — concordei, não tinha como fugir daquele compromisso.

O tal evento aconteceria na terça-feira. Teria que fazer papel de babá, uma coisa cansativa. Vigiar os meus investidores para que eles não resolvessem investir no concorrente.

Olhei para os meus pequenos, que permaneciam rabiscando freneticamente em qualquer coisa que pegasse a cor dos seus lápis. Tentei não demostrar o quanto as coisas estavam indo contra mim. Mason e Aiden mereciam mais do que um pai rabugento. Ainda mais quando tinha outro “pai” na jogada.

Aquilo era uma loucura sem tamanho.

Eu não sabia o que faria sobre aquela situação. Só tinha certeza de que eu faria alguma coisa.



Dois dias depois...

Londres era um lugar legal, apesar de a infraestrutura não me agradar.

Havia chegado no começo da tarde. O evento anual do comércio em solo britânico aconteceria tão logo a noite caísse. Como aquele tipo de conferência terminava tarde, eu iria embora no dia seguinte.

Passado um par de horas, desci alguns andares do hotel, onde já via algumas pessoas passeando com seus crachás de acesso para o evento.

Cheguei ao quarto andar, onde era possível ver grupinhos de empreendedores fisgando suas vítimas, ou melhor, seus novos sócios. Não tinha por que achar estranho, assim era a rotina empresarial.

— Dion — virei quando ouvi a voz de Omar, um dos maiores empresários da Arábia Saudita. — Também não teve como escapar?

Apertei a mão do homem com quem eu tinha desenvolvido um tipo de amizade estranha. Nós dois compartilhávamos apatia por eventos como aquele.

— Diretores ocupados, funcionários doentes... — respondi. — E quanto a você?

— Ah, minhas esposas ficaram de TPM no mesmo período. Nada é pior do que três mulheres com os hormônios a flor da pele. Não consegui ficar nem perto — o homem fez uma careta.

Não tinha a menor ideia de como era passar por aquilo, ainda mais com três mulheres. E eu só queria uma.

Omar continuou falando dos problemas matrimoniais enquanto meus pensamentos foram desviados para o que eu faria quando voltasse para Nova Iorque. Planejava acabar com um casamento antes mesmo dele ser oficializado.

Eu cumprimentava e dispensava os empresários à medida que eles apareciam. Decerto conversaria com alguns deles com mais calma depois. Também não estava ali por lazer.

Primeiro, eu precisaria de informações. Data, local, horário da cerimônia. Depois teria que ir atrás de Ava, somente para conversar. Na pior das hipóteses, cairia de joelhos na sua frente, implorando para que ela me desse mais uma chance. Talvez antes disso eu conversasse com Dylan, falaria

pra ele dar o fora. Ofereceria dinheiro, o meu banco se assim ele quisesse.

Ou simplesmente aceitaria a decisão de Ava quando me pediu em súplicas para que eu não a procurasse mais.

Razão e emoção se chocando, precisava definitivamente de uma saída. Eu não era capaz de fazer aquela escolha, só precisava de uma dica, um sinal quem sabe.

— Tem uma mulher aqui que tá me fazendo querer aumentar os meus problemas em casa. Uma perfeição em rosa — voltei a focar na voz do meu amigo árabe.

— Você já não tem mulheres o suficiente? — Meu tom era bem humorado.

O homem deu uma risada, depois um gole em seu champanhe.

— Olhe só pra ela e me diga se eu não tenho razão.

Omar apontou para a linda mulher em um vestido rosa. Uma dama estonteante. E quando seus olhos verdes singulares me fitaram, neles eu encontrei o sinal que precisava.



Ava

Assim que vi Dion há uns quatro metros de distância, torci para que ele não se aproximasse. O evento acabaria logo e eu correria para o mais longe possível. Já havia conversado com os empresários que eram do interesse da Carter Inc. e até outros que seriam interessantes mais pra frente. Fiz tudo aquilo como se o motivo da minha confusão emocional não estivesse ali me observando a cada passo dado.

Notei que algumas pessoas já haviam deixado a festa, então saí despistadamente.

Entrei no meu quarto, que ficava apenas alguns andares dali, e fechei a porta, sentindo-me aliviada. Tirei a roupa como se nada de anormal estivesse acontecendo.

Será que era realmente ele? Ou só mais um devaneio da minha mente fértil?

O que eu deveria fazer para tirar aquele homem da minha cabeça? Da minha pele?

Tomei um banho rápido e me enfiei numa camisola de renda. Deitei minha cabeça no travesseiro, esperando que a visão de Dion me espreitando na festa se desfizesse. Ledo engano. Eu estava ansiosa. Pelo simples fato de vê-lo.

Após alguns minutos de agonia, eu fui para a sala. Aquele era um hotel executivo e tinha certo luxo. Além de dormir, os hóspedes ainda desfrutavam

de um espaço adequado para trabalhar.

Sentei na poltrona, mas a minha inquietação não permitiu que eu ficasse sentada por muito tempo. Levantei e encostei na beirada da janela de vidro, não havia nenhuma paisagem para eu me apegar. Estava em expectativa. Tentei afastar meus pensamentos em vão, mas sabia muito bem o que estava fazendo ali em pé, em frente à janela. Eu estava esperando por ele.

Observei a porta por um tempo antes mesmo que alguém batesse nela. Ouvi o primeiro toque, aguardei alguns instantes antes de decidir abrir.

Girei a maçaneta com cuidado e abri a porta, o suficiente para espiar quem estava lá fora. Descobri que a partir dali confiaria mais nos meus instintos, pois era quem realmente achei que fosse. Abri o resto da porta e o deixei entrar.

Fechei a porta e voltei para o lugar onde eu estava e aguardei que Dion dissesse algo. Ele havia passado onde estava hospedado e tinha trocado de roupa. Observei-o entrar silenciosamente. Momentos antes, eu havia sentido o cheiro inconfundível de uísque.

Perguntei-me se ele conseguiu o número do meu quarto na recepção.

Desci meus olhos para o chão quando o silêncio se tornou aterrador. Dion puxou o ar com força, voltei a olhá-lo.

— Se você tem algo a dizer, é melhor começar agora — informei.

Dion entrelaçou as mãos e me olhou determinado.

— Uma resposta. É só o que eu preciso. — Concordei, pedindo que ele fosse adiante. — Você se lembra quando nós tínhamos medo de falar de assuntos pessoais e você criou um jogo que ajudou bastante com isso? — Respondi um breve “sim”. — Eu tenho uma pergunta para você. E se responder sinceramente juro que nunca mais chegarei perto de você de novo.

— Então faça — pedi.

— Você ainda pensa em mim? — A pergunta foi feita de forma inocente.

Cruzei os braços e o olhei desafiadoramente.

— Claro — falei com firmeza, mas, quando ele fixou o olhar de um jeito que me fez ficar com as pernas bambas, eu desviei os olhos encabulada. — Quero dizer, você é o pai dos meus filhos. Eu preciso pensar em você.

— Fiquei sabendo há pouco que os nossos filhos terão outro pai. Nunca parei para imaginar você e Dylan juntos. Havia boatos e tinha aquele dia no seu antigo prédio, mas eu não conseguia ver vocês dois como um casal. Daí vi vocês na boate e foi como receber uma bala no peito.

— Por favor, não faça isso — sussurrei, sentindo o meu coração ser esmagado ao ver Dion com um semblante desolador.

— Me desculpa se eu não consigo aceitar que as coisas entre a gente terminaram dessa forma. Apesar de tudo. Depois de tudo. Eu não consigo! Se eu soubesse, eu faria tudo diferente. Eu não colocaria o meu desejo de vingança a frente do seu desejo de justiça. Eu não teria te poupado de decidir o que era melhor pra nós. Jamais apareceria para você com outra mulher, aquilo foi insanidade, hoje eu sei. E nada disso valeu a pena se perdi o que mais importa.

Coloquei os braços ao redor do meu corpo, tentando segurar aquela sobrecarga de angústia.

Dion caminhou ao meu encontro. Eu permaneci em pé, parada. Deixei que ele me tocasse no rosto.

— Eu só vim aqui para dizer que eu vou me esforçar para ser o melhor dos dois pais que os gêmeos vão ter, mas quero que saiba que, não importa quantos anos passem, eu vou continuar te amando desesperadamente como amo agora, com todos os meus defeitos — a voz dele falhou. — E que nunca será tarde o suficiente para você me dizer que quer tentar de novo.

Voltei a olhá-lo jurando nunca ter visto tanta dor e arrependimento naquelas órbitas azuis antes.

— Enfim, só queria que você soubesse... — continuou.

Dion permaneceu me olhando como se esperasse uma resposta. Senti-me petrificada no lugar. Ele começou a se afastar com um sorriso de derrota, balançando a cabeça como se entendesse o que eu estava formalizando.

— Eu não vou me casar — falei baixo antes de ele sair de vez.

— O quê? — A pergunta saiu de supetão no momento que se virou para mim.

Levantei a mão esquerda para mostrar um detalhe que ele não tinha percebido. Eu não usava um anel de noivado.

— Dylan me propôs e eu não aceitei — expliquei.

Dion levantou as sobrancelhas totalmente espantado.

— Não? Mas...

— Mas o quê?

— Por quê?

O momento que Dylan pediu a minha mão em casamento ainda estava bem fresco na minha memória. Ainda não conseguia definir o que sentia por ele. Se era paixão, encantamento, afeto. Só sabia que aquele sentimento não se sustentava sozinho. Como queria sentir por ele o mesmo que ele sentia por mim. Eu tentei durante meses e fracassei.

Não tinha me curado de um amor e aceitar me casar com um homem maravilhoso e gentil como Dylan para esquecer Dion era totalmente cruel. Eu não queria me machucar, acima de tudo não queria machucar mais ninguém.

E quando ele me perguntou se eu me casaria com ele, eu chorei copiosamente porque não esperava um pedido daqueles tão cedo. Então me levantei da cadeira no restaurante e me despedi com um pedido de perdão, avisando que não me casaria.

— Porque eu amo outro homem. — Dion engoliu em seco e passou a me olhar ansiosamente. — Eu disse que não era justo com ele nos casarmos se eu não estava pronta para devolver o amor que ele estava disposto a me dar.

Fiquei olhando para ele e ele retribuindo. Milhares de coisas pesavam ao nosso redor, contribuindo para um clima tenso, mas estávamos ali, tentando. Ele não havia desistido de mim e nada passou de palavras ditas da boca para fora quando eu disse que tinha desistido de nós dois.

Dion deu um passo e me olhou, esperando que eu tomasse a iniciativa. Aproximei-me a passos curtos e lentos, porque sabia onde queria chegar.

Toquei-lhe o rosto carinhosamente. Ele havia tirado a barba, o que dava um ar de pureza a sua fisionomia. Continuava lindo, mas parecia um menino assustado. A respiração dele ficou acelerada quando o toque da minha mão chegou a seus lábios. Eu sentia os olhos incertos dele me encarando.

— Por muitas vezes eu estive perdida, sem saber o que queria pra mim. Mas agora eu vejo o quanto é fácil perceber isso quando o que eu quero está bem na minha frente. — O rosto de Dion ficou cada vez mais perto do meu, eu sentia o seu hálito tão quente quanto a minha pele.

Os meses com Dylan me ensinaram que não adiantava procurar algo em uma pessoa sabendo que nunca encontraria. Eu procurei nele ser amada, no entanto nunca conseguiria amá-lo. Não era uma troca justa.

Como eu não necessitava de uma contestação, os lábios de Dion chegaram até os meus, movimentando-os a demonstrar sua urgência. Fui tomada com voracidade pelos seus braços firmes, propensos a não me deixar escapar.

Com toques delicados, eu fui acalmando aquele furacão dentro dele, ditando um ritmo mais suave. Puxei o suéter dele para cima e ele retirou o restante. Acariciei seu peitoral nu com um pouco de malícia até chegar à calça. Após despi-lo, Dion me despiu com dois movimentos de mão. Sem ter nenhum obstáculo para a nossa pele em frenesi, redescobrimos o nosso próprio prazer.

Dion tocou o meio das minhas pernas, para cima e para baixo, fazendo-me pedir por mais. Eu já havia perdido o eixo quando ele capturou meus seios com a boca e suas mãos insistiam em me afagar lá embaixo.

Ele me tirou do chão e me cobriu com seu corpo, sem deixar nenhum lugar desprotegido, beijando meu pescoço, invadindo a minha intimidade molhada. Aprofundando-se em mim com a obsessão de saber que havia algo marcado na minha pele, avisando que eu pertencia a ele.

Eu dava voz a cada gemido que ele me tirava, pressionando seus

quadris contra o meu em cima do braço de uma poltrona de couro que enfeitava o lugar. Os movimentos dele foram ficando mais rápidos, fui me entregando por completo com as lágrimas molhando o meu rosto. Limpando cada briga, cada mal entendido, cada decepção e tristeza que um dia comandaram o nosso relacionamento. Eu não queria mais aquilo.

Só assim eu me permiti curtir aquele orgasmo que batia estridente dentro de mim, implorando para ser libertado.

Tudo seria diferente, desafiei a mim mesma.

— Pode me perdoar? — Dion pediu com uma voz doce e pesarosa.

— Eu te amo e perdoo.

Dion me pegou no colo antes de me levar pra cama.



Eu estava por baixo enquanto Dion estocava deliciosamente contra mim. O orgasmo não era o nosso objetivo naquele instante, apenas nos deleitávamos com um momento íntimo e carinhoso. Dois amantes se amando.

— Ainda não resolvemos tudo — disse com uma expressão misteriosa.

Enrosquei meus braços em seu pescoço e o olhei com paciência, esperando que ele falasse mais.

— Você disse que não aceitou se casar com Dylan porque não o amava — prosseguiu.

— Exatamente.

— Então, nesse caso, eu preciso tentar. — Desviei o olhar, sabendo onde aquela conversa daria, mas Dion puxou meu queixo para olhá-lo.

— Você não precisa fazer isso, Dion. Não agora — aguardei o que viria.

— Tarde demais — ele abriu um sorriso tão animado e enfiou seus dedos em meus cabelos, me dando um vislumbre de seu sorriso. — Ava, eu te quero tanto que eu não sei se uma vida inteira ao seu lado será o suficiente.

Eu preciso de você com tanta força que cada dia que estivemos longe eu rezei para que aquele fosse o último. Não sei o que teria feito todos esses anos se você não tivesse aparecido para abalar o meu mundo. A minha vida sem você não faz o menor sentido. — A emoção aumentava a cada instante e eu não pude aguentar por muito tempo. O meu amor por aquele homem era tão grande que se fazia transbordar e eu também não conseguia imaginar a minha vida sem ele. — E hoje a única coisa que quero é colocar um anel no seu dedo e reivindicá-la pra mim. Mas...

— Mas o quê? — Quase gritei, incomodada com a possibilidade de alguma coisa estragar aquele momento perfeito.

— Eu não tenho um anel aqui. — Soltei uma risada aliviada.

— Dion, nós não precisamos dessas coisas. Eu fui pedida em casamento com um anel de brilhantes enorme e não aceitei.

— E então? — Olhou-me ansioso pela resposta.

— Isso é um sim. Sim! Sim! Sim!

Gritei internamente. Eu iria me casar com o amor da minha vida. Quantas pessoas já tiveram a mesma sorte?



Ava

Casamento – Parte 2

Um pequeno filme passou pela minha cabeça. Uma versão alternativa onde os meus pais não estivessem mortos. Pensei naquele dia sendo celebrado com a minha mãe, nas experiências que compartilharíamos. Eu contando para ela o quanto amava o meu noivo enquanto ela ajeitava o meu vestido, dizendo como eu estava linda. Pensei também em meu pai, nele me conduzindo pelo caminho até o altar, refletindo consigo mesmo o quanto a sua garotinha havia crescido, depois aconselharia o meu noivo brevemente antes de me entregar para ele.

Quando dei por mim, estava chorando por algo que nunca aconteceria. Contudo, eu tinha o agora e ele era igualmente maravilhoso.

Os meninos escaparam da minha mão e deram alguns passos para abraçar o pai. Não era para eles terem caminhado comigo. Eu não tinha mais um pai para me entregar ao meu noivo, porém eu tinha uma duplinha que só trouxe alegria para a minha vida e eu fui sincera quando disse que eles sempre seriam os homenzinhos mais importantes para mim.

— Vem cá você também, mamãe. — Dion me puxou para mais perto, percebendo meus olhos marejados. Foi impossível evitar o magnetismo entre as nossas bocas e, quando o juiz de paz viu o que estávamos prestes a fazer, ele deu um sonoro pigarro. — Deus, eu sou o homem mais sortudo desse universo — falou no meu ouvido antes de virarmos para o altar, arrancando de mim uma risadinha vaidosa.

Depois de pouco mais de quatro anos, eu estava de volta a São Francisco. A cidade em si já não era tão especial para mim, mas o lugar onde estávamos pisando, sim. Ali debaixo do altar, sob a areia, foi onde eu e Dion demos o nosso primeiro beijo. Aquele foi o dia que soube que as nossas vidas ficariam conectadas para sempre. O dia em que ele abriu as portas da sua vida para mim.

Dion havia deixado claro que nos casarmos na igreja não seria problema, contudo eu não me sentiria confortável em um templo sagrado devido ao meu passado. Dei sugestão de fazermos a cerimônia na casa onde Camille morava. Não foi fácil para Dion no começo, mas aos poucos ele foi se acostumando a ideia de voltar para a casa de sua infância. Ele havia transformado o lugar em uma instalação da Cuidar, onde diversas atividades recreativas entretiam crianças e adolescentes carentes da cidade.

Olhei por cima dos ombros de Dion para observar Andrew e Carl. O motorista tinha o maior sorriso do mundo no rosto, ele já era parte da família, e o melhor amigo do noivo parecia orgulhoso, o que também me deixava feliz. Já ao meu lado estavam as minhas duas melhores amigas, Tracy e Bonnie. Se existia alguém a que eu confiei toda a minha história, principalmente com Dion, eram elas.

— Você está pronta? — Dion me perguntou quando estávamos frente a frente. — Agora é pra valer.

Concordei com a cabeça. Sorri ao ver que Aiden ainda estava me segurando e Mason permanecia agarrado à perna de Dion, escondendo-se como se aquilo fosse uma brincadeira.

Eu e Dion nos casamos sem soltar os nossos filhos e aquilo parecia ter um significado simbólico. Não importava onde nem o porquê, permaneceríamos sempre juntos como uma família.

Natal

— Senhora Volkmann?

— Pois não, Júlia — falei, prestando atenção na governanta.

— Onde eu peço para deixarem a outra árvore?

Olhei em volta da sala procurando um lugar que já não estivesse entupido de enfeites.

Após alguns meses, o natal havia chegado e o frio tomava conta dos nossos dias. Dei alguns passos, percebendo um lugar interessante para colocar a última árvore de natal que eu havia encomendado.

— Ali do lado das escadas. Não muito pra trás e também não muito pra frente, só... — pensei como explicaria aquilo. — Júlia, pode deixar. Quando o entregador chegar, me avisa.

Era a minha primeira vez como anfitriã de uma festa de natal. Eu estava muito nervosa. Havia acumulado um estresse nas últimas semanas, carregando o fardo de querer entregar uma festa inesquecível. Dion não queria comemorar. Aquele dia seria muito doloroso para ele, ao passar mais um ano sem Camille, porém insisti e o convenci a fazer a nossa primeira festa como uma família.

Agachei para pegar a caixa com os enfeites da árvore e coloquei na escada antes de chamar os gêmeos e Dion para enfeitá-la. Quando voltei a ficar em pé, me veio uma tontura chata que me incomodava há alguns dias. Debrucei-me no corrimão, esperando aquela sensação passar.

— Amor, está tudo bem? — Dion apareceu e tocou meu rosto com preocupação.

Vi que ele havia acabado de deixar a academia. Recompus-me imediatamente.

— Estou sim — dei de ombros. — Cadê os meninos?

Ele nem precisou responder. Logo depois escutei um alvoroço vindo pela porta da cozinha. Eles adoraram a casa nova que tinha um quintal enorme para se divertirem. Pela porta da sala, eu vi a nossa governanta dar passagem para os entregadores trazendo as últimas peças da minha decoração de natal.

— Aqui, por favor — indiquei o local que eu gostaria que colocassem a árvore. — Querido, pega essa caixa na escada pra mim — pedi com uma

voz doce para Dion.

Ele chegou perto com a caixa em mãos.

— Já é o nosso presente, mamãe?

Os meninos ficaram saltitando ao redor do pai, tentando ver o que tinha dentro dela. Dion não tinha a menor vontade de esconder que era avesso ao natal.

— São só enfeites da árvore — ele disse ao espiar o conteúdo. — O presente de vocês, o papai vai dar só mais tarde — explicou.

— Ok — juntei as mãos entusiasmada. — Agora eu preciso que vocês enfeitem essa pobre árvore verde e sem graça. — Peguei na bochecha de cada gêmeo, apertando levemente. Dion colocou a caixa de enfeites em cima de outra e veio atrás de mim quando fui em direção às escadas. — O que está fazendo, papai? Você vai ajudar também.

O rosto de Dion murchou, continuei subindo as escadas. O resto dos preparativos ficariam com os empregados e o serviço de bufê.

Cheguei apressada no quarto, procurando a minha bolsa. Ao achar, fucei dentro dela até encontrar a sacolinha da farmácia que ficava na rua da Carter Inc. Desembalei o teste de gravidez e fui para o banheiro receosa. Eu estava com todos os sintomas. Minha menstruação já tinha se atrasado mais de dois meses, mas eu permanecia ansiosa.

Fui para o banheiro e li rapidamente as instruções, jogando a caixa do teste fora. Depois de fazer os procedimentos, sentei na tampa do vaso para aguardar no resultado.

— Ava, tem certeza que está tudo bem? — Dion perguntou após uma batida na porta.

— Eu estou bem, querido. Não se preocupe — esperei ele ir embora.

Eu já estava suando frio com toda aquela situação. O alarme do meu telefone tocou baixinho como eu havia configurado. Virei a tela de LED do teste para conseguir ver o resultado.

Prendi o ar nos meus pulmões por alguns segundos.

— Ah, meu Deus!

Algum tempo após o casamento, eu acompanhei Dion em uma consulta com um especialista de fertilidade. O mesmo que Jenna consultou para fazer a inseminação. Ainda era um mistério como eu havia conseguido engravidar de um homem, em tese, estéril. O médico disse com todas as letras que não havia nada de errado com os exames anteriores dele e afirmou que Dion realmente não era capaz de ter um filho de sangue mesmo depois de falarmos que eu tinha dois filhos dele.

O médico concluiu que aquilo não era algo que a ciência conseguiria explicar, dizendo por último que uma gravidez não aconteceria novamente. Eu passei a ver os meus filhos como um milagre. Um chamado de cima me orientando a não desistir. E foi a partir do momento que eu decidi deixá-los seguros em meu ventre que inúmeras coisas boas se desenrolaram na minha vida.

No entanto, havia a parte que o médico disse que Dion não engravidaria alguém novamente. Era ali que estava a minha preocupação. Ele acreditaria em mim ou no médico?

Segurei o teste em minhas mãos sem saber ao certo o que faria com ele. Respirei e pensei friamente até ter a ideia de enrolar o teste em papel higiênico e jogá-lo no lixo. Depois disso, eu precisava saber como abordaria aquele assunto com Dion, sem recriar a cena do desastroso natal em que eu o avisei que estava grávida dos gêmeos.

Logo depois de verificar que lá embaixo estava tudo perfeito, eu arrumei meus filhos e pedi que as babás os observassem para que eles não desarrumassem nada. Mônica permanecia comigo e havia ganhado uma ajudante.

Dion se aprontou e foi receber os convidados. Produzi-me com um vestido longo prateado. O vermelho era a cor do natal, mas aquela cor não havia me dado sorte em uma ocasião semelhante. Optei por um vestido de platina frisada, elegante e sensual na medida certa. Foi assim que a vendedora definiu a minha escolha para aquela noite.

Deixei meus cabelos soltos e os cacheei nas pontas. Finalizei com um conjunto de joias que Dion me presenteou no nosso primeiro mês de casados

e estava pronta.

Desci para festa sem deixar de criar um burburinho. Assim que os meninos me viram, vieram até mim feito dois foguetes e começaram a falar entusiasmados sobre o presente que haviam ganhado do papai Noel – mais conhecido como Dion. No começo, eu achei que dar carrinhos motorizados para duas crianças de quatro anos seria um pouco demais, mas, vendo a alegria daqueles dois pequenos, comecei a achar o contrário.

— Cadê o papai? — Perguntei pra eles e um pouco pra mim mesma.

Foi só falar a última palavra que senti o toque de Dion na minha mão.

— Você precisa parar de fazer isso — disse ao meu ouvido. — Eu já não tenho repertório para poder fazer jus a sua beleza.

— Tem sim. Acabou de fazer um muito bom — respondi sorrindo.

Os meninos saíram correndo quando avistaram os filhos de Bonnie e Tracy que haviam acabado de chegar.

— Desculpe, amor. Preciso ser uma anfitriã agora — agarrei o pescoço dele e o beijei lentamente antes de sair.

— Tudo bem, mais tarde volte pra mim — piscou.

Cumprimentei minhas amigas e comentei meu nervosismo. Elas me tranquilizaram, dizendo que estava tudo perfeito.

— Que bom que vocês vieram! — Falei, direcionado a Vivian e Jenna.

O bebê conforto com o pequeno Matthew dormindo despreocupadamente estava sendo balançado por uma de suas mães e, ao perceber o semblante delas, pareciam estar há duas semanas sem dormir.

Trocamos ideias sobre maternidade e outras coisas, elas haviam avisado que não ficariam muito tempo, uma vez que a neve caía sem parar.

— Jenna, quando você volta a trabalhar?

— Já no mês que vem. Por quê?

— Talvez eu precise de uma obstetra — respondi e, antes que elas fizessem maiores perguntas, eu segui Grace até os seus pais.

A pequena aproveitava muito bem a habilidade recém-adquirida de andar.

— Amber, você está linda — elogiei ao ver a ex-esposa do meu marido em um bonito vestido vinho.

Ainda era estranho a forma que nos aproximamos nos últimos meses e o mais impensável era que tínhamos muito em comum.

— Andrew, posso falar com você? — Olhei para Amber, procurando nela uma espécie de permissão, depois levei Andrew para um canto onde ela pudesse ver que eu não tinha a intenção de roubar outro marido dela.

— O que tem de errado? — O homem perguntou confuso.

— Nada. Eu só gostaria de dizer algumas coisas que não tive oportunidade de dizer antes.

— Então diga logo. Não quero dormir no sofá hoje.

Suprimi um risinho com a preocupação dele.

— Eu só queria dizer obrigada pelas coisas que você fez por mim.

— Espere — levantou um dedo —, eu não fiz nada por você, tá bom. E sim pelo meu amigo.

— Me deixe terminar, por favor! — Grunhi. — Eu sei que você tinha e ainda deve ter as suas reservas contra mim, mas apesar de tudo você foi uma pessoa importante para que eu esclarecesse algumas coisas e pudesse estar aqui com a minha família hoje.

— É, realmente... — concordou convencido. — Você estava envolvida em umas coisas que eu não desejo nem para os meus inimigos.

— Sei que não somos amigos, mas no meio da gente tem Dion e acho que podemos nos esforçar para não ficarmos brigando como duas crianças birrentas perto dele.

— Isso é algo que eu concordo.

— Nesse caso então, diante desse clima natalino de prosperidade e harmonia — ele fez uma careta diante da minha demagogia —, eu venho pedir uma trégua.

Andrew refletiu por um instante e estendeu a mão para mim.

— Trégua aceita.

Depois de conseguir o que eu queria, virei-me para cumprimentar os demais convidados.

— Ava? — Voltei a olhar para Andrew quando percebi que ele ainda tinha algo a dizer. — Já que não podemos ser amigos e Dion é como um irmão pra mim, você pode ser a minha... sei lá... irmãzinha — o tom de brincadeira era claro na voz dele, mas havia também um ar de sinceridade.

Suspirei embaraçada, pois não esperava por aquilo.

— Eu nunca tive um irmão — disse-lhe, sentindo uma onda de emoção tomar o meu rosto.

Droga! Era insano, mas perfeito. Irmãos brigavam, se odiavam e no fim estavam lá, um pelo outro.

Saí de perto de Andrew e procurei Dion por todos os lados. Encontrei-o sozinho na varanda, olhando para o alto de onde vinham alguns flocos de neve que caíam devagar na nossa frente.

— Está frio aqui fora — falei ao ficar mais próxima dele.

Beijei seu ombro para apoiá-lo. Aquele dia não lhe fazia bem, só queria que ele superasse.

— Passei os últimos natais trabalhando feito um louco para tentar esquecer o que ele passou a significar pra mim. E agora eu tenho você, os nossos gêmeos. Mas eu... ainda não consigo evitar sentir falta dela.

— Não tem nada de errado em sentir saudades, querido. Camille era a sua mãe e uma mulher admirável. Também sinto falta dela. — Olhei para o meu marido com ternura. Fiz uma pausa e respirei fundo. — Eu não tinha a intenção de fazer isso, simplesmente aconteceu.

Dion se voltou pra mim, levantando uma sobrancelha.

— É agora que você me diz por que passou o dia toda misteriosa?

Peguei a mão dele e a encostei delicadamente em meu ventre. Não sei se já podia culpar os hormônios, mas era a segunda vez que me emocionava

em menos de dez minutos.

Dion olhou para aquele gesto com estranheza.

— Ava, você está...

— Sim — respondi, percebendo as lágrimas rolando. — O nosso segundo milagre.

Senti uma rápida carícia dele, depois Dion parou um tempo para pensar.

— Mas os médicos, eles...

— Eu sei o que os médicos disseram. Eu estava lá com você. Acontece que eles erraram uma vez e estão errados de novo.

Vi surgir nele um sorriso bobo.

— Deus, isso é loucura.

— É, eu sei — capturei o rosto dele e o beijei carinhosamente. — E quando algo na nossa vida não foi?

Eu ainda não sabia os obstáculos que a vida tinha preparado para nós dois, no entanto, depois daquela revelação, eu tive certeza de que tínhamos passado em um teste e havíamos atingido o objetivo de confiar um no outro mesmo que a ciência e o mundo dissessem o contrário.

Tranquilizei-me nos braços do meu marido, sabendo que, com a confiança regendo o nosso casamento, estávamos prontos para enfrentar qualquer coisa.



Dion

Despertei, sentindo alguma coisa subindo pelo meu corpo. Abri um sorriso sonolento, pensando ser Ava, até sentir duas patinhas em cima do meu peito e algumas lambidas na cara.

— Argh, Tommy! — Falei fazendo careta.

O pequeno fez de novo, mas daquela vez eu o peguei e o coloquei no chão.

Tommy foi o presente de aniversário de cinco anos dos gêmeos. Quando os meninos viram o filhote de labrador retriever, foi amor à primeira vista e aquela bola de pelos brilhantes se tornou parte da família instantaneamente.

Fui em direção ao banheiro, peguei a escova de dente, vendo o cão sentado ao meu lado.

— O que está fazendo? Aqui não é lugar pra você — expulsei ele do banheiro, mas, quando fui fechar a porta, ele conseguiu entrar de novo. — É perda de tempo discutir com você, não é? — Falei por fim, concordando que teria um vigia no banheiro.

Saindo de lá de banho tomado, o cachorro tomou a frente e ficou latindo para o criado mudo. Percebi ali um pedaço de papel.

“Coloque sua roupa de banho e venha curtir um dia de piscina em família.

Ass.: Sua Ava.”

A primeira coisa que eu fazia quando acordava era trazer Ava mais pra perto do meu corpo. Às vezes, dois pestinhas também, que inventavam todo o tipo de desculpa para dormir entre mim e a mãe deles. Hoje havia encontrado um bilhete. Um convite na verdade.

Vesti meu calção de banho e desci as escadas rumo a área de lazer, com Tommy a minha frente balançando seu rabinho contente.

A nossa casa tinha um espaço extraordinariamente grande, ficava um pouco longe de Manhatham, mas valeu a pena o investimento. Queria que meus filhos tivessem liberdade para brincarem em um grande quintal, além do mais, a família havia crescido em dobro.

Tommy correu como um raio para a área onde Aiden e Mason se refrescavam naquele domingo caloroso. Caminhei até a beira da piscina, percebendo minhas duas pequenas brincando em uma piscininha infantil cercada por boias rosa.

— Papa — elas disseram juntas, me chamando com as mãozinhas.

Peguei Mille em meu colo, depois Hanna. Cheirei seus cabelinhos divididos em duas partes com laços rosas enfeitando. Assim como Aiden e Mason, elas eram gêmeas idênticas.

— Deixaram vocês sozinhas de novo? — Comentei observando aqueles rostinhos cheios de protetor solar. — Cadê a mamãe, hein?

— Já vi que Tommy fez bem o seu trabalho — virei para ver Ava se aproximar carregando algumas coisas. — Achei que você nunca mais acordaria.

Ela estava dentro de um biquíni azul que mostrava as curvas adquiridas após a segunda gravidez. Soltei um suspiro. Alguns amigos me diziam que o desejo diminuiria depois dos primeiros meses de casamento, mas o que eu via acontecendo era o contrário. Eu mal podia ver a minha esposa que queria puxá-la para um canto qualquer e juntar os nossos corpos até eles se tornarem um.

— Eu não tenho culpa se a minha mulher ao invés de dormir à noite prefere trans... — Observei a repreensão em seu olhar.

— Camille e Hanna estão em seu colo, pare de dizer essas coisas perto delas — pediu em um tom sério, mas depois começou a rir.

— Como eu estava dizendo — falei baixo em seu ouvido. — Eu não tenho culpa se a minha esposa ao invés de dormir de madrugada prefere transar como uma leoa.

O rubor tomou conta de sua face enquanto tentávamos esconder aquele momento íntimo dos empregados.

— Você é o meu marido, é o mínimo que pode fazer — respondeu convencida, com um enorme sorriso, depois me deu um beijo breve e molhado.

Chamei os meninos para a mesa e coloquei as gêmeas em suas respectivas cadeirinhas de refeição. As meninas foram descobertas no mesmo dia em que a minha mãe tirou a própria vida. Dando um outro significado para o meu natal. Aquele dia nebuloso passou a ter um sabor agridoce. O dia em que perdi minha mãe, mas ganhei duas filhas. Quando foi o momento de escolher o nome das novas integrantes da família, eu sabia que uma delas se chamaria Camille. Ava escolheu Hanna, por ser o nome de sua, também, falecida mãe.



Havia acabado de dar um gole no suco de laranja quando Júlia apareceu do meu lado, avisando que Paul estava ligando.

— Avisa pra ele que depois eu ligo, Júlia. Obrigado — percebi o olhar de Ava a me analisar.

Depois que a governanta se foi, eu voltei a tomar o meu suco normalmente. De alguma forma, a minha esposa parecia incomodada alimentando nossa pequena Mille enquanto eu fazia o mesmo com Hanna.

Mãe e filhas tinham vários traços parecidos, o cabelo claro e os olhos transitando entre o castanho e o verde eram as semelhanças que mais chamavam atenção, apesar de que Ava sempre dizia que elas eram a minha cara, que inclusive tínhamos os mesmo lábios prepotentes e eu não fazia ideia do que aquilo significava.

— Tem quanto tempo que não conversa com ele? — Puxou assunto.

— Uns quatro dias.

Ava desviou os olhos, sabia no que ela estava pensando, eu também refletia sobre aquilo às vezes.

Meu pai ficou sozinho em São Francisco. Após a morte de Bruce, ele caiu na real sobre o monstro que havia criado, mas aquilo não impediu que ele sofresse como um pai que perde um filho, quase enlouqueceu. Uns meses depois, a esposa o abandonou, levando com ela o conteúdo da conta poupança que ele tinha graças a mim.

Resumindo, ele ficou tecnicamente sem ninguém e sem dinheiro. Não coube acusação para ele no caso de Bruce, então eu via aquilo como um pagamento cármico. Algo que o universo trouxe para ele, porque, depois de tudo, lhe sobrou apenas o filho a quem ele havia dado as costas.

Eu recebia as ligações de Paul todos os dias, em que ele desabafava e dizia como estava arrependido de ter deixado Bruce chegar ao ponto que chegou. Ele perguntava das crianças, mas nunca se propôs a conhecê-las, nem quando esteve em Nova Iorque. Por isso parei de atender suas ligações. No começo, achei que ele queria refazer os laços perdidos, no entanto só estava preocupado se eu depositaria a sua pensão todos os meses como prometido.

Vi pelo canto de olho Mason jogar um pedaço de biscoito para o cachorro, fazendo-me acordar do devaneio. Após beliscar algumas frutas, os meninos voltaram para a piscina. Pareciam peixes que não podiam viver fora d’água.

O telefone de Ava tocou em cima da mesa. Ela olhou desconfiada para o aparelho, conferindo o autor da chamada.

— Trabalho? — Ela assentiu.

Ava estava no meio de um grande negócio. Um desafio e tanto. Eu compreendia a sua apreensão.

— É o investidor da China, aquele complicado — explicou.

— Ava, eu tenho certeza que você pode resolver isso sem sacrificar o

seu domingo. Acredite, se começar a trazer serviço para a nossa folga, virará uma bola de neve. Quando você se der conta, vai estar batendo ponto na Carter Inc. em pleno feriado de 4 de julho. — Ela me olhou assustada enquanto tentava conter a fúria da pequena Mille em seu colo. — É sério, eu sou um ex-viciado em trabalho, sei como as coisas funcionam.

Precisava dizer aquilo a ela. Algum tempo atrás, era eu quem colocava o trabalho no topo das minhas prioridades e Ava se destacava cada vez mais no mercado. Ela e Vivian quebravam paradigmas diariamente e eu era um poço de orgulho pelo que a minha amada esposa andava conquistando.

— Hum, talvez... acho que o grupo chinês já está no papo mesmo — deu de ombros.

Analisei-a por um instante, toda convencida de si.

— Sério?

— Sim — confirmou se levantando e indo para a beira da piscina, carregando as meninas no colo.

— Nossa, como você é incrível! — Cruzei os braços, comentando impressionado. — Eu ainda vou te roubar da Vivian, você vai ver.

Ela ergueu a cabeça depois de voltar as gêmeas para a piscininha e gargalhou incessantemente.

— Querido, me dê alguns anos e sou eu quem vai te contratar para trabalhar pra mim.

Caramba! Fiquei excitado.

Levantei os braços em rendição.

— Vai se lembrar de mim quando conquistar o mundo, senhora Volkmann?

Pulei na piscina enquanto ela se sentava a beira, com a piscininha das meninas bem perto.

— O meu mundo está bem aqui, senhor Volkmann — falou erguendo os braços.

Abri um sorriso, sabendo que eu fazia parte daquele mundo. Poderia

ser um domingo qualquer, mas era o domingo mais feliz da minha vida. Da mesma forma que a segunda-feira iria chegar e eu perceberia que aquele também seria o melhor dia da minha vida, e assim por diante. Não havia dias ruins quando eu acordava e via que tinha tudo que sempre sonhei.

Aproximei-me até ficar entre as pernas dela. Apoiando na beira, eu subi até roubar-lhe um beijo.

— Eu amo você.

— Eu amo você, Dion Volkmann.

FIM.

Duologia Insaciáveis.



Tratar sobre o tema prostituição é algo pesado, mas tratar sobre abuso sexual em um livro é algo assustador. É preciso muita responsabilidade para que o público possa ter o mínimo de compreensão sobre como as vítimas são afetadas, assim como as outras pessoas ao redor delas. Não bastasse tudo isso, Ava, minha primeira personagem no mundo literário, não só foi estuprada, como foi dopada. Consequentemente, não teve nem ideia do que lhe aconteceu no dia seguinte.

Muitas pessoas devem pensar que é muita coisa de ficção uma mulher ser estuprada e não saber ou se lembrar, mas infelizmente isso acontece mais do que imaginamos e a forma mais comum disso é o golpe chamado "Boa noite cinderela", onde muitos homens dopam mulheres com as chamadas "drogas do estupro" para abusar sexualmente depois.

Escrevendo a Obsessão do CEO, fiz uma pesquisa para saber como deveria escrever a reação do Dion. No entanto, foi muito difícil, porque os homens relatam um sentimento de impotência (como descrever o sentimento de impotência?) ao saber que não estavam lá para impedir que a namorada ou esposa fosse violentada, até porque eu também não saberia como reagir se uma amiga me contasse que foi abusada.

Ao mesmo tempo, temos o lado da Ava. Ela já tinha um histórico de abuso desde pequena e de alguma forma conseguiu lidar com isso sozinha, sem se abrir com ninguém até conhecer Dion e confiar nele o suficiente para contar como teve o corpo explorado sem ter ideia de que aquilo era muito errado. No final do primeiro livro, ela passou por novos episódios de abuso, porém só depois teve confirmação de que tudo foi real. Então, pensem com carinho em como ela se sentiu insegura e conflituosa para tratar desse assunto

com o homem que ela ama. E pensem também no lado de Dion ao saber que a mulher que ele jurou proteger foi violentada da maneira mais covarde possível.

Cheguei a comentar com as minhas leitoras na plataforma Wattpad que, se eu tivesse pensado com mais calma, eu nunca teria abordado assuntos tão extremos sem ter muita propriedade. De toda forma, acredito que, no fim, o livro possa ajudar em alguma coisa, seja para evitar julgar vítimas de abuso ou para alertar sobre as “drogas do estupro”.

Então, a você que leu a duologia, meu muito obrigada!

Me encontre nas redes sociais:

Facebook: https://www.facebook.com/lilyann.johanson.9/

Instagram: https://www.instagram.com/lilyannjohanson/

Wattpad: https://www.wattpad.com/user/LilyJohanson